3 1761 03552 2598

PQ
9161
S7C37

I
56

SONETISTAS PORTUGUESES E LUSO-BRASILEIROS

Todos os exemplares vão rubricados pelo auctor.

A. C. Cardoso

Tipografia do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 24 — LISBOA

NUNO CATHARINO CARDOSO

Sonetistas Portugueses

E

Luso-Brasileiros

ANTOLOGIA CONTENDO DADOS BIOGRAFICOS E BIBLIOGRAFICOS ÁCÊRCA DE CENTO E OITENTA E NOVE POETAS

(1495 Á NOVISSIMA GERAÇÃO)

LISBOA
EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO AUCTOR
—
1918

A PROPRIEDADE LITERARIA
DESTE LIVRO É GARANTIDA AO
AUCTOR, EM PORTUGAL PELA
LEI DE 18 DE MARÇO DE 1911
E PELO DECRETO N.º 4114 DE
17 DE ABRIL DE 1918 E NO
BRASIL PELA LEI N.º 2557
DE 17 DE JANEIRO DE 1912.

PQ
9161
S7C37

PREFACIO

E' a partir do fim do seculo XV e no principio do seculo XVI, quando já mal se ouviam os echos das primitivas civilisações e ha muito tinha declinado o poderio da famosa Grecia de Homero, de Eschylo, de Aristophanes, de Hippocrates, de Platão, de Aristoteles, de Marco Aurelio e de Plutarcho, e da soberba e magnificente Roma dos Cesares, de Cicero, de Sallustio, de Catullo, de Lucrecio, de Tito Livio, de Virgilio, de Horacio, de Seneca, de Petronio, de Juvenal, de Trajano e de Santo Agostinho, só lembrança existia — que na Europa começa a manifestar-se esse periodo notabilissimo de resurgimento, *A Renascença,* que teve como grandiosos auxiliares a descoberta da imprensa e da gravura.

E' nessa epoca de verdadeira convulsão social, de iniquidades e crimes, e desse cahos de ideias em que o pincel maravilhoso de Raphael e o genio de Copernico, se chocam — verdadeiros pólos opostos — com as teorias de Calvino e Luthero, que no velho mundo florescem nas letras, nas sciencias e nas artes, os seus maiores cultores!

A Hespanha orgulha-se de ter López de Mendonça, Garcilaso de La Vega, Santa Tereza de Jesus, Miguel Cervantes, Lope da Vega-Carpio, Tirso de Molina, Calderon de la Barca, Quevedo, Murillo e Velasques.

Na Italia, florescem genios como Miguel Angelo, Leonardo de Vinci, Raphael, Titiano, Luca della Robbia, Tasso, Dante, Ariosto e Sannazzarro.

A França engrinalda as paginas da sua historia literaria e artistica com os nomes de Rabellais, Montaigne, Malherbe, La Fontaine, Molière, Boileau, Corneille, Racine, Pascal, Bossuet, Fenellon, Fleury, Descartes, Madame de Sevigné, Claude Lorrain, Philippe de Champagne, Poussain, Cousin, Fouquet, Vouet e Le Brun.

Na Inglaterra, imortalisam-se Shakspeare, Milton, Dryden, Bacon e Newton.

A Hollanda conta Rembrandt.

A heroica Belgica teve pintores soberbos como Van Eych, Van Der Wandem e Rubens.

A Allemanha—Erasmo, Albert Dürer, Holbein, Leibniz, Cranach e Lochner.

E o velho Portugal de Egas Moniz, de Gonçalo Mendes da Maia, de Giraldo Giraldes, de Martim de Freitas, de D. Diniz, do Mestre d'Aviz, de Nuno Alvares Pereira, de João das Regras, dos Infantes D. Henrique e D. Fernando, de Gil Eannes, de Fernão Lopes, dos Almeidas, de D. João II, de Bartholomeu Dias, dos Gamas, dos Albuquerques, dos Pachecos, dos Cabraes, dos Castros, de Phoebus Moniz, do Duque de Bragança, de Frei Luiz de Sousa, do Padre Antonio Vieira, do Conde de Castello Melhor, do Marquez de Pombal, de Saldanha, de D. Pedro IV, de Mouzinho da Silveira, de Joaquim Antonio de Aguiar, de José Estevão Coelho de Magalhães, de Serpa Pinto, Capello e Ivens, de Fontes Pereira de Mello, de Antonio de Serpa Pimentel, de Hintze Ribeiro, de José Luciano de Castro, de Pinheiro

Chagas, de Camillo Castello Branco, de Alexandre Herculano, de Castilho, de Garrett, de João de Deus, de Ramalho Ortigão, de Mouzinho de Albuquerque, etc., o velho Portugal de Campo de Ourique, de Arcos de Val-de-Vez. de Navas de Tolosa, de Alcacer, do Salado, de Aljubarrota, de Valverde, de Ceuta, de Ormuz, de Malaca e Gôa, de Diu, de 1640, do Montijo, do Ameixial, de Castello Rodrigo, de Montes Claros, de Magul, Coolela e Chaimite e das linhas de Torres Vedras, feitos heroicos que provam ao mundo que,

um valor mais alto se alevanta,

o velho Portugal

da gente ousada mais que quantas no mundo commetteram grandes cousas

não podia tambem deixar de contribuir com uma valiosa parcela para o esplendor da Renascença.

Se a descoberta do caminho maritimo para a India e a do Brasil, e a passagem do Bojador e de tantos mares

nunca d'antes navegados

não houvessem já grangeado ao portugues,

Homem d'um só parecer,
D'um só rosto e dũa fé
Dantes quebrar que torcer,

(como bem alto o atesta recentemente a nossa gloriosa e heroica atitude na actual guerra, sobretudo no combate de 9 d'abril de 1918), o justo titulo de pioneiro da civilisação mundial — amado e respeitado seria na Historia que, nos

seculos XV e XVI, cita nomes como os de Camões, Bernardim Ribeiro, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, João de Barros, Damião de Goes, Sá de Miranda, Gil Vicente, Fernão Mendes Pinto, Grão Vasco, etc., etc.

*
* *

E', principalmente, no periodo quinhentista e ainda em parte do seiscentista, que em Portugal se manifesta uma epoca de admiravel brilho literario. Que empolgante pleiade de poetas palacianos aureolou a magestatica côrte portuguesa! Entre esses poetas figurava Sá de Miranda, que, embora se houvesse afastado da côrte de D. Manoel, onde vivera desde verdes anos, mais tarde, no seu regresso á patria, introduziu em Portugal o soneto, os vilancetes, as esparsas, as cantigas e as glosas.

D'então para cá, que admiraveis cultores não tem tido o soneto em Portugal! Este facto e o optimo acolhimento dispensado por toda a Imprensa Portuguesa e pelo Publico, ao primeito volume da minha antologia, *Poetisas Portuguesas,* aparecido em 1917, animou-me, não obstante a industria do livro atravessar neste momento a crise mais grave de que ha memoria em Portugal (não só pelo custo fabuloso do papel que é pessimo, como tambem pelo enorme augmento nos preços de composição e brochura), a lançar no mercado este novo volume — *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros,* obra que diligenciei, luctando contra dificuldades de toda a especie, tornar interessante e util para a literatura portuguesa.

Simples é o criterio que presidiu á feitura deste livro.

Dividido em cinco partes:

Poetas quinhentistas
Poetas seiscentistas
Poetas da Arcadia
Poetas Luso-Brasileiros

e *Poetas de Varias Escolas* (1794 á novissima geração), cada uma delas, é antecedida duma sintese *Bio-bibliografica* que habilitará o leitor a ter as necessarias fontes de consulta sobre a epoca a que se referem as poesias que figuram nesta antologia, e acêrca de cada um dos poetas de que trata. Muitos outros trabalhos deixei de mencionar nesses capitulos, por desejar apenas referir-me a obras que, mais ou menos amiudadamente, consultei ou me forneceram alguns elementos.

Enriquecido com valiosos ineditos que alguns auctores tiveram a gentileza de me ceder nos *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros*, como o seu proprio titulo indica, trato não só de poetas propriamente portugueses, como ainda de poetas nascidos no Brasil, antes do mesmo se ter tornado independente. São estes ultimos, como não podia deixar de ser, os *Sonetistas Luso-Brasileiros*.

Apezar de Portugal possuir um notavel numero de Damas que muito se teem distinguido no cultivo das letras, esta antologia não se refere a qualquer dessas Senhoras, em virtude de me haver largamente ocupado delas no volume citado — *Poetisas Portuguesas*.

Lisboa, 10 de Junho de 1918.

Nuno Catharino Cardoso.

PRIMEIRA PARTE

POETAS QUINHENTISTAS

(Escola Italiana)

Bio-bibliografia Quinhentista

Epitome de Las Historias Portuguesas, por Manoel de Faria e Sousa, Lisbôa, 1674, tomo I.

Bibliotheca Lusitana, por Diogo Barbosa Machado, 4 tomos, Lisbôa, 1741, 1747, 1752 e 1759.

Diccionario da Lingua Portuguesa, publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisbôa, 1793. (Vide o *Catalogo Bibliographico* que o antecede).

Bosquejo da Historia da poesia e lingua portuguesa, pelo Visconde de Almeida Garzett, Paris, 1826.

Primeiro Ensaio sobre a historia litteraria de Portugal, por Francisco Freire de Carvalho, Lisbôa, 1845.

Ensaio Biographico Critico sobre os melhores Poetas Portugueses, por José Maria da Costa e Silva, 10 vol., Lisbôa, 1850 a 1855.

Primeiros traços d'huma Resenha da Litteratura Portuguesa, por José Silvestre Ribeiro, Lisbôa, 1853.

Diccionario Bibliographico Portuguez, por Innocencio Francisco da Silva e Brito Aranha, 21 vol., Lisbôa, 1868 a 1915.

Manual da Poesia Portuguesa (Escola Italiana), por Theophilo Braga, 2 tomos, Lisbôa, 1874.

Historia dos Quinhentistas, por Theophilo Braga, Porto, 1871 e *Historia da Litteratura Portugueza*, vol. II, *Renascença*, pelo mesmo, Porto, 1914.

Diccionario Popular, por Manoel Pinheiro Chagas, 16 vol., Lisbôa, 1876 a 1890.

Historia da Litteratura Classica, por Fidelino de Figueiredo, Lisbôa, 1917.

Sá de Miranda. Vide *Sá de Miranda*, por D. Carolina M. de Vasconcellos, Hale, 1885; *Sá de Miranda*, por Camillo Castello Branco, Porto, 1886; *Sá de Miranda e a sua obra*, por Decio Carneiro, Lisbôa, 1896; *Sá de Miranda e a Escola Italiana*, por Theophilo Braga, Porto, 1896.

Infante D. Luiz. Vide *Infante D. Luiz*, por D. José Miguel João de Portugal, conde de Vimioso; vide tambem o tomo III do *Anno Historico*.

D. Manoel de Portugal. Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez.*

Diogó Bernardes. Vide *Diogo Bernardes,* por Alvaro Pimenta da Gama, *Instituto,* vol. VIII. Coimbra, 1901; *Diogo Bernardes, a sua naturalidade,* por Joao Gomes de Abreu, Ponte de Lima, 1907.

Pero de Andrade Caminha. Vide *Memorias de Litteratura da Academia,* Lisbôa, 1792 a 1812, tomo IV, pag. 304. *Revue Hispanique,* vol. VIII, Paris, 1901.

Luiz de Camões. São tantos e tão conhecidos os trabalhos bio-bibliographicos ácêrca deste grande vulto da nossa literatura, que se torna desnecessario mencional-os.

Antonio Ferreira. Vide *Antonio Ferreira poeta quinhentista,* por Julio de Castilho, Livraria Classica Portugueza, Paris, 1875, vol. 11, 12 e 18; *Antonio Ferreira é e Pleiade Portugueza,* por Thophilo Braga, Porto, 1914.

André Falcão de Rezende. Vide tomo II da *Historia da Litteratura Portugueza,* por Theophilo Braga, Porto, 1914.

Fernão Alvares do Oriente. Vide *Diccionario da Academia,* Lisbôa, 1703, pag. CLXI e pag. 177 a 180 de *l'Histoire de la Litterature Portugaise,* por A. Loiseau, Paris, 1886.

Frei Agostinho da Cruz. Vide *Frei Agostinho da Cruz (notas á margem duma historia dos quinhentistas),* por Hemeterio Arantes, Lisbôa, 1909.

Estevão Rodrigues de Castro. Vide tomo II do *Ensaio Biographico Critico sobre os melhores Poetas Portugueses,* por José Maria da Costa e Silva, Lisbôa, 1851.

Fernão Rodrigues Lobo Soropita. Vide *Fernão Rodrigues Lobo Soropita,* por Camillo Castello Branco e *Diccionario Bibliographico Portuguez.*

Frei Bernardo de Brito. Memoria de algumas Particularidades com que se pode acrescentar e corrigir o que até ao presente se tem publicado sobre a vida e escriptos do Chronista Mór Fr. Bernardo de Brito. Vide *Primeiros traços d'huma Resenha da Litteratura Portuguesa,* por José Silvestre Ribeiro, Lisbôa, 1853; *Exame de Antiguidades,* por Diogo Payva de Andrade, Lisbôa, 1616; *Elucidario,* por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, Lisbôa, 1797 e *Estudos Biographicas ou noticia das Pessoas Retratadas nos Quadros Historicos Pertencentes á Bibliotheca Nacional de Lisbôa,* por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, Lisbôa, 1854.

Balthazar Estaço. Vide *Bibliotheca Luzitana.*

Francisco Rodrigues Lobo. Vide um estudo do Dr. Ricardo Jorge, publicado no tomo II da *Revista da Universidade de Coimbra,* pag. 569 e *Recapitulação da Historia da Litteratura Portuguesa,* por Teophilo Braga, Porto, 1916.

Vasco Mouzinho de Quevedo. Vide *Bibliotheca Luzitana.*

1495-1558

SÁ DE MIRANDA

SONETO

O sol é grande, caem com a calma as aves
Do tempo, em tal sazão que soe ser fria:
Esta agora que do alto cae acordarmeia,
Do sono não, mas de cuidados graves.

O' cousas todas vãs, todas mudaveis,
Qual é o coração que em vós confia?
Passando um dia vay, passa outro dia,
Incertos todos mais que ao vento as naves.

Eu vi já por aqui sombras e flores,
Vi agoas, e vi fontes, vi verdura,
As aves vi cantar todas d'amores.

Mudo e seco he já tudo, e de mistura,
Tambem fazendome eu fuy d'outras cores,
E tudo o mais renova, isto é sem cura.

Obras do Dr. Francisco de Sá de Miranda, soneto II, tomo I, Lisbôa, 1784, pag. 6.

Francisco de Sá de Miranda nasceu em Coimbra em 1485, segundo assevera o sr. Mendes dos Remedios na sua *Historia da Literatura Portuguesa;* em 1490, segundo diz o sr. Fidelino de Figueiredo na sua *Historia da Literatura Classica;* e, finalmente, em 1495, consoante se lê na *Historia da Literatura* do sr. Delfim Maia. Parece ser a data exacta esta ultima, pois é a que figura nas obras de Sá de Miranda. Falecen em 15 de março de 1558. Poeta de grande merecimento e renovador da literatura nacional, tendo-se incompatibilisado com o viver faustoso da côrte de D. Manoel I, em 1520, segundo uns, ou em 1521, segundo outros auctores, sahiu de Portugal, tendo permanecido durante alguns anos em Italia, onde visitou as principaes cidades. Influenciado pelas correntes literarias da epoca, Sá de Miranda regressou a Portugal em 1526, sendo o intruductor do soneto, da canção, da oitava rima, de eclogas, etc., á maneira de Petrarcha, de Policiano e Sannazzarro.

Bibliografia: *Vilhapandos* (comedia), Coimbra, 1560; *Estrangeiras,* idem, idem, 1569; *Obras completas,* 1595. *A Egipsiaca Santa Maria* pela *primeira vez publicada* pelo sr. Theophilo Braga, Porto, 1913.

1506–1555

INFANTE D. LUIZ

SONETO

Imagens vãs me imprime a phantasia,
Discursos novos acha o pensamento,
Com que dam á minha alma gran tormento,
Cuidados de cem annos n'hum só dia.

Se fim grande tivessem, bem seria
Responder a esperança ao fundamento,
Mas o Fado não corre tam attento
Que reserve á razão sua valia.

Caso, e Fortuna podem accertar,
Mas só por accidente dam victoria,
Sempre o favor da Fama he falsa historia,

Excede ao saber, determinar:
A' constancia só deve toda a gloria;
O animo livre he digno de Memoria.

Ensaio Biographico Critico sobre os melhores Poetas Portugueses, por Costa e Silva, tomo II, Lisbôa, 1851, pag. 330.

O Infante D. Luiz (Duque de Beja) nasceu em Abrantes em 3 de março de 1506 e faleceu em Lisbôa em 27 de novembro de 1555. Nobre continuador das gloriosas tradições dos Infantes D. Henrique, D. Duarte, D. Fernando e D. Pedro, foi pela sua ilustração, um dos principes mais notaveis da côrte portuguesa. Filho de D. Manoel I e da Rainha D. Maria, irmão de D. João III e cunhado de Carlos V, é-lhe atribuido o *Auto de D. Duardos* que figura nas obras de Gil Vicente, sob o titulo de *Tragicomedia*. Não tendo seu irmão consentido que partisse para a India, D. Luiz viu-se forçado a ausentar-se para fóra do paiz, afim de tomar parte na expedição, realisada em 1535, por Carlos V contra Tunis. Serviu nessa empreza cujo fim era abater o poderio do corsario Hayraddin Barba Roxa, ás ordens do almirante André Doria. O Infante D. Luiz foi pae de D. Antonio, Prior do Crato.

Bibliografia: *Auto de D. Duardos*, publicado em 1659 por Domingos Carneiro. Escreveu varias *Cartas* e deixou manuscriptos os seguintes trabalhos: *Tratado da quadratura do Circulo; Tratado dos modos, proporções e medidas;* etc. As suas poesias não foram impressas.

1516-1606

D. MANOEL DE PORTUGAL

SONETO

Appetece minh'alma, a fonte viva,
No estio de amor, em sesta ardente;
Sequiosa, se lança á gran corrente,
Da fermosura, que de vós deriva,

Cuydando de amansar a sede estiva,
Quanto mais de amor bébe, é mais vehemente;
Nunca se acabará este accidente,
Q'arde amor, na minha alma, em cousa viva.

Não resiste ao ardor, nem se consumme,
Porque ella he immortal, elle benigno,
Nelle deleita a dor, dá gosto á pena.

Se imagina passar rayo divino,
Deseja a alma abrasar-se no seu lume,
Tal hé do que em si esconde, o bem q'acena.

Obras de D. Manoel de Portugal, Lisbôa, 1605, pag. 99 v.

D. Manoel de Portugal nasceu em Evora em 1516 e faleceu em 1606. Irmão do Conde de Vimioso e de Fr. João de Portugal, servindo a causa do Prior do Crato, não a abandonou, quer antes, quer depois da batalha de Alcantara. Deste nobre procedimento resultou-lhe ser excluido da amnistia que o rei de Hespanha concedeu. Amigo de Camões e de Sá de Miranda que muito o elogiaram, as suas obras, escriptas como as daquelles, em portugues e hespanhol, apareceram no mesmo ano em que faleceu. Deixou ineditos muitos trabalhos. Embaixador de Portugal em Hespanha no tempo de D. Sebastião, foi casado em segundas nupcias com D. Margarida de Mendonça, irmã de Jeronimo Corte Real.

Bibliografia: *Obras de Don Manoel de Portugal,* por Pedro Craesbeeck, Lisbôa, 1605; *Tratado breve da oraçan* (prosa). Nas Obras deste poeta figuram apenas nove sonetos, sendo o que apresento, o unico escripto em portugues. Nas edições das *Rimas* de Camões, de 1598 e de 1685, veem incluidos varios sonetos que são atribuidos a D. Manoel de Portugal. Entre eles, citarei *A perfeição, a graça, o doce gesto,* producção que tambem é atribuida a Estevão Rodrigues de Castro.

1520-1605

DIOGO BERNARDES

A NOSSA SENHORA

Dos vossos olhos sempre piedosos,
Sempre cheeos de graça, e de brãduira,
De luz divina sempre clarã, e pura,
Humildes, bellos, graves, amorosos

Volvei, Senhora, a mi os luminosos
Divinos raios nesta noute escura:
Guiai-me nestes mares furiosos
A vós, que sois do mar praia segura.

Logo vos fixarei no sancto Templo
A roupa inda molhada, onde se veja
Com novo louvor vosso a maravilha.

Oh do Eterno Pai, Esposa, e Filha,
Valeime em tal naufragio, porque seja
Nas grãdes tempestades grãde exemplo.

Varias Rimas ao Bom Jesus e á Virgem Gloriosa sua Mãi e a Santos Particulares, Lisbôa, 1770, pag. 46.

Diogo Bernardes nasceu em 1520 e faleceu em 1605. Apesar de Innocencio Francisco da Silva, e outros, o suporem natural de Ponte de Lima, averiguou-se, posteriormente, que nasceu em Ponte da Barca. Vide *Frei Agostinho da Cruz (notas á margem duma Historia dos Quinhentistas),* Lisbôa, 1909, pelo sr. Hemeterio Arantes, poeta e escriptor ilustre a quem igualmente me refiro nesta antologia. Tendo acompanhado D. Sebastião, para, como poeta, cantar os feitos d'armas dos portugueses, após o desastre de Alcacer Kibir permaneceu muitos anos encarcerado, em Africa, até que Filippe II conseguiu liberta-lo. Acusado de ter plagiado Camões no poema *Santa Ursula,* o sr. Theophilo Braga demonstrou na Academia das Sciencias de Lisbôa, em sessão de janeiro de 1898, a falta de base desta asserção. Em varias edições das *Rimas* de Camões tambem se encontram bastantes sonetos, cujo auctor se supõe ser Diogo Bernardes.

Bibliografia: *Varias Rimas ao Bom Jesus e á Virgem Gloriosa sua Mãi e a Santos Particulares,* Lisbôa, 1.ª ed., 1594; *O Lima,* 1.ª ed., 1596 e *Rimas varias, Flores do Lima,* Lisbôa, 1.ª ed., 1633.

1520-1589

PERO DE ANDRADE CAMINHA

A' VIRGEM SACRATISSIMA NOSSA SENHORA

Virgem e Mai de Deos, quem tanto atina,
Que saiba em vós fallar? Quem mais levanta
A vós o intendimento, mais se espanta,
E perde a luz em vossa luz Divina.

Ante vós todo o Ceo se humilha, e inclinã,
De vós, Senhora, toda a Igreja canta,
Todos vos chamam Santa, Santa, Santa,
Que assi a santa verdade nolo ensina.

Fostes de vosso Filho tam amada,
Que toda, como a si, vos quiz na gloria,
Como d'um cremos, d'outro confessamos.

Só de reliquias de vosso uso ornada
Deixou a terra indigna a tal memoria,
Essas amamos essas veneramos.

Poesias de Pedro de Andrade Caminha mandadas publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa — Lisboa, 1791, pags. 422 e 423.

Pero de Andrade Caminha nasceu no Porto em 1520 e faleceu em Villa Viçosa em 9 de setembro de 1589. Descendia de uma familia ilustre, natural de Castella. Alcaide-mór de Celorico de Bastos, e Camareiro do Infante D. Duarte, Duque de Guimarães, inimigo de Damião de Goes, e de Camões contra quem escreveu muitos epigramas, só passados mais de dois seculos, foram publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa as suas composições poeticas. Por suas relações com o pae de Catharina de Athaide, contribuiu para o mau resultado dos amores de Camões por esta Dama. Instituida a censura aos livros, pelo Cardeal Infante, Caminha foi um dos apologistas dessa resolução.

Bibliografia: *Poesias de Pedro de Andrade Caminha, mandadas publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa* (Lisboa), 1791; *Poesias ineditas de P. Andrade Caminha*, pelo Dr. Joseph Priebsch, Hale, 1898.

1524-1580

LUIZ DE CAMÕES

SONETO

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente
Que já nos olhos meus, tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Algũa cousa a dôr que me ficou
Da magóa, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Edição Juromenha, soneto XIX, vol. II, Lisboa, 1861, pag. 10.

O Egregio Poeta e imortal cantor das glorias portuguesas, Luiz de Camões, nasceu em Lisbôa em 1524 e faleceu em 10 de junho de 1580, segundo a opinião sustentada por ilustres Camonianistas. Afastando-se da côrte de D. João III, deu provas de bravura, na India e em Ceuta, onde pelejando, perdeu um dos olhos. Poeta e soldado, em 1553 embarcava para o Oriente, havendo já começado os *Luziadas*, esse admiravel poema que mereceu a grande e rara honra de ser traduzido em todas as linguas. Mais tarde, sendo provedor dos defunctos e ausentes, é na gruta de Macau, «soidão querida», que o grande Epico continua, até ao canto VII, o seu imorredouro poema. Após desaseis anos de ausencia, e sem que a má fortuna o tenha desamparado, regressa Camões á sua patria prestes a cahir nas garras do velho Leão de Castella. Pouco sobreviveu ao desastre de Alcacer Kibir.

Bibliografia: *Luziadas*, Lisbôa, 1572; *Amphitriões*, 1587; *El-Rei Seleuco*, comedia composta em 1542 e publicada em Lisbôa, em 1615; *Filodemo*, 1587 e *Rythmas de Luiz de Camoens*, divididas em cinco partes, Lisbôa, 1595. Vide um artigo do auctor desta antologia, «Camões e a Restauração de Portugal» (*Diario de Noticias* de 10-6-1916).

1528-1569

ANTONIO FERREIRA

SONETO

Aquella nunca vista fermosura
Aquella viva graça, e doce riso,—
Humilde gravidade, alto aviso,
Mais divina, qu'humana real brandura

Aquella alma innocente, e sabia, e pura,
Qu'entre nós cá fazia hum parayso,
Ante os olhos a trago, e lá a diviso
No ceo triumphar da morte, e sepultura.

Pois por quem choro, triste? por quem chamo
Sobre esta pedra dura a meus gemidos,
Que nem me pode ouvir, nem me responde?

Meus suspiros nos ceos sejam ouvidos;
E em quanto a clara vista se m'esconde,
Seu despojo amarey, amey e amo.

Poemas Lusitanos, Lisbôa, 1598, pag. 17.

O Dr. Antonio Ferreira nasceu em Lisbôa em 1528 e faleceu em 1569, victimado pela *Peste Grande*. Foi lente da Universidade de Coimbra e Desembargador da Relação de Lisbôa, jurisconsulto, humanista, poeta e, sobretudo, escriptor vernaculo: ao mesmo tempo que ia fazendo os seus estudos, entregava-se a trabalhos literarios. São dele as conhecidas frases extractadas das suas *Epistolas*—verdadeiros primores.

Não fazem damno as musas aos doutores
Antes ajuda ás suas letras dão

Ferreira pertence ao numero dos nossos classicos, que nunca escreveram em hespanhol. Os *Poemas Lusitanos* publicados por seu filho Miguel Leite Ferreira, appareceram vinte oito a trinta anos após a morte do auctor da *Castro*. Desta tragedia diz Garrett, a pag. 12 e 13 do seu *Bosquejo:* «Pasma como sem ver um theatro, sem mais exemplares que os gregos e latinos, podesse Ferreira tratar tam delicadamente um tal assumpto em um genero desconhecido da antiguidade.»

Bibliografia: *Castro* (tragedia, composta entre 1538 a 1567), 1587; *Bristo* e *Cioso* (comedias em prosa impressas com as de Sá de Miranda, Lisbôa, 1622, segundo se lê ao *Catalogo do Diccionario da Academia*); *Poemas Lusitanos,* Lisbôa, 1598.

1535-1599

ANDRÉ FALCÃO DE REZENDE

SONETO

Para se namorar do que criou,
Te fez Deos, sacra Phenix, Virgem pura.
Vêde que tal seria esta feitura
Que para si o seu Feitor guardou!

No seu alto conceito te formou
Primeiro que a primeira criatura,
Para que unica fosse a compostura
Que de tão longo tempo se estudou

Não sei se digo em tudo quanto baste
Para exprimir as raras qualidades
Que quiz criar em ti quem tu criaste.

És Filha, Mãe, e Esposa: e se alcançaste
Huma só, tres tão altas dignidades
Foi porqu'a Tres de Hum só tanto agradaste.

Edição Juromenha, vol. II, Lisbôa, 1861, pag. 99.

André Falcão de Resende nasceu em Evora em 1535 e faleceu em 1599. Sobrinho de Garcia de Rezende, formado em direito civil pela Universidade de Coimbra, juiz em Torres Vedras e mais tarde auditor da casa de Aveiro, amigo particular de Camões, escreveu em português e hespanhol as suas produções poeticas. Alguns de seus versos foram publicados juntamente com os do insigne Poeta. O soneto que figura nesta antologia é, segundo afirma o sr. Theophilo Braga, «evidentemente apocrifo», em relação á edição das *Rimas de Camões*, de 1616. No Ms. de Luiz Franco Correia aparece com algumas alterações.

Bibliografia: *Theocrito* (poema), Madrid. Traduziu em oitavas, *As Homilias do cardeal D. Henrique. O Poema da creação e composição do homem*, atribuido a Camões, é, segundo se afirma, seu. Na *Relação do solemne recebimento que se fez em Lisbôa ás reliquias que se levaram á egreja de S. Roque* (1588), aparece o soneto nesta mencionado, como sendo de André Falcão de Rezende. O sr. Joaquim Ignacio de Freitas descobriu, no Minho, um manuscripto, *Poesias do licenceado André Falcão de Rezende;* em 1860, parece que se publicou este volume, incluindo a *Microcosmographia e descripção do mundo pequeno.*

1540-1595

FERNÃO ALVARES DO ORIENTE

SONETO

Como, se do Céo és Senhor Supremo,
Te vejo, imenso Deus, pobre menino?
Como te offende o frio, Rey benino,
Se tens dos elementos o governo?

Ou como o ventre te encerrou materno,
Se não comprehende o Céo teu ser divino?
Como choras, se cantão de contino
Anjos, com que dispensas gosto eterno?

Como, se és verbo tu do padre imenso
Me não fallas, senhor? — Como, se infante,
Maravilhas ao mundo já disseste?

Se és Deus, como te falta o sacro incenso?
Se homem, como t'o dão? — Ninguem se espante
Qu' homem terreno sou, sou Deus celeste.

Luzitania Transformada, Lisbôa, 1607, pag. 99 e 99 v.

Fernão Alvares do Oriente nasceu em Gôa em 1540, segundo se supõe, e aleceu (não se sabe, tambem, ao certo) em 1595. Militou na India e em Alcacer Kibir. Deste ilustre poeta, diz Innocencio no *Diccionario Bibliographico:* «A sua obra mesclada de prosa e verso, formando um romance pastoril á semelhança da *Arcadia* de Sannazzarro ou da *Diana* de Montemayor, é escripta, ao parecer dos criticos, em linguagem purissima, correcta e elegante. Partidario do Prior de Crato, Filippe II mandou-o prender, na India, «por se ter descomposto em dar novas trocadas destes reinos mas em prejuizo delle e do serviço real». E', bem como Rodrigues Lobo, acusado de ter plagiado Camões.

Bibliografia: *Luzitania Transformada* (publicação postuma), Lisboa, 1607. Em 1781, fez-se nova edição deste trabalho.

1540–1619

FREI AGOSTINHO DA CRUZ

SONETO

A quem ler)

Os versos que cantei importunado
Da mocidade cega a quem seguia,
Queimei (como vergonha me pedia)
Chorãdo, por haver tão mal cãtado.

Se nestes naõ ficar tão desculpado
Quanto o mais alto estilo requeria,
Naõ me podem negar a melhoria
Da mudança q̃ fiz d'hum n'outro estado.

Que vai que sejão bem, ou mal aceitos?
Pois os naõ escrevi para louvoures
Humanos, pelo menos perigosos,

Senão para plantar em frios peitos
Desejos de colher divinas flores
A' força de suspiros saudosos?

Varias poesias, Lisbôa, 1771, pag. 1.

Frei Agostinho da Cruz *(Agostinho Pimenta,* nome que tinha antes de professar), nasceu em Ponte da Barca em 1540 e faleceu em 1619. Irmão de Diogo Bernardes, tomou ordens, em 1560, no convento de Santa Cruz, de Cintra. Guardião do convento de S. José de Ribamar, mais tarde, retirando-se ainda mais do mundo, foi morar na Serra da Arrabida, numa habitação por ele construida. Ao evocar o nome de Fr. Agostinho da Cruz, poeta quinhentista — é de toda a justiça lembrar ainda os nomes doutros vultos eminentes desse periodo tão glorioso para a literatura portuguesa e em que se distinguiram, em varios ramos de conhecimentos humanos, alem dos poetas indicados: Bernardim Ribeiro, Christovão Falcão, Gil Vicente, João de Barros, Fernão Mendes Pinto, Fr. Bartholomeu dos Martyres, Duarte Nunes de Lião, Pedro Nunes, Garcia d'Orta, Damião de Goes, Diogo do Couto, Gaspar Correa, Jeronimo Osorio, Fernão Lopes de Castanheda, etc., etc.

Bibliografia: *Varias Poesias do Veneravel Padre Frei Agostinho da Cruz,* Lisbôa, 1771. (Vide os vol. I e II do *Archivo Bibliografico da Universidade de Coimbra,* anos de 1901 e 1902).

1559-1637

ESTEVAM RODRIGUES DE CASTRO

SONETO

Ausente, pensativo, solitario,
Como se vos tivera ali presente,
Dou e tomo as razões ousadamente
Firme em amor, em pensamentos vario.

Quando venho ante vós, com temerario
Fervor, renovo n'alma juntamente
Quantos cuidados tive estando ausente,
Que tal aperto é necessario!

Uns aos outros se impedem na sahida
E querem commetter e não se abalam,
E vou para fallar e fico mudo.

Porém, meus olhos, minha côr perdida,
Meu pasmo, meu silencio por mim falam,
E não dizendo nada, digo tudo.

Edição Caminha – Lisbôa, pag. 150.

Estevam Rodrigues de Castro nasceu em Lisbôa em 1559, sendo um dos mais celebres filhos que produziu esta famosa cidade, segundo se lê no tomo I da *Bibliotheca Luzitana*. Faleceu em Italia, em 1637. Medico ilustre e lente notavel da Universidade de Pisa, Fisico Mór do grão duque de Florença, orador elegante e poeta mimoso, deixou muitas e variadas obras escriptas em português, hespanhol, italiano e latim. Um dos muitos medicos portugueses notaveis do seculo XVII, em que a Suecia, a Toscana e a Dinamarca tiveram, como fisicos-móres, portugueses insignes, são lhe atribuidos alguns belos sonetos, que teem figurado em diferentes edições das *Rimas*, de Camões.

Bibliografia: *De Meteoris Microscomi*, 1621; *Rimas de Estevam Rodrigues de Castro*, dadas á luz por Francisco de Castro, seu filho, Florensa, 1623; *De complexu morborum*, 1624; *Eumenius seu de vero amico*, 1626; *Opusculum de mutatione aliorum morborum in aliis*, 1627 (e reimpresso em 1646 e 1667); *Philomela*, 1628; *Azitia*, 1630; *De sero lactis tractatus*, 1631; *Il Curioso* (sobre a peste), 1632; *Medicæ consultationes, Tractatus de natura muliebri*, etc.

1562

FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA

SONETO

Claros olhos azues, olhos formosos,
Que o lume déstes meús escurecestes,
Olhos que o mesmo Amor d'amor vencestes,
Com vivos raios sempre victoriosos;

Olhos serenos, olhos venturosos,
Que ser luz de tal gesto merecestes,
Ditosos em render quantos rendestes,
E em nunca ser rendidos mais ditosos.

Que morra eu por vos vêr, e que vos traga
Nas mininas dos meus perpetuamente
Cousa é que justamente Amor ordena.

Mas que de vós não tenha mais que a pena,
Com que Amor tanta fé tão mal me paga,
Nem o diz a rasão, nem o consente.

Edição Rodrigues de Castro, pag. 168.

Fernão Rodrigues Lobo Soropita nasceu em Lisbôa em 1562. Em 1606 ainda vivia, pois que parodiou *A Primavera* de Francisco Rodrigues Lobo, de quem era parente. Amigo e admirador de Camões, advogado e humanista, deve se lhe o ter preparado e dirigido a primeira edição das *Rythmas de Luiz de Camões*, aparecida em 1595, precedida de um elogioso prefacio. Como succedeu com Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, Estevam Rodrigues de Castro, Miguel Leitão d'Andrada, D. Manoel de Portugal, Infante D. Luiz, Conde de Vimioso, etc., algumas das produções de Soropita, aparecem nas varias edições das *Rimas de Camões*, a quem são atribuidas. Soropita foi partidario do Prior do Crato. Parece que findou seus dias no convento d'Arrabida.

Bibliografia: *Informação de Direito, offerecida por parte de Francisco Correa no feito que traz com D. Manoel de Athayde sobre a successão da villa de Bellas*, Lisbôa, 1597; deixou ineditos: *A jornada de Coimbra a Lisbôa*, etc. No vol. II das *Obras de Camões*, do padre Thomaz José de Aquino (edição critica de 1779), vem o prologo feito por Soropita.

1569-1617

FR. BERNARDO DE BRITO

SONETO

Querendo amor tomar dura vingãça
Da liberdade antiga que gozara,
E fazer-me comprar em dobro cara
A vida que passei entre bonança:

Poz-me o cuidado em aspera balãça,
Pelo desejo de hũa Phenix rara,
E quãdo o pensamento a mais chegara,
Deixarão de seguir minha esperança.

Mostrou-me hũs olhos verdes socegados
E por cima dous arcos victoriosos
De hũa certa brãdura acompanhados:

Mas achei seus effeitos rigorosos,
Que nunca de matar vivem cansados,
E tam duros me são, quanto formosos.

Sylvia de Lizardo, Lisbôa, 1632, pag. 4 v.

Fr. Bernardo de Brito (Balthazar de Brito e Andrade) nasceu em Almeida em 20 de agosto de 1569 e faleceu em 27 de fevereiro de 1617. Em 1585, professou em Alcobaça, na ordem de Cister, sendo em 1616 nomeado Cronista Mór do Reino. Contava apenas vinte e sete anos de idade, quando escreveu a *Monarchia Lusitana*. Poeta, historiador e escriptor ilustre, é auctor de varias obras apreciadas.

Bibliografia: *Sylvia de Lisardo*, Lisbôa, 1571; *Geographia antiga da Luzytania*, 1597; *Monarchia Luzytana* 1.ª parte, 1597; 2.ª 1609; *Elogios dos Reys de Portugal*, Lisbôa, 1603; *Chronica de Cister* (1.ª edição 1602; 2.ª 1720); *Historia da fundação e dedicação do Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca e da Sancta vida dos seus primeiros fundadores e das Maravilhas que Nosso Senhor obrou em seus principios*. Feita por F. B. D. B. C. G. D. S. M., Coimbra, 1814. Alem destes livros, deixou muitos trabalhos ineditos, entre os quaes mencionarei: *Chronica d'el-rei D. Sebastião; Fundação do Convento de Arouca; Monarchia Luzitana* (3.ª parte). Não se sabe positivamente se o auctor da *Sylvia de Lizardo* foi Fr. Bernardo de Brito.

1570

BALTHAZAR ESTAÇO

SONETO

A pedra, em que o Amor, todo o amor toca,
He tribulação, que a alma padece
Por este mesmo Amor, que quando cresce,
A todo bem nos move, e nos provoca.

Esta alma, que este puro amor invoca,
Em quem reinando vive, em quem florece,
Cujo fervor se mostra, e se conhece
N'alma, no corpo, vida, olhos, e bocca.

Tocada esta pedra aguda, e dura,
E tanto ama o Deos porque he ferida
Que julga que sam flores os abrolhos.

Ninguem amando sobe a mór altura,
Mais ama do que a vida, e do que os olhos,
Pois que perde por Deos olhos, e vida.

Sonetos, Canções, Eclogas e outras Rhytmas, Coimbra, 1604.

Balthazar Estaço nasceu em Evora em 1570 e faleceu em data que se ignora. Conego da Sé de Vizeu e irmão de Gaspar Estaço, auctor dos livros: *Varias antiquidades de Portugal* e *Tratado da linhagem dos Estaços,* a obra de Balthazar Estaço, a que se refere a sua bibliografia, foi dedicada ao bispo de Vizeu, D. João de Bragança.

Bibliografia: *Sonetos, Canções, Eglogas e outras Rhytmas,* Coimbra, 1604. Este livro, como tantos outros a que anteriormente já me referi, é estimado e raro. Deixou por publicar os seguintes trabalhos: *Dialogo chamado Governo de Deos* e *Rosario da Rainha dos Anjos; Menino perdido* (em oitavas) e *Varios remedios, e consolaçoens para todos os trabalhos e molestias,* obras a que se refere a *Bibliotheca Luzitana.*

1579-1622

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

SONETO

Fermoso rio Liz, que entre arvoredos
Ides detendo as agoas vagarosas;
Até que umas sobre outras, invejosas,
Ficam cobrindo o vão destes penedos.

Verdes lapas, que aos pés d'altos rochedos
Sois moradas das Nymphas mais fermosas,
Fontes, Arvores, Ervas, Lyrios, Rosas,
Em que esconde Amor tantos segredos;

Se vós, livres de humano sentimento,
Em quem não cabe escolha, nem vontade
Tambem ás leys de amor guardaes respeito;

Como se ha de livrar meu pensamento
De render alma, vida e liberdade,
Se conhece a razão de estar sujeito?

Primavera, Lisbôa, 3.ª ed., 1670, pag. 102.

Francisco Rodrigues Lobo nasceu em Leiria, em meados do seculo XVI, talvez em 1579 e morreu afogado no Tejo, segundo afirmam alguns auctores, em 1622 ou em 1623. Muito pouco se sabe ácêrca da sua vida. Escritor primoroso e boculista notavel, mereceu elogiosas referencias a Camillo e a Garrett que, de Rodrigues Lobo, diz: «...ha derramados pela *Primavera, Pastor peregrino,* etc., pedaços lyricos de suma belleza, romances excellentes e verdadeiramente dignos de admiração e estudo.»

Bibliografia: *Romances* (verso), Lisbôa, 1596; *Primavera,* Lisbôa, 1601; *Eclogas,* Lisbôa, 1605; *Pastor peregrino,* Lisbôa, 1608; *Condestable* (poema epico), 1610; *Desenganado,* 1614; *Canto elegiaco ao lamentavel successo do Santissimo Sacramento que faltou na Sé do Porto,* 1614; *La jornada que la majestad catholica del Rey Filippe III hizo al reyno de Portugal* (poemeto), 1823; *Muerte de Jesus y llanto de Maria* (obra que Innocencio não conhecia e de que fala Barbosa na *Biblioteca Lusitana),* Madrid, 1623; *Fabulas de Narciso* e *Echo,* Lisbôa, 1623; *Noches Claras,* 1624; Prosa: *Corte na Aldea e noutes do inverno,* Lisbôa, 1619.

VASCO MOUZINHO DE QUEVEDO CASTELLO BRANCO

SONETO

Espanta crescer tanto o crocodilo
Só por seu limitado nascimento;
Que, se maior nascera, mais isento
Estivera de espanto o patrio Nilo.

Em vão levantará meu baixo estilo
Vosso Pontifical, novo ornamento;
Pois no ventre o immortal merecimento
Vo-lo talhou, para depois vesti-lo.

Tardou mas veio; que a quem mais merece
Vir o premio mais tarde he sempre certo,
Inda que vez alguma venha cedo.

Os Ceos, que do primeiro estão mais perto,
Mais devagar se movem. Quem conhece,
Sobre aquelle segredo, este segredo!

Soneto CLXXXVIII do vol. II da Edição Juromenha, Lisbôa, 1861, pag. 95.

Vasco Mouzinho de Quevedo Castello Branco era natural de Setubal. Tendo vivido nos seculos XVI e XVII, ignora-se, porem, as datas do seu nascimento e morte. Poeta epico notavel, como tambem o foram Luiz de Camões, Jeronimo Corte Real, Gabriel Pereira de Castro e Francisco Sá de Menezes, o auctor da *D. Branca* considera-o como o nosso primeiro epico depois de Camões. Formado em direito civil e canonico pela Universidade de Coimbra, em 1611, publicou o poema *Affonso Africano*, obra que foi reimpressa em 1787 e em 1844 e que tornou bastante conhecido e apreciado o seu auctor. Pertencia á ilustre familia dos Cabedos; poeta da medida velha, seguiu a *Escola Camoniana* á qual pertenceram entre outros: Fernão Alvares do Oriente, Miguel Leitão d'Andrada, D. Gonçalo Coutinho, Fernão Rodrigues Lobo Soropita, Balthazar Estaço, Freí Bernardo de Brito e Estevam Rodrigues de Castro. Este soneto foi atribuido a Camões.

Bibliografia: *Discurso sobre a Vida, e morte de S. Isabel Rainha de Portugal e outras varias Rimas*, Lisbôa, 1596; *Affonso Africano*, 1611; *Triunfo de Filippe III*, 1619.

SEGUNDA PARTE

POETAS SEISCENTISTAS

(Escola Hespanhola ou Gongorica)

Bio-bibliografia Seiscentista

Alem das obras indicadas na primeira parte da Bio-bibliografia Quinhentista, consulte-se mais:

Cartas Familiares, por D. Francisco Manoel de Mello (Centuria 4.ª carta 1.ª), escripta em 24-8-1650.

Apologos Dialogaes, por D. Francisco Manoel de Mello, Lisbôa, 1657. Vide o *Apologo* 4.º, *Hospital das Lettras* que se refere a: Camões, Fr. Bernardo de Brito, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, Fernão Alvares do Oriente e a literatos do periodo seiscentista.

Diccionario Poetico, por Candido Lusitano, tomo I, Lisbôa, 1714. Trata de: Frei Antonio das Chagas, André Rodrigues de Mattos, Antonio Barbosa Bacellar, Francisco Manoel de Mello, Gabriel Pereira de Castro e Manoel de Faria e Sousa. Refere-se tambem aos seguintes poetas quinhentistas: Antonio Ferreira, Balthazar Estaço, Diogo Bernardes, Fernão Alvares do Oriente, Francisco Rodrigues Lobo, Sá de Miranda e Vasco Mouzinho de Quevedo.

Memoires historiques, politiques, et litteraires, contenant le Portugal et toutes ses dependances, avec la Bibliotheque des ecrivains et des histoires de ses etats, por Francisco Xavier de Oliveira, vol. I e II, Haia, 1743.

Bibliotheca Luzitana Escolhida, por Bento José de Sousa Farinha, 3 vol., Lisbôa, 1786 e 1787.

Sumario da Bibliotheca Luzitana, por Bento José de Sousa Farinha, Lisbôa, 1786.

Mappa de Portugal antigo e moderno, por João Baptista da Costa, Lisbôa, 1820. Neste curioso trabalho refere-se seu autor no 2.º vol., a: Camões, Francisco Rodrigues Lobo, Sá de Miranda, Frei Bernardo de Brito, Vasco Mouzinho de Quevedo, Diogo Bernardes, Estevam Rodrigues de Castro, etc., e a varios escriptores seiscentistas, entre os quaes mencionarei: D. Francisco de Portugal, D. Francisco Manoel de Mello, Gabriel Pereira de Castro, Manoel de Faria e Sousa, etc.

Esboço Critico Litterario, por Alvaro Rodrigues de Azevedo, Funchal, 1866.

Historia da poesia portuguesa (Escola Espanhola) por Theophilo Braga, 2 tomos, 1874. Do mesmo auctor são ainda: *Historia da poesia portuguesa* (Escola Nacional) 1871; *Poetas palacianos*, 1871; *Trovadores galicio-portugueses*, 1871.

A Escola Hespanhola em Portugal. Questões de Litteratura e Arte, por Theophilo Braga, Lisbôa, 1881.

Recapitulação da Historia da Litteratura Portugueza. Os seiscentistas, por Theophilo Braga, Porto, 1916.

Gabriel Pereira de Castro. Vide *Mappa de Portugal antigo e moderno*, por João Baptista da Costa, Lisbôa, 1820 e *Vida de Gabriel Pereira de Castro*, por Simão Torrezão Coelho.

Francisco Rollim de Moura. Vide *Ensaio biographico Critico sobre os melhores Poetas Portugueses*, por Costa e Silva.

D. Francisco de Portugal. Vide *Mappa de Portugal*, citado.

Manoel de Faria e Sousa. Vide *Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo X, pag. 36. *Retrato de Manoel de Faria e Sousa, relacion de su vida y catalogo de sus escritos*, por D. Francisco Moreno Parcel, Madrid, 1650; *Diccionario Poetico*, de Candido Luzitano e artigos de Theophilo Braga no *Circulo Camoneano*, Porto, 1889-1892.

Antonio Barbosa Bacellar. Vide *Ensaio biographico Critico*, citado.

D. Francisco Manoel de Mello. Vide tomo 2.º, pag. 343 a 352 das *Memoires historiques* de Francisco Xavier de Oliveira. Haia, 1743; *Panorama*, de 1840; *D. Francisco Manoel de Mello*, por Edgar Prestage, Manchester, 1905; *Obras autografas e ineditas de Francisco Manoel de Mello*, por E. Prestage, vol. VII do *Archivo Histórico Portuguez*, Lisbôa, 1909; *Documentos biograficos*, pelo mesmo, vol. citado.

Antonio da Fonseca Soares. Vide *Vida de Fr. Antonio das Chagas*, por P. Manoel Godinho e Canaes de Figueiredo nos *Estudos Biographicos, ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes á Bibliotheca Nacional de Lisbôa*, Lisbôa, 1854; *Poesia mistica de Fr. Antonio das Chagas*, por Theophilo Braga, *Instituto*, vol. 13, Coimbra, 1866.

D. Gonçalo Coutinho e André Rodrigues de Mattos. Vide *Diccionario Popular*, de Manoel Pinheiro Chagas, e *Hospital das Lettras* de D. Francisco Manoel de Mello.

D. Thomaz de Noronha e Fr. Jeronimo Vahia. Vide *Diccionario Bibliographico* e *Hospital das Lettras* por D. Francisco Manoel de Mello, Lisbôa, 1657.

1571-1632

GÁBRIEL PEREIRA DE CASTRO

SONETO

A's Espheras do Olympo rutilantes
Erguem Filhos da Terra as duras frontes;
Rasgam nuvens, escallam horisontes,
E a Jupiter se atrevem de arrogantes.

Os polos enfiados, e nutantes
Por Lua, e Sol, de luz eternas fontes,
Vem entrar, pondo montes sobre montes,
Como portas do Ceo bravo Gigantes.

Sobre elles cáe do altissimo emispherio
Voando o raio retorcido, e forte,
E a soberba em seus montes oppremida.

Dividido com Jupiter o Imperio
Tendes, porque elle deu-lhe eterna morte,
E vós podestes dar-lhe eterna vida!

Gigantomachia, de Manoel de Galhegos, Lisbôa, 1626.

Gabriel Pereira de Castro nasceu em Braga em 7 de fevereiro de 1571 e faleceu em Lisbôa em 18 de outubro de 1632. Formado em direito, professor, Desembargador da Relação do Porto, Desembargador da Casa da Supplicação, Desembargador dos Aggravos, Procurador Geral das ordens militares, Chanceller Mór do Reino, jurisconsulto ilustre e poeta notavel, a sua *Ulissea* é, com justiça, considerada como um dos melhores poemas da lingua portuguesa.

Bibliografia: *De Manu Regia Tractatus in quo omnium Legum Regiarum quibus Regi Portugalliæ in causis ecclesiasticis cogniti est jure,* tomo I, Lisbôa, 1622; II 1625; *Ulissea ou Lisbôa edificada,* Lisbôa, 1636; *Monomachia sobre as concordias que fizeram os Reis com os Prelados de Portugal, nas duvidas da jurisdição ecclesiastica e temporal,* Lisbôa, 1738. Deixou, manuscripto, um volume de poesias em varias linguas, segundo diz Costa e Silva, no seu importante trabalho (por vezes injustamente apreciado) *Ensaio Biographico Critico sobre os melhores Poetas Portugueses.*

1572-1640

D. FRANCISCO ROLLIM DE MOURA

SONETO

Bem foi de nova Musa novo intento
Pôr em medida aquella dilatada
Fama, que, em regios troncos sustentada,
C'os ramos toca o alto Firmamento.

O portentoso, e grande pensamento
Harmonica pintura sublimada,
O curso do Lethes tem, ao Tempo a espada
Suspensos do rigor do movimento.

A mesma admiração aqui se admira
Fora gloria da Inveja o invejar-te
Por nos mostrar que a tanto se atrevera,

Ao som das armas clausulas-te a Lyra,
A' bella Venus, ao soberbo Marte
Opposição fizeste em sua esphera.

Ensaio Biographico Critico sobre os melhores Poetas Portugueses, por Costa e Silva, tomo V, Lisboa, 1853, pag. 181.

D. Francisco Rollim de Moura nasceu em Lisbôa em 1572 e faleceu na mesma cidade em 1640. Senhor d'Azambuja e militar distincto, tomou parte em varias campanhas, na Flandres, India e Brazil. Pela sua valentia e audacia, muito contribuiu para a restauração da cidade da Bahia, em poder dos holandezes desde 1624. Nesta cidade exerceu o cargo de Governador Geral, tendo-lhe sido concedido, como premio de seus bons serviços ao Estado, o senhorio da Ilha Graciosa (Açores).

Bibliografia: *Dos Novissimos de D. Francisco Rollim de Moura, senhor da casa de Azambuja. Quatro cantos, com os argumentos de um amigo em cada canto*, Lisbôa, 1623. *Ascendencia de la Caza d'Azambuja; Arte de Tourear*. Deixou manuscriptos: *Advertencias ás Luziadas de Camões; Aforismos a seu filho*, e *Ley para os desafios. Obras de D. Francisco Rollim de Moura*, Lisbôa, 1853. Na *Gigantomachia* de M. de Galhegos ha um soneto seu.

1585–1632

D. FRANCISCO DE PORTUGAL

SONETO

Cada Flôr hum perigo, e tudo flôres
Da Primavera apenas começada,
Aos anos a virtude antecipada,
Destino pareceu, si não amores.

Oh nascido aos despresos, e aos maiores
Enganos d'alma, em ti desenganada,
Tudo deixaste, não deixando nada,
Tudo illustre venceste com temores.

Primeiros passos, com que a Deos alcanças,
Glorioso fugir de imitar dino,
Que abre caminho ao Ceo mais que á saudade.

Oh ditoso negado ás esperanças
Ditoso humano, que a hum pai mostras divino,
Que mal te chora, filho da verdade.

Prisoens e solturas de huma alma, pag. 25.

D. Francisco de Portugal nasceu em Lisbôa em 1585 e faleceu em 1632. Descendendo da casa de Vimioso, e muito ilustrado, demonstrou a sua bravura, quando da restauração da Bahia. Mais tarde, professou no convento de S. Francisco, de Lisbôa. Foi pae de D. Lucas de Portugal, fidalgo de fino espirito, mestre sala de D. Affonso VI. As obras de D. Francisco de Portugal foram publicadas por seu filho.

Bibliografia: *Divinos e humanos versos*, Lisbôa, 1652; *Arte de Galantaria*, Lisbôa, 1670; *Tempestades y de un cuydado ausente*, 1683. A primeira destas obras foi dedicada ao principe D. Theodosio. *Escreviola D. Francisco de Portugal. Oferecida a las damas de Palacio, por D. Lucas de Portugal, Commendador de Villa de Frontera, y Maestro-Sala del Principe nuestro Señor.* De paginas 52, em deante, intitula-se: *Prisoens e solturas de uma alma.*

1590-1649

MANOEL DE FARIA E SOUSA

SONETO

Sempre que torno ver o bello prado
onde primeira vez a soberana
divindade encontrey em forma humana,
ou humano esplendor, deificado,

E me acordo do talhe delicado,
do riso d'onde ambrosia, e nectar mana,
da falla, que dá vida quando engana,
da branca mão, e do cristal rosado:

do meneo suave, que fazia
crêr que de brando Zephiro tocada,
a Primavera toda se movia;

De novo torno a ver a alma abrazada;
e em desejar sómente aquelle dia
vejo a Gloria Real toda cifrada.

Fuente de Aganipe, Lisbôa, 1646, centuria sexta, soneto 30, pag. 155.

Manoel de Faria e Sousa nasceu em Pombeiro em 1590 e faleceu em 1649. Prosador, historiador e poeta, é para lamentar que muitas das suas obras fossem escriptas, seguindo antigos exemplos, em hespanhol.

Bibliografia: *Divinas e humanas flores*, Madrid, 1624; *Fuente de Aganipe y Rimas varias*, Madrid, 1624; *Luziadas de Luiz de Camões Principe de los poetas de España*, comentados (2 tomos), Madrid, 1639. *Informacion a favor de Manoel de Faria y Sousa sobre la acusacion que se hizo en el tribunal del Santo Oficio de Lisbôa a los comentarios que docta y judiciosa, catolicamente escrevio a los Luziadas del doctissimo y profundissimo y solidissimo poeta christiano Luis de Camoes*, 1640; *Epitome de las historias portuguesas* (2 tomos), Lisbôa, 1663; *Asia Portuguesa* (3 tomos), Lisbôa, 1666, 1674 e 1675; *Europa Portuguesa* (3 tomos), Lisbôa, 1678, 1679 e 1680; *Rimas varias de Luiz de Camões principe de los poetas heroicos y liricos de España, comentadas* (I e II tomo), 1685; III, IV e V, 1689.

1610-1663

ANTONIO BARBOSA BACELLAR

SONETO

De Amor cantastes já doces favores,
Brãda Avesinha, quãdo Deos queria
Que fosses com suave melodia,
Mimo dos bosques, e matiz das flores:

Perdestes a liberdade, e nas mayores
Disgraças não te esqueces da armonia,
No cattiveyro ostentas alegria,
Com que livre gozavas teus amores.

Ave ditosa viverás em quanto
A alogria não perdes, em que aturas,
Com teus males não vivas descontente,

Não deyxes nas prisões o doce canto,
Que com ter rosto alegre ás desventuras,
Se vive em todo o estado felizmente.

Fenix Renascida, vol. II, Lisbôa, 1717, pag. 79.

Antonio Barbosa Bacellar nasceu em Lisbôa em 1610 e faleceu em 15 de fevereiro de 1663. Formado em direito civil pela Universidade de Coimbra, Corregedor de Castello Branco, Desembargador da Relação do Porto, da Casa da Supplicação de Lisbôa, etc., e poeta illustre, as suas producções literarias foram bastante apreciadas. A. Bacellar, se refere Barbosa, na *Bibliotheca Lusitana.*

Bibliografia: *Relação diaria do sitio e tomada da forte praça do Recife, recuperação das capitanias de Itamaracá, Rio Grande, Ciará, e Ilha de Fernão de Noronha, por Francisco Barreto,* Mestre de Campo General e Governador de Pernambuco. Lisboa, 1654; *Relação da victoria que alcançaram as armas do muito alto e poderoso rei D. Affonso VI em 14 de janeiro de 1659, contra as de Castella que tinham sitiado a praça d'Elvas,* Lisboa, 1659; *Oitava de Camões* (deu signal a trombeta Castelhana) *glosada á gloriosa victoria do Canal, em 8 de junho de 1663, sendo governador do Alemtejo D. Sancho Manoel,* conde de Villa Flor. Lisboa, 1663.

1611–1666

FRANCISCO MANOEL DE MELLO

SONETO

Quantas vezes conheço meu cuydado,
E contemplo na duvida, que o espera;
Tantas, e muitas mais delle quizera
Antes ser despedido, que enganado.

Torno a cuidar despoes que inda apartado
Quem me assegura a mi, de que o estivera?
Se para sempre amar, sempre hé hũa éra,
Para sempre temer, sempre hum estado.

Já propuz de passar o mundo a êsmo,
Poes no Tempo, Lugar, Fé, Gosto e Morte,
A fraude hé certa, e unica conhecida.

Vós, que sabeis de mi mais do que eu mesmo,
Ensinai-me a viver com minha sorte,
Fareis de todo vossas Sorte e Vida.

Obras Metricas, Leon de Francia, 1665, tomo II, soneto 27, pág. 14.

D. Francisco Manoel de Mello nasceu em Lisbôa em 23 de novembro de 1611 e faleceu em 1666. Escriptor notavel, de quem Rebello da Silva diz na sua *Historia de Portugal*: «era o primeiro erudito do seu tempo e talvez o prosador mais conciso e substancioso da lingua portuguesa», pertencia a uma familia muito distincta e era, ainda, aparentado com a Casa de Bragança. A sua vida, como a de Camões e a de Bocage, teve fases muito agitadas.

Bibliografia: *Doce sonetos en la muerte de la senhora D. Ignez de Castro*, Lisbôa, 1628; *Historia de los movimientos y separacion de Cataluña*, 1645; *Ecco Polytico*, 1645; *El mayor Pequeño*, 1647; *El Fenix d'Africa*, 1648; *Carta de guia de casados*, 1651; *Epanaphoras de varia historia portuguesa*, 1660; *Cartas familiares*, Roma, 1664; *Obras Metricas*, 1665; *Auto do Fidalgo aprendiz*, Lisboa, 1676; *Aula politica*, 1720; *Apologos dialogues*, Leon de Francia, 1665; *A Feira dos Annexins*, Lisbôa, 1875, edição devida a Innocencio Francisco da Silva. Alem destas obras, deixou muitas outras manuscriptas.

1631-1682

ANTONIO DA FONSECA SOARES

SONETO

Ignorada razão, fatal mysterio
Que de um golpe acabasse a Parca impia,
Esse, que foi da Lusa monarchia
Astro, e cometa do dominio Iberio!

D'esse, que encheu consigo este hemispherio,
Tumulo é hoje pouca terra fria,
E cabe assim, quem mal em si cabia,
Por ser-lhe estreito o mais augusto imperio.

Acabou, ensinando na altiveza
Do que foi, que acabou, porque declina
Todo o ser, que os fins toca de grandeza

Pois si o ser grande a estragos se destina,
Que thronos busca a humana natureza,
Si é a grandeza achaque da ruina?

Ensaio Biographico Critico sobre os melhores Poetas Portugueses, por Costa e Silva, tomo X. Lisbôa, 1855, pag. 66.

Antonio da Fonseca Soares (Fr. Antonio das Chagas) nasceu na Vidigueira (Alemtejo) em 25 de junho de 1631 e faleceu em 20 de outubro de 1682. Aos trinta e um anos de idade, depois duma vida aventurosa, tomou ordens. Orador, poeta e escriptor mistico, deve se lhe a fundação do convento do Varatojo. Tendo lhe sido oferecida a mitra de Lamego, pelo principe regente D. Pedro, recusou-a.

Bibliografia: *Cartas espirituaes do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas*, 1684; *Segunda parte das Cartas espirituaes*, 1687; *Primeira parte das obras Espirituaes do Espiritual e veneravel padre*, 1684; *Escola de Penitencia e flagello de viciosos costumes, que consta de sermões apostolicos*, etc., 1687; *Sermões genuinos e praticas espirituaes*, 1690; *Ramalhete espiritual, composto com as flores de doze sermões doutrinaveis que no Reino de Portugal prégou o insigne orador*, 1722; *Desengano do Mundo, pelo mais enganado delle. Obra que fez no tempo que estava para entrar na religião.* Coimbra, 1743; *Filis y Demofonte.*

† 1634

D. GONÇÂLO COUTINHO

SONETO

Diogo, amigo meu, meu bom Diogo,
Pois de amor tens cantado variamente
Ora em estado triste, ora em contente,
Um conselho me queiras dar te rogo:

Abrazo-me de amor em vivo fogo;
E aquesto que mais alma triste sente,
E' ver tão fria a causa do accidente,
Que está deste meu mal fazendo jogo.

Dei já de meu amor mil claras provas,
Com lagrimas cem mil tenho lavado
A culpa que me deu a minha *Armia*.

Estas da vida minha são as novas;
Aconselha-me tu, se n'este estado
De meu remedio tenho melhoria?

Historia da Litteratura Portugueza, por Theophilo Braga, vol. II, Porto, 1914, pag. 509 e 510.

D. Gonçalo Coutinho faleceu em 1634. Foi governador do Algarve e da praça de Mazagão, tendo pertencido ao conselho de estado de Filippe III. Quatorze annos após a morte de Camões, mandou gravar na sua sepultura na Egreja de Sant'Ana, o seguinte epitafio: «Aqui jaz Luiz de Camões, principe dos poetas do seu tempo; viveu pobre e miseravelmente e assim morreu no anno de 1579.» O sr. Jordão de Freitas, num artigo publicado no *Diario de Noticias* de 10 de junho de 1913, é de opinião ser esta a data veridica do fallecimento de Camões. Do mesmo modo que Bernardim Ribeiro teve como inspiradora de seus versos sua prima D. Joana Tavares Zagallo; Christovão Falcão. D. Maria Brandão; Camões, Catharina de Athayde; Antonio Ferreira, Maria Pimentel; Thomaz Antonio Gonzaga, *Marilia de Dirceu* (Maria Joaquina Dorothea Seixas Brandão; Camillo, Anna Placido; Dante, Beatriz; Petrarcha Laura a quem este soneto foi-lhe inspirado por *Armia* (D. Maria de Oliveira). O Diogo a que se refere é Diogo Bernardes.

Bibliografia: As suas obras poeticas existiam na livraria do Cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa e na do Duque de Lafões.

1638–1698

ANDRÉ RODRIGUES DE MATTOS

SONETO

Alegre Pintasilgo, flôr vivente,
Não cantes, lizongéa hũ desgraçado
Suave fontezinha alma do prado
Não corras, accompanha hũ descontente.

Vejo que entre essas ramas livremente
Festivo zombas do meu triste fado
Julgo que entre essas penhas sem cuydado,
Murmuras rindo do que peno auzente.

Mas já que corres livre sem demoras
Bate essas azas, accelera o passo,
E vay saber de hũ bem que auzente adoro.

E se queres chegar em breves horas
Vôa com estas pennas que aqui passo
Corre com estas agoas que aqui choro.

Phenix Renascida, vol. V, Lisbôa, 1728, pag. 266.

André Rodrigues de Mattos nasceu em Lisbôa em 1638 e faleceu em 17 de agosto de 1698. Socio da *Academia dos Singulares e dos Generosos* (esta ultima fundada por Antonio Alvares da Cunha, trinchante mór de D. João IV), academia que em 1685 reappareceu com o titulo de *Conferencias discretas e eruditas*, desgostoso com o pequeno acolhimento que obteve a sua esmerada traducção da *Jerusalem Libertada*, de Torquato Tasso, retirou-se para uma quinta no Campo Grande, onde faleceu.

Bibliografia: *Triumpho das armas portuguesas deduzido de varios versos de Luiz de Camões*, Lisbôa, 1663; *O Godofredo* ou *Hierusalem Libertada*, Lisbôa, 1682; *Dialogo funebre entre o Reino de Portugal e o Rio Tejo*, glosando o afamado soneto *Formoso Tejo meu quão differente te vejo*, 1690.

† 1651

D. THOMAZ DE NORONHA

A HUMA MENTIRA QUE DISSE JOÃO GALVAO

Debaixo hũ dia do estandarte Real,
He testemunha o conde de Linhares,
Tu que as costumas pespegar aos pares
Que és das mentiras fonte perenal,

Hũa te ouvi então, que outra tal,
Com eu te ter ouvido mil milhares,
Não ta ouvi como esta a te lembrares
Foy sobre a fogaça do Pombal.

Por Jesus Christo, que mostraste então
Como mestre, que és, e tão famoso
Engenho, arte, entendimento e troça.

Pois se esta fogaça João Galvão
A ganhaste tu já, de mentiroso
Te concedamos todos a fogalaça.

Fenix Renascida, vol. V, Lisbôa, 1728, pag. 237.

D. Thomaz de Noronha, poeta satirico seiscentista, natural de Alemquer, falecido em 1651, colaborou na *Oliveiriana* (vidé tomo III, pag. 92 do *Diccionario Bibliographico*) e na *Fenix Renascida ou Obras Poeticas dos melhores Engenhos Portuguezes*, por Mathias Ferreyra da Silva. A *Fenix* que consta de cinco volumes foi dedicada, respectivamente, a D. Francisco de Portugal, marquez de Valença, a D. Joseph de Portugal, conde de Vimioso, a D. Joam de Almeida, conde de Assomar, a D. Joam de Mascarenhas, conde de Santa Cruz e a D. Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeyra. O primeiro volume foi publicado em 1716 e o ultimo em 1723.

Bibliografia: *Poesias ineditas de D. Thomaz de Noronha*, vol. II dos *Subsidios para o estudo da historia da Literatura portugueza*, pelo sr. Mendes dos Remedios.

† 1688

FREI JERONIMO VAHIA

A' FONTE DAS LAGRIMAS

Ves esta pura fonte tão aceyta,
Digna de vista ser, sem ser vistosa,
Que quanto mais murmura, mais deleyta,
De muda penha filha sonorosa:

Ves que o gosto enfeytiça, o prado enfeyta,
E quando branda mais, mais poderosa
Contrarios vence, opposiçõens sojeyta,
Pois se ve fria, pois se ve chorosa.

Ves tanta prata, ves aljofar tanto,
Sabe Isabel gentil e doce Isbella
Do ouvido suspensão, da vista encanto,

Que se ella vive em mim, que eu vivo nella,
Ella é lagrymas toda, eu todo pranto,
Eu de amor fonte, fonte de amor ella.

Fenix Renascida, vol. III, Lisbôa, 1721, pag. 41.

Frei Jeronimo Vahia nasceu em Coimbra em data que ignoro e faleceu em 1688. Contando cerca de vinte anos, professou na Ordem Benidictina, no convento de Tibães fundado, segundo se crê, no tempo dos suevos e celebre pelo riquissimo cartorio e excellente livraria. Prégador de D. Affonso VI e Chronista da Ordem de S. Bento, da qual era membro, *poeta gongorico* e improvisador, versejava tambem em latim, como se verifica do seu poema dedicado a Santa Izabel, *Elisabetha Triumphans*. Apesar da decadencia que, nesta epoca, principia a avassalar a literatura portuguesa, ainda conta, no periodo seiscentista, nomes bastante ilustres, como os de Soror Violante do Ceo, Bernarda Ferreira de Lacerda, Antonio de Souza de Macedo, Braz Garcia de Mascarenhas, Francisco de Sá de Menezes, João Franco Barreto, Frei Luiz de Sousa, Jacintho Freire de Andrade, Padre Antonio Vieira, Manoel Bernardes, Soror-Marianna, etc.

Bibliografia: *Elisabetha Triumphans* (poema em 12 cantos), 1732. Deixou ineditos: *Alphonseada* (poema) e *A Fonte dos Amores* (fabula).

TERCEIRA PARTE

POETAS DA ARCADIA

(Escola Francesa)

Bio-bibliografia Arcadica

Memorias sobre o estabelecimento da Arcadia de Lisbôa, por Francisco Manoel Aragio Trigoso Morato, Lisbôa, 1818.

Arcadia Portugueza, vide vol. I dos *Annaes das Sciencias e Lettras*, 1857, artigos de Rebello da Silva.

La Litteratura Portugueza en el siclo XIX, por D. Antonio Romero Ortiz, Madrid, 1870.

O Seculo XVIII *em Portugal. A Litteratura portugueza e o despotismo no seculo* XVIII, *Revista de Portugal*, vol. I, Porto 1889.

Arcadia Lusitana, por Theophilo Braga, Porto, 1899.

Historia da Litteratura Portugueza, por Mendes dos Remedios, 4.ª edição, Coimbra, 1914.

A Critica Litteraria como sciencia, por Fidelino de Figueiredo, 2.ª edição, Lisbôa, 1914.

Paulino Antonio Cabral de Vasconcellos. Vide *Cancioneiro Alegre de Poetas Portuguezes e Brazileiros*, por Camillo Castello Branco, Porto, 1879 e *Poesias de Paulino Antonio Cabral de Vasconcellos, abbade de Jazente*, por Julio de Castilho, 2 vol.

Pedro Antonio Corrêa Garção. Vide vol. I do *Panorama*, artigo de Rebello da Silva e a introdução e notas de J. A. de Azevedo Castro, na edição que publicou em Roma, 1888 *(Obras de P. A. Corrêa Garção)*.

Domingos dos Reis Quita. Vide vol. III do *Ramalhete*, artigo de Costa e Silva e artigo de Rebello da Silva no *Panorama*.

Antonio Diniz da Cruz e Silva. O Hissope de Antonio Diniz da Cruz e Silva. Questões de Arte e Litteratura Portugueza, por Theophilo Braga, Lisbôa, 1881; *O Hissope de Antonio Diniz da Cruz e Silva*, por José Ramos Coelho, Porto, 1879; *Antonio Diniz da Cruz e Silva. Um episodio da sua vida*, por Brito Rebello, *Archivo Historico*, 1.º vol., Lisbôa, 1903.

Francisco Manoel do Nascimento. Vide *Francisco Manoel do Nascimento. Acêrca de Filinto Elysio* (noticias e documentos ineditos, por José

de Sousa Monteiro, Lisbôa, 1903; *Filinto Elysio e a sua epoca* por Pereira da Silva, Rio de Janeiro, 1891; *Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia*, por Theophilo Braga, Porto, 1901.

Nicolau Tolentino de Almeida. Memorias de Nicolau Tolentino de Almeida, pelo Visconde de Sanches de Baena, Lisbôa, 1863; *Ensaio biographico critico das Obras Completas de Nicolau Tolentino de Almeida*, por José de Torres, Lisbôa, 1861.

Antonio Ribeiro dos Santos. Consulte-se o vol. III da 2.ª serie do *Panorama* (pag. 285 e 309), artigo de M. J. M. Torres e *Estudos Biographicos ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes á Bibliotheca Nacional de Lisbôa*, por Barbosa Canaes de Figueiredo, Lisbôa, 1854, pag. 258 e 259.

Domingos Maximiano Torres. Vide Ferdinand Diniz, no seu *Resumé de l'Histoire Litteraire du Portugal*, 1826 e Adrien Balbi no 2.º vol. do seu *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, et suivi d'un coup d'oeil sur l'etat actuel des Sciences, des lettres et des Beaux-Arts parmi les Portugais des deux hemispheres*, Paris, 1822, obra em que se refere, entre outros, a Nicolau Tolentino de Almeida, Bocage, Francisco Manoel do Nascimento, Curvo Semedo, Cruz e Silva, Malhão, etc.

Francisco Joaquim Bingre. Vide artigo de Innocencio Francisco da Silva, publicado a pag. 129, 143 e 150 do *Archivo Pittoresco*, 1861.

Manoel Maria Barbosa du Bocage. Bocage, sua vida e epoca litteraria, por Theophilo Braga, Porto, 1902; *Bocage e os contemporaneos*, por Antonio Maria Baptista; *La Litteratura Portuguesa en el siclo* XIX, por Romero Ortiz, Madrid, 1870; *Bocage*, por Olavo Bilac, edição da Renascença Portuguesa, Porto, e *Bocage*, romance historico, por Rocha Martins.

Belchior Manoel de Curvo Semedo e *João Xavier de Mattos.* Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez* e *Diccionario Portugal.* Acêrca do primeiro consulte-se ainda a biografia que acompanha as *Poesias Lyricas*, de Curvo Semedo, n.º 52 da coleção da Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, Lisbôa, 1890.

1720

PAULINO ANTONIO CABRAL DE VASCONCELLOS

SONETO

Amor hé hum arder, que se não sente;
He ferida, que doe, e não tem cura;
He febre, que no peito faz seccura;
He mal, que as forças tira de repente.

He fogo, que consome ocultamente;
He dor, que mortifica a Creatura;
He ancia a mais cruel, e a mais impura;
He fragoa, que devora o fogo ardente.

He hum triste penar entre lamentos;
He hum não acabar sempre penando;
He hum andar mettido em mil tormentos.

He suspiros lançar de quando em quando;
He quem me causa eternos sentimentos.
He quem me mata e vida me está dando.

Poesias de Paulino Antonio Cabral de Vasconcellos, abbade de Jazente, tomo I, Lisbôa, 1837, pag. 59.

Paulino Antonio Cabral de Vasconcellos nasceu na quinta de Reguengo em 6 de maio de 1720 e faleceu em data que não posso precisar. Formado em direito canonico pela Universidade de Coimbra e abade de Jazente, titulo porque é conhecido. Camillo refere-se a este poeta no *Cancioneiro Alegre*. O soneto que acima fica transcripto lembra o de Camões que principia assim:

Amor é um fogo que arde sem se ver
E' ferida que doe e não se sente;
E' um contentamento descontente
E' dor que desatina sêm doer;

Bibliografia: *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcellos, abbade de Jazente*, I tomo, 1786; II, 1787; *Ao terramoto de* 1755. *Romance funebre*, s/d.

1724-1772

PEDRO ANTONIO CORREA GARÇÃO

A UMA SENHORA, A QUEM O AUCTOR CHAMAVA SUA MÃI

Comigo minha mãi brincando um dia
A namorar c'os olhos me ensinava;
Mas Amor, que em seus olhos, me esperava,
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando mais formosa ria,
Porque incapaz do ensino me julgava;
Porém tanto a lição me aproveitava,
Que suspirar por ella já sabia.

Em poucas horas aprendi a ama-la:
Ditoso se tal arte não soubéra,
Não me custara a vida não lográ-la.

Certo, que aprender menos melhor era;
Pois não soubéra agora deseja-la,
Nem de tão louco amor enlouquecera!

Obras Poeticas e Oratorias de P. A. Corrêa Garção, por J. A. de Azevedo Castro, Roma, 1888, pag. 47.

Pedro Antonio Correa Garção *(Corydon Erymantheo)* nasceu em Lisbôa em 29 de abril de 1724 e faleceu em 10 de novembro de 1772. Com Antonio Diniz da Cruz e Silva, Theotonio Gomes de Carvalho, Manoel Nicolau Esteves Negrão, etc., fundou a *Arcadia Ulissiponense*. Em 9 de abril de 1771 foi preso, tendo estado oito meses no segredo, ignorando-se, ainda hoje, a causa exacta que deu origem a tal facto. Corrêa Garção morreu na tarde em que devia sahir do carcere. Garrett diz no seu *Bosquejo*, «que a *Cantata de Dido* é uma das mais sublimes concepções do engenho humano, uma das mais perfeitas obras executadas pela mão do homem».

Bibliografia: *Obras poeticas de Pedro Antonio Corrêa Garção*, Lisbôa, 1778; *Cinco sonetos eroticos de Garção*, Roma, 1887, compilados por J. A. de Azevedo Castro, a quem se deve uma bella edição das producções de *Corydon Erymantheo*, tambem auctor das comedias *Assembléa ou Partida* e *Theatro novo*.

1728-1770

DOMINGOS DOS REIS QUITA

SONETO

Pelo campo cantando vae contente
O Lavrador seguindo o curvo arado:
E canta na prizão o desgraçado
Ao triste som de uma aspera corrente.

Aquelle, canta alegre, e docemente
Nas suaves pensões de seu Estado;
Este só por vingar-se de seu fado,
Com o Canto disfarça o mal que sente.

Eu tambem já em doces alegrias
Qual Lavrador, cantei n'esta espessura,
Sem conhecer do Fado as tyrannias:

Porém hoje de Amor na prisão dura
Com o Canto disfarço as agonias
Por vingar-me de minha desventura.

Obras Poeticas de Domingos dos Reis Quita, tomo I, Lisbôa, 1781, pag. 232.

Domingos dos Reis Quita *(Alcino Mycenio)* nasceu em Lisbôa em 1728 e faleceu em 26 de agosto de 1770. Tendo ficado orfão de pae, aos treze anos, e sem recursos, a mãe viu-se forçada a mete-lo num estabelecimento, como aprendiz de cabeleireiro. Admirador de Camões e de Francisco Rodrigues Lobo, muito aproveitou com a leitura de suas obras. Protegido pelo conde de S. Lourenço, e abandonando a carreira que encetou, foi um dos fundadores da *Arcadia Ulissiponense*, na qual brilharam tambem Garção, Cruz e Silva, Francisco José Freire *(Candido Luzitano)*, etc. Garrett considera Domingos dos Reis Quita «como o nosso melhor bucolico».

Bibliografia: *Obras poeticas de Domingos dos Reis Quita*. Lisbôa, 1781, 2 vol. O 1.º comprehende *Lycoris* (drama pastoril); o 2.º, alem doutras produções, as tragedias *Asturte*, *Megera*, *Hermione* e *Ignez de Castro*. A primeira foi traduzida para inglez, em 1800.

1731-1799

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

SONETO

Ja se vai das estrellas apagando
A scintillante luz, e a roixa Aurora,
Das aves despertando a voz canóra,
Que alegre no Oriente vem raiando!

Do horisonte o clarão annunciando
Do Sol a nova vinda as nuvens córa,
Que em orvalho desfeitas vão agora
As viçosas hervinhas prateando.

Vem, graciosa manhã, e a sombra fria
Ligeira desfazendo, vem de Elpino
Encher o triste peito de alegria.

Pois hoje, apesar do seu destino,
Outro mais bello Sol, que encobria,
Verá de uns olhos no fulgor divino.

Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva, tomo I, Lisbôa, 1807, pag. 6.

Antonio Diniz da Cruz e Silva *(Elpino Nonacriense)* nasceu em Lisbôa em 4 de julho de 1731 e faleceu em 5 de outubro de 1799, e, segundo outros, em 1800. Era formado em direito e foi um dos fundadores da *Arcadia Ulissiponense,* academia que tinha por fim examinar e criticar as obras literarias de seus associados. Para esse efeito, e segundo os Estatutos, tinha censores e arbitros. Inspirando-se na questão havida em Elvas entre o bispo D. Lourenço de Lencastre e o deão José Carlos Lara, notabilisou-se, escrevendo o celebre poema comico, *Hyssope.* Descoberta, em Minas Geraes, a conspiração em que entravam os poetas Claudio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto, tiveram como juiz inflexivel Cruz e Silva, Desembargador da Relação do Rio de Janeiro.

Bibliografia: *Odes pindaricas,* 1801; *O Hyssope* (impresso em Paris, com a designação de Londres). 1802; *Falso heroismo* (comedia); *Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva na Arcadia de Lisbôa, Elpino Nonacriense,* tomo I, Lisbôa, 1807; II e III, 1811; IV, 1814; V, 1815 e VI, 1817.

1734-1819

FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO

SONETO

Uns lindos olhos, vivos, bem rasgados,
Um garbo senhoril, nevada alvura;
Metal de voz que enleva de doçura,
Dentes de aljofar, em rubi cravados:

Fios de ouro, que enredão meus cuidados,
Alvo peito, que cega de candura;
Mil prendas; e (o que é mais que formosura)
Uma graça, que rouba mil agrados.

Mil extremos de preço mais subido
Encerra a linda Marcia, a quem off'reço
Um culto, que nem della inda é sabido:

Tão pouco de mim julgo que a mereço,
Que enoja-la não quero de atrevido
C'o as penas, que por ella em vão padeço.

Obras de Filinto Elysio, tomo I, Lisbôa, 1836, pag. 217 e 218.

Francisco Manoel do Nascimento *(Filinto Elysio)* nasceu em Lisbôa em 23 de dezembro de 1734 e faleceu em 25 de fevereiro de 1819, em Paris. Tendo abraçado a carreira eclesiastica e sido perseguido pelo Santo Oficio, viu-se obrigado a emigrar para a França, paiz onde residiu por larguissimo tempo. Tambem viveu na Hollanda. Por lhe terem confiscado os bens, teve, por vezes, epocas bastante calamitosas na sua existencia. Para poder viver, fez muitas traduções, contando-se entre ellas, *Os Martyres*, de Chateaubriand, *Oberon*, de Wieland, as *Fabulas*, de Lafontaine, etc. Francisco Manoel do Nascimento, ainda conhecido por *Niceno*, usou os pseudonimos de: *Agostinho Soares de Vilhena e Silva, Gregorio da Silva Pinto, Lourenço da Silveira Mattos, Marcellino da Fonseca Mine's Noot* e *Rodrigo Marques*.

Bibliografia: Das suas obras ha uma edição em 11 volumes, publicada em 1817-1819, em Paris, e outra de 22 volumes, feita em Lisbôa. As produções poeticas foram publicadas, pela primeira vez, sob o titulo de *Versos de Filinto Elysio*, em 1798. Em 1803, publicou *A verdadeira historia de Arnindo e Florisa*.

1741-1811

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA

AOS TOUCADOS ALTOS

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena,
Que o furtado colchão, fofo, e de pena,
A filha o ponha ali, ou a criada:

A filha, moça esbelta e aperaltada,
Lhe diz co'a doce voz, que o ar serena:
«Sumiu-se-lhe um colchão, é forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada.»

Tu respondes-me assim? tu zombas d'isto?
Tu cuidas que por ter pae embarcado,
Já a mãe não tem mãos?» E dizendo isto,

Arremette-lhe á cara e ao penteado:
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sae-lhe o colchão de dentro do toucado.

Obras completas de Nicolau Tolentino de Almeida, Lisbôa, 1861, pag. 39.

Nicolau Tolentino de Almeida nasceu em Lisbôa em 1741 e faleceu em 23 de junho de 1811. Poeta satirico por excelencia, era formado em direito, não obstante ser filho de paes pobres. Foi, durante muitos annos, professor de retorica e official da secretaria de Estado dos Negocios do Reino. Algumas de suas satiras tornaram-no celebre; entre as melhores citarei: *Função e Guerra, Passeio e Bilhar*. Poeta da *Escola Franceza ou Arcadica*, que teve vultos proeminentes como: Francisco Leitão Ferreira, Diogo Barbosa Machado, Fr. Manoel do Cenaculo, João Pedro Ribeiro, Manoel Antonio Coelho da Rocha, Raphael Bluteau, Francisco Xavier de Oliveira, Antonio Nunes Ribeiro Sanches, Francisco José Freire, Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, Borges Carneiro, Avellar Brotero, etc., etc., — Nicolau Tolentino é um dos nossos mais distinctos poetas satiricos.

Bibliographia: *Obras Poeticas*, 2 vol., Lisbôa, 1801. *Obras completas de Nicolau Tolentino de Almeida com alguns ineditos e um ensaio biographico-critico por José de Torres*. Illustrado por Nogueira da Silva, Lisbôa, 1861.

1745-1818

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

SONETO

Com tristissimos ais, lugubres vozes,
Com lagrimas nascidas de saudade,
Trazem a Castro digna de piedade
Ante o Rei os horrificos Algozes.

Qual com razões indignas, e ferozes
Ao Rei tyranna morte persuade;
Qual armado de bruta crueldade
Inventa contra Ignez penas atrozes.

Mas ella para o Ceo erguendo a face,
Com valor nunca visto em peito forte,
Não sente que o Ministro as mãos lh'atasse.

Só sente que a infeliz, iniqua sorte
A Pedro dos seus olhos ausentasse,
Que huma saudade he mais cruel, q'ã morte.

Sonetos a D. Ignez de Castro (2.ª edição),
Lisbôa, 1824, pag. 12.

Antonio Ribeiro dos Santos *(Elpino Duriense)* nasceu em Massarellos em 1745 e faleceu em 1818. Doutor em Leis, lente da Universidade de Coimbra, Desembargador da Casa da Supplicação, Bibliothecario-mór da Bibliotheca Publica de Lisbôa e socio da Academia Real das Sciencias, deixou muitos e valiosos trabalhos literarios.

Bibliografia: *A verdade da religião christã,* Coimbra, 1787; *Sonetos a D. Ignez de Castro,* Lisbôa, 1783; nas *Memorias da Litteratura* da Academia Real das Sciencias, publicou interessantes estudos, intitulados: *Memoria da Litteratura Sagrada dos Judeus portugueses desde os primeiros tempos da monarchia até os fins dos seculos* XV, XVI, XVII e XVIII; *Memorias sobre os matematicos Francisco de Mello e Pedro Nunes; Memoria de algumas traducções biblicas menos vulgares em lingua portuguesa, e especialmente sobre a obra de João Ferreira de Almeida; Ensaio de uma Bibliotheca Lusitana anti-rabinica ou memorial dos escriptores portugueses que escreveram de controversia anti-judaica; Memoria sobre a origem da Typografia em Portugal no seculo* XV e XVI; *Das origens e progressos da poesia portuguesa.*

1748–1810

DOMINGOS MAXIMIANO TORRES

Á VIDA RUSTICA

Feliz o que da côrte retirado
Lá nos campos que herdou de seus maiores,
Imitando os singelos lavradores,
Volve os patrios torrões co'liso arado,

Não desperta jamais alvoroçado
Da rude chusma aos nauticos clamo es;
Nem ao tom dos horrificos tambores,
Ou da estrondosa bomba ao rouco brado.

Sem de temor pender, nem de esperança,
Não vae co'a leve turba aduladora
Incensar os altares da privança.

Humilde emfim a Providencia adora,
No meio da tormenta ou da bonança:
Esta é a vida, oh céos, que me namora.

Versos do Bacharel Domingos Maxi
miano Torres, Lisbôa, 1791, pag. 17.

Domingos Maximiano Torres *(Alfeno Cynthio)* nasceu em Rio de Mouro em 6 de fevereiro de 1748 e faleceu em 5 de outubro de 1810. Conhecendo a fundo as linguas gregas e latina, pertenceu á Nova Arcadia *(Academia das Bellas Lettras)* e á Academia Real das Sciencias. Em 1810 foi preso, e pelas suas ideias liberaes levado para a Trafaria, contribuindo este facto para lhe encurtar seus dias. Usou o pseudonimo de *Cypriano, Antonio Botelho Rosa e Castro* e as iniciaes *B. D. D. M. T.* Segundo *Filinto Elisio*, de quem era amigo intimo, o soneto 79, com que fecha os seus *Versos*, é uma obra prima.

Bibliografia: *Versos do bacharel Domingos Maximiano Torres Alfeno Cynthio*, Lisbôa, 1791; *O Alvoroço, drama pastoril para s cantar em obsequio do nascimento do senhor D. Antonio, Principe d Beira; Ensaio metrico sobre a paraphrase de Psalmos*, Lisbôa, 1806 *A' morte do serenissimo Principe do Brazil o senhor D. José.* Ode (B. D. M. F.)

1763-1856

FRANCISCO JOAQUIM BINGRE

SAIBA MORRER O QUE VIVER NÃO SOUBE

GLOSA

Se o erro conheceu o Vate Elmano
(Alvo Cisne que honrou o patrio Sado:)
No seu ultimo fim de haver cantado
Na sua doce lyra, amor profano:

Se elle então conheceu o falso engano
Dos vãos prazeres para Deos virado:
Eu, que seu socio fui, quasi finado,
Abraço hoje como elle o desengano.

Elle na hora extrema o voo alçando
Não lhe importa que a morte a vida roube,
Pois contricto subia a Deos louvando.

Se uma ventura egual tambem me coube,
Finde o Cisne do Vouga assim cantando,
Saiba morrer o que viver não soube.

Miscellanea Historico Romantica composta por Antonio Francisco Barata, Barcellos, 1878, pag. 148.

Francisco Joaquim Bingre (Francisco Vouguense) nasceu em S. Thomé de Canellas (districto de Aveiro) em 9 de julho de 1763 e faleceu em 26 de março de 1856, em Mira. De combinação com o padre Caldas, foi um dos iniciadores da *Nova Arcadia (Academia de Bellas Letras de Lisbôa)* instituida em 1790 pelo Conde de Pombeiro, José de Vasconcellos e Sousa. A séde desta Academia era no Castello de S. Jorge, onde funcionava sob a direcção de Pina Manique e protecção de D. Maria I. Bastante infeliz, luctou com dificuldades monetarias nos ultimos anos de sua existencia. Firmou alguns artigos com as iniciaes *A. B. Q.*

Bibliografia: *As nenias ou sentimentos paternaes*, 1818; *O cidadão liberal rindo com a sua sanfona dos corcundas portuguezes*, Porto, 1822; *O moribundo Cysne do Vouga*, Porto, 1850. Deixou um poema inedito, *As Mulheres*.

1765–1805

MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

SONETO

Já Bocage não sou!... A' cova escura
Meu estro vae parar desfeito em vento...
Eu aos ceus ultragei! O meu tormento
Leve me torne a terra dura:

Conheço agora quam vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento
Musa! Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrépendo, a lingua quasi fria
Brade em alto pregão á mocidade.
Que atraz do som phantastico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
Manchei... Oh! Se me crêste, gente impia
Rasga meus versos, crê na eternidade!

Obras Completas de Bocage, Lisbôa, 1902, 1.º vol., soneto 308, pag. 319.

Manoel Maria Barbosa du Bocage *(Elmano Sadino)* nasceu em Setubal em 15 de setembro de 1765 e faleceu em Lisbôa em 21 de dezembro de 1805. Improvisador brilhante e sonetista notavel, a vida de Bocage foi muito agitada. Aos desaseis anos era gnarda marinha. Contando apenas vinte e um anos, partiu para a India com o posto de tenente, tendo depois de varias vicissitudes regressado a Lisbôa, em 1790. O seu genio irrequieto e insubmisso valeu-lhe ser deportado da India para Macau, e de ter de prestar por mais de uma vez contas ao Santo Oficio. Poeta popular e satirico impiedoso, não poupou os poetas da *Nova Arcadia*, nem mesmo José Agostinho de Macedo e Curvo Semedo. A satira *Pena de Talião* demonstra bem o estro de Bocage.

Bibliografia: *Rimas*, tomo I, 1791; II, 1799; III, 1804; *Obras poeticas*, tomo IV, 1812; *Verdadeiras ineditas*, tomo IV, 1813; *Obras poeticas*, tomo V, 1813; VI, 1842; *Obras poeticas de Bocage*, vol. I a VIII, 1876. Fez muitas traduções.

1766-1838

BELCHIOR MANOEL CURVO SEMEDO TORRES DE SEQUEIRA

A VIRGEM MARIA DA CONCEIÇÃO

Mai dos tristes Mortaes, Virgem Celeste,
Intacta, pura, Santa, Immaculada,
Calça-te a Lua, e d'Orbes coroada,
Fulgor mais puro, que o sol te veste:

No collo a planta á serpe audaz pozeste
Que em vão se anella, se corcova anciada,
Abriste as portas de Sião sagrada,
E ao mundo escravo redempção trouxeste.

Depois que leis observa a natureza,
Só tu nasceste, por divino arcano,
De graças fonte, fonte de pureza;

Que na mente do Eterno Soberano
Foste ab-inicio do contagio illesa,
Qu'a prole infesta do primeiro humano.

Composições Poeticas de Belchior Manoel Curvo Semedo, vol. I, Lisbôa, 1803, pag. 57.

Belchior Manoel Curvo Semedo Torres de Sequeira *(Belchior Transtagano)* nasceu em Montemór o Novo em 15 de março de 1766 e faleceu em Lisbôa em 28 de dezembro de 1838. Oficial de Engenheiros e Escrivão da Mesa dos Portos Seccos da Alfandega Grande de Lisbôa e um dos cinco dissidentes da *Academia de Humanidades*, pertenceu tambem á *Nova Arcadia*, da qual fizeram parte, entre outros: Pato Moniz *(Olino)*, José Agostinho de Macedo *(Elmiro Tagideu)*, Bocage *(Elmano Sadino)*, Belchior Manoel Curvo Semedo *(Belmiro Transtagano)*, Francisco Joaquim Bingre *(Francilio Vouguense)*, etc.

Bibliografia: *Composições poeticas* (2 vol.), 1803; o 3.º apareceu em 1817 e o 4.º em 1835; *Ode na feliz exaltação ao solio portugues do senhor D. Miguel I*, Lisbôa, 1828; *Traducção das Fabulas de Lafontaine*, Lisbôa, 1820.

† 1789

JOÃO XAVIER DE MATTOS

SONETO

Eu vi huma Pastora em certo dia
Pelas praias do Tejo andar brincando,
Os redondos seixinhos apanhando,
Que no puro regaço recolhia.

Eu vi nella tal graça, que faria
Inveja a quantas ha; e o gesto brando,
Com que o sereno rosto levantando,
Parece namorava quanto via.

Eu vi o passo airoso, a compostura,
Com que depois me pareceo mais bella,
Guiando os cordeirinhos na expessura.

Eu o digo de todo; vi a Estélla:
De graça, de candor, de formosura
Só poderei ver mais, tornando a vela.

Rimas de João Xavier de Matos, Lisbôa, 1827, tomo I, pag. 30.

João Xavier de Mattos *(Albano Erythreo)* faleceu em 4 de novembro de 1789, como consta do epitafio que o seu amigo, o bacharel Joaquim Antonio Alho Matoso, lhe mandou gravar na sepultura, existente na matriz da vila de Frades (Alemtejo). Pouco mais se sabe acerca d'este poeta.

Bibliografia: *Rimas de João Xavier de Mattos, entre os pastores da Arcadia Portuense Albano Erythreo, dedicadas á memoria do grande Luiz de Camões Principe dos Poetas Portugueses.* Lisbôa, 1770; *Elogio funebre do Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Francisco Xavier Telles,* 1779; *Elegia na morte do Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez de Niza.* Lisbôa, 1784; *Ao Ex.mo e Ill.mo Sr. D. Manoel do Cenaculo,* bispo de Beja. Canção, 1784; *Elegia á morte do sr. D. José Principe do Brazil.* Lisbôa, 1788; *Ecloga de Dorindo e Floro,* Lisbôa, 1789; *Hymno a Nossa Senhora no inefavel mysterio da sua immaculada Conceição* (obra postuma), Lisbôa, 1793.

QUARTA PARTE

POETAS LUSO-BRASILEIROS

Bio-bibliografia Luso-Brasileira

Os Varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes, por J. M. Pereira da Silva, Paris, 1852. Neste curioso trabalho ocupa-se Pereira da Silva, entre outros, de: Gregorio de Mattos Guerra, Alexandre de Gusmão, Antonio José da Silva, Claudio Manoel da Costa, Antonio Pereira de Sousa Caldas, José Bonifacio de Andrada e Silva, Manoel Botelho de Oliveira, Luiz Paulino da França, etc.

Curso Elementar de Litteratura Nacional, pelo conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, 2 vol., Rio de Janeiro, 1862.

Histoire de La Litterature Bresilienne, por Ferdinand Wolf, Berlim, 1863.

Diccionario Bibliographico Portuguez, por Innocencio Francisco da Silva e Brito Aranha, 21 vol., Lisboa 1868 a 1915.

O Lirismo Brasileiro, por José Antonio de Freitas, Lisbôa, 1877.

Nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e Brasil, por J. M. Pereira da Silva, Paris, 1881.

Diccionario Bibliographico Brasileiro, pelo Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, Rio de Janeiro, 1883-1902.

A Litteratura brasileira nos tempos coloniaes do seculo XVI *ao começo do* XIX, por Eduardo Perie, Buenos Ayres, 1885.

Parnaso Brasileiro, por Mello Moraes Filho, Rio de Janeiro, 2 vol., 1885.

Brasil Historico, pelo mesmo.

Antologia Amazonica, por J. Eustachio de Azevedo, Belem, 1904.

Quadro Synthetico da Evolução dos Generos na Litteratura Brasileira, por Sylvio Romero, Porto, 1911.

Bibliotheca Nacional de Obras Celebres, em 24 vol. (antologia em prosa e verso de Escriptores Portugueses e Brasileiros). Esta valiosa e muito util publicação de que ha apenas um exemplar em Lisbôa, foi dirigida pelo sr. Joãc Costa e Antonio Sergio e teve como revisor o distincto bibliotecario da Biblioteca Nacional de Lisbôa, sr. Raul Proença.

Bibliografia da Litteratura Classica Luso Brasilica. Este importante e conscienciosо trabalho deve-se unica e exclusivamente á iniciativa do livreiro desta cidade, José dos Santos, seu auctor, Lisboa, 1917, 1918. Enriquecem-na nitidos fac-similis.

Pequena edição dos Sonetos Brasileiros, por Laudelino Freire, Rio de Janeiro, s/d.

Gregorio de Mattos Guerra. Vide tomo I de *Os Varões illustres do Brasil,* por J. M. Pereira da Silva, Paris, 1868 e *Florilegio da Poesia Brasileira,* por F. A. Varnhagem, tomo I, Lisboa, 1850.

Manoel Botelho de Oliveira. Vide tomo II de *Os Varões illustres do Brasil* e *Ensaio bibliographico Critico sobre os melhores Poetas Portuguezes,* por Costa e Silva.

Alexandre de Gusmão. Vide *O Plutarco Brasileiro,* por J. M. Pereira da Silva, tomo I, e da *Vida e feitos de Alexandre de Gusmão,* pelo Visconde de S. Leopoldo, 1841.

Claudio Manoel da Costa. Vide *Revista Popular do Rio,* tomo XII.

José Basilio da Gama. Vide *Florilegio da Poesia Brasileira,* por Varnhagem e o tomo I dos *Varões illustres do Brasil,* por J. M. Pereira da Silva.

Domingos Caldas Barbosa. Vide *Diccionario Bibliographico Brasileiro,* pelo Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake e *Diccionario Popular.*

Antonio Pereira de Sousa Caldas. Vide tomo I d *Plutarco Brasileiro,* por J. M. Pereira da Silva e o *Resumé de L'Histoire litteraire du Portugal,* por Ferdinand Diniz, Paris, 1826.

José Bonifacio de Andrada e Silva. Vide o *Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva,* pelo Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia. *Revista trimestral do Instituto,* tomo III, 1846.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha. Vide *Diccionario Bibliographico Brasileiro,* tomo I, por Victorino Alves Sacramento Blake.

Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França. Vide tomo II de *Os Varões illustres do Brasil,* por J. M. Pereira da Silva, Paris, 1868.

Francisco Sotero dos Reis. Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez,* tomo 3.º e 9.º e *Diccionario Bibliographico Brasileiro.*

Antonio Peregrino Maciel Monteiro. Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez,* tomo 8.º e *Diccionario Bibliographico Brasileiro.*

José Maria do Amaral. Idem, idem.

Joaquim Guilherme Ratcliffe. Vide *Bibliographias de Pernambucanos illustres,* pelo comendador Antonio Joaquim de Mello e *Brasil Historico,* por Mello Moraes.

1623–1696

GREGORIO DE MATTOS GUERRA

SONETO

Adeos, vão pensamento, adeos cuidado,
Que eu te mando de casa despedido;
Porque sendo de huns olhos bem nascido,
Foste com desapego mal criado.

Nasceste de hum Acaso não pensado,
E criou-te hum olhar pouco advertido,
Cresceste na esperança de entendido,
E ás mãos morreste de hum desesperado;

Icaro foste, que atrevidamente
Te remontaste á esphera dà luz pura,
De donde te arrojou teu voo ardente.

Fiar do Sol he irracional loucura!
Porque nesse brandão do Ceo luzente
Falta a razão, si sobra a formosura.

Ensaio Biographico Critico sobre os melhores Poetas Portugueses, por Costa e Silva, tomo IX, Lisbôa, 1855, pag. 18.

Gregorio de Mattos Guerra (mais conhecido pelo *Bocca do Inferno)* nasceu na Bahia em 7 de abril de 1623, segundo alguns auctores, ou em 20 de dezembro de 1633, segundo outros, e faleceu em 1696. Poeta satirico e magistrado douto (era formado em leis pela Universidade de Coimbra) voltando á sua patria, após trinta e tal anos de ausencia, ahi exerceu o cargo de thesoureiro mór da Sé e de vigario geral do arcebispado. Tantas e taes satiras escreveu contra tudo e todos que foi deportado para Angola, donde regressou pobre e doente. Poucos mezes antes de morrer, viu-se obrigado a ir para um asilo, visto ser grande a miseria a que chegara. Creador do decasilabo portugues (conhecido algum tempo pelo verso Gregoriano), e só então usado pelos italianos, era irmão do poeta Eusebio de Mattos.

Bibliografia: *Obras sacras e divinas* pelo licenceado Manoel Pereira Rebello.

1636–1711

MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

SONETO

Creou Deos na celeste architectura
Dous luzeiros com giro cuidadoso,
Um, que preside ao dia luminoso,
Outro, que presidisse á noite escura.

Dous luzeiros tambem de igual ventura
Criou na terra o Artifice piedoso,
Um, que foi da Escriptura sol famoso,
Outro, planeta de ignorancia impura.

Brilhando juntos um, e outro luzeiro,
Com sabia descrição, siso profundo,
Não podia viver sem companheiro.

Succedeu justamente neste mundo,
Que fenecendo aquelle por primeiro,
Este tambem fenece por segundo.

Ensaio Biographico Critico sobre os melhores Poetas Portugueses, por Costa e Silva, tomo X, Lisbôa, 1855, pag. 70 e 71.

Manoel Botelho de Oliveira nasceu na Bahia em 1636 e faleceu em 5 de janeiro de 1711. Na Universidade de Coimbra estudou direito civil, exercendo o cargo de capitão mór na sua terra natal. Acêrca das suas produções poeticas, diz Innocencio da Silva, no *Diccionario Bibliographiço:* «Os versos deste poeta com quanto escriptos no gosto dominante do tempo, são menos eivados dos vicios do gongorismo do que geralmente se observa nos seus contemporaneos. Distinguem-se por alguns rasgos de originalidade e pelo colorido local; e a linguagem é pura, corrente e harmoniosa.»

Bibliografia: *Musica do Parnasò, dividida em quatro choros, Rimas Portuguesas, Castelhanas e Latinas, com seu descante comico reduzido em duas comedias,* Lisbôa, 1705.

1695–1753

ALEXANDRE DE GUSMÃO

SONETO

Isto não é vaidade; he desengano
Que dou ao vosso errado pensamento;
Dei-vos o ser, e dei-vos documento
Para fugirdes da soberba ao dano.

Esta vaidade, com que o Mundo engano,
Foi da Fortuna errado movimento,
Subi, mas tive humilde nascimento,
Assim foi Veriato, assim Trajano.

Quando souberdes lêr do Mundo a Historia
Dos dous Heroes, que tómo por empreza,
Vereis a minha, e mais a vossa gloria.

Humilde, quanto ao ser da Natureza,
Illustre nas acções e esta memoria
He só quem pode dar-nos a grandeza.

Ensaio Biographico Critico sobre os melhores Poetas Portugueses, por Costa e Silva, tomo IX, Lisbôa, 1855, pag. 43.

Alexandre de Gusmão nasceu em Santos (Brasil) em 1695 e faleceu em 31 de dezembro de 1753. Irmão de Bartholomeu de Gusmão, após ter concluido, em Coimbra, o curso de leis, como secretario, fez parte da embaixada que partiu para França, cujo chefe era D. Luiz da Camara, Conde de Ribeira Grande. Em Paris, doutorou-se em direito civil, romano e eclesiastico, sendo no seu regresso a Portugal, em 1720, nomeado Fidalgo da Casa Real e professor da Universidade de Coimbra. Diplomata illustre, secretario da puridade de D. Affonso V, e enviado extraordinario e plenipotenciario, a Roma, com inteligencia e fino tacto resolveu varias questões pendentes.

Bibliografia: *Aventuras de Diophanes, imitando o sapientissimo Fenellon na sua viagem de Telemaco por Derothea Engracia Tavareda Dalmira. Seu verdadeiro auctor Alexandre de Gusmão,* Lisbôa, 1790; *Relação da entrada publica que fez em Paris aos* 18 *de agosto de* 1715 *o Ex.mo sr. D. Luiz da Camara á corte de França,* Paris, 1715; *Collecção de varios Escriptos ineditos politicos e litterarios,* Porto, 1841.

1723-1789

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

SONETO

Estes olhos são a minha amada:
Que bellos, que gentis, e que formosos!
Não são para os mortaes tão preciosos
Os doces fructos da estação dourada.

Por elles a alegria derramada,
Tornam-se os campos de prazer gostosos;
Em Zefyros suaves, e mimosos
Toda esta região se vê banhada;

Vinde, olhos bellos, vinde; e em fim trasendo
Do rosto do meu bem as prendas bellas
Dai allivios ao mal que estou gemendo:

Mas ah delirio meu, que me atropellas!
Os olhos, que eu cuydey, que estava vendo,
Erão (quem crera tal!) duas estrellas.

Obras poeticas de Claudio Manoel da Costa, Coimbra, 1768, pag. 16.

Claudio Manoel da Costa — *Glauceste Saturnino* — nasceu em Marianna (provincia de Minas Geraes) em 16 de junho de 1723 e enforcou-se em 1789. Formado em Canones, pela Universidade de Coimbra, foi indigitado como chefe da conspiração que tinha por fim tornar independente o Brasil. Com este poeta, finda o primeiro periodo da Historia da Literatura Brasileira, marcado por Silvio Romero, *periodo de formação*, que vai de 1500, apparecimento da *Prosopopea* de Bento Teixeira Pinto, a 1768, data da publicação das *Obras Poeticas* de Claudio Manoel da Costa. O segundo periodo, *desenvolvimento automatico*, vai de 1768 a 1836, apparecimento dos *Suspiros Poeticos* de Gonçalves de Magalhães; o terceiro, *periodo de reacção romantica*, vai de 1836 a 1875, data da publicação dos *Ensaios de Philosophia e Critica* de Tobias Barreto; depois, segue-se o ultimo periodo: *reacção critica e naturalista, parnasiana e symbolista*.

Bibliographia: *Manusculo Metrico*, Coimbra, 1751; *Numeros harmonicos temperados em heroica e lyrica consonancia*, 1753; *Labyrintho de Amor* (poema), 1753; *Obras Poeticas de Claudio Manoel da Costa Arcade Ultramarino*, Coimbra, 1768; *Villa Rica* (poema), 1768.

1740-1795

JOSÉ BAZILIO DA GAMA

A UMA SENHORA

Na edade em que eu brincando entre os pástores
Andava pela mão e mal andava,
Uma nympha commigo então brincava
Da mesma edade e bella como as flôres.

Eu com vê-la sentia mil ardores.
Ella punha-se a olhar e não falava;
Qualquer de nós podia vêr que amava,
Mas quem sabia então que eram amores?

Mudar de sitio á nympha já convinha,
Foi-se a outra Ribeira; e eu naquella
Fiquei sentindo a dôr que n'alma tinha.

Eu cada vez mais firme, ella mais bella;
Não se lembra ella de que foi minha,
Eu ainda me lembro que sou d'ella!

Pequena edição dos Sonetos Brasileiros,
por Laudelino Freire, pag. 9.

José Bazilio da Gama nasceu em S. José de El-Rei em 1740 e faleceu em 31 de julho de 1795. Poeta do *Periodo Classico*, da *Escola Mineira*, que teve como honrosos representantes Gonzaga, Claudio Manoel da Costa, Durão e Alvarenga Peixoto, pode brilhantemente figurar ao lado dos poetas de igual periodo: da *Escola Bahiana*, Gregorio de Mattos Guerra, Santa Maria Itaparica e Manoel Botelho Guerra; da *Escola Pernambucana*, Bento Teixeira Pinto; da *Escola Fluminense*, Silva Alvarenga e Sousa Caldas; da *Academia dos Esquecidos*, João de Brito e Lima, Sebastião da Rocha Pitta, etc.; da *Arcadia Ultramarina*, Luis Paulino Pinto da França, Tenreiro Aranha, etc.; da *Arcadia Franciscana Fluminense*, Fr. Antonio de S. Ursula Rodovalho, Fr. Francisco de S. Carlos, etc. E de então para cá, que brilhantissima serie de nomes nas sciencias, nas letras e nas artes, refulgem nas paginas da Historia Literaria, Scientifica e Artistica do Brasil! Vidé pag. 172 do 1.º vol da minha antologia — *Poetisas Portuguesas*.

Bibliografia: *Uruguay*, poema, Lisbôa, 1769; *Declamação tragica*, Lisbôa, 1791; *O Entrudo* (satira) e *Quitubia*, Lisbôa, 1791.

1740-1800

DOMINGOS CALDAS BARBOSA

SONETO

Neste dia fatal — infausto dia,
Nasceu ao mundo mais um desgraçado;
E bem que pelas musas embalado,
Só para Melpomene é que nascia:

Quando a funesta aurora resurgia,
O lucido caminho achou turbado,
Negro vapor da terra aos ceus alçado,
Veiu empecer-lhe a alegre louçania:

Tres vezes trôa o ceu, e do Cocyto
Soltou a inveja as viperinas tranças,
Soou da parte esquerda um rouco grito:

Ah! nasceste infeliz — e em vão te canças!
Lereno, já teu fado estava escripto,
Serão teu maior bem vãs esperanças.

Florilegio da Poesia Brasileira, por F. A. Varnhagen, vol. II, Lisbôa, 1850, pag. 486.

Domingos Caldas Barbosa *(Lereno)* nasceu no Rio de Janeiro em 1740 e faleceu em Lisbôa em 9 de novembro de 1800. Segundo outros, nasceu a bordo. Socio da Arcadia de Roma, e da Nova Arcadia, tornaram-no celebre as polemicas literarias que sustentou contra Bocage.

Foi beneficiado e capelão da Casa da Supplicação de Lisbôa e Presidente da Academia de Bellas Lettras.

Bibliografia: *A Doença*, poema, Lisbôa, 1779, sahido com o pseudonimo de *Lereno Selimuntino; Collecção de Poesias feitas na feliz inauguração da estatua d'El-Rei Nosso Senhor D. José em* 6-6-1775; *Recopilação dos principaes sucessos da Historia Sagrada* (verso), Porto, 1792; *Viola de Lereno*. Collecção de suas cantigas, Bahia, 1813; *A saloia namorada, ou o remedio é casar*, pequena farça dramatica que ás senhoras portuguesas oferece e dedica Domingos Caporani e Miguel Cavanne, representada por elles e outros socios no Real Theatro de S. Carlos, Lisbôa, 1793; *Descripção da grandiosa quinta dos senhores de Bellas, e noticia do seu melhoramento*, 1799; *A Vingança da Cigana*.

1762-1814

ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS

JUNTO Á SEPULTURA DE D. IGNEZ DE CASTRO

Os amores em chusma se ajuntaram
A formar esta lugubre escultura;
Mas ao traçal-a, cheios de ternura,
Os meigos olhos com as mãos taparam.

O genio da Tristeza, que invocaram
Lhes applica o cinzel á pedra dura
E a triste magestosa sepultura
De Ignez e Pedro juntos acabaram.

Para admirar esta obra lá de Gnido
Talhando os ares, vem ligeiramente,
Vaidoso e ufano, o fero deus Cupido.

Mas ao vel-a desmaia e de repente
De compaixão insolita movido,
O rosto vira; e o banha em pranto ardente.

Almanach de Lembranças, de 1881, pag. 164.

O Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas nasceu no Rio de Janeiro em 24 de novembro de 1762 e faleceu na mencionada cidade em 2 de março de 1814. Formado em Leis pela Universidade de Coimbra, as suas poesias foram anotadas pelo general Stokler. O 1.º volume comprehende os psalmos de David; o 2.º poesias diversas. Poeta lirico inspirado foi tambem afamado orador sagrado. Tendo viajado muito pela Europa, mereceu a simpatia do Papa Pio VI.

Bibliografia: *Obras poeticas do Reverendo Antonio Pereira de Sousa Caldas*, Paris, tomo I, 1820; tomo II, *Obras poeticas de Antonio Pereira de Sousa Caldas. Poesias sacras e profanas com notas e additamentos*, Paris, 1821. Em 1841, publicou-se no Rio de Janeiro um pequeno volume com poesias de Sousa Caldas, Bonifacio Andrada, Garção e Ferreira, intitulado: *Poesias sacras e profanas de Sousa Caldas*. Ha na Bibliotheca de Lisbóa um exemplar desta obra, o que infelizmente não sucede com as de outros autores Luso-Brasileiros que tentei consultar.

1763-1838

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

SER E NÃO SER

Se te procuro, fujo de avistar-te,
E se te quero, evito mais querer-te,
Desejo quasi... quasi aborrecer-te,
E se te fujo, estás em toda a parte.

Distante, corro logo a procurar-te,
E perco a voz e fico mudo ao vêr-te,
Se me lembro de ti, tento esquecer-te,
E se te esqueço, cuido mais amar-te.

O pensamento assim partido ao meio,
E o coração assim tambem partido,
Chamo-te e fujo, quero-te e receio!

Morto por ti, eu vivo dividido,
Entre o meu e o teu ser sinto-me alheio,
E sem saber de mim, vivo perdido!

Pequena edição dos Sonetos Brasileiros, por Laudelino Freire, Rio de Janeiro, pag. 11.

José Bonifacio de Andrada e Silva *(O Patriarca)* nasceu em Santos em 13 de julho de 1763 e faleceu em 6 de abril de 1838. Formado em medicina e direito pela Universidade de Coimbra, onde mais tarde regeu uma cadeira de metalurgia, por iniciativa do duque de Lafões, foi proposto socio da Academia das Sciencias. De 1790 a 1800, percorreu em missão de estudo, a Hollanda, a Suecia, a Dinamarca, a Italia, a França e a Allemanha. Tenente coronel do Batalhão Academico, organisado em Coimbra contra as invasões francesas, proclamada a independencia do Brasil exerceu o alto cargo de ministro e deputado. Pertenceu ás Academias de Copenhagne, Stockolmo e Turim.

Bibliografia: *Poesias avulsas* (sahidas com o pseudonimo de *Americo Elyseo)*, Bordeus, 1825; *A Representação á Assembléa geral constituinte e legislativa do imperio do Brasil*, Paris, 1825. Nas *Memorias Economicas da Academia das Sciencias* publicou varios estudos.

1769-1811

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA

A UM PASSARINHO

Passarinho, que logras docemente
Os prazeres da amavel innocencia,
Livre de que a culpada consciencia
Te affija como affije ao delinquente.

Facil sustento, e sempre mui docemente
Vestido te fornece a Providencia;
Sem futuros prevêr, tua existencia
He feliz, limitando-se ao presente.

Não assim, ai de mim! porque soffrendo
A fome, a sede, a enfermidade,
Sinto tambem do crime o peso horrendo.

Dos homens me rodêa a iniquidade,
A calumnia me opprime, e ao fim tremendo,
Me assusta uma espantosa eternidade.

Antologia Amazonica — Poetas Paraenses, por J. Eustachio de Azevedo, Belem, 1904, pag. 4 e 5.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha nasceu em Barcellos, comarca de Rio Negro (Pará) em 4 de abril de 1769 e falleceu em 25 de novembro de 1811, contando apenas 42 annos de idade. Poeta illustre da brilhante pleiade Luso-Brasileira que enriquece as paginas desta antologia e á qual entre outros ainda é de justiça juntar os nomes dos poetas Paraenses, Eustachio de Azevedo, Flexa Ribeiro, Natividade Lima, Acrisio Mota, Padua Carvalho, Vilhena Alves, etc.

Bibliografia: *Oração ou breve discurso feito por occasião do felicissimo nascimento da Serenissima Sr.ª D. Maria Isabel, Infanta de Portugal*, Lisbôa, 1807; *Melizo. Idyllio feito ao Illustrissimo Excellentissimo sr. D. Francisco de Sousa Coutinho*, soneto, 1793; *A promoção do Ex.mo sr. D. Francisco de Sousa Coutinho, governador e capitão general do Pará*, 1793; *Obras litterarias de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha*, Pará, 1850.

1771-1824

LUIZ PAULINO DE OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA

SONETO

A teus pés fundador da monarchia
Vae ser a Lusa gente desarmada!
Hoje rende á traição a forte espada
Que jamais se rendeu á valentia!

O' Rei! se a minha dôr, minha agonia
Penetrar podem sepulcral morada,
Arromba a campa e com a mão mirrada
Corre a vingar a affronta d'este dia.

Eu fiel, qual te foi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei; grata esperança
Me sopra o fogo da immortal coragem.

E as lagrimas, que a dôr aos olhos lança,
Acceita-as, grande Rei, por vassallagem,
Recebe-as em protestos de vingança.

Jornal de Coimbra, n.º 22, vol. v, Lisbôa, 1813.

Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França nasceu na Bahia a 30 de junho de 1771 e faleceu a bordo, quando se dirigia para Portugal, em 8 de janeiro de 1824, depois de, em vão, e por ordem de D. João VI, ter tentado entrar num acordo com o governo brasileiro, após a proclamação da independencia dessa nossa antiga colonia. O explendido e magistral soneto que reproduzo nesta antologia, e que tanta honra faz ás letras Luso-Brasileiras, foi improvisado, segundo refere a tradição, por Pinto da França, então simples tenente de cavalaria n.º 1, perante seu filho, nessa epoca cadete, e mais tarde 1.º conde de Fonte Nova, e o tumulo de Affonso Henriques, existente na Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, como protesto contra a ordem de Napoleão que mandava dissolver, entre varios regimentos, o de Pinto da França que, num gesto de nobilissima altivez, coroou o seu magnifico feito, quebrando a sua espada. Como aconteceu com a Viscondessa de Balsemão e Bocage, pouco antes de morrer, compoz um outro soneto notavel.

Bibliografia: Só consta ter publicado quatro sonetos.

1800–1871

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

SONETO

Se lá na eterna glória a que voaste,
A lembrança do mundo se consente,
Acceita, alma piedosa, a dor pungente
De tudo quanto aqui idolatraste:

O esposo, a filha, os filhos que deixaste,
Em maguas e saudade permanente,
Vivem na terra vida descontente
Des'que as corporeas vestes tu largaste.

Ao seio de Deus, tornas radiante
De virtude e bondade, qual sahiste
Immaculada de nascer no instante.

A nós queixosos neste valle triste
Volve-te como foste sempre amante,
Porque entre nós só amargura existe!

Pequena edição dos Sonetos Brasileiros,
por Laudelino Freire, Rio de Janeiro,
pag. 13.

Francisco Sotero dos Reis nasceu na cidade de S. Luiz (capital da ovincia do Maranhão), em 22 de abril de 1800 e faleceu em 16 de eiro de 1871. Professor, deputado e jornalista, fundou em 1825 *Maranhense*, em 1831 *O Constitucional*, em 1836 *O Investigador ranhense* e em 1840 *A Revista*, publicação que durou dez anos. para lamentar que a maioria dos seus trabalhos literarios se tenha dido. Entre eles, citarei: as *Elegias*, de Tibullo; *Atala*, de Chateauand; *Phedra*, de Racine e *Annaes*, de Tacito (traduções). Neste belo eto ha passagens camoneanas.

Bibliografia: *Postillas de grammatica geral applicada á lingua tugueza pela analise dos classicos*, 1862; *Grammatica Portugueza, modada aos principios geraes da palavra* — Maranhão, 1866; *Commtarios de Caio Julio Cesar* (tradução), 1869; *Curso de litteratura tugueza e brazileira*, 1868.

1804–1868

ANTONIO PEREGRINO MACIEL MONTEIRO

SONETO

Formosa, qual pincel em tela fina
Debuxar jamais poude, ou nunca ousara;
Formosa, qual jamais desabrochara
Na primavera a rosa purpurina:

Formosa, qual si a propria mão divina
Lhe alinhara o contorno e a forma rara;
Formosa, qual no ceu jamais brilhara
Astro gentil, estrella peregrina:

Formosa, qual si a natureza e a arte,
Dando as mãos em seus dons, em seus lavores,
Jamais soube imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, oh! anjo de primores,
Quem pode ver-te, sem querer amar-te!
Quem pode amar-te, sem morrer de amores!

Pequena edição dos Sonetos Brasileiros, por Laudelino Freire, Rio de Janeiro, pag. 15.

Antonio Peregrino Maciel Monteiro (Barão de Itamaracá) nasceu em Pernambuco em 30 de abril de 1804 e faleceu em Lisbôa em 5 de janeiro de 1868. Poeta, orador, jornalista, antigo deputado, Ministro do Exterior, Director da Faculdade de Olinda, Ministro plenipotenciario do Brasil junto da Côrte Portuguesa e bacharel em medicina pela Universidade de Paris, o Barão de Itamaracá foi uma figura de destaque no seu tempo. Versejava com extrema facilidade. Num artigo publicado no *Diario de Pernambuco*, de 6 de fevereiro de 1863, *Curso de Litteratura Brasileira — Poetas Pernambucanos*, afirma seu auctor ser Antonio Peregrino Maciel Monteiro o genuino fundador do lirismo Brasileiro.

Bibliografia: Não fazendo caso de seus versos, creio que nunca os colecionou.

1813–1885

JOSÉ MARIA DO AMARAL

MŒSTUS SED PLACIDUS

Tristezas de minha alma tão sentidas,
Que sois doces memorias do passado,
Do tempo já vivido, e tão lembrado,
Inda me dais as horas já perdidas!

Horas de tanto bem, tão bem vividas,
Quando vivi feliz e descuidado,
Sejam ao coração desenganado
Sonhos que enganem dôres tão gemidas.

Tem hoje o meu viver tal agonia,
Que é doçura a tristeza da saudade,
E a saudade do tempo, é poesia.

Flores da quadra sois da mocidade,
Minha velhice em vós se refugia,
Tristezas de minha alma em soledade...

Pequena Edição dos Sonetos Brasileiros, por Laudelino Freire, Rio de Janeiro, pag. 17.

José Maria do Amaral nasceu no Rio de Janeiro em 14 de março de 1813 e faleceu em Nictheroy em 23 de setembro de 1885. Formado em medicina e em direito pela Universidade de Paris, conselheiro de Estado, foi tambem Ministro Plenipotenciario na Confederação Argentina.

Bibliografia: Não conheço quaesquer trabalhos deste poeta. Colaborou no *Sete de Abril, Mercantil, Correio Mercantil, Estrella d'Alva*, etc.

JOÃO GUILHERME RACTLIFFE

SONETO

Eu não lamento o proximo perigo,
Nem a escura prisão, estreita e forte,
Lamento as caras filhas, a consorte,
A perda irreparavel de um amigo.

A prisão não lamento, outra vez digo,
Nem o ver eminente o duro córte.
E' ventura tambem achar a morte,
Quando a vida só serve de castigo.

Ah! quão depressa então acabar vira
Esse sonho, esse enredo, essa chimera,
Que passa por verdade, e é mentira!

Se eu filhas e consorte não tivera,
E do amigo a virtude eu possuira,
De vida um só instante eu não quizera.

Parnaso Brasileiro, por Mello Moraes Filho, Rio de Janeiro, 1885, pag. 381.

Não pude apurar quando e onde nasceu João Guilherme Ractliffe, e bem assim qual a data do fallecimento. Suponho-o luso-brasileiro, por Mello Moraes Filho o ter incluido no 1.º vol. do *Parnaso Brasileiro*. Não encontrei a seu respeito qualquer indicação no *Diccionario Brasileiro,* pelo que tive de me reportar ao de Innocencio. João Guilherme Ractliffe foi oficial do Ministerio dos Negocios da Justiça. Em virtude das suas ideias exaltadas, deixou de ser protegido pelo ministro José da Silva Carvalho, indo mais tarde para o Brasil, onde foi suplicíado por se ter envolvido numa conspiração politica. Segundo se lê nas *Biografias de Pernambucanos ilustres,* de Antonio Joaquim de Mello, «era homem de olhar scintillante e no seu aspecto existia o quer que fosse de irrequieto e vertiginoso. Fallava com facilidade e correcção».

Bibliografia: Não tenho noticia de qualquer obra literaria que tenha deixado.

QUINTA PARTE

POETAS DE VARIAS ESCOLAS

(1794 á geração actual)

Bio-bibliografia acerca dos Poetas de Varias Escolas

(1794 á ultima geração)

1794-1839

Francisco Raphael da Silveira Malhão. Vide tomo I do livro *Litteratura, Musica e Bellas Artes,* por José Maria de Andrade Ferreira. Lisbôa, 1872.

João Baptista da Silva de Almeida Garrett. Vide *O Visconde de Almeida Garrett,* por Latino Coelho, *Panorama,* Lisbôa, 1855; *Elogio historico de Almeida Garrett,* por José da Silva Mendes Leal, 1856; *Garrett. Memorias biographicas,* por Francisco Gomes de Amorim, 3 vol., Lisbôa, 1881-1884; *Garrett e o Romantismo,* por Theophilo Braga, Porto, 1904; *As cartas amorosas de Garrett,* por Xavier da Cunha, Famalicão, 1899; *Garrett,* artigo de Fidelino de Figueiredo, nos *Serões,* de janeiro de 1911; *Historia do Romantismo em Portugal,* por Theophilo Braga, Lisbôa, 1880; *Garrett e as Cartas de Amor,* por Julio Brandão, Porto, 1913; *Garrett e Castilho,* por Latino Coelho, com um prefacio de Xavier da Cunha, 1918.

Antonio Feliciano de Castilho. Vide tomo III do drama *Camões* (traduzido por Antonio F. de Castilho). *Estudo genealogico, biographico e litterario da familia Castilho,* por Julio de Castilho, vol. 8.º, 2.ª ed.; *Ensaios Criticos,* de Manoel Pinheiro Chagas, Porto, 1866; *Livro de Critica, Arte e Litteratura d'Hoje,* 1868-1869, por Luciano Cordeiro, Porto, 1869; *Sob os Ciprestes,* por Bulhão Pato, Lisbôa, 1877; *Elogio historico de Antonio Feliciano de Castilho,* por Thomaz Ribeiro, 1877 e *Memorias de Castilho,* por Julio de Castilho, Lisbôa, 1881.

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Vide *Parnaso Mariano,* por Abilio Augusto da Fonseca Pinto, 2.ª ed., Coimbra, 1890 e *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro,* para 1898.

Faustino Xavier de Novaes. Vide 2.º vol. dos *Portuenses Illustres,* por José Pereira de Sampaio (Bruno), Porto, 1907 e *Esboços de apreciações litterarias,* por Camillo Castello Branco, 3.ª ed., Lisbôa, 1908.

Henrique O'Neill. Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez.*

José da Silva Mendes Leal. Vide *Poetas lyricos da geração nova*, por L. A. Rebello da Silva *(Revista Peninsular)*, 1856; *Homens e Lettras. Galeria de Poetas Contemporaneos*, por Candido de Figueiredo, Lisbôa, 1881; *Mendes Leal*, por Brito Aranha, Lisbôa. 1886.

Manoel Lourenço Catharino. Vide *Os Successos*, n.º 907, XVII ano, de 1 de dezembro de 1906.

Camillo Castello Branco. Por serem inumeros os trabalhos bio-bibliographicos acerca do nosso primeiro romancista, limitar-me hei a citar a *Revista Bibliographica Camiliana*, por Manoel dos Santos, Lisbôa, 1917; *Traços e notas. Cartas e documentos ineditos*, por Antonio Cabral, 1914; *Camillo Castello Branco. Typos e episodios da sua galeria*, por Sergio de Castro. 1914; *Camillo Castello Branco. Sua vida e sua obra*, por Oldemiro Cesar, 1914; *Em Terra de ingratos. Uma Campanha Camilliana*, por Oldemiro Cesar e Cruz Magalhães, 1917; *Rapsodia Camilliana*, por Antonio Joaquim, s/d.; *Noticia da sua vida e obras*, por Vieira de Castro. Vide Camilliana que segue á biografia de Camillo.

Augusto Luso da Silva. Vide o prefacio de José Pereira de Sampaio, no volume *Ultimos Versos*, de Augusto Luso da Silva, Porto, 1907 e o 2.º vol. dos *Portuenses Illustres*, por Bruno, Porto, 1907.

Raimundo Antonio de Bulhão Pato. Vide *Estudos de litteratura e de Philosophia*, por J. M. da Cunha Seixas, Lisbôa, 1884; *Lisbôa Moderna*, por Zacharias d'Aça, Lisbôa, 1907; *Apreciações litterarias*, por Camillo Castello Branço, 3.ª ed., Lisbôa, 1908; *Figuras d'hontem e d'hoje*, por Julio Dantas, Lisbôa, 1914; *Grilhetas*, por Albino Forjaz de Sampaio, Lisbôa, 1916.

João de Deus Ramos. Vide *As Modernas Ideias na Litteratura Portugueza*, por Theophilo Braga, vol. II, Porto, 1892; *Occidente* de 1896; *As minhas opiniões* (Estudos psycologicos e sociaes), por Teixeira de Queiroz, Lisbôa, 1896; *Almanach de Lembranças* de 1897 e *Figuras do Passado*, por Pedro Eurico, Lisbôa, 1915.

Thomaz Antonio Ferreira Ribeiro. Vide *Novos Ensaios Criticos*, por Manoel Pinheiro Chagas. Lisbôa, 1867; *Phantasias e Escriptores contemporaneos*, por Ricardo Guimarães, Porto, 1874; *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* de 1902 e *A Influencia da Mulher na Poesia e nos Poetas*, conferencia em verso dita por D Maria Adelaide Coelho da Cunha e escripta por Alfredo da Cunha, bela edição fóra do mercado, Lisboa, 1915. Refere-se a muitos poetas portuguezes.

José Ramos Coelho. Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez*; *Parnaso Mariano*, por Abilio Augusto da Fonseca Pinto, 2.ª ed., Coimbra, 1890 e *Historia da Litteratura Realista*, por Fidelino de Figueiredo, Lisbôa, 1914.

João Penha de Oliveira Fortuna. Vide *Homens e Lettras*, por Candido de Figueiredo, e vol 49 do *Instituto*, Coimbra. 1912.

Julio Diniz (Joaquim Guilherme Gomes Coelho). Vide *Novos Ensaios Criticos*, por Manoel Pinheiro Chagas, Porto, 1868; *Esboço biogra-*

graphico, feito por Alberto Pimentel (Veja *Os Fidalgos da Casa Mourisca*), Porto, 1878; *Julio Diniz em Ovar*, por Anthero de Figueiredo, *Serões*, de fevereiro de 1906.

Guilherme Chaves de Azevedo. Vide *Estros e Palcos*, por Luciano Cordeiro, Lisbôa, 1874; *As Farpas*, por Ramalho Ortigão, 3.º vol., 1887; *O Occidente* de 1896 e *Os Gatos*, por Fialho de Almeida, 5 vol.

Antonio dos Santos Valente. Vide tomo III dos *Factos e homens do meu tempo*, por Brito Aranha, Lisbôa, 1908.

1840-1848

Xavier da Cunha. Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo XX, Lisbôa, 1911, pag. 31 a 49.

Visconde de Castilho (Julio de Castilho). Vide *As Farpas*, por Ramalho Ortigão, vol. 3.º, Lisbôa, 1887; *Figuras Litterarias*, por Candido de Figueiredo, Lisbôa. 1906 e *Individualidades*, por Henrique das Neves, Lisbôa, 1910.

Manoel de Arriaga. Vide *Caras Amigas (Gente Limpa)* por Joaquim Madureira (Braz Burity), e *Individualidades* por Henrique das Neves, Lisbôa, 1911.

Anthero Tarquinio de Quental. Vide 2.º vol. das *Modernas Ideias na Litteratura Portugueza*, por Theophilo Braga, Porto, 1892; *A introdução* de Oliveira Martins aos *Sonetos Completos* de Anthero de Quental, Porto, 1892 e *In Memoriam*, Porto, 1892. Neste ultimo trabalho colaboraram entre outros: Adolpho Coelho, Sousa Martins, Jayme de Magalhães Lima, Manoel de Arriaga, Oliveira Martins, etc.; *Notas sobre os Sonetos e as Tendencias geraes da Philosophia de Anthero de Quental*, 1909, por Antonio Sergio; *Anthero de Quental (a sua psicologia, a sua philosophia e a sua arte)*, por Fidelino de Figueiredo, Lisbôa, 1909; *Cartas de Anthero de Quental*, por Eugenio do Canto, 1915.

Alexandre da Conceição. Vide *Enciclopedia Portuguesa* de Maximiano Lemos, *Diccionario Portugal*, *Vinte annos de Vida Litteraria*, por Alberto Pimentel, 1908, e *Esbocetos Individuaes*, por Henrique das Neves, 1911, etc.

Fernando Caldeira. Vide *Figuras humanas*, por Alberto Pimentel, Lisbôa, 1905.

Joaquim Theophilo Braga. Vide *Theophilo Braga e a Sua Obra*, por Teixeira Bastos, Lisbôa, 1893; *Theophilo Braga e a Alma Portuguesa (Critica aos doze de Inglaterra)*, por Fernandes Agudo, Porto, 1902; *Quarenta annos de vida litteraria*, por Theophilo Braga, Lisbôa, 1903; *Cincoenta annos de litteratura. Theophilo Braga*, *Illustração Portugueza* da 2.ª serie, 1906; *Os nossos Escriptores. Theophilo Braga*, por José Agostinho; *Theophilo Braga*, por Francisco Ratolla, Lisboa, 1916 e *Teofilo no Brasil*, por Fran Paxeco, Lisboa, 1917.

Manoel Duarte de Almeida. Vide *Diccionario Portugal* e *Esbocetos Individuaes*, por Henrique das Neves, Lisbôa, 1911.

Francisco Marques de Sousa Viterbo. Vide *A Chronica* n.º 6, de Maio de 1900; *O Instituto* de 1911; *Occidente*, de 20 de janeiro de 1911 e *O portuense Sousa Viterbo* (elogio historico), por Alfredo da Cunha, *Diario de Noticias*, de 29-12-1913 e *Brazil-Portugal* de 16-4-1906.

Antonio Candido Gonçalves Crespo. Vide *Estros e Palcos*, por Luciano Cordeiro, Lisbôa, 1874; *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1885; Os prologos escriptos nas *Obras Completas de Gonçalves Crespo*, Lisbôa, 1896, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Teixeira de Queiroz e João Penha e *Figuras Litterarias*, por Candido de Figueiredo, Lisbôa, 1906.

José de Sousa Monteiro. Vide *Perfis de Intellectuaes* (visitas e passeios), por Silva Bastos, Lisbôa, 1908 e *Occidente* de 20 de outubro de 1909 e *Serões*.

Candido de Figueiredo. Vide *Esboços Criticos*, por Antonio Falcão Rodrigues, Coimbra, 1876; *Gil Braz*, n.º 10, de 25-9-1898; *Dr. Candido de Figueiredo* (escorço biographico), pelo Dr. Cesar Correia, Vizeu, 1907 e *O Dr. Candido de Figueiredo*, edição da Empreza Literaria e Tipografica do Porto.

Adriano Anthero de Sousa Pinto. Vide *Pela Vida Fóra*, de Silva Pinto.

João Francisco Xavier de Eça Leal. Vide *Jornal da Mulher* de agosto de 1914 e *Diario de Noticias* de 4-8-1914.

Antonio Duarte Gomes Leal. Vide *Alma Portuguesa*, por Joaquim Costa, Porto, 1909, *Brazil-Portugal* de 16-5-1900 e inumeras publicações que teem falado na obra do grande poeta.

Fernandes Costa. Vide *Diccionario Bibliographico Portugues*, e *O Recreio* de 20-7-1 96. Muitas e importantes publicações se teem referido nos mais justos e elogiosos termos ao sr. Fernandes Costa e á sua obra.

1850–1859

Abilio Augusto de Guerra Junqueiro. Vide *Notas. Ensaios de Critica e de Litteratura*, por Alexandre da Conceição, Coimbra, 1881; *Autopsia á Velhice do Padre Eterno*, por Senna Freitas, Porto, 1885; *A Velhice do Padre Eterno pelo dr. Guerra Junqueiro*, por Machado Cyrillo, Lisbôa, 1886; *Guerra Junqueiro*, artigo de Julio Brandão nos *Serões*, n.º 4 de outubro de 1905; *Guerra Junqueiro*, por José Agostinho, Porto, 1909; *Esbocetos Individuaes*, por Henrique das Neves, Lisbôa, 1911, etc.

Alfredo Pinto de Almeida Carvalhaes. Vide *Pela Vida Fóra*, por Silva Pinto, Lisbôa, s/d e *Enciclopedia Portuguesa* de Maximiano de Lemos.

José Simões Dias. Vide *Figuras humanas*, por Alberto Pimentel, Lisbôa, 1905; *Figuras Litterarias*, por Candido de Figueiredo, Lisbôa, 1906.

José de Azevedo Castello Branco. Vide *Diccionario Enciclopedico,* por Eduardo de Noronha e *Brasil-Portugal,* de 1-7-1900.

Joaquim José Coelho de Carvalho. Vide *La Litteratura Portugaise,* por João d Barros, Porto, 1910 e *Diccionario Portugal* e *Enciclopedia* de Maximiano de Lemos.

D. João Gonçalves Zarco da Camara. Vide *Figuras Litterarias,* por Candido de Figueiredo, Lisbôa, 1906; *Occidente* de 1908 e *Almanach do Diario Illustrado* para 1909.

Antonio Sergio da Silva e Castro. Vide *Diccionario Portugal.*

Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda. Vide *Homens e Lettras,* por Candido de Figueiredo, Lisbôa, 1881 e *A Chronica,* de muio de 1901.

Conde de Monsaraz (Antonio de Macedo Papança). Vide *Estudos de Litteratura,* por. J. M. da Cunha Seixas, Lisbôa, 1884; *Vida Litteraria e Politica,* por Villa Moura, Porto, 1911 e *Poetas d'hontem,* por D. Branca de Gonta Colaço, Lisbôa, 1915.

Accacio Antunes. Vide *Impressões de teatro (cartas a um provinciano e notas sobre o joelho),* por Joaquim Madureira (Braz Burity), Lisbôa, 1905.

Conde de Sabugosa. (Antonio Maria Vasco de Mello). Vide *Perfis de Intellectuaes (Visitas e Passeios),* por Silva Bastos, Lisbôa, 1908 e *Brasil-Portugal,* de 1-3-1902 e 16-12-1904.

José Fernando de Sousa. Vide *Brasil-Portugal* de 16-5-1906.

Henrique Lopes de Mendonça. Vide *Diccionario Portugal, Os Serões, Almanach Illustrado* para 1899 e *Almanach do Dia* para 1905.

Francisco Teixeira Bastos. Vide *O Seculo* de 25 de maio de 1901.

Marcellino Antonio da Silva Mesquita. Vide volume citado acerca de Accacio Antunes e *Perfis Contemporaneos,* Lisbôa, s/d, vol. I.

Narciso de Lacerda. Vide apreciações de João de Deus, Camillo e Silva Pinto, que antecedem os *Canticos da Aurora,* Porto, 1880 e *Diccionario Portugal.*

José Leite de Vasconcellos. Vide *Perfis de Intellectuaes,* por Silva Bastos, Lisbôa, 1908.

Luiz Osorio da Cunha Pereira de Castro. Vide *Diccionario Portugal.*

Joaquim de Araujo. Vide *Lira Intima.* Carta a Joaquim de Araujo, por João de Deus. *Folha Nova,* 1881; *Homens e Lettras,* por Candido de Figueiredo. Lisbôa, 1881 e *Poetas d'hontem,* por D. Branca de Gonta Colaço, Lisbôa, 1915.

Luiz Cypriano de Magalhães Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez* e *Os novos, Luiz de Magalhães,* por Manoel da Silva Gaio, *Revista de Portugal,* Porto, 1890-1891 e *Almanach do Diario Illustrado,* de 1906.

1860-1869

Manoel da Silva Gaio. Vide *Alma Portugueza,* por Joaquim Costa, Porto, 1909 e a *Nova Geração,* por Veiga Simões, Coimbra, 1911.

Gaspar Queiroz Ribeiro. Vide o prefacio do livro *Caminho do Céo,* por Julio Brandão, Lisbôa, 1905.

Jaime de Amorim Sieuve Seguier. Vide *Homens e Letras,* por Candido de Figueiredo, Lisbôa, 1881.

Antonio Joaquim da Costa Feijó. Vide *O Dia* de 22 de junho de 1917 e artigos de Alberto de Oliveira no *Primeiro de Janeiro,* do Porto, de 1917.

Antonio Fogaça. Vide *Historia da Litteratura Portuguesa,* por Mendes dos Remedios, 4.ª ed., Coimbra, 1914.

Alfredo Carneiro da Cunha. Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez, Gil Braz* e *Brazil-Portugal* de 1900, *Enciclopedia Portuguesa* de Maximiano de Lemos, etc.

Caetano da Costa Alegre. Vide o prefacio do volume de *Versos,* Lisbôa, 1916, publicado pelo sr. Cruz Magalhães.

Antonio Baptista Alves de Lemos. O Jornal da Mulher e muitas outras publicações se teem ocupado da obra literaria de Antonio de Lemos.

Hemeterio Arantes. Vide *O Dia* de 27 de janeiro de 1917 e *A Crise do Ideal na Arte,* pelo Dr. Ferreira Deusdado.

Accacio Sampaio Telles de Paiva. Vide *Impressões de Theatro,* por Joaquim Madureira, Lisbôa, 1905.

Joaquim Baptista Alves de Lemos. Vide *Jornal da Mulher* de 20-10-1910.

Augusto de Lacerda. Vide estudo critico do Dr. Xavier da Cunha, publicado no *Occidente,* vol. XXV.

D. Alberto Allen Pereira de Sequeira Bramão. Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez* e *Gil Braz* n.º 13 de 25-12-1898.

Manoel de Moura. Vide *Esboços de Critica,* por Henrique Marques Junior, Porto, 1907.

Alfredo Alves. Vide II vol. dos *Portuenses ilustres,* por Bruno, Porto, 1907 e *Diccionario Portugal.*

José Agostinho. Muitos nomes em evidencia nas letras se teem ocupado deste escriptor. Citarei apenas o trabalho do Dr. Ferreira Deusdado — *A Crise do Ideal na Arte,* Angra, 1917, que trata do livro *Eça de Queiroz,* de José Agostinho e o n.º 33 de *A Chronica* de 1901.

Martinho de Brederode. Por falta de elementos nada posso dizer acerca deste ilustre poeta ao qual se referiram varios jornaes.

Adolpho Portella. Infelizmente tambem me escasseiam informações bio-bibliographicas referentes a este escriptor.

João Baptista Pinto Saraiva. Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez* e o n.º 25 do *Brasil-Portugal* de 1-2-1900.

Eduardo Coimbra. Vide prefacio de Joaquim de Araujo ao livro de Eduardo Coimbra, *Dispersos*, Porto, 1884 e *Poetas d'hontem*, por D. Branca de Gonta Colaço, Lisbôa, 1915.

Carlos de Lemos. Vide *Le Portugal litteraire d'aujourd'hui*, por Phileas Lebesgue, Paris, 1904 e o n.º 8 de *A Chronica* de 1900.

Manoel de Oliveira Passos. Vide *Esboços de Critica*, por Henrique Marques Junior, Porto, 1907, *Diccionario Portugal* e *A Chronica* de 1900.

Antonio Nobre. Vide *Alma Portugueza*, por Joaquim Costa, Porto, 1909; *Esbocetos Individuaes*, por Henrique das Neves, Lisbôa, 1911; *A Galera* (numero commemorativo), em que colaboraram entre outros: Alfredo Pimenta, Alfredo da Cunha, Alberto de Oliveira, Martinho Nobre de Mello, Anthero de Figueiredo, Alfredo Guimarães, etc., Coimbra, 1915; *Antonio Nobre*, pelo Visconde de Villa Moura, edição da Renascença Portuguesa e o n.º 42 do *Brasil-Portugal* de 16-10-1900.

Hamilton de Araujo. Vide prefacio das *Canções dum Bohemio*, edição de Rodrigo Velloso, 1899.

Alberto Osorio de Castro. Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez* e o n.º 620 do *Occidente* de 15-3-1896.

João Loureiro da Rocha Barbosa e Vasconcellos. Vide *Le Portugal litteraire d'aujourd'hui*, por Phileas Lebesgue, Paris, 1904.

Eugenio de Castro. Vide *La Litterature Portugaise*, por João de Barros, Porto, 1910; *Alma Portugueza*, por Joaquim Costa, Porto, 1909; *A Nova Geração*, por Veiga Simões, Coimbra, 1911 e *Studies in Portuguese Literature*, por Aubrey F. G. Bell, Oxford, 1914.

Nuno de Bulhão Pato. Vide *Diccionario Portugal.*

1870-1879

Julio Brandão. Vide *Alma Portuguesa*, por Joaquim Costa, Porto, 1909; *La Litterature Portugaise*, por João de Barros, Porto, 1910 e *Silhuettes*, por A. Sarmento Beja (João d'Alem), Porto, 1914.

Fausto Guedes Teixeira. Vide *Jornal da Mulher* de 20-8-1910; *A Nova Geração*, por Veiga Simões, Coimbra, 1911 e *O Seculo* de 5-5-1918.

D. João de Castro. Vide prefacio de Abel Botelho, na *Dolores* de Ribeiro de Carvalho, Lisbôa, 1905; *Esboços de Critica*, por Henrique Marques Junior, Porto, 1907 e *A Chronica* de novembro de 1900.

Mariano Gracias. Vide *Jornal da Mulher*, n.º 79 do III ano de 15-3-1914 e n.º 22 de 15-6-1911.

Delfim de Brito Guimarães. Vide o n.º 12 do *Gil Braz* de 1-12-1898.

Francisco de Sande Mayer Garção. Vide *Diccionario Portugal.*

Affonso Henriques Vieira Gaio. Vide *Diccionario Portugal.*

Candido Guerreiro. Diversas publicações da capital e das provincias teem-se referido a este poeta.

Augusto Cesar Ferreira Gil. Vide *A Chronica,* de julho de 1901; *Brasil-Portugal* de maio de 1902; *O Fumo do meu cigarro,* por Augusto de Castro, Lisbôa, 1917 e *O Seculo da Noite,* de 6-6-1915.

Alberto de Oliveira. Vide *Le Portugal Litteraire,* por João de Barros.

Manoel Penteado. Vide *O Seculo* de 24-5-1911 e o *Almanach Illustrado* para 1899.

Julio Dantas. Vide *Jornal da Mulher,* de julho de 1910; *Vida Artistica,* semanario de Artes e letras, dirigido por J. Pedro Amado, Lisbôa, 1911-1912; *Silhuettes,* por A. Sarmento Beja (João d'Alem), Porto, 1914 e pag. 124 dos *Perfis Contemporaneos.*

Thomaz d'Aquino Pereira d'Eça d'Albuquerque Leal. Vide *Jornal da Mulher* de 30-9-1911 e de 30-3-1914, etc.

Abilio de Campos Monteiro. Muitas são as publicações que se teem occupado deste publicista.

Francisco dos Santos Tavares. Vide *Carteira do artista,* por Sousa Bastos, Lisbôa, 1898, pag. 786; *Brasil-Portugal. Revista da Semana,* do Rio de Janeiro.

Alberto Machado Cardoso dos Santos. Varias publicações cujo nome não posso precisar tem-se referido á obra deste poeta.

Bernardo de Passos. Vide *A Chronica* de outubro de 1902.

Joaquim Costa. Vide prefacio da *Alma Portuguesa* de Joaquim Costa, por Bruno (José Pereira de Sampaio), *Silhuettes,* por A. Sarmento Beja, Porto, 1914.

Affonso Lopes Vieira. Vide *Brasil-Portugal* n.º 172 de 16-3-1906 e *A Nova Geração,* por Veiga Simões, Coimbra, 1911.

João de Deus Ramos. Vide *Serões* n.º 21 de março de 1907.

Antonio Corrêa d'Oliveira. Vide *Cerebros e Corações,* por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Lisbôa, 1903; *Impressões de historia,* pela mesma, Lisbôa, 1910.

Teixeira de Pascoaes (Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcellos). Vide *Studies in Portuguese Litterature,* por Aubrey F. G. Bell, Oxford, 1914.

Manoel Laranjeira. Vide *O Seculo* de 23-2-1912.

Rodrigo Solano. Vide prefacio do *Fumo,* Porto, 1915, por João Grave e *O Seculo da Noite* de 6-7-1915.

José Duro. Vide Prologo da 2.ª edição do *Fel* por Albino Forjaz de Sampaio e notas de Santos Tavares e Mayer Garção, no mesmo volume.

1880–1889

Joaquim Ribeiro de Carvalho. Vide prefacio de Abel Botelho, nas *Dolores.*

João Lucio. Vide *No Paiz do Sol,* por Ludovico de Menezes, Lisbôa, 1907 e *A Chronica,* de agosto de 1911.

João Augusto de Vasconcellos e Sá. Vide *Almanach do Diario Illustrado,* para 1909.

João de Barros. Vide *Serões* n.º 65, de novembro de 1910, *Almanach Illustrado, Illustração Portugueza,* etc.

Manoel Augusto Cardoso Martha. Diversas são as publicações que se teem ocupado deste escriptor.

Alfredo Guimarães. Vide *O Seculo* de 5-7-1915; *Diario de Noticias* de 80-5-1915; *Jornal de Noticias* de 16-7-1915; *Primeiro de Janeiro* de 29-6-1915, *Capital, Nação, Occidente,* etc.

Alfredo Pimenta. Vide *O Dia* de 24 de abril de 1917; *Almanach Illustrado* da Parceria-Pereira, para 1918, e *Eles e Elas,* por Julio Dantas, 1918.

Jaime Zuzarte Cortezão. Vide *Bibliotheca das Obras Celebres* citada na bio-bibliografia Luso-Brasileira, 24 vol., Lisbôa, 1912-1913.

Antonio Sergio. Vide *Serões* n.º 44.

Antonio Cursino Lopes da Silva. Não tenho presente indicação de qualquer trabalho que fale deste poeta.

Albino Maria Pereira Forjaz de Sampaio. Vide Fialho de Almeida, no *Saibam quantos,* Silva Pinto, *Para o fim,* Almachio Diniz, *Moral e Critica.*

João Maria Ferreira. Vide *Jornal da Mulher* de outubro de 1913 e *Diario de Noticias* de 11-4-1918.

Affonso Duarte. Vide *Agua Lustral,* por Arthur Ribeiro e Alberto Felix, Coimbra; *Alma Inquieta,* de Joaquim Manso e artigo de João de Barros, no *Mundo,* acerca do *Cancioneiro das Pedras.*

Antonio de Monforte (Antonio Maria de Sousa Sardinha). Vide *Jornal da Mulher* de maio de 1911, *O Dia,* e *A Nação,* de 28 de dezembro de 1915 e *Diccionario bibliografico portuguez.*

José Cruz Baptista Santos. Vide *Elucidario Madeirense.* Muitos jornaes, almanachs e revistas teem apreciado a sua obra.

Augusto de Santa Rita. Jornal da Mulher de abril de 1914, *Illustração Portuguesa* e *O Dia.*

Mario Cesar Pacheco Simões. Vide *Jornal da Mulher, Diario de Noticias, O Seculo,* etc.

Augusto Casimiro dos Santos. Vide *Serões* n.º 59 de maio de 1910.

Conde de Monsaraz (Alberto Monsaraz). Vide *Jornal da Mulher* de setembro de 1910 e *Serões* de junho de 1911.

Manoel Vaz Passos. Vide *A Tarde* (Porto), *Jornal de Noticias* (Porto), *A Montanha, Horas suaves,* Aveiro, 1917, *A Patria* de 19 de janeiro de 1918, *Primeiro de Janeiro* de 30 de janeiro de 1918, etc.

João Maria Sant'Iago Presado. Vide *Brasil-Portugal* de 16-2-1902.

1890-1895

Martinho Nobre de Mello. Vide chronica literaria do *Diario de Noticias, Jornal de Noticias, O Seculo, O Primeiro de Janeiro, A Republica, Capital, Intransigente, Tarde* e *Revista de Justiça.*

Mario Beirão. Vide *O Dia* e outras publicações.

Alberto de Sousa Coutinho Osorio de Castro. Vide *O Seculo* de 28-5-1918; *O Jornal da Tarde* e *O Diario Nacional,* do mesmo dia e *O Diario Nacional,* de 29-5-1918.

José Coelho da Cunha. Os seus trabalhos literarios foram apreciados por quasi toda a Imprensa Portuguesa.

Manoel de Santiago. Vide *Almanach Bertrand,* de 1917.

A' geração actual

Americo Cortez Pinto. Vide *A Novissima Geração,* por Manoel de Menezes, Coimbra, 1917.

Americo Durão. Vide livro citado e *Hontem e Hoje, A Novissima geração,* artigo de Alfredo de Carvalho, n'*A Lucta,* de 14-1-1918.

Joam Cabral do Nascimento. Vide *A Novissima Geração,* por Manoel de Menezes, Coimbra, 1917.

1794–1860

FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO

SONETO

(Que se lê na Memoria erguida á sahida d'Obidos para Peniche)

Caminhante suspende um pouco os passos;
Fita os olhos no quadro doloroso
Da terna Mãe que o filho affectuoso
Sustenta morto sobre os debeis braços.

O filho que dos celicos espaços
Veio remir o Mundo criminoso
E, posto no patibulo affrontoso
Quebrou da raça humana os ferreos laços.

«Salvé! (lhe diz): Oh Mãe da humana gente,
De piedade, d'amor foco divino!
A voz do passageiro ouve clemente.»

Resa a *Salvé*, oração do peregrino;
Pede-lhe a benção, curva humilde a fronte,
Faz o signal da cruz, vae teu destino.

A Lyra Christã. Versos do Beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão, Lisbôa, 1876, pag. 105.

O Padre Francisco Raphael da Silveira Malhão nasceu em Obidos n 16 de maio de 1794 e faleceu na sua terra natal em 10 de novemro de 1860. Orador sagrado de invulgar merito, alguns dos seus serões prégados em Lisbôa ficaram celebres. Entre eles, mencionarei a ação pronunciada nas exequias do Conde de Barbacena e o sermão bre o dogma da Conceição, feito em 13 de maio de 1855 na Igreja s Martyres. O producto da venda de suas orações sacras era destido á conclusão da Igreja do Santissimo Coração de Maria. de Olho arinho. Firmou alguns escriptos com as iniciaes: *F. R. G. S. M.*

Bibliografia: *Serões de aldeia, ou dialogos sobre varios assumos curiosos escriptos em versos octosyllabos*, 1830; *A Lyra Christã* ompilada por José Thomaz Teixeira Ramalho), Lisbôa, 1876.

1799-1854

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

A FLOR SECCA

Vae, flôr gentil, vae prenda suspirada,
Doce mimo de amor terno e fagueiro,
Vae, que elle mesmo grato e prazenteiro
Elle te hade levar á minha amada.

Cumpre o que ella te impoz, que é lei sagrada:
Se mudada te achar, sem côr, sem cheiro,
Se o viço, a gala do verdor primeiro
Em tuas palidas folhas vir crestada,

Diz-lhe que mais que a ti, mais me queimara
O intenso ardor d'aquella saudade
Que a ambos n'este estado nos deixara.

Oh! se um benigno influxo de piedade
De seus formosos olhos te orvalhára...
Qual de nós ambos reviver não hade?

Lyrica, vol. I, Lisbôa, 1904, pag. 195 e 196.

João Baptista da Silva de Almeida Garrett (Visconde de Almeida Garrett) nasceu no Porto em 4 de fevereiro de 1799 e faleceu em 9 de dezembro de 1854. Formado em direito pela Universidade de Coimbra e oficial da Secretaria do Reino, Deputado e orador afamado, poeta e escriptor ilustre, o seu drama *Frei Luiz de Sousa* e as *Viagens na minha terra*, a par doutros trabalhos, consagraram-no como escriptor. Em 1823 e 1828 emigrou, tendo regressado a Portugal em 1832 fazendo parte do *Exercito Libertador*. Usou os pseudonimos de: *Aonio Duriense, Jonio Duriense, Murcio, Sabino* e *Tibasta*.

Bibliografia: *Merope*, 1818; *O Retrato de Venus*, 1821; *Educação*, 1823; *Camões*, 1825; *D. Branca*, 1826; *Bosquejo da Historia da poesia e lingua portuguesa*, 1826; *Adosinda*, 1828; *Lyrica de João Menino*, 1828; *Auto de Gil Vicente*, 1838; *Filippa de Vilhena*, 1840; *Alfageme de Santarem*, 1841; *Romanceiro*, I vol., 1843; II e III, 1851; *Frei Luiz de Sousa*, 1844; *Arco de Sant'Anna*, 1845; *Flores sem fructo* (poesias), 1845; *Tio Simplicio* e *Fallar verdade a mentir* (comedias), 1846; *Viagens na minha terra*, 1846; *Fabulas* e *Folhas cahidas* (verso), 1853.

1800–1875

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

SONETO

Se é licita uma lagrima nas rosas,
Com que, ó noite de Abril, nos ris coroada,
Dos martyres da Patria libertada
Uma lagrima ás sombras generosas!

Seus sepulcros dão palmas gloriosas;
Heroes herdaram sua nobre espada;
E hecatomba de tigres lhe é votada
De dia a dia ás cinzas sequiosas.

Mas no Elysio onde estão, hoje pensando
Que um dia mais que o ceu por Lysia passa,
Saudoso se reune o egregio bando.

Murmuram longo viva á joven Graça,
E involuntaria lagrima escapando
Do nectar entre as mãos lhes turva a taça.

Escavações Poeticas, Lisbôa, 1844, vol. I, pag. 148.

Antonio Feliciano de Castilho nasceu em Lisbôa em 21 de janeiro de 1800 e faleceu em 1875. Figura proeminente do Romantismo, como foram Herculano e Garrett, poeta suave e escriptor vernaculo, inumeros são os trabalhos literarios e as traduções que legou á posteridade.

Bibliografia: *Cartas de Echo e Narciso, dedicadas á Mocidade Academica da Universidade de Coimbra*, 1821; *A Primavera*, 1822; *Amor e Melancolia ou a novissima Heloisa*, 1828; *Tributo portuguez á memoria do Libertador*, 1836: *A noite do Castello e os Ciumes do Bardo*, 1836; *Escavações Poeticas*, 1844; *Quadras da Historia de Portugal; Camões. Estudo historico sobre um drama de Victor Perrot*, 1849; *Felicidade pela agricultura*, 1849; *Estreias poetico musicaes para o ano de 1853*; *Chronica certa e muito verdadeira de Maria da Fonte, etc.*, 1846; *Mil e um Misterios, Romance dos Romances*, 1845; *Leitura repentina*, 1850; *Tratado de Metrificação Portugueza*, 1851; *Tratado de Mnemonica para aprender muito em pouco tempo*, 1851; *Ou Eu ou Elles*, 1849; *Tosquia de um Camello*, 1853; *Felicidade pela Instrução; Epistola a Sua M. o Imperador do Brasil* (Revista Popular).

1819-1900

XAVIER CORDEIRO

ESCRAVIDÃO

Teus mimos calor não tem,
Teu beijo é frio de gelo,
Não satisfaz, nem tambem
Me importa tel-o ou não tel-o.

O que me faz recebel-o
Captivo do teu desdem,
É eu ter forjado o elo,
Da escravidão que me tem

A ti preso, e que subjuga,
Quer seja rei ou pastor,
Desde o dia em que nasceu.

D'esta sina não ha fuga,
Mas na escravidão d'amor,
O mais escravo sou eu.

Esparsas, Lisbôa, tomo 1.°, 1889, pag. 137.

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro nasceu na aldeia de Córtes (districto de Leiria) em 23 de dezembro de 1819 e faleceu em 1900. Desde tenros anos revelou gosto pelas letras. Abandonando a carreira comercial que encetara, formou se em direito, em Coimbra, em 1848, tendo sido sempre um estudante muito distincto. Tomou parte na *Revolução da Maria da Fonte*. Poeta do periodo romantico e um dos fundadores do *Trovador*, publicação em que colaboraram entre outros, Couto Monteiro, Pereira da Cunha, Antonio de Serpa, Augusto Lima, Evaristo Basto, F. Palha, Costa Cascaes. João de Lemos, Palmeirim, etc., algumas de suas produções, como *O Tasso, A doida de Albano, A Primavera*, etc., despertaram grande entusiasmo no seu tempo. Durante muitos anos, foi director do *Almanach de Lembranças*.

Bibliografia: *Elogio Historico de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque*, s/d; *Esparsas* (versos), 1889, e *Serões de Historia*.

1820–1869

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

SONETO

É triste, quando ruge o vento irado,
Ver dos astros sumir-se a luz formosa;
E do arbusto que ostenta a linda rosa
Ver o tronco mimoso ao chão curvado.

É triste ver o mar que, socegado,
Ostentava a luzir face lustrosa,
Erguer-se, e á praia, em vaga furiosa,
O barquinho arrojar despedaçado.

E triste a escuridão, com seus horrores,
Quando, á furtiva luz, sombras irrantes,
Negros phantasmas são aterradores.

Mas dizem-me tormentos incessantes
Que é mais triste morrer por ti de amores,
Sem ter do teu amor vivido instantes!

Poesias Posthumas, Porto, 1877, pag. 339.

Faustino Xavier de Novaes nasceu no Porto em 1820 e faleceu no Brasil em 1869. Poeta satirico de valor, a sua graça e ironia acham-se dispersas nos seus livros de versos, o último dos quaes foi publicado postumamente. A sorte, varias vezes lhe foi adversa. Muitas das suas poesias mais alegres, escreveu-as Faustino Xavier de Novaes nos momentos mais tristes de sua vida! Colaborou na *Grinalda*, na *Miscellanea Poetica* e no *Bardo*. Usou os pseudonimos de: *Padre Caetano, Pedro Diniz, Coruja, José Manoel Pinto, José Valverde, Lingua Damnada, Saturno*, e as iniciaes: *C. C.* e *J. G.*

Bibliografia: *As folhas cahidas apanhadas a dente e pescadas no Porto por Pedro Diniz*, 1854; *A Vespa do Parnaso, Poesias*, 1855; *Scenas da Foz*, 1857; *Cartas a um Roceiro*, 1867; *Poesias Posthumas*, 1877; *Ignez d'Horta*, 1907 e *Manta de Retalhos*.

1823–1889

HENRIQUE O'NEILL

OS AMIGOS

Ha bem poucos amigos dos taes certos,
Dando copia de si em caso urgente;
Não nos fiemos pois em toda a gente
Risonha e de braços sempre abertos.

Assim, ha indifferentes encobertos,
Dedicados até, quando na frente;
Que, se voltamos costas ferram dente
E que ninguem encontra nos apertos.

De tu os ha que nada ou pouco prestam,
De negocios á parte, e os taes do figo,
E muitos que em segredo nos detestam.

E quantos de Peniche! Eis por que eu digo:
— «Estimemos os certos que nos restam;
Que os outros vale mais probo inimigo.»

In Memoriam, Lisbôa, 1887, pag. 31.

Henrique O'Neill (Visconde de Santa Monica) nasceu em Lisbôa, em 1823 e faleceu em 1889. Descendia de uma ilustre familia Irlandeza como conta no *In Memoriam*, publicado sem nome de auctor. O seu unico trabalho literario que entrou no mercado foi o *Fabulario*, que conta duas edições. Amigo intimo de Castilho e Garrett, ensinava portugues em Goettingue (Allemanha), quando Martens Ferrão o nomeou chefe de uma das repartições do ministerio da justiça, onde posteriormente exerceu o cargo de director geral. Preceptor de El-Rei D. Carlos e de seu irmão, D. Affonso, a Academia Real das Sciencias de Lisbôa contou-o entre os seus socios.

Bibliografia: *Fabulario*, 1885; *In Memoriam; A Turra de dois caturras*, 1888; *A Feira da Ladra*, 1888.

1823-1886

MENDES LEAL

STABAT MATER

Mulher que tanto amais, mulher que soffreis tanto,
Ardente coração, espirito piedoso,
A quem chorais, a quem? O pae, o irmão, o esposo?
Uma illusão perdida? Um subito quebranto?

Dos mundanos desdens, que vos tomam de espanto,
Desejais recatar a dor que já foi gozo?
Ou desejais sumir em delirar saudoso
Nas rosas do pudor as perolas do pranto?

Mulher, seja qual for o vosso mal profundo,
Secreto desengano ou sonho temerario,
Não julgueis morta a flor, o porvir infecundo.

O rosto erguei com fé na paz do sanctuario:
Conforto, exemplo, guia e estrella, e aurora ao mundo,
Achais a Virgem-Mãe no cimo do Calvario!

Parnaso Mariano, colligido por Abilio Augusto da Fonseca Pinto — 2.ª ed. Coimbra, 1890, pag. 129.

José da Silva Mendes Leal nasceu em Lisbôa em 18 de outubro de 1823 e faleceu em Cintra em 22 de agosto de 1886. Fez parte de varios ministerios, e em 1871 foi nomeado ministro plenipotenciario de Portugal em Madrid, exercendo em 1874 cargo identico em Paris. Presidente da Camara dos Deputados, Conselheiro, Par do Reino, Socio da Academia Real das Sciencias, Secretario da mesma Academia, por proposta de El-Rei, Bibliotecario Mór da Biblioteca Nacional de Lisbôa, etc., escreveu varios romances e bastantes peças teatraes. Algumas das suas poesias, como *Napoleão no Krenlin, O Pavilhão Negro* e *Avé Cesar!* são notaveis. Usou o pseudonimo de: *Timon Sillographo.*

Bibliografia: Dramas: *Os dois renegados,* 1839; *O Homem da mascara negra,* 1843; *D. Maria de Alencastre,* 1846; *O Pagem de Aljubarrota; Os Homens de marmore,* 1854; *A Pobreza envergonhada,* 1858; *Egas Moniz,* 1.º premio do Conservatorio; *Os ultimos momentos de Camões,* poema, 1861; *Os Mosqueteiros d'Africa,* 1865; *Monumentos nacionaes,* 1868; *Canticos* (poesias), 1858.

1824-1906

MANOEL LOURENÇO CATHARINO

PARALLELO ENTRE O VOUGA E O AMAZONAS

(INEDITO)

Formosas margens do meu Vouga amado
Fecundos campos que suas aguas regam
Barcos ligeiros que por lá navegam,
Saudoso vos retrata o desterrado.

De florestas e monstros povoado,
De venenos subtis, que estes segregam,
Das ilhas que incessante se despegam,
O Amazonas caminha ao mar, turbado.

Que contraste sublime. ao contemplar
As limpidas arêas do primeiro,
E os medonhos abysmos d'este mar!

O viver do meu Vouga é bem fagueiro!
Brandos Zephiros, lá a bafejar;
Sobre a cabeça, aqui, sempre um brazeiro!

Manoel Lourenço Catharino nasceu em Ilhavo em 11 de março de 1824 e faleceu na mesma localidade em 24 de novembro de 1906. Muito estudioso, trabalhador e inteligente, qualquer ramo de conhecimentos humanos era-lhe familiar. Distinguiu-se no professorado. O soneto que reproduzo foi feito em Itacuatiara, Brasil, em 18 de setembro de 1874; nele seu auctor faz o contraste entre «as formosas margens do seu Vouga amado, os fecundos campos que as suas aguas regam e os barcos ligeiros que por lá navegam, com as florestas e os monstros» da opulenta terra de Santa Cruz. Manoel Lourenço Catharino julga ter resolvido o magno problema da trisecção do angulo.

Bibliografia: Deixou diversos trabalhos que nunca foram reunidos em volume.

1826-1890

CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Na morte quasi simultanea dos dois filhos unicos de Theophilo Braga)

A MAIOR DOR HUMANA

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravisaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus. A Fé implora...
E o céu que respondeu? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pai em trevas vai sonhando,
E apalpa as sombras d'elles onde os viu
Nascer, florir, morrer! Desastre infando!

Ao teu abysmo, pai, não vão confortos...
És coração que a dôr empederniu,
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.

Nas Trevas. Sonetos sentimentaes e humoristicos. Lisbôa, 1890, pag. 25.

Camillo Castello Branco (Visconde de Correa Botelho) nasceu em Lisbôa em 16 de março de 1826 e suicidou-se em S. Miguel de Seide em 1 de junho de 1890. Poeta, escriptor notavel, dramaturgo, panfletista, polemista, romancista insigne e trabalhador infatigavel, o nome de Camillo figura em mais de 250 volumes incluindo traduções. Usou os pseudonimos de: *Anastacio das Lombrigas, Archi-Zero, Manuel Coco, Saragoçano, A. E. I. O. U.*, etc.

Bibliografia: *O Marquez de Torres Novas*, 1849; *O clero e o sr. Alexandre Herculano*, 1850; *Anathema*, 1851; *Aspirações*, 1851; *Hossana*, 1852; *Poesias*, 1852; *A filha do arcediago*, 1853; *Um livro* (verso), 1854; *Mysterios de Lisbôa*, 1854; *Duas epocas da vida* (verso), 1854; *Poesia ou dinheiro*, 1855; *Onde está a felicidade*, 1856; *A neta do arcediago*, 1856; *Um homem de brios*, 1856; *Duas horas de leitura*, 1857; *Espinhos e flores*, 1857; *Lagrimas abençoadas*, 1857; *Scenas da Foz*, 1857; *Justiça*, 1858; *O que fazem mulheres*, 1858; *Inspirações*,

(poesia), 1859; *O Morgado de Fafe*, 1861; *Doze casamentos felizes*, 1861; *Romance de um homem rico*, 1861; *O ultimo acto*, 1862; *Scenas contemporaneas*, 1862; *Memorias do carcere*, 1862; *Coisas espantosas*, 1862; *Amor de perdição*, 1862; *Annos de prosa*, 1863; *O bem e o mal*, 1863; *No Bom Jesus do Monte; Estrellas propicias*, 1863; *Noites de Lamego*, 1863; *Amor de salvação*, 1864; *A Filha do Dr. Negro*, 1864; *Vinte horas de liteira*, 1864; *Esboços de apreciações literarias*, 1865; *O esqueleto*, 1865; *Horas de paz*, 1865; *Lucta de gigantes*, 1865; *O Morgado de Fafe amoroso*, 1865; *A sereia*, 1865; *Agulha em palheiro*, 1865; *Cavar em ruinas*, 1866; *A engeitada*, 1866; *O judeu*, 1866; *A perda de um anjo*, 1866; *O Santo da Montanha*, 1866; *As tres irmãs*, 1866; *Vaidades irritadas e irritantes*, 1866; *O olho de vidro*, 1866; *Coisas leves e espantosas*, 1867; *Poesias e prosas ineditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, 1867; *As virtudes antigas ou a freira que fazia chagas e o frade que fazia reis*, 1868; *Memorias de Fr. João de S. José de Queiroz, bispo do Grão Pará*, 1868; *Mosaico e silva de curiosidades historicas, literarias e biograficas*, 1868; *Estrellas funestas*, 1869; *Vingança*, 1869; *Esboço biografico de D. Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu*, 1870; *Voltareis ó Christo*, 1871; *A espada de Alexandre. Córte profundo na questão do homem mulher e mulher homem, por um socio prendado de varias philarmonicas*, 1872; *O livro de consolação*, 1872; *Vida de D. Affonso VI*, 1873; *O Visconde de Ouguella*, 1873; *Diccionario d'Educação* (tradução), 1873; *Noites de insonia*, 1874; *O Regicida*, 1874; *Curso de litteratura portuguesa*, 1875; *A filha do regicida*, 1875; *A caveira da martyr*, 1876; *Novella do Minho*, 1876-1877; *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*, 1878; *Scenas da hora final*, 1878; *Euzebio Macario*, 1879; *Historia e sentimentalismo*, 1880; *Luiz de Camões*, 1880; *Eccos humoristicos do Minho*, 1880; *Sentimentalismo e historia*, 1880; *Brasileira de Prazins*, 1882; *Entre a flauta e a viola*, 1882; *Morgadinha de Val de Amores*, 1882; *Serões de S. Miguel de Seide*, 1882; *Narcoticos*, 1882; *D. Luiz de Portugal*, 1883; *Vinho do Porto*, 1884; *O General Carlos Ribeiro*, 1884; *Maria da Fonte*, 1885; *O assassinio de Macario*, 1886; *Otelo, o mouro de Veneza*, 1886; *Doida de Candal*, 1888; *Nostalgias*, 1888; *O Retrato de Ricardina*, 1888; etc., etc., etc.

Bibliografia Camilliana: *Uma visita ao primeiro romancista portuguez em S. Miguel de Seide*, por Alberto Pimentel, 1885; *Perfil de Camillo Castello Branco*, por Senna Freitas, 1888; *Camillo Castello Branco*, por Silva Pinto, 1889; *O Romance do Romancista. Vida de Camillo Castello Branco*, 1890; *Sobre o tumulo de Camillo*, por Joaquim de Araujo, 1894; *Cartas de Camillo Castello Branco*, por Silva Pinto, 1895; *Camillo*, por Fialho de Almeida, 1896; *Os Amores de Camillo. Dramas intimos colhidos na bibliografia de um grande escriptor*, por Alberto Pimentel, 1899; *Bibliografia Camilliana*, por Henrique Marques, 1904; *Camillo Castello Branco. Esboços criticos*, por Paulo Osorio, 1905; *Autobiografia de Camillo Castello Branco*, por Tavares Proença Junior, 1905; *Memorias biograficas de Camillo Castello Branco*, por Alfred Pratt, 1906; *Camillo. A sua vida. O seu genio. A sua obra*, por Paulo Osorio, 1908; *Criminosos e degenerados em Camillo*, por Jorge de Faria, 1908; *Os antepassados de Camillo*, por Pedro de Azevedo, 1908; *Camillo inedito*, por Villa Moura, 1913; *Memorias do tempo de Camillo*, por Alberto Pimentel, 1913, etc., etc.

1827-1902

AUGUSTO LUSO DA SILVA

A MARCHA DA VIDA

Dos dias, Luso, em que prazer tiveste,
Dos teus, a doce, a grata companhia,
D'amigos, d'illusões, de fantasia
Que nos doira o porvir, tu que fizeste?

São mortos todos! tudo já perdeste,
Já a lua te não ri nem ri o dia!
Viste que em fumo do teu lar fugia
Tudo quanto abrigou, e amar soubeste!

Como a Job, quiz o Ceo ferir-te o peito
Com nova provação severa e forte
N'esse tenro botão d'amor perfeito!

Pouco tem a cumprir o fatal córte,
Pode o resto levar-te, estás affeito,
Mas, nesse dia que te leve a morte.

Ultimos Versos de Augusto Luso da Silva, Porto, 1907, pag. 26.

Augusto Luso da Silva nasceu no Porto em 22 de fevereiro de 1827 e faleceu em 13 de maio de 1902. Contemporaneo de Camillo, Julio Diniz, Arnaldo Gama, Guilherme Braga, Soares de Passos, etc., foi professor durante quarenta e sete anos. No liceu do Porto exerceu, por muito tempo, o magesterio. Deve se a Augusto Luso da Silva a invenção do *Isemerioscopio*, aparelho destinado a provar os movimentos de rotação e de translação da terra.

Bibliografia: *Rimas*, 1852; *Odes; Fabulas; Impressões da natureza; Elementos de geografia; Leitura de um trecho dos Luziadas.*

1829–1912

BULHÃO PATO

CONFISSÃO

Fui na infancia catholico exaltado;
Tudo era para mim edificante,
Ver o altar, ver o throno scintillante,
Ouvir na igreja a voz do orgão sagrado!

Foi-se apagando o amor arrebatado,
E a sciencia levou-me n'um instante,
Com o sopro glacial e penetrante,
O edificio de luz do meu passado!

Deitei-me aos pés dos grandes missionarios,
Na eloquencia e na fé extraordinarios;
Nenhum d'elles me deu sombras d'esp'rança!

Ó crenças infantis, talvez agora,
Volteis a mim, ardentes como outr'ora:
Diz-se que um velho torna a ser creança!...

Faiscas de fogo morto, Lisbôa, 1908, pag. 15 e 16.

Raimundo Antonio Bulhão Pato nasceu em Bilbau em 3 de março de 1829 e faleceu em Caparica em 24 de agosto de 1912. Foi amigo intimo de Almeida Garrett e Alexandre Herculano, em casa do qual, na Ajuda, se relacionou com os vultos mais notaveis dessa epoca, entre os quaes mencionarei: Rebello da Silva, Duques de Loulé e de Palmella, Latino Coelho, Andrade Corvo, José Estevão, etc Com a morte de Bulhão Pato, desappareceu em Portugal, o ultimo representante do romantismo. Socio efectivo da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, deixou numerosos trabalhos em prosa e verso, bastante apreciados. *A Paquita* tornou-o muito conhecido.

Bibliografia: *Versos*, 1862; *Digressões e novellas*, 1864; *Paquita*, 1866; *A José Estevão*, 1866; *Dos Açores. Cartas*, 1868; *Flores agrestes*, 1870; *Paisagens*, 1871; *Renan e os sabios d'Academia*, 1874; *Maria de Bragança*, 1874; *Sob os Ciprestes. Vida intima de homens ilustres*, 1877; *Os ultimos dias de Alexandre Herculano*, 1880; *Portuguezes na India*, 1883; *Cantos e Satiras*, 1883; *Hoje. Satiras. Canções e Idilios*, 1888; *Lazaro Consul*, 1889; *Livro do Monte*, 1896; *A dança judenga*, 1901; *Na brecha*, 1910; *O Marquez de Salisbury*, *O Pavilhão Vermelho* (opusculos).

830–1896

JOÃO DE DEUS

A VIDA

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degráus do tumulo descendo.

Em se ella annuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo annuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do ceu (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem, bem pouço dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

Campo de Flores, Lisbôa, 1900, pag. 131 e 132.

João de Deus Ramos nasceu em São Bartholomeu de Messines (Algarve) em 8 de março de 1830 e faleceu em Lisbôa em 11 de janeiro de 1896. Em 1859 concluiu em Coimbra o curso de direito. A primeira poesia de João de Deus foi publicada em 1855 na *Revista Academica,* intitula-se: *A Oração.* O maior poeta de amor, como afirma Marco Antonio Canini, em *El libro del Amor,* e lirico inspiradissimo, algumas das poesias de João de Deus figuram entre as mais belas da lingua portuguesa. O *Campo de Flores* é o maior monumento lirico que poetas portugueses tem construido.

Bibliografia: Verso: *Flores do Campo,* 1866; *Ramo de flores,* 1869; *Folhas soltas,* 1876; *Algumas poesias suas pouco conhecidas* (comentadas por Rodrigues Velloso), 1894; *Poesias,* 1896; *Campo de Flores,* 1896; Prosa: *Cartilha maternal,* 1876; *Leituras correntes,* 1877; *Primeiras leituras,* 1877; *Deveres dos Filhos,* 1883; *Proverbios de Salomão,* 1887; *A cartilha maternal e a critica,* 1897; *A cartilha maternal e o estolado,* s/d.

1831-1901

THOMAZ RIBEIRO

NUNQUAM FLEBILIS

Ferida chora a vida sobre o olmeiro,
A noite chora orvalho na deveza,
No tegurio miserrimo, a pobreza,
E sobre o rio, o pallido salgueiro.

De mimo e prazer chora o amor primeiro,
O orfãosinho, de medo e de tristeza,
D'ambições mallogradas, a grandeza,
De saudades, o amante e o aventureiro.

Só tu, qual se o vulcão d'intimas fragoas,
Que mata á superficie a flor e o fructo,
Dos teus olhos seccam as puras agoas,

Andas serena, envolta no teu luto,
E seja immenso o horror das tuas magoas,
Sempre o teu rosto ha-de ficar enxuto!

Vesperas, Lisboa, 1880, pag. 83.

Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira nasceu em Parada de Gonta em 1 de julho de 1831 e faleceu em 6 de fevereiro de 1901. Espirito peregrino, figura de grande relevo no seu tempo e poeta encantador ainda hoje são recordadas com muito agrado as suas produções poeticas. Formado em direito pela Universidade de Coimbra, Par do Reino, Ministro da Marinha e Ultramar, da Justiça e do Reino, socio da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, foi, ainda, Director Geral dos Negocios da Justiça. Como prosador deixou, alem d utros trabalhos, dois volumes em que narra as impressões da sua viagem e estada na India.

Bibliografia: *D. Jayme*, 1862; *As novas conquistas*, 1864; *Sons que passam*, 1868; *Jornadas*, 2 vol., 1873, 1875; *Vesperas*, 1880; *D. Miguel, a sua realeza e o seu emprestimo*. 1881; *A Delfina do Mal*, 1882; *Dissonancias*, 1890; *Historia da legislação liberal portuguesa*, 2 vol. 1891, 1892; *Senhor, não!*, 1897; *O Mensageiro de Fez*, 1899.

1832-1914

RAMOS COELHO

TRISTE COMPENSAÇÃO

Aquelle tempo que vivi com ella
Foi tão bom, mas correu tão repentino,
Que uma vez abençôo o meu destino
Que maldigo outra vez a minha estrella.

Era o amor da terra, antes de vêl-a,
Meu norte; vi-lhe o rosto peregrino,
E em seus labios provei o amor divino,
Para logo o perder, para perdel-a!

Depois fiquei eu só, na dor occulto,
Das terrenas paixões todo alheiado,
Sem mesmo as entender, vivo e sepulto.

Mas por ser tão feliz sou desgraçado.
Não, o céo generoso não insulto.
Bemdito seja pois o meu passado.

Reflexos, Lisbôa, 1898, pag. 191 e 192.

José Ramos Coelho nasceu em Lisbôa em 7 de fevereiro de 1832 faleceu em 15 de setembro de 1914. Poeta e historiador ilustre, ode comparar-se a Oliveira Martins, e Gama Barros auctor da *Historia da Administração Publica em Portugal*. Conservador do Archivo Nacional e da Bibliotheca Publica de Lisbôa, muitas das suas poesias nereceram a distinção de ser traduzidas em varias linguas.

Bibliografia: Verso: *Preludios poeticos,* 1857; *O Bussaco* (poemeto), 1886; *Lampejos,* 1893; *A Ilha da Madeira* (poemeto), 1898; *Poesias vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez,* 1907; *Obras Poeticas,* 1910. Prosa: *Historia do infante D. Duarte irmão de el-rei D. João IV,* 2 vol., 1889; *Homenagem a Camões,* 1890; *A morte de Camões,* 1892; *Manoel Fernandes Villa Real e o seu processo na inquisição de Lisbôa,* 1894; *Acerca do primeiro marquez de Niza,* 1897; *Visita de D. João V á inquisição,* Evora, 1902.

1839

JOÃO PENHA

MORIBUNDA

(A Guerra Junqueiro)

No grande leito eburnéo, macilenta a face,
Acurvada ao seu mal, e já sem movimento,
Esperava infeliz, de momento a momento
O golpe derradeiro, o triste desenlace.

Era como uma flor que a brisa ao chão lançasse,
E n'aquelle profundo e mesto abatimento,
Sempre de olhos fechados, muda e sem alento,
Não respondera a Deus, se Deus a interrogasse.

Cheguei-me compungido, e então lhe disse: Quando
Déres entrada, alem, no ethéreo azul infindo,
E entre os anjos ditosos resurgires, voando,

Extaticos dirão: Oh ceus! que rosto lindo!
E viverás feliz, mais que na terra, amando!
Então abriu os olhos e expirou sorrindo.

Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos,
Porto, 1898, pag. 219 e 220.

João Penha de Oliveira Fortuna nasceu em Braga em 29 de abril de 1839. Em 1873 concluiu na Universidade de Coimbra o curso de direito. N'*A Folha*, jornal literario que dirigia e no qual, entre outros, colaboraram Gonçalves Crespo e o Dr. Candido de Figueiredo, ha muitos versos seus. Poeta de formas bizarras, os seus sonetos impressionam pela maneira imprevista como geralmente termina o ultimo terceto. Sem a linguagem epica de Junqueiro, sem o lirismo de João de Deus, a vehemencia de Gomes Leal, a perfeição de Anthero, e finalmente sem o parnasianismo de Gonçalves Crespo, os versos do auctor da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, ocupam logar de destaque na literatura portuguesa. Tambem redigiu *A Republica das Letras*, revista de que sahiram apenas tres numeros.

Bibliografia: *Rimas*, 1882; *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, 1898; *Novas Rimas*, 1905; *Por montes e vales* (prosa), 1899; *Echos do passado* (verso), seu ultimo trabalho literario.

1839-1871

JULIO DINIZ

SONETO

Hoje, quando te vi, estavas scismando;
Em que scismavas tu, virgem formosa,
Desmaiadas as faces côr de rosa,
E o seio, o gentil seio, inquieto arfando?

Em que scismavas tu? De quando em quando
Elevavas ao céo, triste, saudosa,
A vista amortecida, lacrimosa,
Para a baixar depois em gesto brando.

No chão jaziam murchas, desfolhadas,
As rosas, que ainda ha pouco te toucavam,
Agora já por ti abandonadas.

Os ultimos clarões do sol douravam
As tuas bellas tranças desatadas;
Diz, que intimos anhelos te turbavam?

Poesias, 2.ª ed., Porto, 1880, pag. 82.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho *(Julio Diniz)* o apreciadissimo uctor de *As pupillas do sr. reitor*, nasceu no Porto em 14 de novem- ro de 1839 e faleceu na mesma cidade em 12 de setembro de 1871, ontando apenas 32 anos de idade. Formado em medicina pela escola edica da sua terra natal, foi lente e bibliotecario da escola a que me efiro. Usou os pseudonimos de: *Julio Diniz* e de *Diana de Avelleda*. igura de relevo na literatura portuguesa, poeta sentimental, as suc essivas edições que contam seus livros, exprimem bem a maneira omo o publico acolheu seus escriptos.

Bibliographia: *Da importancia dos estudos meteorologicos para a edicina e especialmente sobre a sua aplicação ao ramo operatorio*, 861; *As pupillas do sr. reitor. Chronica d'aldeia*, 1867; *A morgadinha os cannaviaes. Chronica d'aldeia*, 1868; *Uma familia ingleza. Scenas a vida do Porto*, 1868; *Serões de provincia*, 1870; *Os fidalgos da casa ourisca*, 1871; *Poesias*, 1874.

1839–1882

GUILHERME AVELINO CHAVES DE AZEVEDO

SONETO

O' machinas febris eu sinto a cada passo;
Nos silvos que soltaes, aquelle canto immenso,
Que a nova geração nos labios traz suspenso
Como a estancia viril d'uma epopea d'aço!

Emquanto o velho mundo arfando de cansaço
Prostrado cae na lucta; em fumo negro e denso
Levanta-se a espiral desse moderno incenso
Que offusca os deuses vãos, annuviando o espaço!

Vós sois as creações fulgentes, fabulosas
Que, vibrantes, crueis, de lavas sequiosas,
Mordeis o pedestal da velha Magestade!

E as grandes combustões que sempre vos consomem
Começam n'um cadinho, a refundir o homem,
Fazendo resurgir mais larga a humanidade.

Alma Nova, Lisbôa, 1874, pag. 69.

Guilherme Avelino Chaves de Azevedo nasceu em Santarem em 30 de novembro de 1839 e faleceu em Paris, onde era correspondente da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, em 1882. Poeta realista e folhetinista muito apreciavel, fundou com Guerra Junqueiro *A Lanterna Magica*, e com Bordallo Pinheiro *O Album das Glorias* e o *Antonio Maria*. Os seus *Zig-Zags* e os *Cris-cris*, publicados no *Diario da Manhã*, e as *Cartas de um Birmam* ficarão como modelo de humorismo e de delicada verve.

Bibliografia: *Aparições* (verso), Lisbôa, 1861; *Radiações da noite*, idem, idem, 1871; *Alma Nova*, idem, idem, 1874; *Rosalina* (drama). De collaboração com Guerra Junqueiro, escreveu o livro *Viagem á roda da Parvonia*, s/d.

1839-1897

SANTOS VALENTE

SONETO

Quando te vejo, é como se no mundo
Ninguem mais existisse alem de nós.
Não vejo mais ninguem: reinas a sós,
E em ti com tudo o mais eu me confundo.

A terra, o vasto mar, o céo profundo
São accessorios teus; e na tua voz
Ouço a toada harmonica e veloz
De quanto ha n'este espaço em que me inundo.

Nas dóbras d'este manto universal,
Em que tudo o que é, se envolve e alista,
Creio que só de ti vem bem e mal;

T do se move e move-o a tua vista,
E, se a verdade queres que te fale,
Não sei se Deus és tu, se um Deus exista...

Parnaso Portuguez Moderno, por Theophilo Braga, Lisbôa, 1877, pag. 136.

Antonio dos Santos Valente nasceu na Certã em 4 de dezembro de 1839 e faleceu em Lisbôa em 1897. Formado em direito, segundo oficial do Ministerio da Justiça e latinista notavel, o seu volume de versos *Primicias*, apareceu sendo ainda Santos Valente aluno da Universidade de Coimbra. Em 1881, publicou o *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*. Muito erudito, versejava com grande facilidade, em portugues, frances e latim, como se pode verificar no seu livro *Carmina*.

Bibliografia: *Primicias*, 1861; *Theoria do Infinito*, 1861; *Carmina*.

1840

XAVIER DA CUNHA

OS LUSIADAS

(INEDITO)

Lusiadas! grandiluquo Poema!
Tropheo das glorias patrias, rutilante
Qual de rubis rutila deslumbrante
Na fronte de uma noiva um diadema!

Inspiração olympica e suprema
De um vate que, em seu estro altisonante,
De Valmiki, Virgilio, Homero e Dante,
Logra inglobar a perfeição extrema!

Symphonia de accordes sublimados,
Com que eterniza a Lyra Camoniana
«*As Armas e os Barões assignalados*

Que da occidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram inda além da Trapobana!»

O DR. XAVIER DA CUNHA, muito ilustre homem de letras, nasceu em Evora em 14 de fevereiro de 1840. Filho de Estevam Xavier da Cunha, um dos nossos mais distinctos jornalistas, em 1865, concluiu o curso medico *sendo aprovado plenamente com louvor*. Em 1886 por concurso, foi provido no cargo de 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisbôa, sendo em 1902, nomeado director da mesma bibliotheca, lugar que desempenhou até 1910, com a maior inteligencia e zelo. Vastissima é a sua bibliografia, em que, com proficiencia, tem abordado os mais diferentes assumptos. Para dela bem se ajuizar, vidè pag. 31 a 49 do tomo XX, *do Diccionario Bibliographico Portuguez* em que são mencionadas 300 e tal especies bibliograficas de que é auctor, tão distincto Academico, bibliofilo e Camonianista.

Bibliografia: Quasi ao acaso citarei: *Estudos bibliographicos. Noticia de um precioso livro da Bibliotheca Nacional de Lisbôa*, 1888; *Estudos bibliographicos. Francisco Henrique Ahlers*, 1889; *A Livraria do prior do Crato em Paris* (vidè pag. 340 a 368 do vol. VII da 2.ª parte da *Lisbôa antiga*); *Pretidão de amor* (vidè vol. I do *Circulo Camoneano*, Porto, 1889-1890); *O Alfageme de Santarem* (artigo no *Almanach Horas Romanticas*); *Carta a José Ramos Coelho sobre a molestia de que faleceu D. Duarte de Bragança, irmão de El-rei D. João IV;*

Alguns documentos do archivo nacional da Torre do Tombo acerca das navegações e conquistas dos portuguezes publicados por ordem do governo de Sua Magestade Fidelissima, ao celebrar-se a commemoração quadricentenaria do descobrimento da America, 1892; *Christovam Colombo e Luis de Camões* (Vide *Nova Alvorada*), 1892-1893; *Pretidão de amor. Endechas de Camões a Barbara escrava seguidas da respectiva tradução em varias linguas* (por varios traductores) *e antecedidas de um preambulo*, 1893-1895; *Impressões deslandianas. Divagações bibliographicas*, 2 vol., 1895; *Creação de uma cadeira de arabe em Portugal* (*Novidades* de 9 e 10, 10-1895); *Vasco da Gama... Resuscitado*, 1898; *O Gigante Adamastor. Episodio dos Lusiadas de Camões com a tradução em verso por Prospero Perogallo, prefacio de Xavier da Cunha*, 1898; *A epopea das navegações portuguezas. Estrophes de Xavier da Cunha com traduções em italiano, hespanhol e frances*, por Prospero Perogallo, D. José Lemarque e José Benoliel; *Primavera*, versos imitados de Goethe, 1898; *Proposta para a elaboração de um livro aureo em commemoração do Visconde de Almeida Garrett*; *Revoadas de peste bubonica em Lisbôa no seculo* XVI *e* XVII; *Velharias recopiladas*, 1899; *O Visconde de Castilho* (nota ao correr da pena). *Apreciações bio-bibliographica* (Vide *Mundo Catholico*), 1899; *Uma carta inedita de Castilho*, 1900; *O Alfarrabista João Pereira da Silva*, 1900; *A primeira saudade*, versos de Lamartine, tradução; *Uma tradução de Garrett: Noticia bibliographica relativa ao lusophilo Edgar Prestage*, 1902; *Nos jogos floraes de Colonia de* 1901-1902; *Uma carta em verso ao Conde de Ficalho*, 1903; *O concilio dos Deuses descripção por Luiz de Camões e pintado* por Cyrillo Wolkmar, 1903; *Especies bibliographicas e especies bibliacas consideradas sobre nomenclatura*, 1903; *Apographo existente na Bib. N. de Lisboa agora comentado e publicado pelo director da mesma bibliotheca*, Xavier da Cunha, 1904; *Uma tradução inedita em latim da Alma minha gentil*, publicada e prefaciada por X. da C., 1904; *Notice sur la bibliotheque nacional de Lisbonne* (separata des bibliotheques et archives de Belgique), 1904; *La legislation portugaise sur la reproduction des manuscrits*, Bruxelas, 1904; *A Bibliotheca Nacional de Lisbôa na Exposição petrarchiana da Bibliotheca N. de Lisbôa; Traços e ligações*, 1907; *Versos de Olimpio de Freitas*; etc., etc. O Dr. Xavier da Cunha colaborou no *Album de Costumes Portugueses*, que contem aguarellas originaes de Raphael Bordallo Pinheiro, Condeixa, Roque Gameira, Malhôa e artigos de Fialho, Ramalho, Pinheiro Chagas, etc.; no *Diccionario Popular* redigiu muitos artigos; para a *Bibliotheca do Povo e das Escolas* escreveu os volumes: *Historia de Portugal, Mithologia, A terra e os mares, Centuria de Celebridades femininas, O homem na serie animal, Grammatica Portuguesa, Philosophia popular em proverbios, Historia Universal, Fabulas e apologos, O Livro do Natal, O codigo fundamental da nação portuguesa, Os heroes de* 1640 e *O Livro da semana santa*; colaborou ainda na *Europa Pictoresca* e no *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*, 1881, obra delineada por Caldas Aulete e concluida por Santos Valente. Com Rodrigo de Sousa Monteiro traduziu a comedia *Les pattes des mouches*, de Victorien Sardou, representada em 8 de abril de 1863 em D. Maria com o titulo de: *Por causa de uma carta.*

1840

JULIO DE CASTILHO

RESIGNAÇÃO

Da crua dôr no temporal desfeito,
Busquei Deus; tive-o surdo ao meu chamado.
¡ Chega a Religião! pelo ar toldado
Côa um raio do ceo, que entra em meu peito.

Resignação filha do Eterno, acceito
O calix da amargura; eis-me prostrado;
Salvaste emfim meu seio angustiado;
Levaste a Deus meu lacrimoso preito.

Resignado, mas cheio de tristeza,
Já olho sem terror quem me pungia;
Abençôo em meu nada a eterna alteza.

¡ Deus! se te amei nas horas de alegria,
¡ Oh! quanto mais te adoro na incerteza
D'esta vaga christã melancolia!!...

O Ermiterio, Lisbôa, 1875, pag. 133 e 134.

Julio de Castilho (Visconde de Castilho) nasceu em Lisbôa em 30 de abril de 1840. Filho do grande poeta Antonio Feliciano de Castilho, investigador profundo e conscencioso, os seus livros são muito apreciados. *Lisbôa antiga* honra sobremaneira o auctor, devendo-se ao seu lapis muitos dos desenhos que nela figuram. Socio da Academia das Sciencias de Lisbôa e antigo funcionario superior da Biblioteca Publica, vasta é a serie de trabalhos que a literatura portuguesa lhe deve.

Bibliografia: Verso: *Primeiros versos*, 1867; *O Ermiterio*, 1875; *Manuelinas*, 1889; *Fastos*, 1918. Prosa: *O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero do Quental*, 1865; *Memorias dos vinte anos*, 1866; *D. Ignez de Castro*, 1875; *Antonio Ferreira, poeta quinhentista*, 3 vol., 1875; *Memorias de Castilho*, 2 vol., 1881; *Lisbôa antiga*, 1879-90; *Amor de mãe*, 1900; *Amores de Vieira Luzitano*, 1901; *Os dois Plinios*, 1906; *José Rodrigues, pintor portuguez*, s/d.

1840–1917

MANUEL D'ARRIAGA

AMOR E PROVIDENCIA

Emquanto eu, alta noite, velo e lido,
Por vós mantendo innumeros cuidados,
Dormis, caros filhinhos, socegados,
Em torno a mim, o somno appetecido!

Dormis!? sonhaes decerto... e eu, pae, envido
Meus esforços por ver realisados
Vossos sonhos gentis e perfumados:
Ampara-vos um peito estremecido.

Outro alguem faz por vós o que eu vos faço:
Com suprema bondade e sapiencia,
Rege os mundos que rolam pelo espaço!

Esse Alguem é o amor por excellencia,
O formidavel e invisivel braço,
E o olhar que nunca dorme — a *Providencia* —.

Cantos Sagrados, Lisbôa, 1899, pag. 48 e 49.

Manuel de Arriaga nasceu na cidade da Horta (archipelago dos Açores), em 8 de junho de 1840 e faleceu em Lisbôa em 5 de março de 1917. Bacharel em direito, antigo professor e advogado, republicano moderado e historico, ocupou desde 1911 até ao quatorze de maio de 1915, o cargo de Presidente da Republica Portuguesa. Forçado pelas condições especiaes em que ficou depois dessa revolução, pediu a renuncia do elevado logar para que foi escolhido. Processado e amnistiado (amnistia contra a qual protestou), escreveu em sua defeza, o livro *Na primeira presidencia da Republica,* trabalho que conta duas edições. Espirito superior e caracter nobre, a politica e as ingratidões, por certo, muito contribuiram para lhe abreviar seus dias. Fez, assim como Fernandes Costa, a sua estreia poetica na *Revolução de Setembro.* Vide no *Almanach Bertrand* de 1917 um curioso artigo sobre este assumpto.

Bibliografia: Verso. *Cantos Sagrados,* 1899; *Irradiações,* 1901. Prosa: *Sobre a unidade da familia humana debaixo do ponto de vista economico,* 1866; *Harmonias sociaes,* 1907; *Na ultima Presidencia da Republica,* 1915.

1842-1891

ANTHERO DE QUENTAL

A' VIRGEM SANTISSIMA

N'um sonho todo feito de incerteza,
Da nocturna e indizivel anciedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só de perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Os sonetos completos de Anthero de Quental, edição de 1890, pag. 88.

Anthero Tarquinio de Quental nasceu na Ilha de S. Miguel em 18 de abril de 1842 e, como Camillo e Julio Cesar Machado, poz termo á existencia em 11 de setembro de 1891. Anthero notabilisou-se desde bem novo, quer na *questão coimbrã*, quer fundando a associação secreta *O Raio*, como organisando em 1871 as *Conferencias democraticas do Casino Lisbonense*, e em 1891 presidindo á *Liga Patriotica do Norte*. *Sonetista primoroso* deste belo paiz de poetas, alguns de seus sonetos *são inexcediveis*.

Bibliografia: Verso: *Beatrice*, 1863; *Odes Modernas*, 1865; *Primaveras romanticas* (versos dos vinte annos), 1872; *Sonetos*, 1881; *Thesouro poetico da infancia*, 1883; *Sonetos completos* (compilados por Oliveira Martins), 1886; *Raios de extincta luz*, 1892; Prosa: *Bom senso e bom gosto. Carta ao Ex.mo sr. Antonio Feliciano de Castilho*, 1865; *A dignidade das lettras e as litteraturas oficiaes*, 1865; *Os criticos do Fausto. Carta ao Ex.mo sr. José Gomes Monteiro*, 1873; *A poesia na actualidade* (a proposito da *Lira Intima* do sr. Joaquim de Araujo), 1882, *O Infante D. Henrique*, 1894.

1842-1889

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

AQUELLA VOZ

Tem-se-me pouco a pouco ido apagando
A inspiração juvenil da poesia,
Como se apaga a clara luz do dia,
A' medida que o sol nos vae deixando.

Hoje é noite cerrada, e ás vezes, quando
Procuro pela sombra a phantasia,
Encontro-a sempre inerte, morta e fria,
Branca Ophelia que as aguas vão levando.

Pallido, fulminado, triste, absorto,
Fico então como um pae junto d'um berço,
Ao encontrar ali um filho morto.

Fechou-se-me o poema do Universo,
Nem ouço aquella voz, o meu conforto,
Que antigamente me falava em verso.

Outomnaes, Porto, 1892, pag. 3.

Alexandre da Conceição nasceu em Ilhavo em 16 de outubro de 1842 e faleceu em Vizeu, onde era director das obras publicas, em 11 de outubro de 1889. Engenheiro pela Academia Politecnica do Porto, curso que fez com distinção, escriptor e poeta ilustre, a proposito do *Euzebio Macario*, sustentou brilhantemente varias polemicas literarias contra Camillo Castello Branco. (Veja-se a *Bohemia de Espirito*, de Camillo, etc.). Colaborou em muitos jornaes e revistas e na *Grinalda*, interessante publicação portuense em que escreveram entre outros: Alexandre Braga, Soares de Passos, Custodio José Duarte, Francisco Joaquim Bingre, Guilherme Braga, Nogueira Lima, proprietario e redactor da *Grinalda*, Julio Diniz, Camillo, Manoel Duarte de Almeida, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, D. Maria Peregrina de Sousa, etc.

Bibliografia: *Abençoada esmola* (poemeto), 1867; *Alvoradas* 2.ª ed., 1875; *Ensaios de critica*, 1881; *Outomnaes*, 1892.

1842-1894

FERNANDO CALDEIRA

A VIDA

Abri meus olhos ao raiar da aurora
E parti. Veio o sol e então segui-a...
A sombra, que eu julgava guiadora,
A minha propria sombra fugidia.

E foi subindo o sol; ao meio dia
Escondeu-se-me aos pés a sombra; agora
Se volvo o olhar onde passei outr'ora,
Vejo a seguir-me, a sombra que eu seguia.

A gente é o sól d'um dia; sobe, avança,
Passa o zenith e vae, na immensidade
Apagar-se no mar, onde se lança...

E a vida é a propria sombra; meia edade
Somos nós, que a seguimos e é — *esperança;*
Depois segue-nos ella e é — *saudade.*

Mocidades, 2.ª edição, Lisbôa, 1903
pag. 5 e 6.

Fernando Caldeira nasceu na quinta da Borralha (Agueda) em 1 de novembro de 1842 e faleceu em Bemfica em 2 de abril de 1894. Poeta, musico, politico, pintor e dramaturgo, foi neste ultimo genero que se fixou o seu talento. A sua corôa de gloria é a *Mantilha de renda*. Em 1876 publicou o primeiro trabalho teatral — *Sapatinho de setim*. Poeta inspirado, a sua poesia, *Penas*, que tão bem principia, fecha com chave d'ouro, com esta sextilha:

São bem felizes as aves!
Como são leves, suaves
As pennas, que Deus lhe deu!
Só as minhas pesam tanto!...
Ai! se tu soubesses quanto!...
Sabe-o Deus e sei-o eu.

Bibliografia: *Mocidades,* 1882; *A Mantilha de renda,* 1880; *A Madrugada,* 1894.

343

THEOPHILO BRAGA

A UM CRUCIFIXO

— Pregado em uma cruz de ebano expira!
O alvor do corpo de marfim deslumbra
A vista que divaga na penumbra
Dentro da cella aonde a alma lá suspira.

Cada pisada chaga é de saphira;
Reluz na sombra que o altar olumbra!
São aljofres as lagrimas... Ressumbra
Em tudo a dôr que em extasis delira.

Doce Jesus! sem conhecer a vida,
E sem saber porquê, na flôr da edade,
Chora a teus pés a infancia amortecida.

Vêr perder-se a alegria, a mocidade,
E vêr-te exangue n'essa cruz erguida,
Qual fará, bom Jesus, mais piedade? —

Torrentes. Ultimos versos, Porto, 1869, pag. 142 e 143.

Joaquim Theophilo Braga nasceu em Ponta Delgada (Açores) em 24 de fevereiro de 1843. Muito trabalhador, formou-se em direito, em Coimbra, em 3 de julho de 1867, tomando o grau de doutor em 26 daquele mes e ano. Poeta, filosofo, historiador, critico, socio das Academias Real das Sciencias de Lisbôa e Portugal e professor do Curso Superior de Letras, a obra do Dr. Theophilo Braga é vastissima e reveladora de profundo estudo e de grandes conhecimentos, os quaes, desde bem novo, lhe grangearam merecida fama.

Bibliographia: Verso: *Tempestades Sonoras*, 1864; *Visão dos Tempos*, 1864; *A Ondina do Lago*, 1866; *Folhas Verdes e Torrentes*, 1869; *Antologia*, 1876; *Parnaso Portugues moderno*, 1877; *Miragens seculares*, 1884; *Alma Portuguesa*, 1893; *O Mar tenebroso* (poemeto), 1894; *Rapsodias da Epopeia Portuguesa* (2 fasc.), 1898; *Os dose de Inglaterra*, 1899; *Psycose de Fausto* (poemeto), 1901; *Alma Portuguesa* (poema), 1902. Prosa: *Poesia do Direito*, 1865; *Contos phantasticos*, 1865; *As Theocrasias literarias*, 1865; *Historia do Direito Portugues*, 1868; *Historia da Poesia moderna em Portugal*, 1869; *Cancioneiro e romanceiro geral portugues*, 1867-69 (5 vol.); *Philosophia da litteratura*, 1870; *Introdu-*

ção da historia da litteratura portuguesa, 1870; *Historia do theatro portugues* (4 vol.), 1870; *Espirito do direito civil moderno*, 1870; *Historia da poesia portuguesa* (Eschola Nacional), 1871; *Historia da poesia portuguesa* (Eschola Provençal), 1871; *Poetas palacianos*, 1871; *Historia da poesia portuguesa* (Eschola hespanhola), 1871; *Historia dos quinhentistas*, 1871; *Trovadores galicio-portugueses*, 1871; *Obras de Christovam Falcão*, 1871; *Theoria da historia da litteratura portuguesa*, 1872; *Historia da poesia portuguesa* (Eschola Hispano-Italica), 1872; *Os criticos da historia da litteratura portuguesa*, 1872; *Bernardim Ribeiro e os bucolistas*, 1872; *Historia das novellas portuguesas*, 1873; *Historia da poesia portuguesa* (Eschola Italiana), 2 t., 1874; *Manual da historia da litteratura portuguesa*, 1875; *Grammatica portuguesa elementar*, 1876; *Historia Universal* (2 vol.), 1878; *Historia das ideias republicanas em Portugal*, 1880; *Sciencia das religiões*, 1880; *Historia do romantismo em Portugal*, 1880; *Origens poeticas do christianismo*, 1880; *Questões de litteratura e arte portuguesa*, 1881; *As civilisações semitas*, 1882; *Os centenarios como synthese effectiva nas sociedades modernas*, 1884; *Curso da historia da litteratura portuguesa*, 1885; *O povo portugues nos seus costumes, crenças e tradições* (2 vol.), 1886; *Um soneto de Camões, glosado por Filippe II*, 1889; *O sentimentalismo nacional*, 1891; *As modernas ideias na litteratura portuguesa* (2 vol.), 1892; *As lendas christãs*, 1892; *Camões, a typographia e as sciencias no seculo XVI*, 1892; *Centenario da descoberta da America*, 1892; *A Patria Portuguesa*, 1894; *Pequenos escriptos*, 1894; *D. Francisco de Lemos e a reforma da Universidade de Coimbra*, 1894; *Historia da litteratura portuguesa. Sá de Miranda e a eschola Italiana*, 1896; *Anthero do Quental*, 1896; *Historia da litteratura portuguesa. Bernardim Ribeiro e o bucolismo*, 1897; *Historia da litteratura portuguesa. Gil Vicente e as origens do theatro nacional*, 1898; *Historia da litteratura portuguesa. Gil Vicente e o desenvolvimento do theatro nacional*, 1898; *Historia da litteratura portuguesa. A Arcadia Lusitana*, 1898; *Historia da litteratura portuguesa. Bocage*, 1902; *Garrett e o romantismo*, 1903; *O Martyr da Inquisição*, 1904; *Alma portuguesa. Viriatho*, 1904; *Alma portuguesa. Frei Gil de Santarem*, 1905; *Garrett e os dramas romanticos*, 1905; *Alma portuguesa. Gomes Freire* (drama), 1907; *Camões. Epoca e vida*, 1907; *Discurso sobre a constituição politica da republica portuguesa*, 1911; *Os amores de Camões*, 1917.

844

MANOEL DUARTE DE ALMEIDA

AROMATOGRAPHIA

Se alguma vez tentasse, ó minha amada!
Na téla desenhar teu nobre busto hebreu,
Não iria pedir — bucolico Dirceu —
Á neve, á rosa, ao lirio, a tinta delicada.

A gazella medrosa, a pomba assetinada,
O ebano, o marfim, o sol, o azul do ceu
Nada tinham que dar-me, oh fouveiro escarceu,
Flamma alongada em lago, onde a minha alma nada!

Perfumes na paleta, em verde tintas pondo,
Derramára o beijoim no teu seio redondo,
N'essa bocca a mordente escalonia; e no olhar,

A magnolia, que lembra um antartico mar;
E a rajada do sul, impregnada de aromas,
Pintára o turbilhão das tuas negras comas!

Brasil-Portugal, n.º 267, de 1-3-1910, pag. 43.

Manoel Duarte de Almeida nasceu em Villa Real de Traz-os-Montes a 28 de setembro de 1844. Empregado superior dos correios do Porto, m o curso de farmacia. Poeta distinto, as suas poesias dão-lhe di-ito a figurar entre os nossos poetas consagrados. De Camillo, de Ale-ndre da Conceição, de Joaquim de Araujo e de muitos outros vultos istres nas letras, recebeu inequivocas demonstrações d'apreço. O so-to que reproduzo é considerado como um dos bons da lingua portu-esa

Bibliografia: *Ramo de lilazes para depor no athaude de Sua Ma-stade o Sr. D. Luiz I*, 1889; *Estancias*; *Romance incompleto* (poe-to); *Terra e Azul*; *Voe Victoribus* e *Anathema á Inglaterra*, 1890.

1845-1910

SOUSA VITERBO

DESCANSO ETERNO

Ah! como é bom dormir. E como é triste
Que venha tarde o somno derradeiro!
Pois o goso supremo e derradeiro
Só no descanso eterno é que consiste.

De que nos serve andar de lança em riste
A combater sem treguas o mundo inteiro,
Qual outro cervantino cavalleiro,
Que de loucas emprezas não desiste?

Se tudo neste mundo é illusorio
Para que estar em lucta permanente,
Transformando a existencia em purgatorio?

Accusem-me de espirito doente!...
Não quero sêr o fumo do incensorio,
Mas cinza glacial, cinza immanente.

Occidente, n.º 1154 de 20-1-1911. pag. 10

Francisco Marques de Sousa Viterbo nasceu no Porto em 29 de dezembro de 1845 e faleceu em Lisboa, em 1910. Muito ilustrado e estudioso, como revelou nos variadissimos trabalhos literarios que produziu, era formado em medicina e teologia. Professor distincto, prestou relevantes serviços á literatura historica portuguesa. Apesar de ter perdido a vista, é pasmosa a actividade intelectual que desenvolveu durante toda a sua vida, para produzir tantas e tão valiosas obras, nas quaes foi intensamente auxiliado por sua filha. Ainda no ano em que faleceu publicou um livro bem interessante, *D. Leonor de Portugal, Imperatriz da Allemanha*. Usou o pseudonimo de *David Rosa*.

Bibliografia: Verso: *Rosas e Nuvens*, 1870; *O Anjo do Pudor* (poema), 1870; *Harmonias fantasticas*, 1875; *Ultimos Versos (David Rosa)* pseudonimo com que firmou muitas poesias, 1912. Prosa. *A Mulher de Cesar*, 1874; *A Capela de S. João Baptista*, 1890; *Artes e Artistas em Portugal*, 1892; *Noticia sobre alguns medicos portugueses ou que exerceram a sua profissão em Portugal*, 1893; *O orientalismo em Portugal no seculo* XVI. 1893: *Trabalhos nauticos de portugueses nos seculos* XVI *e* XVII, 1894; *Estudos sobre Sá de Miranda*, 1896; *O Fabrico da polvora em Portugal*, 1896; *Archeologia industrial portuguesa. Os moinhos*, 1896; *O Pedro Sem*, 1897; *A Esgrima em Portugal*, 1897; *Ar-*

tistas e artifices de Guimarães, 1897; *O Prior do Crato e a Invasão espanhola*, 1897; *Fastos religiosos* (festas e procissões), 1898; *Viagem da India a Portugal e vice versa*, 1898; *A Batalha de Touro*, 1900; *A Livraria de musica de D. João IV e o seu Index*, 1900; *Estudos sobre Damião de Goes*, 1900; *Noticia de alguns escultores portugueses ou que exerceram a sua arte em Portugal*, 1900; *A Livraria Real especialmente no reinado de D. Manoel*, 1901; *Fundidores de Artilharia*, 1901; *Notas de archeologia artistica*, 1901; *Artes Industriaes e Industrias portuguezas*, 1902; *Manuel de Sousa Coutinho (Frei Luiz de Sousa) e a familia de sua mulher D. Magdalena Tavares de Vilhena*, 1902; *Inventores portuguezes*, 1902; *Um punhado de valentes*, 1903; *Artes e Industrias metalicas em Portugal. Minas e mineiros*, 1904; *Artes e Industrias metalicas em Portugal. Ourives-espadeiros*, 1904; *O Thesouro do Rei de Ceilão*, 1904; *Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou ao serviço de Portugal*, 2 vol., 1890-1904; *Duarte Galvão e sua familia*, 1905; *Poesias avulsas do Dr. Miguel da Silveira*, 1906; *Noticia de alguns pintores e de outros que sendo estrangeiros exerceram a sua arte em Portugal*, 2.º vol., 1903-1906; *Cruzeiros de Portugal*, parte I e II, 1907; *Noticia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado*, 1910; *A Ordem de Christo e a Musica Sacrada nas suas Egrejas do Continente* (obra postuma), 1911; *Medicos poetas* (obra postuma), 1911; *Cem artigos de jornal insertos no «Diario de Noticias» de Lisboa*, 1912; *O licenciado Aleixo d'Abreu. O cirurgico Francisco de Sousa e seu genro Luiz Marinho de Azevedo*, 1912; *O Rei dos Charamelos e os Charamelos-móres*, 1912; *Infanta D. Leonor de Portugal, Imperatriz da Allemanha*, 1910.

1846–1883

GONÇALVES CRESPO

A CONFESSADA

Era tão linda assim, ajoelhada,
As mãos unidas com suave gesto,
Os olhos baixos, e um sorrir modesto
De seus labios na curva immaculada!

De um sacerdote aos pés severo e mesto
Ella curvava a fronte delicada,
E dizia-lhe baixinho e socegada
De sua vida o deslizar honesto.

Mas subito uma nuvem cor de rosa
Ao rosto lhe subiu, fugaz meteoro!
E a sua voz tremeu-lhe inquieta e suspirosa...

E pude ver, sombrio Lovelace,
Essa palavra — amor — em lettras de ouro
Traçadas no carmim de sua face.

Miniaturas, Lisbôa, edição 1897, de pag. 150 e 151.

Antonio Candido Gonçalves Crespo nasceu no Rio de Janeiro em 11 de março de 1846 e faleceu em 1883. Em 1875, concluiu a sua formatura em direito na Universidade de Coimbra, sendo em 1880 nomeado redactor das sessões da Camara dos Pares do Reino. Poeta admiravel, algumas das suas poesias contam-se entre as melhores da lingua portuguesa. As *Miniaturas*, publicadas em 1870, e os *Nocturnos*, são dois grandes padrões poeticos que legou á posteridade. De colaboração com sua esposa, a distinctíssima escriptora sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, a quem a Academia das Sciencias de Lisbôa e um grupo de admiradores de Portugal e Brasil ainda bem recentemente prestaram elevada homenagem pelas suas *Bodas douro* literarias, escreveu *Contos para nossos filhos*. Foi deputado por um dos circulos da India e socio do Instituto de Coimbra.

Bibliografia: Poesia: *Miniaturas*, 1871; *Nocturnos*, 1882; *Poesias não entradas nas suas Obras Completas*, compilação de Rodrigo Velloso, 1898. Prosa: *Contos para nossos filhos* (8 edições).

1846–1909

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

ESPLENDIDA!

É esplendida! Tem negros os cabellos,
Como a noute das almas condemnadas;
A altivez das mulheres diademadas,
De antigas castellãs em seus castellos...

Quando, na igreja, fita os olhos bellos
Do seu missal nas paginas lavradas,
Fremem na sombra, estaticas de vel-os,
Do austero templo as gothicas arcadas...

De noute, no conchego de seus ninhos,
Pipilam docemente os passarinhos,
Se o rosto assoma aos vidros da janella.

Quando passa na rua, as creancinhas
Ajoelham no chão, pondo as mãosinhas
Murmuram, supplicando, o nome d'ella.

Sonetos, Lisbôa, 1882, pag. 10.

José de Sousa Monteiro nasceu na cidade da Praia (archipelago de abo Verde) em 20 de agosto de 1846 e faleceu em Lisbôa em 11 de ttubro de 1909. Educado no Colegio de Campolide, fez mais tarde curso superior de letras, tendo concluido em 1870 o de Diplomacia. n 1873 foi nomeado adido para a legação de Madrid, sendo em 1883 omovido a primeiro oficial e sub-director do ministerio dos negocios trangeiros e politicos, cargo que desempenhou até á morte. Escriptor poeta notavel e socio da Academia das Sciencias de Lisbôa, Sousa onteiro tinha um estilo muito especial. Alem de alguns romances, creveu varias peças para o teatro. Deixou incompleto um trabalho bre o marquez de Pombal.

Bibliografia: Verso: *Sonetos*, 1882; *Entalhes e Camafeus*, 1895. osa: *Os amores de Julia*, 1886; *Santo Antonio de Lisbôa*, 1895; *auto dos esquecidos*, 1898; *Elogio historico de José Maria Latino elho*, 1898; *Almeida Garrett. Oração commemorativa do quinquages- mo anniversario do seu transito*, 1905; *O Cavalleiro Falstaff* (come- a em 4 actos).

1846

CANDIDO DE FIGUEIREDO

TREVAS

Quiz ver o carcere. Só n'elle havia
Uns vultos pallidos de torvo aspecto,
Respirava-se a custo, e parecia
Que me esmagava o ennegrecido tecto.

Era um mar de paixões, em calmaria;
Mar outr'ora revôlto e irrequieto;
Apenas pela abobada sombria
Revoava, a zumbir, nocturno insecto.

Cheguei-me á turba vil, encarcerada,
Em cuja face se cravára o estigma
Do crime, que nos faz estremecer.

E perguntei: — Que dolorosa estrada
Vos trouxe aqui? — E a turba, a esfinge, o enigma
Rugiu na sombra: — Não sabemos ler...

Poema da Miseria, 2.ª edição, Coimbra 1880, pag. 153 e 154.

Antonio Candido de Figueiredo nasceu em Lôbão, concelho d Tondella, em 19 de setembro de 1846. Em 1874, sendo ainda estudant da Universidade, foi socio correspondente da Academia Real da Sciencias de Lisboa. Formado em direito pela Universidade de Coim bra, chefe de uma das repartições do Ministerio da Justiça, o dr. Can dido de Figueiredo é, alem de poeta e escriptor ilustre, um lexiologo filologo notavel. Com Gonçalves Vianna, Adolpho Coelho, etc., fe parte da commissão que lançou as bases para a reforma da ortogra fia nacional, tendo, tambem, associado-a Luciano Cordeiro e a Rodrig Pequito, constituido a commissão que fundou a sociedade de Geogra phia de Lisboa.

Bibliografia: Linguistica. *Novo Diccionario* (2.ª edição), 2 vol. *Lições Praticas* (varias edições), 3 vol.; *Problemas de linguagem* (va rias edições), 3 vol.; *Falar e Escrever* (varias edições), 3 vol.; *O qu se não deve dizer* (varias edições), 3 vol.; *Estrangeirismos* (2.ª edição) 2 vol.; *Problema da Colocação de Pronomes* (2.ª edição); *Vicios d Linguagem Medica; A Colera-Morbo; A Ortografia no Brasil; «Vade Mecum» dos estudiosos da lingua; Gramatica Sintetica* (2.ª edição);

uestão Ortografica (carta a Jaime Moniz); *Tosquia de um gramatico*; *) Golpe de Misericordia; Transformações Vocabulares; Novas Reflexões obre a lingua portuguesa.* Literatura: *Amores de um Marinheiro* (ro-nance historico, premiado em concurso); *O Bacharel Ramires* (roman-e); *Contos; Homens e Letras* (galeria dos poetas contemporaneos); *Lis-oa no ano tres mil*; *Figuras Literarias*; *Pirilampos* (prosa); *Quadros Cambiantes* (versos), 2.ª edição; *Tasso* (poema dramatico); *Parietarias* versos); *Nictagineas; O Poema da Miseria*; *Crisantemos* (versos); *O Livro de Job* (em versos portuguezes); *Peregrinações* (colectanea poe-ica); *Antologia Poetica; Prosas Modernas* (selecta); *Um Anjo Martir* poemeto); *A's creanças* (poemeto). Sciencias moraes e sociaes: *Rudi-nentos de Direito Civil*, 2.ª edição; *Rudimentos de Direito Publico*, 2.ª dição; *Rudimentos de Direito Administrativo*, 2.ª edição; *Rudimentos le Direito; Economia Politica*, 3.ª edição; *Introdução á Sciencia das Finanças; A Liberdade de Industria; As Escolas Rurais; Sumario da Historia Universal*, 2.ª edição; *Historia de Portugal*, 5.ª edição; *Ma-nual da Geografia Moderna; Prolegomenos da Historia de Portu-al*, 2.ª edição; *Episodios e Figuras Celebres da Historia de Portu-al; Noticia Historia dos Antigos Povos do Oriente*, 2.ª edição; *Ma-nual dos Direitos e Deveres; Rudimentos de Literatura; Pequeno Di-ionario de Latitudes e Longitudes; Subsidios para um Dicionario Geo-rafico; Da Cosmografia; Noções de Geografia Antiga; Primeiras Linhas e Corografia; Manual dos Jurados; O Municipio e a Descentralização; Usufructo e Fideicomisso; Um Bacharel em Mistica; A Penalidade na ndia; O Governo Civil de Vila Real; A India Antiga* (no *Instituto* de Coimbra); *Generalização da Historia do Direito Romano; Recapitula-ão da Historia das Literaturas; Relatorios e propostas*, no Conselho uperior de Instrucção Publica. Traduções: *Manual da Sciencia da inguagem*, por Giacomo de Gregorio; *O Problema do Casamento*, por Mantegazza; *Fisiologia do Amor*, por Mantegazza; *Vencer ou Morrer*, or Sienkiewicz; *Moral para todos*, por Ad. Frank; *Os Companheiros e Vasco da Gama*, por Alvares Pérez; *Vamiré*, por J. H. Rosny; *Arte e Escrever*, por Albalat; *A Formação do Estilo*, por Albalat; *A Vida as Abelhas*, por Maeterlinck; *A Inteligencia das Flores*, por Maeter-nck; *A Morte*, por Maeterlinck; *Os Dois Tamanquinhos*, por Ouida; *uas Viuvas*, por Mallefille; *O Ultimo Abencerragem*, por Chateaubriand *o Viriato*, de Viseu); *A Pomba*, A. Dumas (na *Gazeta Setubalense)*; *ontos*, de A. Daudet (na *Capital*, primeiro jornal d'este nome). Publi-ações periodicas: *Cenaculo*, revista literaria; *Gazeta da Beira* (noti-iosa e regionalista); *A Capital* (folha noticiosa e pedagogica); *Diario e Portugal* (noticioso e literario); *O Globo* (folha noticiosa e litera-ia), de camaradagem com os escriptores Simões Dias e Visconde de anches de Frias.

1847

ADRIANO ANTHERO DE SOUSA PINTO

O ENGEITADINHO

Estava o pobresinho acobertado
Do vento e chuva na cabana fria.
Pallido e magro, no seu rosto havia
Essa muda expressão d'um desgraçado,

Que a miseria perfilha e a fome cria.
E, comtudo, sorrindo descuidado,
Como se fôsse um bemaventurado,
Afagava um cãosito que o lambia!

E perguntei: «Que fazes tu, pequeno,
Assim deitado n'um montão de feno?
Como te chamas? E teus paes quem são?»

«Senhor, sou engeitado! Toda a gente
Me chama assim tambem. E, por parente,
Só tenho este que me lambe a mão!»

O Poema da Vida, Porto, 1912, pag 225 e 226.

Adriano Anthero de Sousa Pinto nasceu em 1847. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, antigo deputado, advogado professor da 19.ª cadeira do Instituto Industrial e Comercial do Porto, foi o Dr. Adriano Anthero quem defendeu Silva Pinto, ha muitos anos, num processo que o director da alfandega da Invicta cidade Bento de Freitas Soares, lhe moveu por causa duns artigos publicados na imprensa.

Bibliografia: *Os Reprobos* (poema); *O Poema do Trabalho; A eleição Camararia do Porto e a politica actual do paiz*, 1895; *Historia economica*, vol. I, *Edade antiga*; vol. II e III, *Edade media* vol. IV, *Edade moderna; Na Penitenciaria* (poemeto); *Entre o Brevia rio* (poemeto); *A lista civil* (discurso): *A Crise Vinicola* (discurso) *Projectos Parlamentares* e *Poema da Vida*.

1848–1914

JOÃO FRANCISCO D'EÇA LEAL

VELHICE

(INEDITO)

Como a edade nos enche de tristeza!
Que alegre eu fui até aos quarenta annos!
Como á força de tantos desenganos
Deixei de ter a alma portugueza...

E a minha era só feita de pureza;
Mas a fatalidade tem arcanos
Insondaveis — que infiltram na alma os damnos
Que conduzem os homens á torpeza.

E quando voltará essa alegria
Que eu gosaria debaixo do meu tecto?
Oh! se ao meu lar ella voltasse um dia!...

Bastava-me p'ra tanto um só affecto...
Talvez eu inda cante ou inda ria
Quando nascer o meu primeiro neto.

João Francisco Xavier d'Eça Leal nasceu em 29 de janeiro de 1848 e faleceu em 1 de agosto de 1914. Era delegado do tesouro, aposentado. Poeta e dramaturgo distincto, alem de muitas peças que escreveu e foram representadas em D. Mariá e noutras casas de espectaculo, colaborou em varios trabalhos teatraes com Gervasio Lobato, Eduardo Schwalbach, Batalha Reis, etc. O seu livro de versos *Quadros humoristicos* foi prefaciado por Ramalho Ortigão. Escreveu muitas poesias que não chegaram a ser reunidas em volume. João Francisco d'Eça Leal foi pae do ilustre poeta Thomaz d'Eça Leal, a quem igualmente me refiro nesta antologia. No *Jornal da Mulher*, de agosto de 1914, vem em homenagem ao primeiro destes poetas uma desenvolvida noticia bio-bibliografica.

Bibliografia: Teatro. *Por uma lagrima!*; *Serenata de Schubert*; *Diogo Alves* e *Mattos Lobo* (dramas); e *Mocidade*, representada em 1907. Verso: *Quadros humoristicos*.

1848

GOMES LEAL

ALMA ERRANTE

Encontrei muita vez, vagando ao acaso,
Um perfil de mulhér no qual se adivinha
Como em exilio uma infeliz Rainha,
Um sol nascente e quasi já no ocaso!...

Lembrou-me um jaspe, um delicado vaso,
Onde vegeta a custo uma florinha,
Anciosa por florir, mas que mesquinha,
Tem o espaço estreito, e o chão arido e raso.

Certa tarde, já quasi ao fim do dia,
Baixava o sol na ultima agonia,
Vi-a lenta vagando em certa praça.

Perguntei-lhe o seu nome, incivilmente...
Cravou-me um triste olhar, e tristemente,
— Digna, mui digna, respondeu: *Desgraça.*

A Aguia, n.º 37, Porto, janeiro de 1915.

O grande e notavel poeta da *Historia de Jesus*, do *Anti-Christo* e das *Claridades do Sul* — ANTONIO DUARTE GOMES LEAL — nasceu em Lisbôa em 6 de junho de 1848. Poeta de combate e panfletista vigoroso, de pouco serviu ao auctor d'*A Canalha* e d'*A Traição* o seu grande talento, pois chegou pobre á velhice. A Republica concedeu-lhe uma pensão que, julgo, não chegou a receber. Renegando as suas antigas convicções, Gomes Leal é hoje um crente, como demonstrou em seus ultimos trabalhos literarios.

Bibliografia: *A Canalha*, 1873; *O tributo de sangue*, 1873; *Claridades do Sul*, 1875; *A morte de Alexandre Herculano*, 1877; *A Fome de Camões*, 1880; *O Hereje*, 1881; *O renegado*, 1881; *A Traição*, 1881; *A caça da Hydra*, 1882; *Historia de Jesus*, 1883; *A revolução em Hespanha*, 1883; *O Anti-Christo*, 1884; *Carta ao Imperador do Brasil*, 1889; *Troça á Inglaterra*, 1890; *A morte de Lili*, 1891; *O Estrangeiro Vampiro*, 1897; *A morte do rei Humberto*, 1900; *Fim de um mundo*, 1900; *Carta ao bispo do Porto*, 1901; *Kruger e a Hollanda*, 1901; *A Mulher de Luto*, 1902; *O Senhor dos Passos da Graça*, 1904; *A' mocidade*, 1906; *Mefistofles em Lisbôa*, 1907; *Serenatas de Hilario no Céo*, s/d; *Carta aos christãos e ás feras*, profecia do seculo XX, s/d.

1848

FERNANDES COSTA

MIRAGENS D'OUTOMNO

Sentámo-nos, cansados do caminho.
N'isto, um loiro menino, de olhar dôce,
Como se procurasse um brando ninho,
Calado e timido, entre nós sentou-se.

Logo abrimos logar ao pobresinho;
Mas sem lhe perguntar, sequer, quem fôsse.
Sorrindo, agradeceu-nos o carinho,
E, de ambos ao calor, agasalhou-se.

Adormeceu. E eu disse-te, em segrêdo,
Para não despertal-o um só rumor:
«Eu, d'êste pequenino, tenho medo!»

Olhaste-me, extranhando-me o temôr.
«Parece-me, — expliquei — que, mudo e quêdo,
Este que vês aqui...» E' quem?... O Amor!...

Almanach Bertrand, de 1918, pag. 194.

José Fernandes Costa nasceu em Lisbôa em 5 de julho de 1848. General da arma de artilharia, poeta ilustre, traductor exímio de cancioneiros e de poetas estrangeiros, socio efectivo da Academia de Sciencias de Lisbôa, fundador, coordenador e redactor unico do *Almanach Bertrand*, bela publicação em que o bom gosto se alia á selecção dos assumptos que insere, o nome de Fernandes Costa, poeta de sentimento e de forma elevada é muito considerado. O seu trabalho, o *Eterno Feminino*, grandioso volume de admiraveis sonetos, acompanhado de preciosas notas só vem confirmar os creditos que havia ha muito adquirido como poeta e prosador o auctor do *Poema Edeal*, obra em que ha puro lirismo.

Bibliografia: *O Livro das Soledades*, *Echos da Andaluzia*, 1899; *O poema do Ideal*, *Intermezzo lirico*, 1894; *Memorias de um ajudante de campo* (chronica pittoresca da terceira invasão francesa), 1895; *A viagem da India* (poemeto), 1896; *Hymno do Centenario da India*, 1897; *O anno politico*, 1896-1897; *O Macabro*, 1897; *D. Duarte de Menezes e D. Isabel de Castro*, 1901; *O Eterno Feminino*, *Anthero de Figueiredo. Chronista de Viagens* e *Romancista historico*, 1917.

1850

GUERRA JUNQUEIRO

POST-SCRIPTUM

Quando eu morrer abram-me o peito
E d'esta jaula, onde houve um leão,
Tirem, o carcere era estreito,
Meu velho e altivo coração.

Depois sem dó e sem respeito,
Sem um murmurio de oração,
Lancem-no assim, vai satisfeito,
A' valla obscura, á podridão.

Para que durma e se desfaça
No lodo amargo da Desgraça,
Por quem bateu continuamente,

Como um tambor que entre a metralha
Estoira ao fim d'uma batalha,
Rouco, furioso, ancioso, ardente!

A Velhice do Padre Eterno, Porto, 1885, pag. 178.

Abilio Augusto de Guerra Junqueiro, poeta verdadeiramente inspirado e de rara envergadura, auctor do admiravel preambulo com que abre a *Morte de D. João*, da *Patria*, dos *Simples* e d'outros primores literarios, nasceu em Freixo de Espada á Cinta em 15 de setembro de 1850. Bacharel em direito, foi nosso ministro em Berne.

Bibliografia: Verso: *Lira dos quatorze annos*, 1866; *Mistica Nuptiæ*, 1867; *Vozes sem Echo*, 1867; *A Victoria de França*. 4 de Setembro, 1870; *Morte de D. João*, 1874, 9ª ed.; *O crime*, 1875; *Tragedia Infantil*, 1877; *A Fome no Ceará*, 1877; *O Melro*, 1879; *O Seculo. Baptismo do amor*, s/d.; *A Velhice do Padre Eterno*, 1885; *A Lagrima*, 1888; *Finis patriæ*, 1891; *Marcha do odio*, s/d.; *Os simples*, 1892; *A Patria*, 1896; *Oração ao pão*, 1902; *Oração á luz*, 1904 e *Miss Cavel*. Prosa: *Contos para a Infancia*, 1881 e *Viagem á roda da Parvonia*, de colaboração com Guilherme de Azevedo.

1851–1890

ALFREDO PINTO DE ALMEIDA CARVALHAES

OS MISANTHROPOS

E havia nos seus labios resequidos
O vestigio da febre que os queimara:
Eram dois homens altos, combalidos,
Com poucos pellos na marmorea cara.

Viviam afastados e escondidos
Cheios de nojo da gentalha ignara,
Mas amavam-se muito os foragidos,
Porque os unira a mesma sorte amára:

E quando a Tristeza, essa bohemia
Os arrastava á sanguinaria estancia
Onde ha o ranger de dentes, a blasphemia,

Aquellas almas, mergulhando anciosas
No mutuo affecto as chagas cancerosas,
Tinham a azul pipilação da infancia.

Pela vida fóra, por Silva Pinto, Lisbôa, pag. 52.

Alfredo Pinto de Almeida Carvalhaes nasceu em Barcellos em 1851 e faleceu no Porto em 1890. Usou nalguns dos seus escriptos e versos o pseudonimo de *Carlos Negreiros*. Camillo refere-se a Carvalhaes, no seu *Cancioneiro alegre*. Bohemio incorrigivel, dele diz Silva Pinto no seu livro *Pela vida fóra*: «Havia no Porto um desgraçado rapaz, poeta de grande raça e septico-misanthropo, chamado Alfredo Carvalhaes, que eu procurava quando mais cruelmente a necessidade me opprimia, para o fim de desabafar com aquelle companheiro de soffrimento. Alfredo de Carvalhaes não era um amigo para consolações sentidas, mas eu encontrava-as no rictus sombrio com que elle sublinhava as minhas explosões. E compartilhava das minhas dores, como dão prova os seguintes versos que publicou, dedicando-m'os.» (Refere-se a este soneto.)

Bibliografia: *Beatrice* (poema), publicado na *Revista Illustrada*; *Camões* (poemeto); *Musicografia* (parodia á *Judia*, de Thomaz Ribeiro).

1851-1899

JOSÉ SIMÕES DIAS

SOL ENTRE NUVENS

Se inda te apraz ouvir fallar de um morto
Que em vida foi do amor favorecido,
Verás nos versos meus o desconfôrto
De um animo á desgraça emfim rendido!

Barco sem leme, sem farol, sem porto,
De mil contrarias ondas combatido,
Tal me tem sido a vida que hei vivido,
No escuro isolamento do meu horto.

Hoje que morto estou para a alegria
Que nesse teu sereno e brando olhar
Em tempos mais ditosos me sorria,

Inda uma crença faz meu peito arfar:
É suppôr que os teus olhos algum dia
Sobre estes versos meus hão de chorar!

As Peninsulares, 5.ª edição, Lisbôa, 1899, pag. 18.

José Simões Dias nasceu na aldeia de Bemfeita (Concelho de Arganil) em 1851 e faleceu em Lisbôa em 3 de março de 1899. Era formado pela Universidade de Coimbra, nas Faculdades de Theologia e Direito, cursos que fez com distinção. Professor conscienciosso e sapiente, exerceu o magisterio em Vizeu, Elvas e Lisbôa. Os seus versos dos dezoito anos são belos e correctos. *As Peninsulares* crearam-lhe a merecida simpatia de que gosa como poeta. Ensaiou, como Pinheiro Chagas, o romance, a novela, o folhetim e o conto.

Bibliografia: Versos: *A Hostia de Oiro*, 1869; *Poesia social*, 1871; *Compendio de historia patria*, 1873; *Compendio de poetica e estilo*, 1873; *Lições de literatura portuguesa*, 1.ª ed., 1874; *Peninsulares*, 1876; Prosa: *A Hespanha moderna*, 1877; *Historias contemporaneas*. I *As mães*, 1877; II *O peccado*, 1878; *Elementos de oratoria e versificação portuguesa*, 1880; *Traços de critica e historia*, 1883; *Theoria da Composição litteraria*, 1900; *Figuras de gesso*, 1906.

1852

JOSÉ DE AZEVEDO CASTELLO BRANCO

PSALMOS

Em ambições levei a vida inteira
Sem poder realisal-as, sempre á espera
D'um bem melhor, d'um bem que me trouxera
Eterna paz na hora derradeira.

Quanto mudado estou do que antes era
Quando seguia a luminosa esteira
D'aquella esquiva dona feiticeira
No palacio encantado da Chimera!

A Gloria, a Fé, o Amor — esse rosario
De contas irisadas, o thesoiro
Que n'alma alguem nos põe, como um sacrario —

Tudo se foi no inglorio sorvedoiro
Em que ha mil annos anda o mundo vario
A ver se alcança o Velocino d'oiro.

Ao Cahir da Folha, Lisbôa, (s/d), pag. 67 e 68.

José d'Azevedo Castello Branco nasceu em Villa Real de Traz-os-Montes em 1852. Sobrinho de Camillo Castello Branco, e irmão do falecido poeta Antonio d'Azevedo Castello Branco, poeta, jornalista vigoroso e escriptor de nomeada, como politico e diplomata, ocupou no tempo da monarchia elevados cargos publicos. Quando foi proclamada a republica, era José d'Azevedo ministro dos estrangeiros. Formado em medicina pela Universidade de Coimbra, antigo governador civil de Lisbôa, do Conselho Superior de Instrucção Publica e bibliotecario-mór da Bibliotheca Nacional de Lisbôa, etc., no exilio compoz o volume de versos a que me refiro na sua bibliografia. Nas recentes eleições foi eleito deputado por Villa Real.

Bibliografia: *Ao Cahir da Folha,* Lisbôa. Os seus explendidos artigos politicos e literarios andam dispersos por jornaes e revistas.

1852

COELHO DE CARVALHO

A VELHINHA

Outr'ora essa franzina creatura,
Que fia á porta tremula e cançada,
Foi um typo ideal de formosura
Das moças do logar a mais fallada.

Quantos moços esbeltos com ternura
Lhe beijaram a trança perfumada,
E em doces sonhos de fallaz ventura
A apertaram ao peito, enamorada.

Envelheceu, e agora ás raparigas,
Pelas noites d'amor das desfolhadas,
Ou fiando as suas pallidas espigas,

Falla-lhes do seu tempo em voz dolente...
E dos labios nas fitas desbotadas
Um sorriso esvoaça tristemente.

Versos. Hervas. O Cantico dos Canticos,
Lisbôa, 1886, pag. 26.

O Dr. Joaquim José Coelho de Carvalho nasceu em Faro em 14 de junho de 1852. E' filho do antigo deputado ás côrtes Joaquim José Coelho de Carvalho. Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, poeta distincto e muito versado em latim, o Dr. Coelho de Carvalho foi nomeado ha muitos annos, mediante concurso, consul de Portugal no Rio Grande do Sul, cargo de que não chegou a tomar posse. Em 3 de janeiro de 1884 era despachado nosso consul em Changai. Ex-presidente da Academia das Sciencias de Lisbôa, é auctor de valiosos trabalhos literarios.

Bibliographia: *Generalisação da historia do direito romano*, 1875; *Hervas*, 1884; *As Eclogas de Virgilio*, 1901; *Casamento de conveniencia*, 1903; *Viagens; O Vitalismo na Arte*, 1905; *A Lingua e a Arte em Portugal*, 1908.

1852-1908

D. JOÃO DA CAMARA

SONETO

Caminho vae da serra o pequenino,
Levando n'alma o céo d'uma alvorada,
Emquanto muito alegre, na latada,
Á fresca aurora um melro canta um hymno.

Vae luz buscando a luz — eis o seu destino!
E tão contente, rindo pela estrada,
Que o melro cala subito a ballada
Só por lhe ouvir o canto crystallino.

Depois, quando o pequeno se avisinha,
Aos gritos foge e todo se espaneja
Pelo ether faiscante onde caminha.

Olhem o outro, espantado, como adeja!
Tambem d'azas precisa a creancinha,
E quem dar-lhas souber bemdito seja!

Novo Almanach de Lembranças, Lisbôa, 1910, pag. 234.

D. João Gonçalves Zarco da Camara nasceu em Lisbôa em 27 de dezembro de 1852 e faleceu na mesma cidade em 2 de janeiro de 1908. Era filho do primeiro Marquez da Ribeira Grande, oitavo conde do mesmo titulo. Como conductor de obras publicas dirigiu as obras das linhas ferreas de Caceres, Cintra, Torres Vedras e Cascaes. Em 1888, foi nomeado chefe de Repartição da Companhia Real dos Caminhos de Ferro do Norte e Leste. Dramaturgo eminente, poeta suave e conista agradavel, as suas peças literarias, e em especial *Os Velhos,* tem na Literatura Portuguesa logar saliente.

Bibliografia: *D. Affonso IV* (drama), 1890; *Os Velhos,* 1893; *Elrei,* romance historico, 1894; *O Beijo do Infante,* 1898; *Contos,* 1900; *O Conde de Castello Melhor,* romance, 2 vol., 1903; *Theatro em verso. Auto do Menino Jesus. Os dois barcos. O poeta e a saude,* 1903; *Meia noite,* s/d.; *Novas do outro mundo,* idem; é tambem auctor de: *Alcacer Kibir; Casamento e mortalha; A Engeitada; A toutinegra real; O Pantano* e *A triste viuvinha.*

1853

SERGIO DE CASTRO

SEMPRE

Eramos sós os dois, eu bem me lembro;
Era junto do mar embravecido
Ao anoitecer d'um dia de setembro,
O dia mais feliz por mim vivido.

O céo todo d'azul com franjas d'oiro:
Para solemnisar nossos amores
Deixava sem ceitil o seu thesoiro,
E vestira-se á grande, com primores.

Eu disse então: — Escreve ahi na areia,
N'uma palavra só uma epopeia...
E tu foste escrever, corando — *Amor*.

Onda enorme rolou que tudo alaga,
Mas aquella palavra não se apaga...
E ainda nos amamos, minha flôr!

Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro, para 1886, pag. 464.

Antonio Sergio da Silva e Castro nasceu em Aviz em 14 de fevereiro de 1853. Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, filho de José Gomes de Castro, ultimo capitão mór de Aviz, jornalista distincto, poeta e escriptor, redactor da Camara dos Deputados foi em 1880 o presidente da grande comissão academica que celebrou em Coimbra o tricentenario de Camões, e da qual fizeram parte entre outros: Eduardo d'Abreu, Jacinto Candido da Silva, Carlos Lobo d'Avilla, Mousinho de Albuquerque, etc.

Bibliographia: *A disciplina e o exercito* (a proposito do caso Alfredo Brito); *Photografias em prosa; A' Lucta* (folheto em verso); *Camillo Castello Branco* (tipos e episodios), 3 vol., Lisbôa, 1914, curioso e importante trabalho Camilliano.

853

CHRISTOVAM AYRES

CONSELHOS PATERNOS

Filhos, sêde leaes
Honestos, bons e crentes;
Com os fracos indulgentes,
Com os pobres liberaes.

Poupae ao triste os ais,
A pena aos innocentes,
E marchae diligentes
Ao fim a que aspiraes.

Fazei por construir
No vosso lar um templo,
No Amor um evangelho;

E procurae seguir,
Nem sempre o meu exemplo,
Mas sempre o meu conselho.

Intimas, 2.ª edição, Lisboa, 1889, pag. 91 e 92.

Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda nasceu em Ribandar ndia Portuguesa) em 27 de março de 1853. Coronel de Cavallaria, cio e secretario da 2.ª classe da Academia das Sciencias de Lisbôa, iblicista e poeta de merito é, tambem, auctor de muitos e valiosos tra- lhos sobre assumptos militares.

Bibliografia: Verso: *Indianas e Portuguesas*, 2 ed., 1879; *Novos orizontes*, 1882; *Intimas*, 2 ed., 1884; *Anoitecer*, 1912. Prosa: *Lon- nquas*, 1891; *Equidade dos novos impostos. Os serviços e as despezas Exercito*, 1894; *Historia da Cavallaria Portugueza*, 4 vol.; 1880 a 94; *A Evolução Organica do Exercito*, 1894; *Teoria da Historia da Civili- ção militar*, 4 ed., 1897; *Organisação militar dos arabes na Peninsula*, 01; *Estradas militares Romanas de Braga a Astórga*, 1901; *Testa- nto de D. João de Castro*, 1901; *Pela Patria*, 1902; *Reforma da Es- la Naval*, 1903; *Fernão Mendes Pinto*, 1904; *O Ideal de D. Quichote*, 05; *Fernão Mendes Pinto e o Japão*, 1906; *Elogio historico de Anto- o de Serpa Pimentel*, 1907; *Historia organica e politica do Exercito rtuguez*, 4 v., 189 a 1908; *Provas. Guerra da Restauração de Por- gal*, 4 v., 1902 a 1908; *Centenario do nascimento de Alexandre Her- lano*, 1910.

1853–1913

CONDE DE MONSARAZ

OS BOIS

Na doce paz da tarde que declina
Apoz a faina sob um sol ardente,
Vão os bois recolhendo lentamente
Pelas vias desertas da campina.

Atravessam depois a crystallina
Ribeira e ao flébil som da agua corrente
Bebem sedentos, demoradamente,
N'uma sensual rudeza que os domina.

Mas quando, fartos d'agua, erguendo as frontes,
Os beiços escorrendo, olham os montes
E ouvem cantar ao alto os rouxinoes,

Eu fico-me a scismar, calado e triste,
Que um mundo de impressões, que uma alma existe
Nos olhos enigmaticos dos bois!

Musa Alemtejana, Lisbôa, 1908, pag 215 e 216.

O Conde de Monsaraz (Antonio de Macedo Papança) nasceu e Reguengos (Alemtejo) em 18 de julho de 1853 e faleceu em 1913. Conde de Monsaraz era bacharel em direito pela Universidade d Coimbra. Em 1874 publicou um poemeto, *Avante*; em 1876 aparecia as suas *Crepusculares* que contem belas poesias as quaes logo o to naram muito conhecido e apreciado como poeta. Em 1880, pela cel braçao do tricentenario de Camões, escreveu o poema *Catharina d Athayde*. Data dessa epoca a consagração como poeta do auctor d *Musa Alemtejana*.

Bibliografia: Verso: *Avante*, 1874; *Crepusculares*, 1876; *Cath rina de Athayde*, 1880; *Tellas historicas*. I *O Grande Marquez*. II *lenda do Jesuitismo*, 1882; *Obras de Macedo Papança. Poesias*, 188 1891; *Do ultimo romantico — Paginas soltas — Severo Torelli*, 189 *Musa Alemtejana*, 1908.

1853

ACCACIO ANTUNES

PENDANT

Como é triste da vida a senda ingreme e rude,
Quando n'ella caminha a gente solitaria,
Abandonada e só, qual desherdado pária,
Levando a nossa cruz, sem mão que nos ajude!

Deixamos n'essa lucta esteril, tumultuaria,
Crenças, riso, illusões, o animo e a saude,
Lançando ao vasto mar a flôr da juventude,
Como a taça do rei d'essa canção lendaria.

De cançasso cahir na desolada senda,
E não ter um regaço onde a cabeça penda,
Não ter no inverno um lar onde crepite a chamma!

Sem uns labios no goso, um coração na dor!
Como a existencia é nua e triste sem amor!...
— E como é bella e doce a vida quando se ama!

Da Primavera ao Outomno, Lisbôa, 1914, pag. 26.

Accacio Antunes nasceu na Figueira da Foz em 26 de agosto de 1853. A sua poesia *O Estudante Alsaciano*, — a exemplo do que outr'ora succedeu com a *Judia*, de Thomaz Ribeiro, *O Noivado do Sepulchro*, de Soares de Passos, *O Guerrilheiro* e *A Vivandeira*, de Palmeirim, *A Lua de Londres*, de João de Lemos, *A doida de Albano* e *O Tasso*, de Xavier Cordeiro — deu a seu auctor grande nomeada. Os assumptos teatraes tem-lhe merecido especial atenção, sendo auctor de varios originaes, imitações e traduções.

Bibliografia: Verso: *Aguarellas e Aguas Fortes*, s/d.; *Da Primavera ao Outomno*, seu ultimo trabalho literario, 1914. Entre as suas principaes traduções para o teatro, citarei: A do *Roi s'amuse*, *Tio Milhões*, 28 *dias de Clarinha*, *Pão fresco*, *Rei damnado*, *Cigarra*, etc.

1854

CONDE DE SABUGOSA

PRIMA VOCE

Sob a fina cambraia transparente
Do pequenino berço rendilhado,
Dorme tranquillo o candido innocente
Como um lirio mimoso e delicado.

Vela-lhe o somno brando e socegado
A doce mãe n'um extase pendente,
Construindo o futuro abençoado,
Em que sonham as mães constantemente.

Assoma á porta o enamorado esposo,
Olha o divino grupo delicioso
E abraça a esposa que sorri louçã.

O infante acorda em meio d'um sorriso,
E escuta-se n'aquelle paraizo
O loiro anjinho murmurar: «mamã».

Perfis Contemporaneos, n.º 4, Lisbôa, s/d.

O Conde de Sabugosa (Antonio Maria Vasco de Mello) nasceu em Lisbôa em 1854. Prosador elegante e poeta parnasiano, é, ainda, um paciente e consciencioso investigador, como tem provado em seus valiosos livros. *Gente d'Algo* e *Donas de tempos idos*. Na sua mocidade, com Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Marquez de Soveral, etc., fez parte do *Grupo dos vencidos da vida*. Antigo dignitario da Côrte Portuguesa, cargo que desempenhou sempre com lealdade e amor, depois da implantação da Republica abandonou a Academia Real das Sciencias da qual era distinctamente zelozo parte.

Bibliografia: *Poemetos*, 1882; *Embrechados*, 2.ª ed., 1908; *O Paço de Cintra*, 1903; *Donas de tempos idos*, 1912; *Gente d'Algo*, 1915; *O Minuete*, comedia (não entrou no mercado); *De braço dado* (colaboração com o Conde de Arnoso); *Na quella do leão* (conto); *Auto da Festa de Gil Vicente*, *Historiadores portugueses* (conferencia) e *Auto da natural invençan*, 1918.

1855

JOSÉ FERNANDO DE SOUSA

SONETO

Quando vibrar a ultima pancada
Do bronze, n'esse dia em que eu morrer
Eu não te peço, q'rida, que vás ver
A minha face fria e descorada.

Não te peço a lugubre toáda
Do *de profundis* que faz estremecer
Nem que um mausoleu mandes erguer
Na minha melancholica morada...

Mas n'uma d'essas tardes, ao sol posto
Vae visitar-me lá onde eu dormir
E que uma lagrima róle no teu rosto.

E então me mandarás esculpir
N'essa pedra que te servir d'encosto
A vida foi-lhe um chôro; a morte um rir!

Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1894, pag. 437.

José Fernando de Sousa nasceu em Vianna do Alemtejo em 30 de maio de 1855. Oficial de Engenharia, antigo presidente da Associação dos Engenheiros, secretario do conselho administrativo dos Caminhos de Ferro do Estado, antigo presidente da Sociedade Propaganda de Portugal, etc., conferencista de merito, poeta e escriptor, é o redactor chefe do jornal catolico *A Ordem*. Muitos dos seus escriptos teem-nos Fernando de Sousa firmado com o pseudonimo de *Nemo*.

Bibliografia: *Religião, Moral e Politica*, 1897 e *A doutrina maçonica*.

1856

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

REMORSO

(IMITAÇÃO DE BECQUER)

No momento da nossa despedida,
O seu olhar de leve marejou-se,
E de perdão uma palavra doce
A' boca me acudiu desprevenida.

Mas o orgulho levou-nos de vencida...
Ah! nunca sobranceiro assim nos fosse!
Nos seus olhos a lagrima apagou-se,
Nos meus labios a frase enternecida.

Ambos seguimos discordante senda,
Porém nas cinzas d'esse amor fanado
Não ha saudade que se não reacenda.

Eu inda choro por me haver calado.
E talvez que ela agora se arrependa,
Tambem chorando, de não ter chorado.

O Seculo (edição da noite), de 22 de outubro de 1915.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA nasceu em Lisbôa em 1856. Capitão de mar e guerra, Socio da Academia das Sciencias de Lisbôa, professor da Academia de Bellas Artes, poeta, escriptor e dramaturgo illustre, os seus trabalhos literarios teem obtido sempre do publico a devida consagração. E' auctor da letra da *Portuguesa*, cuja musica como é sabido, é de Alfredo Keill.

Bibliografia: *Os piratas do Norte* (verso), 1890; *A morta* (drama), 1891; *Estudos sobre navios portugueses nos seculos* XV *e* XVI, 1892; *Os Orfãos de Calicut* (romance historico), 1894; *Paraiso conquistado*, 1895; *Affonso de Albuquerque* (drama), 1898; *O Padre Fernando Oliveira e a sua obra*, 1898; *Terra de Santa Cruz*, 1899; *O salto mortal* (comedia), 1900; *Nó cego*, 1905; *Azebre*, 1909; *O Duque de Vizeu*, 2.ª ed., 1911; *A Herança* (episodio dramatico), 1913; *Apontamentos sobre o Piloto Pero de Alemquer*, s/d, e *Amor louco* (drama).

1856–1901

FRANCISCO TEIXEIRA BASTOS

NUM CONVENTO

Como é triste esse ninho solitario
Sem luz, sem ar, sem vida, negro e frio,
Deshabitado e mudo, mais sombrio,
Que o tumulo, que o leito funerario!

Como é soturno e frigido o sanctuario,
Desguarnecido e nu! Mesmo no estio
O sol não doura a nave, onde o bafio
Reina já sobre a cruz e no sacrario.

Hoje está ermo e só, abandonado;
Mas quantas gerações lá esconderam
Os impulsos febris da mocidade!

Quanto fogo mental foi apagado!
Quantas viçosas plantas se perderam
Nesse Calvario atroz da Humanidade!

Vibrações do Seculo, Lisbôa, 1882, pag. 161.

Francisco Teixeira Bastos nasceu em 25 de maio de 1856 e faleceu m Lisbôa em 24 de maio de 1901. Republicano da velha guarda, an- igo vereador da Camara Municipal de Lisbôa, e a quem em parte se eve a criação do tribunal de arbitros e avindouros, colaborou em nu- ierosos jornaes e revistas. Alguns dos seus artigos publicados n'*O eculo* ficaram memoraveis.

Bibliografia: Verso. *Os Padres*, 1875; *Rumores Vulcanicos*, 1876; *yra Camoneana*, 1880; *Vibrações do seculo*, 1882; *Poetas Brasileiros*, 895. Prosa: *Progresso do espirito humano*, 1879; *Luiz de Camões e a acionalidade portuguesa*, 1880; *Os Jesuitas*, 1880; *Cathecismo Repu- licano para uso do povo*, 1880; *Conte e o positivismo*, 1881; *Ensaio obre a evolução da humanidade*, 1882; *Principios de philosophia posi- va*, 1883; *A Familia*, 1884; *Questão literaria. O ensino de historia os liceus*, 1885; *Projecto de um programa federalista radical para o artido republicano portuguez*, 1886; *Sciencia e filosofia, ensaios de ritica positiva*, 1890; *Ideas geraes sobre a evolução da pedagogia em ortugal*, 1892; *Theophilo Braga e a sua obra*, 1893; *A crise*, 1894.

1856

MARCELLINO MESQUITA

EM SEVILHA

Ella não ama os placidos torneios
As leves bandarilhas enfeitadas,
Nem artisticas sortes delicadas,
Do cavaleiro nos gentis meneios:

O que faz palpitar aquelles seios,
E lhe accende as pupilas deslumbradas,
São os golpes de choupa, as estocadas
E os cavallos, pelo chão, mordendo os freios.

Eu pergunto p'ra mim quando a contemplo,
Na respeitosa adoração d'um templo,
Na doce embriaguez do meu desejo:

Que misterio subtil, que força obscura,
Domina aquella angelica figura
Que adora o sangue e a quem desmaia um beijo.

Meridionaes, 2.ª edição, Lisbôa, 191
pag. 11.

Marcellino Antonio da Silva Mesquita nasceu no Cartaxo em 1 setembro de 1856. Medico cirurgião pela Escola Medica de Lisbôa, a tigo deputado, poeta e dramaturgo justamente festejado, com Augus Gil, Fausto Guedes Teixeira, etc., fez parte da embaixada intelectu enviada ao Brasil em 1917

Bibliografia: Verso: *Meridionaes*, 1.ª ed., 1881. Theatro: *A P rola*, 1885; *Os Castros*, 1893; *O Velho thema*, 189 ; *O Regente*, 189 *Dôr suprema*, 1897; *O sonho da India*, 1898; *O Tyranno da Bel Urraca*, 1898; *Peraltas e Secias*, 1899; *A morta galante*, 1900; *Semp noiva*, 1900; *Petronio*, 1901; *Sinhá*, 1901; *Almas doentes*, 1905; *Ens lhecer*, 1909; *Margarida do Monte*, 1910; *Auto do Busto*, 2.ª ed., 191 *O Cão do Regimento*, 1917, e finalmente *Leonor Telles* (composto a 20 annos), *Uma anecdota*, *O sr. Barrão*, *A noite do Calvario*, *O Tio P dro*, *Fim de Penitencia*, *A Mentira*, *Farça de Ignez Pereira* e *Ped o cruel*. Prosa: *Leonor Telles* (romance, 3 vol.), *Os quatro reis impo tores* (romance) e *Na Azenha* (contos).

1858–1913

NARCISO DE LACERDA

SONETO

Se creio em ti, meus Deus! Pois quem ha posto
Lumes no céo e rosas na campina,
Na pedra o musgo, a relva na collina,
E a Fé nas almas cheias de desgosto?

Se creio em ti! Pois quem ha dado ao rosto
Da mulher dois faroes de luz divina
E á rocha a gotta d'agua crystallina
E a sombra aos dias calidos d'agosto?

Se creio em ti, meu Deus!... Quando eu, outr'ora,
Quiz meus olhos cerrar á luz da aurora,
Por que não visse pelo ar disperso

Tanto sonho d'amor, que em vão sonhára,
Lembrei-me, então, de quanto me ensinára
A voz de minha mãe, junto ao meu berço...

Canticos da Aurora, Lisbôa, 1880, pag. 9 e 10.

Narciso de Lacerda nasceu no Porto em 1 de abril de 1858 e faleceu em 31 de agosto de 1913. Como Gomes de Amorim, a sorte levou-o, ainda criança, para o Brasil, onde os seus o destinaram á carreira comercial que abandonou, para se alistar no Exercito Brasileiro. Aos desasete anos, voltou para Portugal empregando-se nos caminhos de ferro e mais tarde nos correios, onde esteve até 1879. Os seus *Canticos da Aurora*, que encerram juisos criticos de Camillo, João de Deus e Silva Pinto, conteem belissimos sonetos em que o sentimento e a elevação de pensamento se casam admiravelmente. Silva Pinto afirma no seu livro *Pela vida fóra* que foi por causa dos *Canticos da Aurora* que ele e Camillo reataram as suas relações literarias. Mais tarde, Narciso de Lacerda publicou um livro de poesias de indole muito diferente. Essa obra intitula-se *Poesia do misterio*.

Bibliografia: Verso: *Canticos da Aurora*, Porto, 1880; *Poesia do misterio*, Lisbôa, 1882.

1858

JOSÉ LEITE DE VASCONCELLOS

LYRA FUNEBRE

Quando ia para a igreja, toda a aldeia
Chorava, ao vê-la assim tão linda e nova
Para sempre arrastada para a cova...
Como uma onda que quebrou na areia!

Nem só uma ave na amplidão gorgeia,
Ou ha um arbusto verde que se mova!
Chorava tudo, ao vê-la assim tão nova,
Sem luz no olhar, que o amor já não ateia.

É justa a vossa magoa e sentimento,
Ó aves mudas, silencioso vento,
Da tristeza da morte precursores!

Voou a branca pomba que sorria!
Lá vae levada pela aragem fria.
Vinte e dois annos! Vinte e duas flores!

Nuvens, Porto, 1898, pag. 159 e 160.

O Dr. José Leite de Vasconcellos nasceu em Ucanha, concelho de Tarouca, em 7 de julho de 1858. E' formado em medicina pela Escola do Porto e em teologia Romanica, por Paris. Em 1887 foi nomeado medico municipal para o Cadaval; antigo Professor do liceu, Conservador da Biblioteca Nacional de Lisbôa; de 1887 a 1911, Professor da Faculdade de Letras desde este ultimo ano, Director do Museu Etnografico de Lisbôa, Director do *Archeologo* e da *Revista Luzitana*, e poeta, é auctor de vasta, valiosa e apreciada obra literaria e scientifica.

Bibliografia: Verso: *Paradisus Voluptatis* (poemeto), 1879; *Poema da Alma*, 1879; *A Consciencia dos Seculos* (poema), 1880; *Livro Sibyllino*, 1884; *Flores Mirandezas*, 1884; *Balladas do Occidente*, 1885; *Trebaruna (deusa lusitana)*, ode heroica, 1895; *Poema perdido*, 1895; *Lyra dum morto*, 1896; *Nuvens*, 1898; *Prendas d'annos*, s/d. Prosa: *Estudo ethnografico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas nos bois nas provincias portuguesas do Douro e Minho*, 1881; *Hymno academico do Porto*, 1881; *Amuletos populares portugueses*, 1882; *O Dialecto Mirandez. Contribuição para o estudo da dialectologia romantica no dominio glottologico hispano-lusitano*, 1882; *Uma excursão ao Suajo*, 1882;

adições populares de Portugal, 1882; *Dictados topicos de Portugal*, 82; *Dialecto brazileiro*, 1883; *Criticas bibliograficas*, 1882-1883; *Annua- o para o Estudo das tradições populares portuguesas*, 1883; *Dialectos irões*, 1884; *Diccionario da chorografia de Portugal*, 1884; *Lingoas ianas de Traz-os-Montes*, 1886; *A philologia portugueza*, 1888; *Elen- o das lições de numismatica*, 1888-1889; *Poesia amorosa do povo por- guez*, 1890; *O Deus Lusitano Endovellico*, 1890; *Borges de Figueiredo a Archeologia Portuguesa*, 1890; *Ensaios ethnograficos*, 1891; *O Gra- o depennado*, 1891; *As lições de linguagem do sr. Candido de Figuei- do*, 1891; *Sur le dialecte portugais de Macao*, 1892; *Sur les religions la Luzitanie. Abregé d'un memoire destiné à la 10ème session du ngres Internacional des Orientalistes*, 1892; *Novas notas ao Cancio- iro de El-Rei D. Dinis*, 1894; *Quid apud lusitanos verbum «Aedeoli gnificaverit*, 1894; *No Rheno*, 1899; *Estudos de Philologia Mirande- a*, 1900; *Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisbôa*, 02; *Epistola ao Dr. Hugo Schuchardt*, 1902; *O catalogo do museu Evora*, 1904; *Textos archaicos*, 1907; *Religiões da Lusitania na parte ue principalmente se refere a Portugal* (3 vol.), 1897, 1905 e 1909; *Dr. Storck e a litteratura portugueza*, 1910, etc., etc.

1859–1890

LUIZ OSORIO

A MÃE

Quando no caixão ligeiro
Duas taboitas pregava
Muito alegre, o carpinteiro,
Como era feliz — cantava.

Floco de neve — estendida,
Ella, tambem, não gemia;
Emballada... adormecida...
Talvez sonhando, — sorria.

Só a mãe, perdida, absôrta
Na canção cheia d'esperança
Que o carpinteiro cantava,

A mãe (que vivia morta)
Quando sorria a criança
A pobresinha — chorava!

Neblinas, Lisbôa, 1884, pag. 118 e 11

Luiz Osorio da Cunha Pereira de Castro nasceu em Penamacor e 10 de julho de 1859 e faleceu em Lisbôa em 7 de Janeiro de 189 Filho do Visconde de Proença-a-Velha, Luiz Osori foi formado e direito pela Universidade de Coimbra e socio da Academia das Scie cias de Lisbôa.

Bibliografia: Verso: *A Tromba*, 1883; *Neblinas*, 1884; *Poem Portuguezes*, 1890; *Alma Lyrica*, 1891; *Espirito gentil*, 1893.

59-1917

JOAQUIM DE ARAUJO

SONETO

Ao ver essa criança, adormecida
No teu colo suave e alabastrino,
Vibra em mim, como um cantico divino
Duma santa saudade indefinida.

Era assim que eu dormia, quando a vida
Me envolvia num sonho cristalino:
Era assim que eu dormia, em pequenino,
Nos braços duma mãe estremecida.

Que doce quadro, meu amor! eu dava
Os altos ideaes, que fantasiava
Em não sei que reconditos espaços,

A troco, simplesmente, da ventura
De ser a pequenina creatura,
Que adormece embalada nos teus braços.

Occidente, de 25-3-1896 (n.º 621), pag. 71.

Joaquim de Araujo nasceu em Penafiel em 22 de julho de 1859 e leceu em Lisbôa no hospital de S. José, em 1917. Foi durante muios anos consul de Portugal em Genova. Tambem pertenceu á Academia das Sciencias de Lisbôa. Alem de poeta mimoso era um bibliofilo apaixonado a quem a literatura portuguesa deve bastantes trabalhos. andido de Figueiredo, nos *Homens e Lettras* diz acerca de Joaquim de raujo: «O seu recente livro de versos dá a mais inequivoca revelação e um talento e de um poeta.» Fundou a *Renascença* e a *Harpa*.

Bibliografia: Verso. *Lira intima*, 1881; *Occidentaes*, 1888; *Flores da noite*, 1894; *Canção do berço*, 1895. Prosa: *Sobre o tumulo de Camilo*, 1890; *Primeiras leituras. Selecta Infantil*, 1891; *Canzano della Guela*, 1895; *No centenario do Padre Antonio Vieira*, 1897; *In morte di Anthero*, 1897; *D. Antonio Prior do Crato*, 1897; *In torno al Genovese Carlo Antonio Pagi*, 1899; *Auctores omittidos no vol. XVII do Dicionario Bibliographico Portuguez*, 1901; *O Frei Luiz de Sousa de Garrett*, 1906.

1859

LUIZ DE MAGALHÃES

MARINHA

E' tarde. As barcas vão entrar. Em toda a praia,
As mulheres fitando o mar illuminado
E calmo, fallam n'um sussurro entrecortado
Pelo cavo troar da vaga que se espraia.

A canastra á cabeça, arregaçada a saia,
Caminham pela areia em passo cadenciado.
Ao largo, no horisonte, em nevoas esfumado,
Cruzam-se a bordejar latinas de catraia.

Uma aragem do mar, balsamica e salgada,
Espalha um cheiro d'alga em torno. Desmaiada,
Evapora-se a luz n'um nevoeiro loiro...

Risca o fundo sanguineo e ardente do arrebol
Um vôo de gaivota. E, no Occidente, o Sol
Fulge, radiante, como uma panoplia d'oiro.

Cantos do Estio e do Outomno, Porto 1908, pags. 25 e 26.

Luiz Cypriano de Magalhães nasceu em Lisbôa em 13 de setembr de 1859. E' filho do grande e notavel tribuno José Estevam Coelh de Magal ães. Jornalista, critico, escriptor, poeta e socio da Acade mia das Sciencias de Lisbôa, no extincto regimem exerceu o cargo d Ministro dos Negocios Estrangeiros. Os seus versos, ora liricos, or epicos, como no *D. Sebastião*, primam pela perfeição de forma. Com é lugubre, a sua poesia *O Vento:*

Noite de inverno. Tempestade.
A chuva cae. O vento ulula.
Treva sinistra, a Immensidade!
— Como um mastim que alguem apula,
Rouco e violento
Ulula o Vento, o Vento ulula...

Bibliografia: Verso. *Primeiros versos*, 1880; *Odes e Canções* 1884; *D. Sebastião*, 1898; *Cantos do Estio e da Primavera*, 1908. Pro sa: *Notas e impressões*, 1884 e *O Brasileiro Soares*, 1886.

1860

MANOEL DA SILVA GAIO

DIALOGO

Disse-me um dia á mente o Coração:
«Quando lembro que aos fógos da Chimera
Teu amor immolei, fria Razão,
Logo um vago terror me afflige e altera;

Porque temo não vás, fada severa,
Para agora punir minha traição,
De teu porto negar-me a paz austera
Ao vêr-me naufragante a Illusão!»

Mas a Razão, serena, respondeu:
«Descança, Coração; se me trahiste,
Já meu alto dictame te absolveu,

Pois li sempre — atravez do que tentaste —
Na mentira de quanto possuiste
A verdade de quanto desejaste.»

Novos Poemas, Coimbra, 1906, pag 117.

Manoel da Silva Gaio nasceu em Coimbra em 1860. Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra da qual é Secretario, escriptor e poeta de merecimento, são do belo livro, *Alma Portuguesa*, do Dr. Joaquim Costa as seguintes palavras ácerca do nosso biografado: «Sendo um poeta de valor, um critico e um bibliophilo, Manoel da Silva Gaio é principalmente conhecido pela sua obra poetica. E' um lyrico de uma grande delicadeza e um artista, sentindo e amando profundamente a sua arte.»

Bibliografia: Verso. *Primeiras Rimas*, s/d; *Canções do Mondego*, 1892; *O mundo vive de ilusão*, 1890; *As tres ironias; Mondego*, 1900; *Versos Escolhidos; Novos Poemas*, 1906; *Chave Dourada*, s/d. Prosa: *Um ano de chronica*, 1888; *Pecado antigo* (novela); *Os Novos* (Moniz Barreto); *Na volta da India*, 1898 (drama); *A Dama de Ribaldava*, 1903; *Ultimos crentes*, 1904 e *Torturados*, 1911.

1860

GASPAR QUEIROZ RIBEIRO

MORTA

Morreu a flor azul dos meus cuidados,
Minha doce esperança incomprehendida,
E eu que hoje choro os risos seus doirados
Pude perdel-a, sem perder a vida!

Soffro a magua cruel dos desherdados
E padeço uma angustia indefinida,
Quando fito os meus olhos consternados
Na pedra em que descança... *adormecida.*

E de noite, encarando o firmamento
Energico e fatal, como um lamento
Desprendido no excesso da afflição,

Pergunto — se morreu? — hesito e tremo;
E cuido ouvir o seu arranco extremo,
Mas sinto-*a* reviver no coração.

Tardes de Primavera, Porto, 1889, pags. 75 e 76.

Gaspar Queiroz Ribeiro nasceu em Santa Eulalia (Guarda), em 1860. E' socio da Academia das Sciencias de Lisbôa. Do seu apreciavel livro *Caminho do Céo*, que comprehende os capitulos *A Nevoa*, *A Chama*, *As Nuvens*, *O Luar*, *A Aurora* e *O Sol*, diz Julio Brandão: «Não se limitou o auctor ao trabalho da mera phantasia Em todas as personagens, o fundo é perfeitamente historico; mas a historia alli «é como a terra d'onde nasce a flor». O rigor no estudo documental foi aproveitado por mão d'artista que em nada prejudicou a sua arte, e em nada retardou a corrente da inspiração, levando o esmero a ponto de procurar o estylo, o metro, o rythmo que melhor pudessem exprimir a personagem.»

Bibliografia: *Tardes de Primavera*, Porto, 1889; *Cinzas* (poema lyrico), Lisbôa, 1896; *Pedras Falsas*, Porto, 1903 e *Caminho do Céo*, 1905.

1860

JAIME DE SEGUIER

NOVEMBRO

Rompe a manhã sinistra e baça.
Por entre a chuva torrencial,
Oiço, prenuncio de Desgraça!
O Norte ulvar, como um chacal.

D'encontro aos vidros da vidraça
Bate o granizo glacial.
D'aves um bando ao longe passa,
Fugindo ao tôrvo temporal.

E ao vêr as tristes andorinhas
Para a mansão do eterno estio
Seu vôo ancioso encaminhar,

Lembram-me as pobres creancinhas,
Que vão talvez morrer de frio
E que não podem emigrar.

Jaime de Amorim Sieuve Seguier nasceu em Barcellos em 26 de março de 1850. Actualmente, desempenha em Londres o cargo de consul portugues, com a categoria de primeiro oficial. Fez a sua estreia literaria no *Jornal da Noite*, contando apenas quatorze annos de idade. Neto de Antonio Rodrigues Sampaio, Jaime de Seguier colaborou em varios jornaes como o *Diario de Portugal*, *Economista*, *Folha Nova*, etc. São do seu livro *Allegros e Adagios* estas bonitas quadras, *A uma folha:*

Folha inerte e resequida,
Es bem mais feliz do que eu.
Eu tenho o inferno na vida,
Tu — morta — ascendes ao ceo!

Vês que a existencia nos leva,
Onde o destino a conduz,
A mim, á implacavel treva,
A ti, á explendida luz!

Bibliografia: *Allegros e Adagios*, verso, 1883.

1862–1917

ANTONIO FEIJÓ

PALLIDA E LOIRA

Morreu. Deitada no caixão estreito,
Pallida e loira, muito loira e fria,
O seu labio tristissimo sorria
Como n'um sonho virginal desfeito.

— Lirio que murcha ao despontar do dia,
Foi descançar no derradeiro leito,
As mãos de neve erguidas sobre o peito,
Pallida e loira, muito loira e fria...

Tinha a côr da rainha das balladas
E das monjas antigas maceradas,
No pequenino esquife em que dormia...

Levou a morte na sua garra adunca!
E eu nunca mais pude esquecel-a, nunca!
Pallida e loira, muito loira e fria...

Lyricas e bucolicas, Porto, 1884, pag. 45 e 46.

Antonio Joaquim da Costa Feijó nasceu em Ponte de Lima em 1862 e faleceu em Upsala em 20 ou 21 de junho de 1917. Chefe de missão de segunda classe e enviado extraordinario, como Ministro Plenipotenciario foi durante muitos anos o representante de Portugal na Suecia. Poeta lirico primoroso e de raro sentimento, algumas das suas producções encantam pela forma superior porque estão escriptas. A sua obra poetica fica tendo logar distincto na literatura portugueza, representando a sua morte uma grande perda para a literatura nacional. Que belos são os sonetos *As Perolas* e *Em Frente do Esquife*, das suas *Lyricas*, a poesia *Pallida e Loira*, da *Ilha dos Amores*, e outras finas joias que Antonio Feijó sabia tão belamente burilar!

Bibliografia: *Transfiguracões*, 1882; *Lyricas e bucolicas*, 1884; *A' janella do Occidente*, 1885; *Ilha dos amores*, 1897; *Cancioneiro Chinez*, 2.ª ed., 1903.

1863-1888

ANTONIO FOGAÇA

DOIDA

Chama-lhe o povo a doida dos Amantes,
Mulher fatal, de pessimas entranhas;
E assevera que dorme nas montanhas
Somente á luz dos astros palpitantes.

Dizem tambem que era formosa d'antes,
E que descreve olympicas façanhas,
Occorridas em epocas extranhas
Em seus muitos castellos triumphantes...

Outras vezes, em dias bem afflictos,
Diz simplesmente em dolorosos gritos:
«que é d'elle, o meu amante, quero vel-o!»

E é assim que percorre toda a estrada,
Com seus olhos de loba esfomeada,
E em desalinho os membros e o cabello.

Versos da Mocidade, Coimbra, 1888, pag. 172 e 173.

Antonio Fogaça nasceu em Barcellos em 11 de maio de 1863 e faleceu em 27 de novembro de 1888, sendo aluno do terceiro ano da faculdade de direito. Poeta de cujo estro muito havia ainda, por certo, a esperar, publicou, em Coimbra, um ano antes de morrer, as suas poesias feitas desde 1883 até 1887, sob o titulo de *Versos da Mocidade*, os quaes mais tarde foram reimpressos. Representam uma deliciosa colecção de liricas.

Bibliografia: *Versos da Mocidade*, Coimbra, 1888.

1863

ALFREDO DA CUNHA

EVOCAÇÃO

Passaram annos sem te ver. Não tantos
Que me fizessem esquecer de amar-te.
Passaram annos e por toda a parte
Eras commigo, ó flor dos meus encantos!

Passaram annos. Muitos... nem sei quantos.
Mas sei que ninguem teve força ou arte
De poder um só dia separar-te
Da minha mente, ó Musa dos meus cantos!

Foram-me as dores enrugando a fronte
E tornando a alegria frouxa e rara.
Maguas soffridas ninguem ha que as conte.

Vi-te após tanto tempo decorrido...
Senti que o coração me remoçara
Quanto me havia o corpo envelhecido.

Versos, vol. I, Lisbôa, 1899, pags. 155 e 158.

O Dr. Alfredo Carneiro da Cunha nasceu no Fundão em 21 de dezembro de 1863. Filho do poeta satirico José Germano da Cunha, pae do poeta dr. José da Cunha, director e proprietario do *Diario de Noticias*, formado em direito pela Universidade de Coimbra, socio da Academia das Sciencias de Lisbôa, poeta eminente e escriptor illustre, o Dr. Alfredo da Cunha occupa, por direito de conquista, um logar muito honroso entre os nossos literatos. A sua conferencia (que mais tarde foi publicada numa elegante edição) *A Influencia da Mulher na Poesia e nos Poetas*, conferencia em verso, dita magistralmente por sua Esposa a sr.ª D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, constituiu um verdadeiro sucesso no meio intelectual portuguez.

Bibliografia: *Da formação da nacionalidade portugueza e do estabelecimento da forma monarchica em Portugal*, 1881; *Discurso em honra de Luiz de Camões*, 1881; *Endeixas e madrigaes*, 1884; *Eduardo Coelho, a sua vida e a sua obra*, 1891; *Elogio historico do imperador do Brasil, D. Pedro II*, 1893; *Magdalena de Vilhena*, 1896. *La presse periodique en Portugal*, 1898; *Versos*, 1899; *Coimbrães*, 1899; *O Diario de Noticias, a sua fundação e os seus fundadores*, 1914; *A influencia da Mulher na Poesia e nos Poetas*, 1915.

1864-1890

CAETANO DA COSTA ALEGRE

QUANDO EU MORRER!

Não quero, tenho horror que a sepultura
Mude em vermes meu corpo enregelado;
Se no fogo viveu minha alma pura,
Quero o meu corpo morto calcinado.

Depois de ser em cinzas transformado,
Lancem-me ao vento, ao seio da natura,
Quero viver no espaço ilimitado,
No mar, na terra, na celeste altura.

E talvez no teu seio, ó virgem linda!
Tão branco como o seio da virtude,
Eu, feito em cinzas, me introduza ainda.

E no teu coração pequeno e forte
(O' goso triste!) viva eu na morte
Já que na vida lá viver não pude.

Versos, Lisbôa, 1916, pag. 42.

Caetano da Costa Alegre nasceu na Ilha de S. Thomé em 1864 e faleceu em Alcobaça, contando 26 anos de idade, em 18 de abril de 1890. Aluno do terceiro ano da Escola Medica do Porto, como Antonio Nobre, Julio Diniz e José Duro, morreu tuberculoso. Costa Alegre tinha grande desgosto em ser preto. A edição dos seus *Versos* que consta de 500 exemplares (edição numerada), e cujo producto foi destinado á Caixa de Socorros a Estudantes Pobres, fez-se a expensas do sr. Cruz Magalhães que, de colaboração com Oldemiro Cesar, escreveu o livro *Em terra de ingratos. Campanha Camilliana com cinco caricaturas ineditas de Raphael Bordallo Pinheiro,* Lisbôa, 1917.

Bibliografia: *Versos,* 1916.

1864

ANTONIO DE LEMOS

SONETO

De todos os Infantes desta grei
Fernando foi um martyr... Foi um santo,
Que nas ardentes terras de Mahomey
Como penhor ficou, e sem quebranto...

Para que o seu irmão, senhor e rei,
Não perdesse o dominio, no entretanto,
Da conquista de Ceuta... E como lei
Impõe que não a entreguem... Com que encanto

Eu registo este feito sobrehumano!. .
Morrer á mingua, em horridas prisões,
Soffrendo tratos vis e privações,

Sómente p'ra não dar ao musulmano
Aquella Ceuta, em que elle pensa e sonha
E ao Rei de Portugal essa vergonha!...

Jogos Floraes. (Thema) *Fé* e *Heroismo*, por *Ninguem*, edição fóra do mercado, Porto, 1918.

Antonio Baptista Alves de Lemos nasceu no Porto em 16 de janeiro de 1864. Farmaceutico, Cavalleiro de S. Thiago, socio efectivo de varias sociedades scientificas e d'arte, Director da Associação dos Jornalistas e Homens de Lettras, condecorado, por actos de beneficencia, com a Cruz Vermelha, medalha italiana de Messina, etc., publicista, auctor dramatico, critico d'arte distincto e poeta ilustre, é auctor de vasta obra literaria como se verá pela sua bibliografia.

Bibliografia: Verso: *Versos intimos; Versos; O Protesto d'um gajo; A Creche; Musgos e Miosotes; Ode á Belgica; Carta em verso ás senhoras que promoveram a venda da flor no Porto; Salve Regina; Sonetos dedicados a D. Constança Saldanha da Gama* (vendidos a favor dos presos politicos); *Ode a El-Rei* (pela visita de D. Manoel ao Porto); Prosa. *Telas burguezas: A Bilha Boer; Frederico Amutio; Cortejo Pharmaco-Burlesco; Scenas das Ruas; Notas d'Arte* (belo volume ilustrado); *Notas da Carteira d'um portuense.* Theatro: *Mais vale tarde que nunca; Da uma ás tres; A medica; Monologos; Theatro infantil; Theatro em verso; Conto do Vigario; Uma conquista*, etc. Em muitos dos seus escriptos tem usado o pseudonimo *Alvaro*.

1864

HEMETERIO ARANTES

SONETO

(DE ARVERS)

Guardado tenho n'alma um intimo segredo
Uma paixão voraz, nascida de repente;
O mal é sem remedio, assim eu tenho medo
Que quem m'o produziu se ria ou me lamente.

No entanto quanta vez a vejo e me concedo
A dôr de me calar. Ah! solitariamente
O calix beberei tão doce e tão azedo
Do meu amor sem fim, calado eternamente.

E Deus que a fez tão doce e terna creatura
Só não lhe permittiu que visse esta amargura,
Que ouvisse esta canção; e sei que ella dirá

Ao ler por passatempo, austera e distrahida
Estes versos só d'Ella, a luz da minha vida
— «Quem é esta mulher?!» — e nunca o saberá.

Livro de Maria, Lisbôa, 1898, pag. 103 e 104.

HEMETERIO ARANTES, o ilustre poeta, escriptor, conferencista e exímio traductor de quem me ocupo neste momento, nasceu no logar da Vermoeira, freguezia de Azueira, concelho de Mafra, em 3 de março de 1864. Nos invernos de 1907 e 1908 fez no salão Lambertini umas brilhantes conferencias sobre Litteratura Portugueza. O seu livro *Frei Agostinho da Cruz* veiu esclarecer um ponto obscuro, existente na nossa literatura, referente ao periodo quinhentista. Da sua interessante conferencia *O parlamentarismo no teatro moderno*, feita em 29 de janeiro de 1917 no elegante salão da Liga Naval Portuguesa, onde ainda ha pouco em nova conferencia, com muito agrado se fez ouvir, disse *O Dia* de 27-1-1917: «Teve esse trabalho, onde houve passagens de excepcional relevo, um notavel brilho literario e foi escutado com a mais recolhida atenção.»

Bibliografia: *O Livro de Maria*, 1898; *Frei Agostinho da Cruz*, 909 e *Ramalho Ortigão*, 1915.

1864

ACCACIO DE PAIVA

CEGOS

Pediu-lhe esmola um cego, no caminho,
Com voz lamurienta e desgraçada,
E disse-lhe ela que não tinha nada,
Que Deus favorecesse o pobresinho.

Porém, negando-a, teve tal carinho
Nas palavras, que até ao fim da estrada
A seguiu, de pupila enevoada,
Como se a visse, o tremulo céguinho.

Tambem a mim, quê lhe pedi sedento
A esmola d'um afeto, ela sorrindo
Disse que Deus valesse ao meu tormento;

Mas disse-o de tal modo, brando e lindo,
Que, posto eu não lograsse o meu intento
Humilde e cegamente a vou seguindo.

O Seculo (edição da noite), n.º 250, de 19-6-1915.

Accacio Sampaio Telles de Paiva nasceu em Leiria em 14 de abril de 1864. Empregado superior da Alfandega de Lisbôa, escriptor e poeta elegante, dirige uma secção literaria da *Illustração Portuguesa*, outrora a cargo de Julio Dantas. A Accacio de Paiva se refere elogiosamente *Braz Burity* nas suas *Impressões de theatro*, dizendo a pag. 298, que Accacio de Paiva trasladou para optimo e ductil portuguez, todo o brilhantismo que, sendo no original, o maior encanto da *Castellã*, é a mais consistente qualidade do temperamento literario de Alfred Capus.

Bibliografia: Para o teatro tem traduzido varias peças de Capus, Donnay, etc. Entre elas, citarei: *A Castellã*, peça em 4 actos, representada em D. Amelia, *Segunda Carta*, *Arte Nova*, *Ramerrão*, *Atelier modelo*, etc. Não me consta que tenha publicado em volume, suas poesias.

1864

JOAQUIM DE LEMOS

SONETO

Tudo chorava, e no entretanto, flor!
Eu que perdera a ultima illusão,
Que sentia uma dor muito maior,
Que levava ferido o coração;

Só eu não tinha prantos na occasião
Para te dar como final penhor,
O' minha doce e casta adoração
Que foste em vida o meu primeiro amor!

Tudo chorava, e no entretanto eu ia
A acompanhar-te inanimada e fria,
Sem uma triste lagrima pungente.

Levava o olhar enresequido, enxuto,
Porém eu tinha a alma n'um tal lucto
Que, sem chorar, chorava intimamente.

Fogos fatuos, Porto, 1886, pag. 80.

Joaquim Baptista Alves de Lemos nasceu no Porto em 15 de dezembro de 1864. Poeta ilustre da brilhante pleiade de Escriptores Portuenses entre a qual se contam, como poetas, individualidades de prestigio literario, como os de Manoel Duarte de Almeida, Manoel de Moura, Manoel de Oliveira Passos, João Saraiva, Eduardo Coimbra, Antonio Nobre, Joaquim Costa, Antonio de Lemos, Vaz Passos, etc., os versos de Joaquim de Lemos, que tem colaborado em variados jornaes com diferentes pseudonimos, lêem-se com muito agrado, pois são belos.

Bibliografia: Verso: *Fogos fatuos,* 1886; *Sob as estrellas,* 1902; *Uns versos,* 1903; *Velhas trovas,* 1904; *Tempo perdido,* 1910; *Garatujas,* 1916. Prosa: *Um livro honesto,* 1895.

1864

AUGUSTO DE LACERDA

A VIDA

Vimos ao mundo, e só depois, mais tarde,
E' que os primeiros passos ensaiamos...
Então é necessario quem nos guarde,
E aos braços dos paes nos apoiamos...

Temos depois arrimo na amizade,
Religião, na fé, e na esperança,
Na doce companheira que em bonança
Torne da vida a horrenda tempestade...

Depois temos encosto em nossos filhos,
Nos netos — os bordões da caturrice —
Que na fraqueza são os nossos emulos...

E, ao cabo de seguir os varios trilhos
Da vida, succumbimos á velhice,
Como viémos — vacillantes, trémulos...

Religião do amor, Lisbôa, 1886, pag. 30 e 31.

Augusto de Lacerda nasceu no Rio Grande do Sul em 28 de desembro de 1864. E' filho dos distinctos actores Cesar de Lacerda e Carolina Falco. A sua obra como dramaturgo, poeta, jornalista, romancista e critico é importante, como se verá da sua bibliografia, e muito apreciavel. E' professor da Escola de Arte de Representar.

Bibliografia: *Aspasia*, 1885; *Religião do amor*, 1886; *O Padre* (romance), 1886; *Cyrilleida* (analise de um ensaio de critica á *Velhice do Padre Eterno)*, 1886; *A Pança*, 1886; *Samuel* (drama), 1887; *O Vicio* (drama), 1888; *A charada* (saínete), 1888; *A Lei da exauctoração militar* (poemeto), 1889; *Casados-solteiros* (comedia), 1893; *Judas*, 1901; *Juizo final* (poema), s/d; *O Rabbi da Galilea* (romance), *Terra-mater*, 1904; *Aurora* (romance pagão), 1904; *Luxo e luxuria* (romance); *O Eterno Feminino* (1.º premio num concurso literario aberto pelo *Commercio do Porto* em 1905); *A Duvida*, 1906.

865

ALBERTO BRAMÃO

SONETO

Como esses bois que andam puxando ás noras,
Em passo melancolico e ronceiro,
Sem alterar a marcha do ponteiro,
O meu relogio vae marcando as horas.

Quer no ceu brilhem rutilas auroras,
Ou caia e morra o sol no mar fragueiro,
O tempo segue o curso rotineiro,
Sem paragens, sem pressas ou demoras.

Somente quando o nosso olhar enxuto
Tem clarões de ventura fugidia,
Cada hora é mais curta que um minuto...

Mas nas horas de dôr ou desengano,
Cada minuto dura mais que um dia,
E cada dia dura mais que um anno!

Illusões Perdidas, Lisbôa, 1898, pag. 39 e 40.

D. Alberto Allen Pereira de Sequeira Bramão nasceu em Almada m 1865. Antigo deputado, poeta mimoso e escriptor ilustre, a Academia de Sciencias de Lisbôa conta-o no numero de seus socios. Seus ersos são cheios de inspiração e de conceitos. Veja-se *O Coveiro*:

Cava o coveiro, sorrindo,
A cantar alegres trovas...
Vae abrindo fundas covas
E cantando as vae abrindo...

Não tem sinistras ideias
Nessa missão que o extenua...
Cavando as covas alheias
Vae tambem cavando a sua!

Bibliografia: Verso: *Umbeijo* (poemeto), 1886; *Phantasias*, 2.ª ed., 895; *Illusões Perdidas*, 1898; *A nossa alliança* (conferencia), 1901; *rir e a serio*, 1895; *O jornalismo* (conferencia), 1899 e *Casamento divorcio*, 1908. As *Illusões Perdidas* foram traduzidas em varias inguas.

1865

MANOEL DE MOURA

SOBRE AS AGUAS

Voga nas aguas o batel veleiro;
Do vento ao sôpro a branca véla treme;
Canta na ré o jovial barqueiro
E em direcção da praia dá ao leme.

Mas, de repente, o mar, irado, fréme
E o espumante dorso ergue altaneiro...
Rapido amaina então o marinheiro,
Mas, por mais que se esforce e faça e reme,

E' longe ainda da deserta praia.
Na cruel faina, então, quasi desmaia ..
Mas, ao lembrar-se d'esse amor infindo

Que lhe jurou a flôr que o enamóra,
Novamente se alenta, se revigora,
E encara o mar, como um heroe, sorrindo...

O Bisturi, 1.º ano, n.º 1, Porto, 1 de março de 1885.

Manoel de Moura nasceu no Porto em 31 de janeiro de 1865. Em pregado do Tribunal do Comercio da mesma cidade, foi o fundador d *Rosicler* e redactor do *Bisturi*, revista portuense em que colaboraram Oliveira Passos, Hamilton de Araujo, etc. De colaboração com Manoe de Oliveira Passos, tambem fundou as revistas *In Memoriam* e *Moci dade e Letras*.

Bibliografia: *Palidos* (verso); *Crudelis dolor* (poemeto); Versão d *Fabula de Narciso; Aeternum vale; Violetas; Violin* (vers s castelhanos) *Crepusculares; Cancioneiro; A' desgarrada* e *Alma Errante*.

1866

ALFREDO ALVES

VELHINHA

A minha irmã

Essa curvada e tremula velhinha,
Que alem se avista ao pé d'aquella nora
Já foi moça e feliz, porem, agora
A custo e mal seus passos encaminha.

Como mudada está de quando vinha,
Aos domingos a missa ouvir out'rora.
Ah! mas tudo passou, e a triste chora,
Vendo que a morte d'ella se avisinha.

Perdidas as fagueiras illusões,
Que se aninham nos meigos corações,
Apenas ella de ventura anceia.

Quando a netinha — a sua primavera —
N'ella se abraça, como a fresca hera
Se enrosca ao muro na vetusta aldeia...

Folhas de Hera, Porto, 1886, pag. 61 e 62.

Alfredo Alves nasceu em Coimbra em 22 de fevereiro de 1866 e faleceu no Porto para onde tinha ido contando seis anos de idade, em 29 de abril de 1896. Foi aluno da Escola Medica e terceiranista de engenharia, não tendo concluido nenhum desses cursos. Muito estudioso, no concurso da memoria historica sobre o Infante D. Henrique o seu trabalho obteve o primeiro premio. Todos o supunham portuense, segundo se afirma num artigo do *Occidente*, de 5 de julho de 1895. Bruno de Sica-lhe bastantes paginas num dos volumes dos *Portuenses ilustres.*

Bibliografia: *Folhas de Hera,* 1886; *D. Henrique,* 1894; *Santo Antonio coneyo regrante; Flores de Outomno,* 1896; *Dadiva celeste; Maria O'Briléns.*

1866

JOSÉ AGOSTINHO

SOBRE DOIS TUMULOS

Eram duas crianças lindas, puras,
D'olhos castanhos, uma, e toda graça,
E a outra, esculptural, como quem passa
Acima das mais altas formosuras.

A primeira era dessas criaturas
Com caridade limpida de raça,
Que beijam com amor toda a desgraça,
Guiando até os que andam ás escuras.

A segunda, olhos claros, forte e branca,
Era o Sonho, era a Arte, o Ideal,
Em todo o seu fulgor e vida franca...

E morreram as duas!... Do coval,
Em que repoisam, já ninguem arranca
Tão formosos pedaços de crystal!

Jornal da Mulher, n.º 15, de 5 de fevereiro de 1911, pag. 140.

José Agostinho, o conhecidissimo e ilustre poeta, jornalista, romancista, escriptor catolico e professor, nasceu em Lamego em 13 de março de 1866, sendo filho de pais abastados. Os seus primeiros trabalhos literarios datam dos doze anos em que escreveu um dramasinho. D'então para cá, incessantemente tem dotado a literatura portugnesa com perto de cem livros, muitos dos quaes teem tido varias edições e merecido justas referencias de Julio Brandão, Dr. Ferreira Deusdado, Candido de Figueiredo, Lourenço Cayolla, Dr. Xavier da Cunha, Phileas Lebesgue, Antonio Padula, etc. Como jornalista tem colaborado nos principaes jornaes do Porto.

Bibliografia: Poesia: *Poema do Lar*, 2 ed.; *Christo* (poema), 2 ed.; *Definições; Immortal* (ed. só para o Brasil); *Versos para a crianças; Fabulas; El-Rei da Barbaria; Poema da Paz; Cartas Civicas; Versos Novos.* Romances: *O Tira dentes*, 2 vol. (ed. só para o Brasil); *Tragedia maritima*, 3 vol.; *Rei Infame*, 2 ed.; *Padre Antonio*, 2 ed.; *O Caminho das Lagrimas*, 2 ed. Historia: *Noites do Avosinho* (historia de Portugal), 5 vol.; *Historia da Republica*; *Vida de Santa Teresa.* Critica: *Alexandre Herculano; Eça de Queiroz; Bruno; Guerra Junqueiro.* Pedagogia: *A Mulher em Portugal; O Homem em Portugal*, etc., etc.

1866

MARTINHO DE BREDERODE

BOA NOVA

E como fosse noite, e pela serra
Guardassem gado os timidos pastores,
— Uns meditando sobre vãos amores
Outros nos signos que o alto céu encerra,

Um anjo do Senhor desceu á terra
E os pés firmou sobre as dormentes flores;
«Não receeis — lhes disse — ó scismadores!
A minha luz alegra, não aterra.

Ide a Bethlem, onde nasceu agora
Um filho ao Deus a quem o céu adora,
Ide e levae-lhe dadivas e afagos.»

— Ao longe, pela estrada poeirenta
Vinham na sua marcha certa e lenta,
O olhar fito na estrella, os tres Reis Magos.

Charneca, Lisbôa, 1896, pag. 21 e 22.

Martinho de Brederode nasceu em Lisbôa em 15 de abril de 1866. Primeiro official do Ministerio dos Estrangeiros com a categoria de Conselheiro de Legação, faz parte da Legação Portuguesa em Roma. Irmão do sr. Fernando de Brederode, director tecnico e actuario da companhia *A Nacional*, Martinho de Brederode é auctor de varios trabalhos em prosa e verso, que foram carinhosamente acolhidas pela imprensa.

Bibliografia: Verso: *Charneca*, 1896; *Pó da Estrada*, 1898; *Sul*, 1905. Prosa: *A noite do amor*, 1894 (romance publicado sob o pseudonimo de *Marco Sponti*).

1865

ADOLFO PORTELLA

ALMAS D'OIRO

O Prior da minha aldeia
Diz a missa á madrugada;
Mal batem as quatro e meia,
Tocam sinos á chamada.

Todos vão de fato novo,
Ninguem fica no seu lar;
Nos casais de todo o povo
Ha portas de par-em-par.

E ao virem da obrigação,
Desfiando o seu rozario,
— Casa aberta sem ladrão —

Tudo em casa se encontrou;
Nem das arcas nem do armario
Queijo ou pão ninguem furtou...

Orvalhadas, Lisbôa, 1895, pag. 49.

Adolpho Portella nasceu em Agueda em 16 de agosto de 1866 Poeta e escriptor apreciado, é auctor de varios livros em prosa e verso A falta absoluta de dados biograficos inhibe-me de ser mais extens acerca deste poeta aguedense.

Bibliografia: Verso. *Orvalhadas*, 1895 e *Sol Posto*. Prosa: *Con tos e Baladas*, 1891; *Bohemia Lirica*, 1893 e *Agueda*, cronicas.

1866

JOÃO SARAIVA

MORS SANCTA

Na humilde cella, onde em perfume casto
O luar esbate, merencorio e brando,
Vae-lhe fugir o espirito, beijando
A negra cruz do seu rosario gasto...

Como n'um sonho tumular, nefasto,
Corvos que passam pela noite, em bando,
Trazem-lhe a morte livida, cortando
O fundo azul silencioso e vasto...

Em prata liquida o luar escorre
Pelo fio das tremulas espadas
Que esgrime ao vento o cannavial do rio...

E, quando o brilho das estrellas morre,
O monge cerra as palpebras molhadas
Levando aos labios o rosario frio...

Serenatas, Lisbôa, 1886, pag. 16 e 17.

João Baptista Pinto Saraiva nasceu no Porto em 16 de agosto de 1866. Empregado superior da antiga Camara dos Pares, ex-governador civil de Villa Real e do Porto, João Saraiva que é um poeta encantador publicou em 1886, sendo ainda estudante, o seu primeiro livro, *Serenatas*. Usou em tempos o pseudonimo *Rivol*. Que mimosa poesia é o *Collar de Perolas*:

Esse collar de perolas sem par,
Que te rodeia o collo assetinado,
Parece que rolou, brando e magoado,
Dos teus formosos olhos ao chorar...

Foram rolando as lagrimas e acharam
O teu seio tão pallido e tão frio,
Que, apenas a mais limpida cahiu,
As pobresitas, tremulas, gelaram!

Bibliografia: *Serenatas*, 1886; *Liricas*, 1890 e *Mocidade*, 1896.

1867–1884

EDUARDO COIMBRA

Quando tu passas, timida, surrindo,
Alegrando-me a alma dolorida,
Quizera ser a pedra endurecida,
Onde poisas o pé pequeno e lindo.

Quando tu passas, timida, surrindo,
Numa alegria candida, sentida,
Eu sinto-me surgir, de novo a vida,
E fico num prazer infindo.

Para a minha alma pallida e sombria,
Desponta o sol purissimo do dia,
Inundando-a de luz serena e pura;

Mas depois do teu vulto perpassar,
Quando me falta a luz do teu olhar,
Depois, vem outra vez a noite escura...

Dispersos, Porto, 1884, pags. 23 e 24.

Eduardo Coimbra nasceu no Porto em 1867 e faleceu em 1884. O seu livro *Dispersos*, obra de suaves, sentidas e inspiradissimas liricas, apareceu em 1884 e teve a prefacia-lo outro poeta lirico de valor —Joaquim de Araujo, a quem nesta Antologia tambem presto a minha homenagem. De Eduardo Coimbra, no citado volume, diz o auctor da *Canção do Berço*: *O seu livro é a revelação de um talento.* Nestas singelas palavras não ha o mais leve exagero, pois Eduardo Coimbra, como Hamilton de Araujo, Antonio Fogaça, Antonio Nobre, Cesario Verde e José Duro, foi das mais lidimas esperanças que teve a literatura portuguesa.

Bibliografia: Verso. *Dispersos*, Porto, 1884.

1867

CARLOS DE LEMOS

Poeta do Amor, que o puro Amor cantaste
E tão cedo fugiste ao nosso amor,
D'olhos fitos no vivo resplendor
Do sonho que na terra não achaste:

Se *lá* onde o teu sonho realisaste,
Tu que foste na terra um sonhador,
Algum ecco perdido, algum rumor
Ainda chega do mundo que deixaste:

Que o perfume das rosas desfolhadas,
Que a essencia das lagrimas choradas
Na cova onde o teu corpo repousou,

Num claro raio de luz p'ra ti voando
Te façam o éther brando inda mais brando
Lá onde o teu espirito voou!

Occidente, n.º 741, de 30-7-1899, pag. 171.

Carlos de Lemos nasceu numa aldeia do districto de Traz-os-Montes em 3 de janeiro de 1867. Havendo frequentado o seminario de Lamego, não concluiu os estudos ecclesiasticos por não sentir inclinação para tal carreira. Professor illustre e poeta, o seu volume de versos *Miragens*, foi prefaciado por Anthero de Quental. Com sua Esposa, a distincta poetisa D. Beatriz Pinheiro, fundou em Vizeu uma bem interessante revista de arte e critica — *Ave Azul*. A sua obra literaria foi devidamente apreciada não só por illustres vultos da nossa literatura como tambem por distinctos *lusofilos*.

Bibliografia: *Miragens*.

1867

MANOEL DE OLIVEIRA PASSOS

SONHO

Sonhei que estavas num caixão estreito,
Inerte, morta, immensamente fria;
Flores de noiva ornavam o teu peito,
Teu rosto branco a pallidêz cobria...

Toda de branco, no funereo leito,
Que te sonhou a minha phantasia,
Tu parecias — meu amor-perfeito —
A santa que do mundo se partia...

E pareceu-me, ao contemplar teu rôsto,
Mais doce e branco que o luar d'agôsto,
Que os teus braços buscavam inda os meus...

E eu, prêso na cadeia dos teus braços,
Senti que juntas iam, nos espaços
As nossas almas, a elevar-se aos céus!...

Livro Intimo, Porto, 1901, pag. 2.

Manoel de Oliveira Passos nasceu na freguezia de Mafamude (Villa Nova de Gaia) em 2 de fevereiro de 1867. Com Manoel de Moura, outro poeta portuense, fundou e dirigiu em 1881 as revistas *Mocidade e Letras* e em 1894 *In Memoriam*, publicação comemorativa do quinto centenario da morte do Infante D. Henrique na qual colaborou a familia Real Portuguesa, Rei da Belgica, muitos bispos Portugueses, etc. Manoel de Oliveira Passos tambem fundou *O Bisturi* no qual escreveram muitos vultos ilustres nas letras portuguesas.

Bibliografia: Versos: *Timidas*, 1884; *Petalas*, 1887; *Mens divinior*, 1889; *Luz e Umbra*, 1892; *Miosotis*, 1893; *Lagrimas*, 1894; *Crepusculos*, 1895; *Na morte de João de Deus*, 1896; *Luiz de Camões*, 1897; *Voz sincera*, 1897; *Livro intimo*, 1901; *Biblia do coração*, 1905. Prosa: *Contra os inglezes*, 1890; *Padres jesuitas*, 1891.

1867–1900

ANTONIO NOBRE

AO CAHIR DAS FOLHAS

A minha irmã Maria da Gloria

Pudessem suas mãos cobrir meu rosto,
Fechar-me os olhos e compor-me o leito,
Quando, sequinho, as mãos em cruz no peito,
Eu me for viajar para o Sol-posto.

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com geito.
E eu tão feliz! por não estar affeito,
Hei-de sorrir, Senhor! quasi com gosto.

Até com gosto, sim! Que faz quem vive
Orpham de mimos, viuvo de esperanças,
Solteiro de venturas, que não tive?

Assim, irei dormir com as crianças
Quasi como ellas, quasi sem peccados...
E acabarão emfim os meus cuidados.

Despedidas, Porto, 1902, pag. 4.

Antonio Nobre nasceu no Porto em 16 de agosto de 1867 e faleceu nessa cidade, contando 33 anos de idade, em 18 de março de 1900. Assim como os *Oaristos*, de Eugenio de Castro, marcam uma epoca na literatura portuguesa, por serem os iniciadores do simbolismo entre nós, do mesmo modo o *Só*, de Antonio Nobre, representa para a literatura nacional um grande grito de dôr, de descrença e uma onda avassaladora de pessimismo. Mais doentiamente triste do que as produções dos poetas romanticos e ultraromanticos, o *Só* impõe-se ao nosso espirito, levando-nos a lastimar aquele que conhecendo a sua obra, dela nos diz:

Mas tende cautella, não vos faça mal:
Que é o livro mais triste que existe em Portugal!

Formado em sciencias politicas pela Universidade de Paris, foi em vão que o auctor das *Despedidas* buscou alivio, na Madeira e na Suissa, á grave doença que o prostrou.

Bibliographia: Verso: *Só*, 1.ª ed., Paris, 1900; *Despedidas*, Porto, 1902.

1868-1888

HAMILTON DE ARAUJO

MAGDALENA

Ah! ter eu sido a cortezan! — dizia
Ao Christo a Magdalena soluçante...
Ah! ter eu sido a lubrica bacante,
A rainha gentil de tanta orgia!

Ah! não ter eu adivinhado, um dia
Esse teu coração, formoso e amante!
Nunca o meu corpo, branco e luxuriante,
Em mil festins, impudica, exporia!

Depois ficava olhando o Christo pallido...
Um finissimo aroma estranho e cálido,
Como um sonho de amor, della irradiava...

Vinha passando um mistico noivado...
E o Christo, ancioso, em lagrimas banhado:
— Ter ella sido a cortezan! — pensava...

Canções d'um Bohemio, Barcellos, 1899, pags. 79 e 80.

Hamilton de Araujo nasceu em Peso da Regoa em 1868 e faleceu no Porto, contando apenas 20 anos, em 1888. A morte que bem cedo nos roubou poetas de valor, como Cesario Verde, Antonio Nobre, José Duro e Antonio Fogaça, foi tambem implacavel para com Hamilton de Araujo. Rodrigues Velloso, um grande investigador e amigo das letras portuguesas, a quem se devem entre muitos outros trabalhos, compilações de versos de Anthero, João de Deus, Guilherme Braga e Gonçalves Crespo, que não figuravam nas suas obras, reuniu as poesias de Hamilton de Araujo e imprimio-as nos prelos da *Aurora do Cavado*, sob o titulo de *Canções dum Bohemio*.

Bibliografia: *Canções dum Bohemio*, Barcellos, 1899.

1868

ALBERTO OSORIO DE CASTRO

NA ACRÓPOLE DE PANTICAPÉON

Mitridates, doirado, e no nimbo da tiara,
Vai no Ocaso inda olhar Mitras, a Eterna Luz.
Ao Scita aponta a mão, que de joias reluz,
E sobre as Virgens fulge a espada flâmea e clara...

Filhas!... El-las num chão de púrpuras... Tão rara
A gêma azul do olhar das Mortas, que o seduz...
Suspira. Tarda o fim! E já de Signas luz
O arraial do Romano, e o assalto se prepara.

Mitras sangra no ardor da tarde de ónix. Gloria
Dos Impérios, ó vã chama de oiro ilusoria,
Que se alterna de sombra, e nas sombras descai!

Acena. O Hoplite brande o gladio. E Mitridates
Num lance vê sorrir a luz de mil combates,
A vida!... Dum só talho a ardente fronte cai.

O ilustre e delicado escriptor e poeta Dr. Alberto Osorio de Castro, que ha pouco tempo acaba de ser nomeado para o elevado cargo de Secretario de Estado dos Negocios da Justiça e Cultos, nasceu em Coimbra em 1 de março de 1868. Douto juiz da Relação de Lisbôa, muito viajado e culto, fez parte da sua carreira oficial no Oriente, tendo estado na India e em Timor, colonias onde publicou, em curiosas e elegantes edições, hoje raras, seus livros de versos, *A Cinza dos Myrtos* e *Flores de Coral*. Varios e valiosos trabalhos sobre o nosso Oriente tem ainda ineditos o Dr. Alberto Osorio de Castro, que alia a um grande amor pela literatura, um trato finissimo. Como o seu antecessor o Dr. Martinho Nobre de Mello, o Dr. Alberto Osorio de Castro deixa o seu nome ligado na pasta da Justiça a diversas e importantes reformas.

Bibliografia: Verso: *Exiladas*, Coimbra, 1895; *A Cinza dos Myrtos. Poemas*, Nova Goa, India Portuguesa, 1906; *Flores de Coral*, ultimos poemas, Díli, Insulindia, Arquipélago de Sunda, 1908. O soneto que se publica é do livro inédito *O Sinal da Sombra*.

1868

JOÃO DA ROCHA

SEJAMOS MODESTOS

E anda a gente a moer-se com problemas,
A dissolver em duvidas a fé,
A ter ideias, a forjar systemas,
A querer ser... O quê? E para quê?

Não vale a pena nesta ingloria esphera
Procurar nome, pretender subir...
A Arte? A Santidade?... Que chimera!
Emquanto eu velo os outros vão dormir.

A gloria? Que vaidade! Nesta vida,
Não ha melhor ideal, melhor guarida,
Desejo e empenho mais honesto e puro,

Que desprezar orgulhos e dizeres,
Escolher uma esposa entre as mulheres,
Casar, ter filhos... e ficar obscuro.

Nossa Senhora do Lar, Famalicão, 1900, pag. 3.

João Loureiro da Rocha Barboza e Vasconcellos nasceu em Vianna do Castello em 17 de abril de 1868. Poeta e escriptor bastante conhecido e apreciado, faz parte da redacção do jornal *A Republica*. E' ainda da *Nossa Senhora do Lar* esta quadra:

Amemos todos a Paz na Vida
E veneremos Nosso Senhor,
Que ao lar iremos como a uma ermida
Pela Via-lactea do nosso amor.

Bibliografia: *Nossa Senhora do Lar* (verso); *Memorias de um medium*, 1900; *Homens e Arvores* (conferencia); *A Lenda do Infante* (critica ao prefacio do livro de igual titulo); *A lenda de Sagres* (critica ao livro de J. Thomé da Silva), 1916; *A nossa terra e a nossa gente* 1917.

1869

EUGENIO DE CASTRO

OS MEUS FILHOS

I

(VIOLANTE MARIA LUIZA)

Acorda cedo como os passarinhos
E vem logo direita á minha cama;
Sacode-me com geito, por mim chama
E abre-me os olhos com os seus dedinhos.

Estremunhado, zango-me: — «Beijinhos,
«Não quer beijinhos?» com voz d'oiro exclama:
Da minha ira empallidece a chamma,
E acarinhando-a pago os seus carinhos.

Senhor! Que amor de filha tu me déste!
Dá-lhe um caminho brando e sem abrolhos,
Dá-lhe a Virtude por amparo e guia;

E destina tambem, ó Pae celeste,
Que a mão com que ella agora me abre os olhos,
Seja a que ha-de fechar-m'os algum dia!

A Sombra do Quadrante, Coimbra, 1906, pags. 75 e 76.

EUGENIO DE CASTRO, o poeta soberbo, que tem esmalhado nas paginas da poesia contemporanea portuguesa trechos d'alto valor literario em que abunda elegancia, riqueza de imagens e perfeição, nasceu em Coimbra em 1869. A Academia das Sciencias de Lisbôa conta-o entre os seus mais ilustres socios. Foi o fundador do simbolismo e do verso livre em Portugal.

Bibliografia: *Canções d'abril*, 1884; *Cristalisação da Morte*, 1884; *Jesus de Nazareth*, 1885; *Per umbra*, 1887; *Horas Tristes*, 1888; *Oaristos*, 1890; *Horas*, 1891; *Belkiss* (prosa), 1894; *Interlunio*, 1894; *Silva*, 1894; *Sagramor*, 1895; *Tirezias*, 1895; *Salomé e outros poemas*, 1896; *A Nereide de Harlem*, 1896; *O Rei Galaor*, 1897; *Saudades do Céo*, 1899; *Constança*, 1900; *Poesias Escolhidas*, 1902; *A Sombra do Quadrante*, 1906; *O melhor retrato de João de Deus*, 1906; *O annel de Polycrates*, 1907; *A Fonte do Satiro*, 1908; *O Filho Prodigo*, 1910; *Guia de Coimbra* (prosa) e *O Cavaleiro das mãos frias*, seu ultimo trabalho literario.

1869

NUNO DE BULHÃO PATO

FINIS

Nasce! anonimo ser és necessario.
Dente da colossal roda da vida
Nasce! debruça a fronte dolorida
Sobre a imensa janela do Calvario.

Vive! sonha o teu sonho, visionario;
Cáe, ergue-te, prosegue em tua lida
Flôr da arvore da dôr, ave ferida
Arrastando o teu vôo solitario.

Padece. Afoga em lagrimas o riso;
Pés na lama da Terra, alma na luz,
Prega-te e prega alguem na tua cruz.

E depois, morre. Já não és preciso.
Morre, desfaz-te, cascavel poeirento
Ao som dos salmos lugubres do vento.

Almanach do Correio da Europa, Lisbôa, 1895.

Nuno de Bulhão Pato nasceu em Belem (Lisbôa) em 5 de julho de 1869. Sobrinho do grande poeta Bulhão Pato e 2.º oficial da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, Nuno de Bulhão Pato colaborou, outr'ora, em varios jornaes, entre os quaes citarei: *A Tarde, O Seculo, A Epoca, Revista Litteraria do Seculo*, etc. A este poeta, devo estas bonitas quadras, ineditas, com tão caracteristico sabor popular:

Se acaso levas em gosto
Dar-me em teu peito guarida
Vou já fazer a mudança
E morar lá toda a vida.

Quando eu me juntar contigo
Já tenho casa de verão:
Fica á sombra dos teus olhos
Na encosta do coração.

Bibliografia: As suas producções poeticas andam dispersas por jornaes, almanachs e revistas. Os seus versos liricos e filosoficos devem formar tres belos volumes.

1870

JULIO BRANDÃO

SONETO

Trago-te sempre na lembrança, ó minha
Maior amiga e linda criatura.
E, quando á noite o sono se avizinha,
Tu ficas nos meus olhos clara e pura...

Depois, nos sonhos, beijo-te a mãozinha,
Ando contigo ao colo, que ventura!
E tu gorgeias como uma andorinha,
Polvilhas de oiro a minha noite escura.

Eu te abençôo, ó filha! Amo-te tanto,
Que vivo dêste amor e dêste encanto,
Ao mundo preso pelos teus abraços.

E se estou longe, como a um passarinho,
Oiço-te a voz chamando-me baixinho,
E no meu coração sinto os teus passos...

Nuvem de Oiro, Porto, 1912, pag. 47.

— Julio Brandão, o notavel e elegante poeta das *Saudades*, do *Livro de Aglaïs* e de outros belos trabalhos literarios, nasceu em Famalicão em 1870. Poeta e escriptor, pertence á Academia das Sciencias de Lisbôa. Em qualquer de seus livros de versos a produções superiores. Que belo é o Idilio entre o fidalgo e a pegureira, que figura nas *Nuvens de Oiro* e que termina deste modo:

— Tudo despresas? Tenho um tesoiro:
Poder, fortuna, tenho arcas de oiro,

E tu desdenhas-me, agreste flor!
— Tendes riquezas, eu tenho amor...

Olhai as rolas que vão no ar:
Nenhumas delas deixa o seu par!...

Bibliografia: Verso: *O Livro de Aglaïs*, 1892; *Saudades*, 1893; *O Jardim da Morte*, 1898; *Nuvem de Oiro*, 1912. Prosa: *Farmacia Pires*, 1897; *Maria do Céo*, 1902; *Perfis suaves*, s/d; *Figuras de Barro*, 1910 e *Garrett e as Cartas d'Amor*, 1913.

1871

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

ESPIRITO GENTIL

Espirito gentil que me fugiste,
Florita azul de que o teu corpo é a haste,
Bate as azas p'ra o Ceu, se o Ceu existe,
E pede a Deus por mim que tu deixaste

Perola que não tem onde se engaste,
Volta lá para d'Onde tu caiste,
Anjo que me perdeste e me salvaste
Na minha vida duplamente triste!

Mas se acaso não ha nem Deus nem Ceu,
Vive no Chôro do meu peito aberto,
Espirito gentil irmão do meu!

Sinto a Febre gelar-me o peito nu...
Alguem me falla: alguem que está já perto!
E's tu? E' a morte?... Mas a Morte és tu!

Livro d'Amor, Coimbra, 1899, pag. 45 e 46.

Fausto Guedes Teixeira nasceu em Lamego em 1871. Os seus livros de versos conquistaram-lhe o titulo de poeta distincto que, com justiça, se lhe pode aplicar. Da belesa e valor das suas producções poeticas poderão os leitores desta antologia avaliar pelo soneto acima citado e pelas palavras que *O Seculo* de 5 de maio de 1918 lhe endereçou acerca do seu ultimo livro: «*Maria* é um pequenino poema de amor em cujos versos, harmoniosos e cantantes, o poeta ergue tão alto a perfeição feminina que todas as mulheres, ao contrario da heroina de Arvers, gostarão de ver n'eles descrita a sua propria perfeição. Ha no poema uma serie de tercetos que são dos melhores que se teem escrito na lingua portugueza.»

Bibliografia: *Esperança nossa*, 1889; *Carta a um poeta*, 1890; *Livro d'Amor*, 2 ed., 1894; *Mocidade Perdida*, 1895; *Saudades do coração*, 1902; *O meu livro*, 1908; *Maria*, 1918.

1871

D. JOÃO DE CASTRO

ALMA POSTHUMA

Podes fugir-me. Longe, eu hei de ainda adorar-te
E sentir-me banhado em luz de amor sereno...
—Foges, e nem sequer te lembras, sonho helleno,
Que as radiações do sol chegam a toda a parte.

Eu distingo-te em tudo onde a côr se reparte,
Na luz, no ar, no som, no nevoento aceno
De alguma aza que vôa... e nesse lirio ameno
Que tu me déste e que murchou só de chorar-te.

Se mais te afastas, imagino-te mais perto,
Talvez por penetrar em meu peito aberto
O aroma que, fugindo, o teu vulto heril perde...

... Chora a lua de noite, e chora o sol de dia,
E eu choro-te tambem, saudoso, e todavia
A minha esperança é como o cedro—sempre verde!

Revista de Portugal n.º 15, 2.º anno, vol. III, Lisbôa, pag. 316.

D. João de Castro, o apreciadissimo e criptor das *Jornadas do Minho* e auctor do *Morgadinho* e do *Jesus*, nasceu em Villa do Conde em 1871. Com que prazer se leem os seus versos dos quaes rescende graça e frescura! O auctor da *Morte de Homem* e da *Via Dolorosa* trabalha numa nova edição do *Jesus*, a qual terá a augmentar-lhe o valor inspiradas ilustrações de Antonio Carneiro. E' do seu volume de finas liricas, o *Livro Branco*, esta expressiva quadra:

Só deixei uma vez de estar tristonho
Longe de ti, minha ideal rainha:
Foi quando na manhã a area d'um sonho,
Pensei que eras já minha!

Bibliografia: Verso. *Alvoradas de abril*, 1889; *Livro Branco*, 1890; *Alma Postuma*, 1891; *O Morgadinho*, 1892; *Jesus*, 1895; *Via Dolorosa*, 1898. Prosa: *Os malditos*, 1893; *Morte de Homem*, 1900; *Redempção*, 1904; *Jornadas no Minho*, 1913 e *A deshonra*, 1913 (peça e romance).

1871

MARIANO GRACIAS

PRELUDIO

Ao deixar Portugal, terra tão linda!
Meus nostalgicos olhos scismadores
Destillam maguas e destillam dores,
Pesados prantos de saudade infinda...

É que não viram os meus olhos inda
Outro jardim, onde o sol doura as flores,
Que mais sonhos tivesse e mais amores,
Terra onde o mar começa e o ceu finda!

Patria de heroes que foram pelos mares
Em demanda da Terra Promettida,
A India! — oh meus saudosos, patrios lares!...

Portugal! onde muito amei, e a vida
Entre sonhos passsei e entre cantares...
Se amar e padecer ainda é vida!...

Barra de Lisbôa, 26-8-1898.

Saudades de Portugal, Lisbôa, 1904, pag. 13.

Mariano Gracias nasceu na Vila de Margão (Gôa — India Portuguesa) em 1 de março de 1871. Pertence á nobre casta bramanica, oriunda dos antigos *Sar-Dessais* (homens nobres e grandes da terra). Poeta apreciado e auctor de vasta bibliografia poetica, diplomado com o curso superior de comercio feito no antigo Instituto Industrial e Comercial do Porto, ex-secretario das relações de Gôa e Moçambique, antigo secretario do ministro das Colonias, Ernesto de Vilhena, revisor de provas da Imprensa Nacional de Lisbôa, Mariano Gracias fez parte da comissão da reforma organica e administrativa das nossas colonias. Muito versado em literatura e um agradavel conversador, trabalha com entusiasmo num novo volume em que reunirá escolhidos trechos de seus anteriores trabalhos, e alguns ineditos.

Bibliografia: *No Alto Mar*, 1894; *Agonia*, Porto, 1896; *Canção de alguem que se perdeu*, Coimbra, 1898; *Missal de um crente*, Porto, 1898; *Tres adeuses*, Porto, 1898; *Saudades de Portugal*, Lisbôa, 1904; *Regresso ao lar*, Nova Gôa, 1906; *O A. B. C. da Nenita*, Lisbôa, 1913; *A Biblia do Amor*, Lisbôa, 1913; *Poentes*, 1913.

1872

DELFIM GUIMARÃES

SONETO

Amar! não sentir odios nem rancores...
Ter sempre uma palavra de carinho
Para aquelles que soffrem os horrores
D'uma existencia má, de um mau caminho;

Espalhar o perdão, incutir crença;
Fortalecer a fé, prestando auxilio
Aos que caminham pela noite immensa,
Sósinhos, no degredo, no exilio...

Tornar a Vida um sacerdocio nobre:
Proteger por egual os desherdados
Que o manto do Senhor, sereno, cobre...

Como será feliz quem fizer isto!
Os seus actos serão abençoados
Como a doutrina auroreal de Christo!...

Evangelho, Lisbôa, 1895, pag. 62 e 63.

Delfim de Brito Guimarães nasceu em 1872. Poeta bastante considerado e escriptor erudito, gosa entre os poetas portugueses de bem merecida fama. Seus versos são repassados de sentimento e beleza.

Bibliografia: Verso: *Alma Portuguesa*, 2.ª edição; *A' memoria de Herculano; A Arvore; Lisbôa negra; Sim! mil vezes sim! Não! mil vezes não! Confidencias; A Virgem do Castello; Evangelho; Flores do mal, Outonaes* e *O Livro do Bébé*, 1917. Prosa: *Bernardim Ribeiro. O poeta Chrisfal; Ares do Minho; Aldeia na côrte*, drama em 3 actos; *Alma dolorida; Juramento sagrado*, comedia; *A viagem por terra do sr. João Penha; Alma dolorida*, poemas em prosa; *O Rosquedo*, scenas da vida da provincia; *Teophilo Braga e a lenda do Crisfal, Sá de Miranda, Versos portugueses*, edição revista por Delfim Guimarães.

1872

MAYER GARÇÃO

A VENUS DE PEDRA

Por entre os ramos, entrevê-se a lua;
Corta o luar as sombras do arvoredo...
— Uma Venus de pedra, grave e nua,
No parque do castello alveja a medo.

Nua e soberba, luminosa e pura,
E' um sonho de amor que se gelou!
Nada lhe offusca a eterna formosura.
Como é de pedra, é virgem. — Nunca amou.

Envolvem-a na mesma adoração
Os astros que vagueiam pelo espaço
E as folhas que se arrastam pelo chão...

Cobre-a agora da lua um raio baço...
— Mas a tranquilla deusa é sem paixão,
E o seu olhar è frio como o aço.

A minha Paysagem, Coimbra, 1904, pag. 29.

Francisco de Sande Mayer Garção nasceu em Lisbôa em 1872. Chefe da Repartição do expediente e archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, jornalista e poeta, a sua obra anda dispersa por inumeros jornaes onde tem afirmado ser um escriptor ilustre. Antigo redactor do *Mundo*, faz parte, actualmente, da redacção da *Manhã*.

Bibliografia: Verso: *Lyra da Alma*, 1895; *A minha Paysagem*, 1904. Prosa: *Excelsior. Carteira de um idealista*, 1907; *Os Vermelhos* (de colaboração com R. Fernando); *A caminho do Sol*.

1872

AFFONSO GAIO

AVÉ MARIA

Avé-Maria, cheia sois *de graça,*
O Sênhor é comvosco e vos ensina
A perdoar na vida peregrina
Os passos que nós damos na desgraça.

Bemdita sois; entre as mulheres passa
A vossa imagem, como luz divina,
Bemdito o fructo é, que a nós se inclina,
Do vosso ventre de mais pura raça.

Santa Maria, santa *mãe de Deus,*
Rogae por todos nós os peccadores,
Na paz estranha dos profundos ceus.

Ai, sêde o nosso guia e a nossa luz,
Vêde agora na vida as nossas dôres
E na hora da Morte. Amen, Jesus!

Corôa de Espinhos, Lisbôa, 1896, pag. 75.

Affonso Henriques Vieira Gaio nasceu em Villa Nova de Ourem em 25 de outubro de 1872. Ficou orphão aos dois annos de idade. Escriptor, poeta e dramaturgo, é auctor de varios trabalhos literarios, alguns dos quaes levantaram acirrada polemica como a peça — o *Quinto Mandamento*. Foi aluno do Curso Superior de Letras.

Bibliographia: Verso: *Corôa de Espinhos; Lobinho filologico* (poemeto joco-serio), 1895; *Heroes Modernos*, alegoria social, 1901; *Nós*. Prosa: *Malavindos* (contos dramaticos); *Quinto Mandamento*, etc. Entregou no Teatro Nacional uma peça intitulada *Abel e Caim*.

1872

CANDIDO GUERREIRO

INTANGIVEL

No vôo em que me elevo a procurar-te
Mergulho no infinito, e até parece
Que um murmurio de cantico e de prece
Me embala e vae comigo em toda a parte...

E toda a sombra má desapparece,
E toda a luz é para iluminar-te,
A musica de Deus para cantar-te,
Por ti se enflora a terra e o sol aquece...

Por ti, que enches o mundo e te não vejo,
Onda incorporia e halito disperso,
Nuvem de sonho e fogo de desejo!

Por ti, que diluida no universo,
És o dulçor que encontro em cada beijo,
A harmonia que busco em cada verso.

Illustração Portuguesa, n.º 388, de 28 de julho de 1913, pag. 101.

Candido Guerreiro, outro inspirado poeta algarvio, nasceu em Alte em 16 de dezembro de 1872. Formado em direito e advogado, os seus belos sonetos alcançaram os primeiros premios no concurso de sonetos d'Amor, aberto ha alguns anos pela *Illustração Portuguesa*. Cunhado do ilustre romancista Dr. Sousa Costa, Candido Guerreiro é auctor de explendidas poesias. Assim principia e termina um soneto em que canta o seu Algarve querido:

Minha terra embalada pelas ondas,
Lindo paiz de moiras encantadas,
Onde o amor tece lendas e onde as fadas
Em castellos de lua dançam rondas...

Ao pé dos meus, na minha aldeia querida
A morte será quasi uma ventura,
A morte será quasi como a vida...

Bibliografia: Verso: *Rosas Desfolhadas*, 1895; *Petalas*, 1897; *Ave Maria*, 1900; *Eras*, 1907; *Sonetos*, 1.ª edição, 1904.

1873

AUGUSTO GIL

WORDS, WORDS...

Contam que em pequenino costumava
Ao ver-me n'um crystal reproduzido
Beijar a propria bocca, em que julgava
Ver a bocca d'alguem desconhecido.

Cresci. Amei-A. E tão alheio andava
No sonho por seus olhos promovido,
Que em vez das cartas que Ella me mandava,
Eu lia o que trazia no sentido.

Rodou o tempo. Estou doente e velho...
Agora, se me acerco d'um espelho,
Oh meus cabellos noto que alvejaes...

E as cartas d'Ella, se as releio agora
Só vejo por aquellas linhas fóra
Palavras e palavras. Nada mais!

Versos, Lisbôa, 1901, pag. 51 e 52.

Augusto Cesar Ferreira Gil, o suave poeta do *Luar de Janeiro,* nasceu no Porto em 1873. Antes que o publico o houvesse consagrado, já o povo o havia feito, decorando e cantando algumas das suas mimosas e inesqueciveis quadras, como esta que todos conhecem:

Amas a Nosso Senhor
Que morreu por toda a gente
Só a mim não tens amor
Que morro por ti sómente.

Poeta distincto entre os distinctos, Augusto Gil é bacharel em direito, socio da Academia das Sciencias e Comissario da Policia de Emigração Clandestina.

Bibliografia: Verso: *Musa Cerula,* 1894; *Versos,* 1901; *Luar de Janeiro,* 1909, 3 ed.; *O Canto da Cigarra,* 1910; *Sombra de Fumo,* 1915 e *Alba Plena,* seu ultimo trabalho literario, 2 ed. Prosa: *Gente de palmo e meio,* 1913.

1873

ALBERTO DE OLIVEIRA

SONETO

Por noite velha, ao recolher. Chove cerrado.
Em cada humano sinto um violento inimigo:
Tenho medo da sombra, e vou sobresaltado,
Quando me estende a mão, de uma porta, um mendigo...

E' um velhinho. Treme á chuva, treme ao vento.
Dou-lhe o que tenho: e como a chuva se amiude,
Sig depressa, oiço-o num ultimo lamento:
«Deus o faça feliz. O ceu lhe dê saude!»

E eu, que ia a receiar um occulto assassino,
Scismo que aquella prece influe no meu Destino,
Olho a treva, afinal, com socegadas vistas:

Não sinto a chuva, o Sonho aclara a noite escura:
E' que a esmola me veio alliviar da tortura
— D'essa tortura de nos vermos egoistas.

Poesias de Alberto de Oliveira, Coimbra, 1891, pag. 61 e 62.

Alberto de Oliveira, escriptor de raça e poeta ilustre, nasceu na cidade do Porto, em 1873. Temperamento artistico, pena é que as suas ocupações oficiaes o tenham afastado da literatura e do seu paiz onde é bastante querido. Consul geral de Portugal no Rio de Janeiro, com a categoria de primeiro oficial, para o *Suave milagre*, de Eça de Queiroz, po to em scena pelo conde de Arnoso, escreveu bonitos versos.

Bibliografia: *Poesias*, 1891; *Palavras loucas*, 1894; *Mil trovas portuguesas*, colecionadas e prefaciadas por Agostinho de Campos e Alberto Oliveira, 1.ª ed., 1903. Este ultimo volume conta varias edições.

1874-1911

MANOEL PENTEADO

CONSELHOS AO CORAÇÃO

Devagar coração, não corras tanto;
Caminheiro d'amor, devagarinho...
Olha não vás ficar pelo caminho
Como um pobre, atirado para um canto.

Cuidado,—que ninguem te dê quebranto!
Fóge ao prazer; o riso é mau visinho;
Lembra-te bem de que és um pobresinho
E guarda sempre a esmola do teu pranto.

Sê puro, verdadeiro, simples, casto;
Se gostares d'alguem sinceramente
Segue sinceramente o doce rasto...

E espera e vê se o lindo amor não mente:
Até que um dia páres, de repente,
Quebrado, morto, apodrecido, gasto!

Almanach da Chronica, para 1904, pag. 93.

Manoel Penteado nasceu em Faro em 16 de outubro de 1874 e faleceu em Lisbôa a 23 de maio de 1911. Formado em medicina pela Escola Medico-Cirurgica de Lisbôa, tenente de um dos quadros de saude do Ultramar e cirurgião do Banco do hospital de S. José, Manoel Penteado deixou dispersos por jornaes e revistas muitos versos e varios artigos em prosa. Era apaixonado pela literatura.

Bibliografia: De colaboração com Julio Dantas traduziu o *Cyrano de Bergerac* e escreveu *Os doentes;* de colaboração com Fialho de Almeida e Henrique de Vasconcellos, *O Livro prohibido*. Deixou os originaes: *Lei Sam, Aguas de S. Chrispim* e *Os outros*.

1875

JULIO DANTAS

O MINUETE

Ao canto do salão, olhos vagos no espaço,
Ele em purpura e oiro, ela empoada á franceza,
O senhor Cardeal e a senhora Duqueza
Assistem conversando, a um serão no Paço.

Marca Lucas Jovini o solene compasso;
Dança o minuete de Haydn a côrte e sua Alteza:
E os dois velhos, lembrando a antiga gentileza
E o tempo em que, amoroso, ele lhe dava o braço,

Balbuciam, sorrindo, um timido segredo,
Escondem-se inda mais no biombo, quasi a medo
Como fugindo á luz da sala enorme e acêsa,

E quando um criado vem servir-lhes os gelados,
Surpreêndo a dançar, velhinhos e curvados,
O senhor Cardeal e a senhora Duqueza.

Sonetos. Lisbôa, s/d.

Julio Dantas, o consagrado auctor da *Ceia dos Cardeaes* e d'outras preciosidades literarias, nasceu em Lisbôa em 1875. Poeta, romancista, dramaturgo e jornalista eminente, Director do Conservatorio de Lisbôa e Inspector das Bibliotecas e Archivos Eruditos, socio da Academia das Sciencias e senador, as suas obras são sempre lidas e ouvidas com extraordinario interesse e agrado.

Bibliografia: Verso: *Nada*, 1896, 2 ed.; *Sonetos*, 1916; Prosa: *Doentes*, 1897; *O que morreu d'amor*, 1899, 3 ed.; *Viriato tragico*, 1900; *A Severa*, 1901, 2 ed.; *Crucificados*, 1902, 2 ed.; *A Ceia dos Cardeaes*, 1902, 21 ed.; *D. Beltrão de Figueirôa*, 1902, 2 ed.; *Paço de Veiros*, 1903, 2 ed.; *Um serão nas Larangeiras*, 1904, 2 ed.; *Rei Lear*, 1905 *Rosas de todo o anno*, 1907, 5 ed.; *Mater Dolorosa*, 1908, 2 ed.; *Estatica e dynamica da physionomia*, 1909; *Outros tempos*, 1909; *Santa Inquisição*, 1910; *O primeiro beijo*, 1911, 2 ed.; *D. Ramon de Capichuela*, 1912; *O Reposteiro Verde*, 1.ª peça teatral portuguesa que foi reproduzida no animatografo, 1913; *1023*, 1914; *Figuras d'hontem e d'hoje*, 1914; *Soror Marianna*, 1915, 2 ed.; *A Patria Portuguesa*, 1915; *Ao ouvido de madame X*, 1915; *O amor em Portugal no seculo XVIII*, 1915; *Mulheres*, 1916; *Poetas e Pintores de Rilhafoles; Auto de El-Rei Seleuco* e *Eles e Elas*, 1918.

1876

THOMAZ D'EÇA LEAL

DEPOIS DA MORTE

A morte não me afflige, nem me aterra.
Para affrontal-a sinto até valor!...
Mas somente me infunde grande horror
O lugubre scenario que ella encerra!

E' o que depois da morte se descerra,
E' esse mixto de comedia e dôr,
Desde que surge o pallido armador
Até ás derradeiras pás de terra!

Por isso, oh! minha esposa estremecida,
Quando eu soltar meu ultimo ai de vida
Não me amortalhes, poupa-me o tormento!

Lança-me o corpo n'uma pyra ardente,
Enche de cinzas uma taça rente...
E as que sobrarem deixa-as ir no vento.

Sonetos, 2.ª ed., Lisbôa, 1911, pag. 25 e 26.

THOMAZ D'AQUINO PEREIRA D'EÇA D'ALBUQUERQUE LEAL nasceu em Lisbôa em 1876. Filho do falecido poeta e escriptor dramatico Francisco Xavier d'Eça Leal, diplomado com o Curso Superior de Letras, funcionario dos Correios de Lisbôa, director da bela publicação *Jornal da Mulher*, espirito fino e *diseur* primoroso, Thomaz d'Eça Leal é um poeta de sentimento e valor. Os seus *Sonetos* e um volume que tem no prélo conteem belas poesias, as quaes lhe dão direito a figurar entre os nossos bons poetas. Colaborou no *Brasil-Portugal*, *Novidades*, *Correio da Manhã*, *Jornal da Noite*, *Tarde*, *Correio da Noite*, *Patria*, *Occidente*, etc., e foi o fundador de *O que ha de novo*.

Bibliografia: *Sonetos*, 2.ª ed., 1912; *Prisão do anarchista*; *O Palhaço*; *Olé Olá*, com musica de Augusto Machado; *A' desgarrada*, com musica de Augusto Neupart; *Vae falando*, com musica de Alberto Sarti.

1876

CAMPOS MONTEIRO

PIEDOSA MENTIRA

Não podes — bem o sei! — amar-me. Quando
Aos rogos meus tu acedeste emfim,
Foi porque ao ver-me triste e miserando
Tiveste dó e compaixão de mim.

E os mezes vão correndo e vão passando
Neste suplicio atroz, que não tem fim:
Tu, o amor que não sentes simulando;
Eu, a fingir que sou feliz assim!

E não obstante, como te agradeço!
São intensas as dôres que padeço,
Mas o teu sofrimento é bem maior.

Bemdita seja, em toda a eternidade,
A tua boca, que mente por piedade,
E que me beija sem me ter amor!

Cancioneiro d'«A Lucta», de 23-12-1915.

Abilio de Campos Monteiro nasceu em Moncorvo em 7 de março de 1876. Em 1891 concluiu em Vianna do Castello os preparatorios e em 1902, terminou o curso de medicina na Escola Medico-Cirurgica do Porto. Antigo redactor de varios jornaes, entre os quaes mencionarei o *Moncorvense*, *Vida Nova*, *Pontos e Virgulas*, *O Leça*, *O Lidador*, e sub-director d'*A Patria*, prosador e poeta bem ilustre, o Dr. Campos Monteiro, tem igualmente escripto com bastante exito, para o teatro, peças que teem sido representadas em Lisbôa, Porto e Brasil.

Bibliografia: Verso: *Arco-Iris*, 1894; *Violia*, 1895; *Os filhos de Minerva*, farça em verso, 4 actos; *O auto da Serra*, peça em 1 acto, tambem em verso; *A Paixão de Ferrer*, poema, 1909; *Versos fóra da moda*, 1915. Para o teatro: *A Salamanca*, comedia, 1899; *O segredo da Morgada*, opereta, 1900, representada no Porto, Lisbôa e Brasil; *Flor do Tojo*, opereta, 1906; *A Promessa*, comedia, 1906; *O Ramo de Perpetuas*, opereta, 1914. De colaboração: *Jogo, Vinho e Mulheres*, 1909; *Hoje ha tripas*, revista, 1916.

1876

SANTOS TAVARES

CASTANHOLAS

Echoa ao longe doce e brandamente
A musica celeste, a seguidilha
Como um grito de amor triste e plangente
Desta bizarra *niña* de Sevilha.

No rendilhado negro da mantilha,
O rosto esconde meigo e penitente,
No seu olhar voluptuosamente
Um mixto de alegria e dor rebrilha.

E quando passa airosa no seu *break*,
Aos tremulos meneios d'aquelle leque
Cheio de luz, de arôma e de *sal ro;*

Eu julgo então sentir dentro em minha alma
Toda a paixão enorme, que se acalma
Aos tepidos arrufos d'um *pandero.*

Somnambulas, Lisbôa, 1894, pag. 26.

Francisco dos Santos Tavares nasceu em Lisbôa em 10 de março de 1876. Inteligencia viva e um admiravel conversador, na sua mocidade cursou, desordenada e tumultuariamente, a Escola Politecnica e o Curso Superior de Letras. Tentado pelo jornalismo entra para a Imprensa. Ahi, febrilmente, faz reportagem de factos e acontecimentos, tendo entrevistado meio mundo e tratado de assumptos futeis e vãos que duraram as horas fugitivas de uma efemera actualidade. Primeiro oficial do ministerio dos Negocios Estrangeiros, antigo secretario da legação Portuguesa no Rio de Janeiro e do jornal *O Dia,* redactor efectivo do *Imparcial* e chronista parlamentar e teatral do *Mundo,* auctor de varios originaes e de diversas traduções entre as quaes citarei *Refuge,* de Nicodemi, *Main gauche,* de Veber, *Enjoleuse,* de Roux, etc. Santos Tavares tem afirmado, duma forma ineludivel, em todos os seus escriptos, a sua verve e o brilho da sua penna ao serviço de uma linguagem elegante e rica.

Bibliografia: *Somnambulas,* 1892. Na *Gazeta de Noticias* e no *Jornal do Commercio* escreveu Santos Tavares muitos e interessantes artigos sobre a vida e os homens do seu paiz.

1876

CARDOSO DOS SANTOS

AGUAS PASSADAS...

(INEDITO)

Amei-a noutro tempo. E ao vêl-a agora
Tão diferente do que fôra dantes,
Fiquei sismando por alguns instantes
Na vã loucura dêsse amor doutrora...

As risonhas quimeras, já distantes,
Tão leves como o espaço duma aurora,
Foram desfeitas pela vida fóra
Como essas loucas illusões de amantes!

Ela foi para mim a Divindade
Cantada em fervorosos madrigaes...
Por isso ao vêl-a agora, que saudade!

Não dos seus olhos que eu julguei fataes,
Mas dos sonhos da alegre mocidade,
Dos tempos idos que não voltam mais!

ALBERTO MACHADO CARDOSO DOS SANTOS nasceu em Lisbôa em 1 de maio de 1876. Tenente coronel de cavalaria, as suas belas poesias andam dispersas por varios almanachs, jornaes e revistas, entre as quaes citarei: *Almanach dos Palcos e Salas*, de *Lembranças*, *Correio Elvense*, *Seculo* (pagina literaria), etc Para os leitores desta anthologia poderem ajuisar das bonitas quadras de que é auctor Cardoso dos Santos, insiro ao acaso, uma delas:

Amor é sonho que tem
Muito breve o despertar.
Mas vae-se um sonho, outro vem...
E vive a gente a sonhar!

Bibliografia: Tem em preparação um explendido volume de versos, intitulado *Liricas*. As suas canções *Ceifeiras*, *Malmequer*, *Fado*, *Serenata* e *Desgarrada Algavia* foram musicadas pelo Dr. Alberto de Moraes, tendo tambem Alberto Sarti musicado a *Canção do Moinho*.

1876

BERNARDO DE PASSOS

REGRESSO

(INEDITO)

Minh'aldeia, voltei! Avé Marias...
Teu crepusculo d'oiro até parece
Que me canta, e me embala, e me adormece,
A florir a amargura dos meus dias...

Como a urze das tuas serranias,
Posta em ti nasci, sem que o soubesse;
e o meu primeiro amor (o que não 'squece...)
Criança aqui o achei, quando me vias...

Minh'aldeia, voltei! Anoiteceu...
Sobre o meu coração, como num ninho,
Estendes a aza d'oiro do teu ceu...

E ele dorme e sorri, o abandonado!
Como dorme e sorri um passarinho,
Sob a aza da mãe agazalhado...

Bernardo de Passos nasceu em S. João de Alportel em 28 de outubro de 1876. Poeta ilustre e chefe da secretaria da Camara Municipal de Faro, trabalha actualmente num novo volume de poesias, que contem belas produções. Para que os leitores possam avaliar da beleza de algumas, citarei a 1.ª oitava com que principia o *Caminheiro:*

Para encontrar a Ventura,
parti, deixando o meu lar...
Meu bordão de peregrino
floria dastros o ar...
Lá longe vi torres d'oiro
com princesas de luar,
mas, ai! não vi a Ventura
que eu andava a procurar...

Bibliografia: Verso: *Adeus...; Grão de Trigo; Portugal na Cruz; Bandeira da Republica.* Prosa: *No Algarve.*

1877

JOAQUIM COSTA

RESAR

A's vezes, ergo as mãos, para resar
E dizer ao Senhor os meus pecados;
E meus olhos cansados de chorar,
Não cansam de chorar por seus cuidados.

Se tu pudesses, santa! perdoar
As faltas de meus dias malfadados!
Se, já que me quizeste malfadar,
Me tornasses os dias bemfadados,

A minha crença morta surgiria,
E por ti, meu amor, eu rezaria
As doces orações de minha mãe.

Hoje, que vae perdida na distancia,
A voz que abençoava a minha infancia,
Quem me déra poder rezar tambem.

Emquanto a Vida Passa, Porto, 1917, pag. 125 e 126.

Joaquim Costa nasceu no Porto em 18 de novembro de 1877. Tendo ficado orfão de pai aos oito anos, foi á custa de muito trabalho que conseguiu formar-se em direito na Universidade de Coimbra. Antigo advogado, sub-director da Biblioteca Publica do Porto, poeta ilustre, jornalista e critico conscienciosо, no *Rosal em Flor*, no *Emquanto a Vida Passa* e na *Alma Portugueza*, ha passagens que, dum modo categorico, afirmam a competencia e valor literario de Joaquim Costa. Neste ultimo trabalho, tão justamente premiado nos *Jogos Floraes de Salamanca*, faz dum modo superior, simples, atrahente e imparcial, critica literaria. Modesto por natureza, o Dr. Joaquim Costa tem augmentado a bibliografia portuguesa com importantes trabalhos em prosa e verso.

Bibliografia: Verso: *Rosal em Flor*, 1913; *Emquanto a Vida Passa*, 1917. Prosa: *Alma Portugueza*, 1909.

1878

AFFONSO LOPES VIEIRA

SONETO

Já de pastor servi, como servia
Jacob, triste pastor, flôr de serranos;
Tambem pastoreando os meus enganos
Com esperanças emmeninecia.

Mas sempre foi destino que algum dia
Nos venha a paga, ao cabo de sete annos:
E logo o meu rebanho em desenganos
A mudavel fortuna convertia.

Mas o triste pastor, em seu cuidado
E naquella traição enganadora,
Não foi, como Jacob, sereno e forte.

Por que ao seu coração desenganado
Disse: que *mais serviria* se não fôra
Para tão curto amor, tão longa a morte!

Poesias escolhidas, Lisbôa, 1904, pag. 86.

Affonso Lopes Vieira, o grande poeta cujo merecimento é bem notorio, nasceu em Leiria em 1878. Conferencista primoroso o auctor das *Canções do Sol e do Vento,* pertence á pleiade dos nossos mais notados poetas. Com que mimo, belesa e carinho ele nos retrata a alma dos pequenos nas *Scenas Infantis de Schuman!*

Bibliografia: Verso: *Para quê,* 1897; *Naufrago,* 1898; *Auto da Sebenta; O meu adeus.* 1900; *O Poeta Saudade,* 1901; *Marques,* 1903; *O Encoberto,* 1905; *Conto do Natal,* 1905; *Ar livre,* 1906; *O Pão e as Rosas,* s/d; *O Povo e os Poetas Portugueses* (conferencia), 1910; *Canções do Sol e do Vento,* 1911; *Rosas Bravas: Animaes nossos amigos,* s/d; *Auto da Barca do Inferno: Canto Infantil,* 1912; *Bartolomeu Marinheiro,* 1912; *Poesias de Heine* (fóra do mercado); *Ignez de Castro na Poesia e na Lenda* (conferencia feita no mosteiro de Alcobaça); *A Campanha Vicentina; A Poesia dos Paineis de S. Vicente; Poesias sobre as Scenas Infantis de Schuman,* 1915; *Ilhas de Bruma; Cancioneiro de Coimbra,* 1918.

1878

JOÃO DE DEUS RAMOS

SONETO

A névoa que me envolve sobre o lôdo
D'este mundo, e me arrasta consumido,
Tão distante me traz do meu sentido,
Que julgo errado o meu passado todo!

A que foi que aspirei?! Que falso engodo
Foi que me trouxe o espirito illudido?!
Ah! que é certo ninguem ser prevenido
Senão pela experiencia, d'este modo!...

E as intensões que tive! E como eu era
Livre, contente e bom, prompto a luctar!...
Mal empregada a minha mocidade!

Como eu seria outro, se soubera
Que mais se illude aquelle que teimar
Em servir sempre o bem com a verdade!

A Aguia, Revista mensal de Litteratura, Arte, Sciencia, Filosofia e Critica social, Porto, n.º 1, de janeiro de 1912, pag. 22.

João de Deus Ramos nasceu em Lisbôa em 26 de abril de 1878. Filho do grande poeta João de Deus e irmão do Visconde de S. Bartolomeu de Messines, é formado em direito pela Universidade de Coimbra. Antigó deputado e chefe de uma repartição do Ministerio da Instrução, é auctor de varios trabalhos em prosa e verso nos quaes tem revelado a sua competencia.

Bibliografia: *Guia da Cartilha Maternal*; *Prosodia Portuguesa*; *A Reforma do Ensino Normal*, com um prefacio de João de Barros, 1911. Tem em preparação, alem de um volume de *Fabulas*, versos para as escolas, *Portugal por educar*, proposição do problema educativo nacional. Creação de um modêlo portuguez de escola infantil: o Jardim-Escola João de Deus e *A B C Maternal*. Adaptação ao francez do metodo de leitura e escrita de João de Deus, de colaboração com Phileas Lebesgue, o critico das letras portuguesas na revista bibliografica *Mercure*.

.879

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

DEUS

Espirito do Abismo e das Alturas,
Que em tudo quanto vive se derrama:
Já Luz esparsa, antes de ser a chama!
Criador que se fez obra das criaturas!

Alma que deu sua alma ás pedras duras!
Amor tão desamado que nos ama!
Genio que inspira a noite, e a treva inflama,
Desde as ondas ás verdes espessuras!

Centro e fusão de todas as Distancias;
Velhice—mãe de todas as Infancias;
E Futuro de quanto ha de morrer...

Possa a minha alma vêr-te, um só segundo,
Presente e em ti,—Pretérito do mundo,
Infinito imortal do Verbo—Ser!

A Criação. I Vida e historia da Arvore,
Lisbôa, 1913, pags. 217 e 218.

– Antonio Corrêa d'Oliveira nasceu em S. Pedro do Sul em 1879. oeta consagrado entre os consagrados, os seus versos simples, inspi-ados e cheios de belesa, grangearam-lhe, em Portugal e no Brasil, a sta fama de que gosam as suas já inumeras produções literarias.

Bibliografia: *Ladainha*, 1897; *Eiradas*, 1899; *Auto do fim do dia*, 900; *Alivio de Tristes*, 1901; *Cantigas*, 1902; *Rimance do berço* (fóra do ercado), 1902; *Raiz*, 1903; *Auto de junho*, 1904; *Ara*, 1904; *Parabo-s*, 1905; *Tentações de Sam Frei Gil*, 1907; *O Pinheiro Exilado*, 1908; *logio dos sentidos*, 1909; *Alma religiosa*, 1910; *Cravos* (fóra do mer-ado), 1910; *Auto das Quatro Estações*, 1911; *Dizeres do Povo*, 3 ed., 911; *Romarias*, 1912; *A Criação, Vida e Historia da Arvore*, 1913; *A lma das Arvores*, s/d.; *Menino*, 1914; *Os teus sonetos*, 1914; *Cantigas*, 914; *I Caminhos*, 1917; *II Auto do ano novo*, 1917; *III A' Lareira*, 917; *IV Vida de lavrador*, 1917; *V D'aquem e d'alem ondas*, 1917; *Do meu quintal*, 1917; *VII Os namorados*, 1917; *VIII Auto de ju-o*, 1917; *IX Um lenço de cantigas*, 1917; *X Cartas ao vento*, 1917; *stas mal notadas regras*, 1918 e *Soldado que vaes á guerra*, 1918.

1879

TEIXEIRA DE PASCOAES

OS OLHOS DOS ANIMAES

Que triste o olhar do cão! Até parece
Mais um queixume, um intimo lamento
Da noite interior que lhe escurece
O coração que é todo sentimento.

Contemplae um boi: Vede o tormento
Que em seus olhos tão calmos transparece...
E os olhos da ovelhinha e os do jumento
Que tristes! Só o vê-los entristece...

Chora em todo o crepusculo a tristeza
E alem do sêr humano, a Natureza
E' um crepusculo ainda feito de ais...

Por isso, o vosso olhar de escuridão,
E' mais lagrima ainda que visão,
O' tristes e saudosos animaes!

As Sombras, Lisbôa, 1907, pag. 106.

JOAQUIM PEREIRA TEIXEIRA DE VASCONCELLOS, cujo pseudonimo é *Teixeira de Pascoaes*, nasceu em Amarante em 1879. Poeta distincto, pelas suas obras ocupa logar especial na Literatura Portuguesa que tem enriquecido com muitas e valiosas produções. Foi um dos fundadores da *Aguia*, interessante revista portuense.

Bibliografia: *Embryões*, 1895; *Sempre*, 1897; *Bello*, 1897; *Terra Prohibida*, 1899; *Jesus e Pan*, 1903; *Para a Luz*, 1904; *Vida Etherea*, 1906; *As Sombras*, 1907; *Senhora da Noite* 1909; *Marâmos*, 1911; *Regresso ao Paraiso*, 1912; *O Espirito Luzitano ou o saudosismo*, 1912; *O Doido e a Morte*, 1913; *Elegias*, 1913; *Verbo Escuro*, 1914; *Era Luziada*, 1914.

1879–1912

MANOEL LARANGEIRA

CARTA A NINGUEM

Não tornes a queixar-te! Se morreu
Aquelle grande amor e malfadado,
Porque o mataste, filha? Ai! o culpado
Bem vês que não fui eu...

Julguei-te abandonada, solitaria,
Quiz fazer da tu'alma a ideal
E dôce irman da minha... e afinal
Ela era como as outras — ordinaria...

Não tornes a queixar-te mais de mim!
Eu não te posso amar: amar a-sim,
Como os outros, não sei... era um engano...

Foi bem maior que a tua a minha dôr:
Tu sofreste o desamor,
Mas eu, filha, sofri — o desengano...

O Seculo (edição da noite), 3.º ano, n.º 517, de 18-3-1918, pag. 1.

Manoel Larangeira nasceu em Vergada, freguezia de Mozellos (Feira), em 1879 e suicidou-se em Espinho em 21 de fevereiro de 1912, em virtude de sofrer duma doença incuravel. Manoel Larangeira era muito versado em biologia, pedagogia e em arte, e era um dos espiritos mais cultos da sua geração. Como Manoel Penteado, outro medico ilustre, morreu bem novo. Poeta amargo, tinha como sub-titulo do volume de seus versos, estes dizeres: «Quando os outros te não entenderem, fala contigo mesmo!» Deixou, ineditos, varios trabalhos.

Bibliografia: *Amanhã* (peça teatral) e *Comigo* (versos), 1912.

1879–1910

RODRIGO SOLANO

RETRATO

E' loira, branca, ti ida e franzina
Como a haste de um lírio; immaculadas,
Diafanas mãos; corpo de roca fina;
Roupas leves, alvissimas, al das.

Olhos que espalham clara luz benina
— Grandes luas d'outono, maguadas —;
Formas vagas de virgem bizantina
E essa expressão das monjas torturadas.

Mas, se ao vel-a tão simples, religiosa,
Crêdes que nada existe, na verdade,
De mais puro, mais casto e virginal,

Punge-a um remorso atroz de criminosa:
Porque insensivel, fria, sem piedade,
Calcou aos pés meu coração leal.

Fumo, Porto, 1915, pag. 47.

Rodrigo Solano nasceu em Penafiel em 27 de março de 1879 e faleceu em 1910. Em 1915, *A Renascença Portuguesa* reuniu, em volume, sob o titulo de *Fumo* (titulo que Rodrigo Solano havia escolhido), as suas poesias. Do prefacio do distincto escriptor João Grave estracto as seguintes passagens: «A feição primacial de Rodrigo Solano temos nós de estuda-la nos seus trabalhos de critica, porque foi esta notavel tendencia intelectual que ele mais cuidadosamente cultivou. Para a critica preparou-se o escritor malogrado por uma vasta leitura, por uma inexgotavel observação dos factos e dos fenomenos sociaes e por uma cogitação constante dos problemas de ciência ou de arte que o interessavam. Muitas das anotações que foram encontradas entre os seus papeis e que tencionava completar, dando-lhes a forma douradoura do livro se no seu aspero combate deparásse, em certo dia de felecidade que nunca amanheceu uma luminosa clareira indispensavel ao recolhimento — são verdadeiramente notaveis, ficando corpos de doutrinas de flagrante pessoalidade.» Creio bem que, se a morte o não tivesse paralisado tão cedo para as batalhas emancipadoras do pensamento, seria, nêste nosso paiz rebelde á floração das ciências especulativas, uma das mais celebres individualidades como critico e como artista!

Bibliografia: *Fumo*, Porto, 1915.

† 1899

JOSÉ DURO

A CAVEIRA

Encontrei-a uma vez, a lívida caveira,
A rir, sinistramente, em doidas gargalhadas...
E pensei, nesse instante, ó almas torturadas!
Que ella seria em breve a minha companheira.

Depois vi, por meu mal, naquella ossada nua,
Que a Morte descarnara, em ancias, brutalmente,
A imagem do meu ser, gelada e inconsciente,
Bebendo a luz do sol e as lagrimas da lua...

E tive ainda mais odio a este viver tristonho,
Que arrasto, sem te ver, eu que por ti vivia,
O' alma da minha alma e sonho do meu sonho!

Entretanto, começava o dia a esmorecer...
E eu fui-me perguntar á Sombra, que descia,
Se acaso não seriam horas de eu morrer!

Fel, 2.ª ed., Lisbôa, 1916, pag. 39 e 40.

Ignoro quando e onde nasceu José Duro. Em janeiro de 1899, desaparecia para sempre — victimado pela implacavel tuberculose que tambem ceifou Julio Diniz, Soares de Passos, Antonio Nobre, Cesario Verde, Silva Gaio, Guilherme Braga, etc. — este grande poeta, que de todo hoje estaria esquecido, se Albino Forjaz de Sampaio, que prefaciou a 2.ª edição do *Fel*, Santos Tavares e Mayer Garção, num preito de justiça, não houvessem contribuido para a divulgação da sua obra. O *Fel*, que apareceu poucos dias antes da morte do seu auctor, é um livro de dôr profunda, acre e justificavel.

«O meu mal tem-me feito descontente.
Tem-me só dado lagrimas a vida.
Ando a soffrer continuadamente.»
.....

«Por isso muita vez com odio canto,
N'uma voz de revolta, voz de lucto,
Tragicos versos de um sombrio encanto.»

Bibliografia: *Flores* (plaquete), 1896; *Fel*, 2.ª edição, 1916.

1880

RIBEIRO DE CARVALHO

SONETO

(INEDITO)

— *Não me esquéças* — dizias tu, chorando
Sobre o meu peito. — *Não me esquéças mais...*
Noite de dôr. Era sol-nado quando
Me deixaste partir, tranzida em ais.

Passaram annos, satisfiz ideaes,
E regressei, mas sempre em ti pensando.
Que tristes dias de paixão, mortaes,
Não ias tu por meu amor levando!

Pé ante pé, cheguei á tua porta.
Senti soluços... Eras tu, decerto,
Por mim chorando, de saudades morta...

E entrei então... Scenas de amor eguaes!
Choravas, sim, mas supplicando a outro:
— *Nunca me esquéças, não me esquéças mais...*

Do livro a publicar *A Eterna Canção.*

JOAQUIM RIBEIRO DE CARVALHO nasceu no Arnal (districto de Leiria) em 7 de abril de 1880. Antigo deputado e secretario do Conservatorio de Lisbôa, Ribeiro de Carvalho é director do jornal *O Radical*, de Leiria, onde a sua penna de jornalista tantas vezes se tem feito admirar, como por largos annos tambem succedeu na importante revista destinada ao Brasil — *A Mala da Europa*. E' digno de se ler o prefacio de Abel Botelho, no livro *Dolores*, de Ribeiro de Carvalho.

Bibliographia: *Livro dum Sonhador*, 1897. *Margaritas*, 1898; *Dolores*, 1899; *Terra de Portugal*, 1900; e diversos volumes em prosa, entre os quaes a compilação da *Historia das Religiões*.

Tem em publicação, presentemente, um romance intitulado *A Jornada da Morte*, um livro de sonetos escolhidos, *A Eterna Canção*, e uma raccolta de quadras ao sabor popular, *A Canção da Tristeza*, com um estudo em prosa sobre a poesia popular portugueza. D'esta ultima obra extrahimos as seguintes quadras:

As cartas, para os ausentes,
Tristes mensageiras são...
Trazem saudades, se chegam,
Levam pênas, quando vão.

E' um passo da Terra ao Céo,
Da Vida á Morte é um ai...
Só do meu peito ao teu peito
Tamanha distancia vae!

1880

JOÃO LUCIO

SENSAÇÕES DESCONHECIDAS

Ha tanta sensação que não conhêço,
Tanto vibrar de nervos que não sinto;
E, comtudo, parece que os presinto,
Apezar de ver bem que os desconheço.

A sensação que tem, á noite, o Ar,
Quando o orvalho o tóca, em beijos d'agua,
E', por ventura, irmã d'aquella magua -
Que sente, quando chora, o meu olhar?!

Tem, por ventura, alguma semelhança
A sensação d'um cravo n'uma trança,
Com a ancia de quem morre afogado?

E fico-me a pensar que sentirá
Uma vidraça quando o sol lhe dá
E a rasga a mão da luz, de lado a lado...

Descendo, Coimbra, 1901, pag. 59 e 60.

João Lucio (que usa o pseudonimo *Marcos Algarve*) nasceu em Olhão em 4 de julho de 1880. E' formado em direito pela Universidade de Coimbra. Poeta regionalista, no seu livro *O Meu Algarve* apresenta inspiradas paginas que nos embalam pela harmonia e ritmo que nelas existe. Patrício de Candido Guerreiro, de Bernardo de Passos e de João de Deus, João Lucio, pelas suas producções literarias honra bastante a provincia a que pertence.

Provincia onde nasci, amada do luar
E do sol ruidoso, ardente immorredoiro...
Lyrio fresco e azul deitado á beira mar,
Com o calix gentil a orvalhar-se em oiro...

Bibliografia: *Descendo,* 1901; *O Meu Algarve,* 1903 e *Nas Azas do Sonho.*

1880

JOÃO DE VASCONCELLOS E SA

SONETO

Sentara-se por fim. Vinha cansada
De valsar toda a noite. Junto della,
Conversando no vão duma janella
Onde batia a luz da madrugada,

Trocávamos, sorrindo, o galanteio,
Muito longe do campo da verdade,
Numa expressão de doce intimidade
Como se tudo o mais nos fosse alheio.

E num gesto suave, um gesto brando,
Deixou cahir o lenço em que brincando
As suas mãos nervosas entretinha;

Baixei-me a segura-lo pressurôso.
— Ella tinha-me um odio rancoroso,
... Talvez egual ao que eu lhe tinha.

Um Livro. Versos, Lisbôa, s/d, pag. 61.

João Augusto de Vasconcellos e Sá nasceu no Funchal em 9 de julho de 1880. Oficial de cavalaria e poeta muito apreciado, dos seus versos dos vinte anos compilados n'*Um livro*, diz o ilustre escriptor sr. Fernandes Costa que prefaciou esse volume: «Os versos, que vão ler-se, são as primicias d'um talento literario que desabrocha, e ao mesmo tempo as expansões naturaes de uma alma juvenil, para quem a mocidade, o amor, as alegrias do viver, são a fonte e a inspiração dos seus modestos e adoraveis cantos.»

Bibliografia: *Um livro*, s/d. e *Rimas Pobres*. João Vasconcellos e Sá é auctor da celebre canção *Margarida vae á fonte*, que tanto successo obteve.

1881

JOÃO DE BARROS

AMOR...

Eu bem sei, bem sei que não devia
Prender-me á tua graça. Eu bem conheço
Quantos remorsos hão-de ser o preço
D'estas horas supremas de alegria.

Mas a Vida, afinal, é sempre o dia
Que vae passar. E o bem que eu desconheço
Se fosse o que desejo, o que estremeço,
Nem o sonho maior o sonharia!—

De tão eterno, egualaria a morte!...
Por isso eu quero, em meu abraço forte
Ter a ilusão que foge, e que me encanta...

—Que me importa, depois, que venha a dôr?
Bastam as cinzas quentes d'este amor
Para afagar os gritos na garganta.

Illustração Portugueza, n.º 407 de 8-12-1913, pag. 659.

João de Barros nasceu na Figueira da Foz em 4 de fevereiro de 1881. Formado em Direito e socio das Academias de Sciencias de Lisbôa e de Portugal, poeta e escriptor ilustre, o Dr. João de Barros ocupa o cargo de Director Geral da Instrucção Publica. Foi um dos fundadores da bela revista *Atlantida* que tanto tem contribuido para estreitar as relações literarias entre Portugal e o Brasil, paizes onde pelas suas qualidades de caracter, educação e fino espirito é muito querido e apreciado.

Bibliografia: Verso: *Algas*, 1900; *O Pomar dos Sonhos*, 1900; *Entre a multidão*, 1902; *Dentro da Vida*, 1904; *Caminho do amor*, 1904; *Terra florida*, 1909, *Anteh*, 1912; *Ancieda le; Ode á Belgica; Oração á Patria*, 1917. Prosa: *A Escola e o Futuro* 1907; *La Litterature Portugaise*, 1910; *A nacionalisação do ensino; A Energia Brasileira* (conferencia); *A Republica e a Escola; A Educação Moral na Escola Primaria; Educação Republicana*, 1916; *Caminho da Atlantida*, 1918.

1882

CARDOSO MARTHA

SONETO

Olhar que todo o peito me alumia,
ora triste, ora ledo, agora grave;
que não é dêste mundo, e onde cabe
quanto de grande sonhe a fantasia;

mão espiritual, branca e esguia,
acompanhando a voz sentida e suave
como a daquela imperecivel ave
que ao monge deu tres séculos num dia;

um não sei quê secreto, que me manda
atrever e não deixa que me atreva;
um por-se, ao vê-la, a alma de giolhos;

— esta a mágica fôrça que me abranda,
que, como a sombra, atraz de si me leva,
e mê traz enleado nos seus olhos.

Atlantida, Lisbôa, vol. VIII.

Manoel Augusto Cardoso Martha nasceu na Figueira da Foz em 5 de abril de 1882. Jornalista, escriptor, professor e poeta inspirado é auctor de bastantes trabalhos interessantes em que revela saber e inteligencia. As suas *Cartas de Camilo*, comentadas, constituem um valioso capitulo com que Cardoso Martha, tão dedicado a assumptos d'arte e literatura, veio enriquecer a já numerosa bibliografia camiliana. Foi um dos premiados nos jogos floraes de Salamanca em 1909, pela sua écloga *Saudade, gosto amargo*. Tem colaborado numa infinidade de publicações. Conversador agradavel e espirito scintilante, Cardoso Martha imprime aos seus versos um desusado cunho de originalidade.

Bibliografia: Verso: *Sonetos*, 1904; *Versos*, 1909; *Jogos floraes de Salamanca, poesias premiadas* (de colab ração), 1910; *Cantigas*, 2.ª ed., 1911; *O Fidalgo Presunçoso*, 1912; *Pompeia* (tres sonetos), 1912; *A Arvore & o Homem*, 2.ª ed., 1913. Prosa: *Escriptores Figueirenses* (na *Revista Literaria*), 1904; *Desenhadores portugueses de ex-libris*, 1908; *Folclore da Figueira da Foz* (com Augusto Pinto), 2 vol., 1910-1912; *Gravura Popular Portuguesa* (na *Terra Portuguesa*), 1917-1918.

Publicou e prefaciou ainda *A Murraça*, de Camilo, 1916, e recentemente o 1.º volume das *Cartas de Camilo*, a que já me referi.

1882

ALFREDO GUIMARÃES

ESTE PRESÉPIO É DO MEU BEM

(INEDITO)

A Senhora sofreu a tarde inteira.
Depois, em brazas, apagou-se o dia.
Tinham chegado a uma estrebaria,
Sob um alpendre e junto a uma oliveira.

José abriu o fêno. A travesseira
Era o saco de frutas que trazia.
E dormiu. Mas os olhos de Maria
Vigilaram, de medo e de canceira...

Alta noite, a tremer, chama o Marido.
Entra o logar a ser esclarecido!
Chegam-se os animais ao fêno e á luz!

E aqui tens, Meu Amôr, como entre humanos,
Ha muito já, ha quasi dois mil anos,
Veio ao mundo o Menino de Jesus!

ALFREDO GUIMARÃES nasceu em Guimarães em 7 de setembro de 1882. Poeta e prosador, é funcionario publico. Bem novo, foi na sua terra natal, director duma curiosa revista literaria: *Ala Moderna*. Seus livros são reveladores do seu bom gosto e encerram mimosos versos. Acerca do seu ultimo trabalho *Livro de Saudades*, assim se exprimiu o *Primeiro de Janeiro*, do Porto, de 3 de fevereiro de 1917: «O livro do sr. Alfredo Guimarães, que, até na originalidade artistica da edição, é bem portuguez, contem quadras de verdadeira belleza, pela forma, pela intenção e pelo sentimento que exprimem.»

Bibliografia: *Palavras*, 1908; *A ilusão*, 1910; *A' borda d'agua*, 1912; *Pascoa florida*, 1915; *Livro de Saudades*, 1916. Tem em preparação: *As minhas primas*, comedia rustica em 3 actos; *Sempre verde*, estudos regionaes sobre a provincia do Minho e *Horas de Santa Maria* (poema).

1882

ALFREDO PIMENTA

MÃOS

Tomei, nas minhas mãos, a tua mão
Que se deixou ficar de desmaiada,
Assim, nas minhas mãos abandonada,
Como um cançado e triste coração.

E de vagar, pedindo-te perdão,
Poisei a minha bocca suffocada
Na tua mão que é linda e perfumada
Como um sonho de noite de verão!

Mas quando a minha bocca se poisava
Na tua carne em flôr, que desmaiava,
—A tua linda mão ressuscitou...

E eu fiquei sem saber, e com razão,
Se fui eu que beijei a tua mão,
Se foi a tua mão que me beijou...

Paysagem de Orchideas, Lisbôa, 1917, pag. 25.

O Dr. Alfredo Pimenta nasceu na freguezia de São Mamede de Aldeão (concelho de Guimarães), em 3 de dezembro de 1882. Formado em direito pela Universidade de Coimbra, poeta e escriptor ilustre, prosador, jornalista brilhante e conferencista elegante e primoroso, inovador entre nós, pôr combinação de rithmos, de um novo rithmo, como se verifica do seu belo livro *Paysagem de Orchideas*, sendo tambem muito versado em assumptos de arte e em sociologia, é sem duvida, uma das individualidades de real valor da actual geração.

Bibliografia: *Saudando*, 1905; *Na Torre da Illusão*, 1912; *Alma ajoelhada*, 1914; *Paysagem de Orchideas*, 1917. Prosa: *Factos sociaes*, 1908; *Aos conservadores portugueses*, 1911; *Estudos sociaes*, 1913; *Politica portuguesa*, 1913; *A questão politica; A Eleição do Presidente; Carta a um monarchico; A solução monarchica; As Egrejas e o Estado ao regimen da separação*, 1913; *As doutrinas de Drago e a 2.ª conferencia da Paz*, 1914; *Palavras de Arte*, 1916; *Cartas a um Esthete*, 1917; *Cartas sem destino*, 1918.

1883

JAIME CORTEZÃO

RENASCIMENTO

Nasci de novo. Eis-me liberto emfim!
Foi por um ceu todo de estrelas cheio,
N'uma visão de Amôr, que um Anjo veiu
Descendo até poisar ao pé de mim.

O beijo que me deu não teve fim...
Apertou-me nos braços contra o seio,
Abriu os labios, segredando... e a meio
Bateu as azas e levou-me assim.

Ai! como é doce o seio que me embala!
E como tudo é novo e mais profundo!...
Mas já nenhum de vós me entende a fala;

N'outro Mundo melhor eu vivo absorto,
E logo conheci que a esse Mundo
Quem vae não volta, ou, quando volta, é morto!

Seculo (edição da noite), n.º 236, de 5-6-1915.

Jayme Zuzarte Cortezão nasceu em S. João do Campo em 1883. É formado em medicina pela Escola de Lisbôa. Como medico militar, está presentemente em França, onde serve no Corpo Expedicionario Portuguez. Antigo professor do liceu, dirigiu a *Vida Portuguesa*. O dr. Jaime Cortezão figura no numero dos oficiaes portugueses atingidos pelos gazes asfixiantes.

Bibliografia: *A Morte da Aguia*, 1910; *A arte e a medicina em Portugal* (Anthero de Quental e Sousa Martins), sua tese; *Est' historia para os anjos*, 1912; *A Sinfonia da Tarde*, 1912; *D'aquem e D'alem Morte* (contos), 1913; *Cancioneiro popular*, 1914; *Gloria Humilde*, 1914; *Catalunha* (poesi), *Cantigas do povo para as escolas*; *O Infante de Sagres* (drama), 1917.

1883

ANTONIO SERGIO

PHOIBOS APPOLON

O' Sol, que estás no céu, santificado
Seja o teu nome; desça das alturas
Teu clarão sobre nós; tu, que purpúras
Como uma aurora o pensamento alado!

E vós, mentes de bruma e céu velado,
Embebei nestas nitidas figuras
O vosso olhar umbroso, ó criaturas:
Vêde o espirito e a luz em seu noivado:

Vêde a turquêza nitida dos montes,
A limpidez vernal dos horizontes,
Onde a fórma se grava e a côr reluz:

E orai que a Idéa seja em vossas almas
Tão transparente como as aguas calmas,
Tão deslumbrante como a propria luz!

A Aguia, pag. **114**.

Antonio Sergio de Sousa nasceu em Damão (India Portuguesa) em 1883. Foi oficial da marinha de guerra portuguesa, cargo que abandonou em 1910. Poeta, escriptor e conferencista conscienciozo e ilustre. Antonio Sergio tem já, apesar de novo, um nome prestigioso na actual geração, como facilmente se verifica da sua vasta e importante bibliographia. Dedicou-se primeiro a estudos de pura filosofia, desviando mais tarde a sua atenção para os problemas de filosofia social e de pedagogia

Bibliografia: *Rimas*, 1908; *Notas sobre os sonetos e as tendencias geraes da filosofia de Anthero de Quental*, 1908; *Da natureza da afecção*, 1913; *O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares*, 1914; *Educação civica*, 1915; *Considerações historico-pedagogicas*, 1915; *Cartas sobre a educação profissional*, 1916; *A função social dos estudantes*, 1917; *Noções de Zoologia*, 1917; *Educação profissional na Casa das crianças e na escola primaria* e *O Navio dos Brinquedos*. Tem colaborado em varias revistas pedagogicas estrangeiras, e literarias e scientificas nacionaes: *Atlantida*, *Aguia*, *Agros*, etc. Dirigiu durante um ano os *Serões* e actualmente a revista *Pela Grei*, orgão da Liga de Acção Nacional.

1883

ANTONIO CORSINO LOPES DA SILVA

NEVER MORE

Tudo quanto sonhei na mocidade,
Toda a ventura que passei na vida,
Foi como a nuvem que no ceo perdida
Passou e se desfez na immensidade,

E de tudo só resta uma saudade,
Uma tristeza vaga, indefenida,
Que sempre me põe n'alma dolorida
De um profundo soffrer a intensidade.

No entanto, vou seguindo o meu caminho
Cheio outr'ora d'encantos liriaes
E onde hoje medra o mucronado espinho.

Mas mesmo asssim feliz me chamaria,
Se as illusões que já não voltam mais
Inda podessem reviver um dia.

Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1911, pag. 151.

Antonio Corsino Lopes da Silva nasceu na Ilha de Santo Antão de Cabo Verde em 4 de fevereiro de 1883. Aspirante d'alfandega do citado archipelago, diplomado pela Escola Colonial de que foi alumno distincto, frequenta a Faculdade de Direito de Lisbôa. Tem inedito um volume de versos intitulado: *Cantos Africanos*.

Bibliografia: Seus versos estão ainda por compilar.

1884

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

AO CAHIR DA FOLHA

Quando cahir a folha e tu te fôres
A ter com minha mãe que já morreu,
Se não lhe posso dar mais que flores,
Leva-lhe beijos, abraços — Que sei eu!

Diz-lhe que eu ainda sou como era d'antes
Assim sem esperanças, sempre sem amores
— Meus pobres olhos, sempre agonisantes
Vão-se mirrando mais, só pisam dores.

Diz que os meus versos são atormentados,
Como só sabem rimar os desgraçados,
Diz-lhe que em breve... Não, mas deixa lá,

Podia a santa affligir-se! E agora,
— Sempre são mães! — quando tu te fôres embora
Nunca lhe contes o que vae por cá.

Ao Cahir da Folha, Lisbôa, 1904.

O auctor das *Palavras Cinicas* e doutros conhecidos trabalhos literarios, Albino Maria Pereira Forjaz de Sampaio, nasceu em Lisbôa em 1 de janeiro de 1884. Contando apenas 21 anos de idade escreveu as *Palavras Cinicas*, obra que desde logo o consagrou como escriptor. De então para cá, estudando em especial, os meios pobres e os podres da sociedade, tem produzido uma serie de livros que o publico tem sempre acolhido com sumo agrado, pois Albino Forjaz de Sampaio pertence ao numero de seus auctores queridos. Socio da Academia das Sciencias de Lisbôa, archivista chefe do Ministerio do Commercio, escriptor, critico e jornalista illustre, dar-nos-ha muito brevemente um novo trabalho literario — *Avalanche*, livro da guerra, escripto nessa sua linguagem nervosa e empolgante. O soneto que transcrevo mereceu a honra de ser traduzido em francês, inglez, alemão, italiano, hespanhol e sueco, por conhecidos lusofilos.

Bibliografia: *Palavras Cinicas*, 1905; *Chronicas imoraes*, 1909; *Lisbôa tragica*, 1910; *Prosa vil*, 1911; *Gente da rua*, 1914; *Grilhetas*, 1916; *Vidas sombrias*, 1917; *Livro das cortezans*, com Bento Mantua, 1917; *Tiberio filosofo e moralista*, 1918.

1884

JOÃO MARIA FERREIRA

PRAIA DESERTA

Na praia vasta e muda caminhando,
Numa linda manhã de estio luzente,
Minha alma sonhadôra ia pensando
Nas mil tribulações proprias dum crente.

A praia era deserta, o vento brando,
Num orizonte grandioso, ingente,
Extendia-se o mar sempre entoando
Sua eterna canção de amor ardente.

E olhando tal magnifica grandeza,
Ante o teu quadro absorto! ó Natureza!
Eu, miserrimo filho do Senhôr,

Julguei-me um grão de areia levantado,
Que um dia entre os demais será tombado
Quando findar o seu viver de dôr.

Horas de Silencio, Lisbôa, 1918, pags. 27 e 28.

João Maria Ferreira nasceu em Lisbôa em 10 de abril de 1884. uito devotado á poesia, que lhe tem merecido especial desvelo, como m revelado em suas cuidadas edições, João Maria Ferreira é, além poeta distincto, o fundador dessa interessante revista *Paginas d'Alm*. Acerca do seu ultimo trabalho, *Óras de Silencio*, vem no *Diario Noticias*, de 11 de abril de 1918, uma carta na qual o Dr. Xavier Cunha aprecia nos mais lisongeiros termos o livro a que me acabo referir, classificando de tercetos magistraes os que fazem parte da *egia* que começa a pag. 51.

Bibliografia: *Jesus de Nazaré* (poema), 1905; *Excelsa*, 1906; *arquez de Pombal*, 1907; *Trovas para o povo*, com musica de Ruy elho, 1907; *Manhã*, 3 ed., 1908, 1909 e 1911; *Principe do Martirio*, 14; *Ino á Primavera*, 1909; *Oasis*, 1912; *Amos*, 1913; *Cantigas da sa terra*, com musica do Padre Thomaz Borba, 1916; *Óras de Sicio*, 1918.

1886

AFFONSO DUARTE

SONETO

Vendo os gelos na serra a branquear,
Sinto um outro de mim desconhecido:
E o meu olhar percorre o desmedido
A chamar, a cantar...

Sam os montes alvissima velhinha
Que não tem coisa alguma que nos dar.
E sam os gelos branca moleirinha
Que não se pode amar.

Não se podem tocar! Pois vénha o caso
De as querer modelar, fazer em vaso
E eles fogem do sol...

O gêlo ao sol é uma dôr e doe-se:
Gorgeio de roussinol
Aqui passou, ali cantou, e foi-se.

Cancioneiro das Pedras, Lisbôa, 1912, pag. 117 e 118.

Affonso Duarte nasceu na Ereira, concelho de Montemór-o-Velho, em 1 de janeiro de 1886. Em 1908 matriculou se na Universidade de Coimbra na Faculdade de Mathematica na qual concluiu os preparatorios para a Escola do Exercito; nao tendo seguido a carreira militar, em 1913, formou-se em filosofia. Em 1917 terminou o curso do Magisterio Liceal pela Escola Normal Superior, grupo de sciencias historico-naturaes. Professor dedicado do liceu Gil Vicente, poeta e escriptor, tem collaborado em diversos jornaes e revistas, sendo o seu nome bastante conhecido. Foi o fundador da revista *A Rajada*.

Bibliografia: Em 1910 publicou um folheto com quadras, no qual ha collaboração de Augusto Casimiro e de outros rapazes do seu tempo; *Cancioneiro das Pedras*, 1912; *Tragedia do sol posto*, 1914; *Rapsodia do Sol-nado*, 1916.

1887

ANTONIO SARDINHA

SONETO DA VISITAÇÃO

Vinde, adorai! Criados e parentes!
Tenho o presepio em nossa casa armado!
Vinde adorar o meu menino amado,
Honra-lo com carinhos, com presentes!

Muito quentinho, nas roupinhas quentes,
O infante dorme, dorme aconchegado.
É lindo, pois não é? o meu morgado?
Que tu, Senhor, em graça m'o aviventes!

E de joelhos, com ar de boda,
Ádora e pasma-se a assistencia toda,
Como deante d'um festivo altar.

Que perfeição! Que enlevo de creança!
— E pedem n'um louvor que não descansa
Que Deus nos dê saude para o crear.

A Epopeia da Planicie, Coimbra, 1915, pag. 127 e 128.

Antonio Maria de Sousa Sardinha nasceu em Monforte — Alemtejo — em 9 de setembro de 1887. Formado em direito pela Universidade de Coimbra, poeta, jornalista e escriptor ilustre, tem mostrado em seus varios trabalhos literarios desde o *Tronco Reverdescido* ao *Valor da Raça*, ser um elemento valioso com que conta o Integralismo lusitano, grupo de novos que, pela penna, pela palavra e por meio da conferencia, teem tentado levantar do marasmo em que jaz, a sociedade portugueza. Redactor principal do jornal *A Monarchia*, ainda ha pouco numa bela conferencia em que mostrou vastos conhecimentos dos assumptos que abordou, confirmou plenamente os creditos já adquiridos em anteriores estudos, entre as quaes é de justiça especialisar a serie de conferências realisadas pelo grupo a que pertence, sob o titulo de *Questão Iberica*

Bibliografia: Versos: *Tronco Reverdescido*, Lisbôa, 1910; *Epopeia da Planicie*, Coimbra, 1915. Prosa: *O Valor da Raça*, Lisbôa, 1915. Tem para publicar alem de varios trabalhos historicos e de filosofia, tres volumes de belos versos cujos titulos são: *Era uma vez um menino..., Da Esperança e da Morte* e *Chuva da tarde*.

1887

BAPTISTA SANTOS

SONETO

Quanta vez a Humanidade
Envolta em risos e flores,
Depara com dissabores
No campo da Enfermidade?!

E o sol da Fraternidade
Mãe sublime dos amores,
Leva ao abysso das dôres
A salutar claridade?!...

Sem ar e sem luz, no leito,
Extorce-se a creatura
Enfêrma, mis'ra, indigente...

E logo... sagrado feito:
— A Beneficencia, pura,
Ergue altiva e nobre a frente!

Almanach de Lembranças Madeirense, para 1909, pag. 147.

José Cruz Baptista Santos nasceu no Funchal em 24 de novembro de 1887, pertencendo a uma familia de honrados comerciantes ha muitos anos estabelecida na mesma cidade. Alguns anos depois de ter concluido um curso comercial, reconhecendo que não tinha propensão para tal vida, matriculou-se no liceu do Funchal, onde em quatro anos concluiu o curso complementar de letras. Foi então que começou a sentir grande vocação por estes estudos, evidenciando-se como jornalista, poeta e orador. Como jornalista foi redactor do *Diario Popular*, tendo fundado com os Drs. Albino de Menezes, Reis Costa, Freitas Branco, Juvenal de Araujo e Alexandre Teles, um semanario academico, *Primeiro de Dezembro*, cuja direcção assumiu. Como orador, organisou com os seus dois ultimos colegas uma série de interessantes conferencias publicas sobre os nossos homens de letras, conferencias feitas na séde da Associação Protectora de Estudantes Pobres do Funchal. Com os dois primeiros daqueles seus camaradas escreveu um romance que deu brado: *Uma Tragedia na Madeira*. Antigo redactor do *Diario Popular*, a instancias de alguns amigos entrou para a redação do *Diario da Madeira* onde exerce o importante cargo de redactor principal.

Bibliografia: Verso: *Horas de Inspiração; Rosas e Jasmins*, 1915.

1888

AUGUSTO DE SANTA RITA

A PARDA TORRE

A D. Francisco Villaespesa

Com olhos d'outro-mundo olhei o mundo...
Debrucei-me no Alem, n'ancia que esvoaça
De pesar e medir o Amôr e a Graça
Que vão do Pensamento ao Céu profundo!

Travei com Deus um duello por desgraça:
Com sua a minha lamina confundo,
Mas a espada de Deus toca-me e a fundo
Sete vezes o peito me trespassa!

—Venceu-me o Amôr luctando entre o Perigo!
—Tentei a Deus e Deus por meu castigo
Enclausurou minh'alma como a um monge

Sob o pêso da Abóbada infinita;
E eu fiquei sendo, como em êrmo longe,
A parda torre onde o Mysterio habita!

Praias do Mysterio, Lisbôa, 1916, pag. 45.

Augusto Cau da Costa de Santa Rita nasceu em Lisbôa na Rua Gomes Freire n.º 79, 1.º, em 28 de abril de 1888. Filho de Guilherme Augusto de Santa Rita, poeta, escriptor e dramaturgo já falecido, neto do conselheiro Augusto Cau da Costa ex-governador civil de Lisbôa e Par do Reino, irmão de Mario de Santa Rita, poeta falecido contando apenas vinte anos de idade e de Santa Rita-Pintor (Guilherme Cau da Costa de Santa Rita, pintor futurista), tambem ha pouco falecido, Augusto de Santa Rita, ocupa pela sua originalidade e talento, logar notavel entre os poetas novos. Foi com grande prazer que lemos *As Praias do Mysterio* e *Rosas de papel*, dois elegantes e artisticos volumes em que ha belas produções. Brevemente deverá Augusto de Santa Rita publicar um novo livro de inspiradas poesias que, decerto, farão as delicias dos pequenos — *O Mundo dos meus Bonitos*.

Bibliografia: *Arias, Rezas, Canções e Cantares*, 1.ª serie, 1912; *Arias, Rezas, Canções e Cantares*, 2.ª serie, 1916; *Praias do Mysterio*, poemas, 1916; *A Rosa de Papel, Mysterio n'um cantico* (acto lyrico), 1917.

1888-1918

MARIO PACHECO

VISÕES

Por teu olhar eu visiono sóes,
Constellações... tudo o que vive e brilha,
O Céu em chama — a eterna maravilha —
E o luar que alucina os rouxinóes.

Por tua voz eu oiço melodias:
O mar nas praias dôces a trinar;
Canções das fontes, beijos pelo ar
Das pombas claras, como os lindos dias.

Mas p'la tua alma eleita, de ternura,
Eu vejo Deus, eu sinto a luz da altura
A abrir em rosas pelo meu caminho...

Eu sinto a paz da minha vida inteira,
A singela ventura verdadeira,
Que inda é tão rara, havendo tanto ninho!

Dalias, Lisbôa, 1914, pag. 34.

Mario Cesar Pacheco Simões nasceu em Lisbôa em 1 de novembro de 1888 e faleceu em Vizeu em 27 de fevereiro de 1918. Era filho da ilustre poetisa D. Maria José Alvarrão Pacheco Simões e do coronel de infantaria Luiz Henrique Pacheco Simões e casou em 1914, em Lisbôa, com D. Judith Maria do Carmo Bêça Ximenes de Aragão que foi a musa inspiradora de todos os seus versos de amor. Iniciou os estudos a que se dedicou, em Mafra, tendo sido aluno distincto do Collegio Militar e do Curso Superior de Letras, onde terminou os seus brilhantes estudos academicos. Como professor dos liceus, carreira que seguiu por gosto, exerceu o seu cargo com zelo, proficiencia e solicitude, sendo extraordinariamente apreciado e estimado. A sua morte foi sentidissima. Herdando de sua mãe a vocação para a poesia, desde muito novo se familiarisou com os estudos poeticos, com as rimas, com os trabalhos dos grandes mestres. Foi um poeta ilustre e mimoso que cantou o Amor, a Natureza, o Belo e o Bem!

Bibliografia: Verso: *Livro de Trovas* e *Horas Claras*, 1912; *Hinos á vida e ao amor*, 1913; *Dalias*, 1914; *Canções do meu lar*, 1916; *O teu diadema*, 1917. Deixou muitos ineditos em verso e prosa.

1889

AUGUSTO CASIMIRO

SONETO

Seja a Dôr venerada em cada Vida!...
Em cada Vida, num suprêmo altar,
Erga-se á Dôr a prece enternecida
Da propria Vida, extactica, a resár!...

Seja a Dôr sempre a Bem-aparecida!...
Visão de Amor celeste a vaguear,
Em luz e pranto e em graça florescida,
Como aroma de lirios ao luar...

Que jardins de suplicio á nossa roda!...
— Em cada coisa sófre a Vida toda, —
Tanto Calvario, tanta cruz, meu Deus!...

Ama-se a Vida pelo sofrimento...
Que a dôr humana é o melhor sustento
Da nossa luta p'ra alcançar os ceus...

A Evocação da Vida, Coimbra, 1912, pag. 57 e 58.

Augusto Casimiro nasceu em Amarante em 1889. Tem o curso de Infantaria feito na antiga Escola do Exercito. Ex-professor do Colegio Militar, serve actualmente no *front*, onde faz parte das tropas portuguesas que combatem em França. Na *Aguia* tem revelado o seu estro poetico.

Bibliografia: *Para a Vida*, 1906; *A Victoria do Homem*, 1910; *A Evocação da Vida*, 1912; *A Primeira Nau; A' Catalunha; Primavera de Deus: Nas Trincheiras da Flandres*, 1918, curioso volume em prosa.

1889

CONDE DE MONSARAZ

CONVENTOS

Moradas do silencio e da saudade,
Claustros graves, abobadas sombrias,
Ao contemplar vossas arcarias,
Que tristeza infinita nos invade!

Revivendo o passado, quem não ha-de
Sentir chorar-lhe n'alma as agonias
D'aquellas lages humidas e frias,
Que o tempo vae gastando sem piedade!

Ali, sujeitas aos cilicios rudes,
Envelheceram quantas juventudes,
Na paz sem fim, na solidão das cellas...

Essas paredes toscas e severas,
Sobreviventes mudas d'outras eras,
Se ellas fallassem, que diriam ellas!

Sol Creador, Lisbôa, 1911, pag. 35 e 36.

O Conde de Monsaraz (Alberto Monsaraz) nasceu em Lisbôa em 28 de fevereiro de 1889. Filho do Conde de Monsaraz, formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi um dos premiados nos *Jogos Floraes de Salamanca* nos quaes tambem obtiveram distinções, o Dr. Joaquim Costa, Hipolito Raposo, Cardoso Martha e Eugenio Massa. Poeta, integralista, redactor da *Monarchia* e escriptor, Alberto Monsaraz fez auspiciosamente em 1909 a sua estreia literaria publicando o livro de versos *Romper d'Alva,* o qual foi carinhosamente recebido pela critica.

Bibliografia: Verso: *Romper d'Alva,* Lisbôa, 1909; *Elogio dos Reis* (folheto); *Sol Creador,* 1911.

1889

VAZ PASSOS

SONETO DE AMOR

Dizes que me não amas, se a brincar
Te falo em construir um lar formoso,
Cheio de sol e rosas-de-toucar,
Como o não ha mais belo e mais ditoso.

Olho-te — e continuas a negar,
Num enleio que é timido e bondoso,
Como se eu não soubera adivinhar
A *mentira* em teu rosto carinhoso...

Mas, de mãos postas e ambos de giolhos,
Fixa, nos meus, os teus divinos olhos,
E veremos quem vence na partida!

... Sorris? Toma cuidado, rouxinol!
Pois se não podes esconder o Sol
Muito menos o Amor — que é luz da Vida...

Terra Fecunda, Porto, 1914, pag. 78.

Manuel Vaz Passos nasceu na cidade do Porto em 11 de março de 1889. Poeta, jornalista e publicista ilustre, apesar de muito novo, honra a geração a que pertence. Assim se refere ao auctor da *Terra Fecunda*, Orlando Marçal, no *Diario Popular*, de S. Paulo: «E' bem um livro o de Vaz Passos, em cujas laudas palpitam, admiraveis e cariciosas, revoadas d'um estro dedicado, pensamentos rubros como osculos de sol fecundante, onde se alevantam num côro harmonioso os canticos das aguas murmurantes e os de madrugadoras aves candorosas, perfumes de amores castos, alegrias radiosas da natureza de seiva, volitalisando tudo entre rajadas de som e côr, naquele ambiente de comovidas inspirações de alma, de cambiantes subtis de terna e encantadora expressão — facetas duma rutila e cativante *allure* intelectual que prendem e deliciam o espirito contemplativo do leitor.» Aos seus livros tem-se referido em bem elogiosas palavras a imprensa portuguesa.

Bibliografia: Verso: *Estrela Cadente*, 1910; *Victoria Suprema*, 1911; *Terra Fecunda*, 1914; *Caminho do Mar*, 1917. Prosa: *O culto da humanidade numa religião nova*, 1912.

JOÃO MARIA SANT'IAGO PRESADO

SONHOS NA CORRENTE

Mondego que passais suave e brando,
A's curvas entre os choupos prateados,
Por vossas águas corram meus cuidados
E os sonhos que até hoje andei sonhando.

Talvez que nalgum ramo, balouçando
Sobre a vossa corrente debruçados,
Os meus sonhos se prendam, e enleados,
Ali fiquem de novo imaginando!

Embalados ao ritmo dessas águas,
Que os meus sonhos lá fiquem muito embora,
Vendo-as passar, correr constantemente...

Dei-vos minha alegria e minhas máguas;
E vós lá fostes pelos campos fóra
E a minha alma lá vai — com a corrente!...

Doze Canções d'Amor do Livro do Amor e da Natureza, Lisbôa, 1914, pag. 95 e 96

João Maria de Sant'Iago Gouveia Lobo Presado nasceu na Figueira da Foz, na Casa das Lamas. Depois de ter findado no colegio militar o curso dos liceus, matriculou-se na Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso de direito. Mais tarde frequentou a Universidade de Munich. Poeta, amigo governador civil da Ilha da Madeira e secretario de Legação em Viena d'Austria, tem em preparação dois volumes de versos.

Bibliografia: *Primeiros versos; Violeta* (versos); *Doze Canções d'Amor do Livro do Amor e da Natureza*, Lisboa, 1914.

1890

MARTINHO NOBRE DE MELLO

SAUDADES DE ALÊM-MAR...

Saudades de Alêm-Mar... Sinto-as e trago-as
dentro de mim num côro soluçante.
Oh ondas de ouro e opalas em descante
cantam, no vosso ritmo, as minhas máguas!

Fui marinheiro num país distante:
— ha nos meus olhos euritmias de águas...
Oh brancos vagalhões de encontro ás frágnas
voga nas vagas o meu sonho errante!

Esculturas de espuma e brumas louras
serêas de água, ondinas de ouro, e mouras,
corpos de sonho em ondas de desejos,

vinde! vinde beijar na minha bôca
a alma rubra, vagabunda e louca
do Oceano — em versos ritmicos de beijos...

O Jardim do Crepusculo, Lisbôa, 1913
pag. 51 e 52.

O Dr. Martinho Nobre de Mello, o singular e apreciado poeta dos *Ritmos do Amor e do Silencio* e do *Jardim do Crepusculo,* nasceu na Ilha de Santo Antão de Cabo-Verde, em 24 de dezembro de 1890. Apesar de ser dos mais jovens poetas de que trata esta antologia, desde bem novo tem conquistado pela sua inteligencia, trabalho e saber, logar proeminente na sociedade portugue a, quer na politica, e no professorado, quer na advocacia e nas letras. Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, curso que fez com muita distinção, aos vinte e quatro anos de idade, alcançou em brilhante concurso publico (em que foi o unico concorrente aprovado), o logar de Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisbôa. E-criptor, conferencista e poeta ilustre, os seus trabalhos literarios tem sido apreci dos pela imprensa com justas e desusadas frase- de encomio. Ainda bem recentemente, teve a honra de ser investido no alto cargo de Ministr da Justiça.

Bibliografia: Poesia: *Ritmos do Amor e do Silencio,* 1912; *O Jardim do Crepusculo,* 1913. Prosa: *O Estado dos funcionarios* (Estatuto legal); *Um aspecto do problema nacional* (Con erencia); *Oração de sapiencia proferida na aber ura solene da Universidade de Lisbôa,* 1916.

1891

MARIO BEIRÃO

O VAGO

O Vago é o sonho que saudoso ondeia
Em derredor do calix duma flôr,
E' a oração que ascende e paira e anceia
Na tarde mystica a evolar-se em côr...

O Vago é como o instincto de quem leia
N'uns olhos virgens a expressão do Amôr
O Vago é a luz que as trevas incendeia,
A Alegria sonhando com a Dôr...

E' o silencio da Noite a certas horas,
O chôro lucilante das auroras
Na arvore que deixou cair os pomos...

E' não ter voz, falar e ser a Esphinge,
Olhar e já não ver o que nos cinge,
O Vago é o para alem do que nós somos!

O Ultimo Lusiada, Porto, 1913, pag. 101.

Mario Gomes Beirão nasceu em Beja em 1891. Aluno da Faculdade de Direito de Lisbôa é auctor de varios livros de versos, os quaes a critica tem acolhido com simpatia. Tem sido um dos colaboradores da *Aguia*.

Bibliografia: *Cintra*; *O Ultimo Luziada*, 1913; *Ausente*, 1915; *Luzitania*, 1917.

1892

ALBERTO OSORIO

SONETO

(INEDITO)

Quem se esconde a chorar quando eu desperto,
E em vão procuro pela sombra alguem?
Quem soffre assim por mim neste deserto,
Por mim que já não soffro por ninguem?

Quem se esforça a guiar meu passo incerto,
Quando ansiado interrogo a noite, o alêm?
Quem suspira por mim, triste liberto,
Por mim que não suspiro por ninguem?

Suavissima visão, captiva minha,
Não venhas perturbar, doce amiguinha,
A paz final do meu orgulho forte!

Bemdictas vós, ó almas sempre errantes,
Chamas inquietas, chamas palpitantes,
Lampejo extremo que nos vem da morte!

Fevereiro de 1916.

ALBERTO DE SOUSA COUTINHO OSORIO DE CASTRO nasceu em Lisbôa em 16 de maio de 1892. Filho do actual e illustre Secretario de Estado da Justiça e dos Cultos, Dr. Alberto Osorio de Castro, e de D. Catharina de Sousa Coutinho, e aluno do quarto ano da Faculdade de Direito de Lisbôa, Alberto de Sousa Coutinho Osorio de Castro fez a sua estreia como escriptor theatral com a fina peça, num acto, *Enigma*, representada pela primeira vez no teatro Almeida Garrett, na noite de 27 de maio de 1917. Ao seu trabalho que foi acolhido com bastante simpatia, se referiram em expressivos e justos termos os jornaes da capital. Os seus escriptos em prosa e verso andam dispersos por varios jornaes e revistas. Entre eles mencionarei um artigo de Alberto Osorio, acerca da inteligente actriz Amelia Rei Collaço.

Bibliografia: *Enigma*, 1918. E' do seu belo livro em preparação, *A Sombra dos Lótus*, este mimoso soneto.

1892

JOSÉ COELHO DA CUNHA

PARA QUEM?

A' princeza encantada que adivinho,
E que, sem conhecer, minha alma adora;
A' bemdicta e purissima senhora
Que ainda não cruzou o meu caminho;

A' princeza encantada e encantadora
A quem eu já consagro o meu carinho,
Que é dona da minha alma e que o ignora;
A' que ha-de ser a pomba do meu ninho;

A' mulher, á criança ou á donzella
Que infelizmente não conheço ainda,
Mas que ha-de ser decerto boa e linda;

Pertencem estes versos, são p'ra ella!
Digam-lhe, pois, n'uma expressão singela,
Que espero anciosamente a sua vinda.

Atlantida — Mensario Artistico, Litterario e Social para Portugal e Brasil, Lisbôa, n.º 3, anno I, pag. 230.

José Coelho da Cunha nasceu em Lisbôa em 5 de março de 1892. Bacharel em direito, neto do poeta satirico José Germano da Cunha, filho do ilustre poeta Dr. Alfredo da Cunha, bem novo fez com o maior exito a sua estreia litteraria, sendo dignos de alto apreço seus versos os quaes teem merecido aplauso unanime de toda a imprensa portuguesa pela singeleza, graça e [illegible] que os reveste, como facilmente se verá deste lindo exemplo d'*As Lavadeiras*:

São as [illegible] do rio
As [illegible];
Cantando ao calor ao frio,
O rio vão embalando
Que cau[illegible] ou em fio
Quasi se queda escutando

Bibliografia: *Terra de Sol*, Lisbôa, 1911; *Canções da Terra*, Lisbôa, 1913; *Villancetes*, Lisbôa, 1915.

1895

MANOEL DE SANTIAGO

SONETO

(INEDITO)

Quando Deus te criou, poz toda a graça,
Toda a santa frescura no teu sêr;
Criou assim a Alma que, ameaça
Prender a minha Alma até morrer;

Criou assim a Ancia que prepassa
Nos meus sonhos de Nauta que anda a vêr
Se poderá salvar sua barcaça
Carregadinha toda de soffrêr;

Criou assim á clara luz do dia
Em torrentes de Amor e Poesia
A razão que no mundo me conduz:

A graça virginal do meu tormento
Que me transforma a flôr do pensamento
Em Estro abrindo as petalas de Luz...

Do *Livro do Coração.*

MANOEL ALVES FIGUEIREDO DE BARROS nasceu na cidade da Praia (Cabo Verde) em 28 de setembro de 1895. Filho do general Augusto Fructuoso Figueiredo de Barros, muito ilustre Secretario Geral do referido archipelago — *Manoel de Santiago* (pseudonimo que tem usado Manoel Barros) é aluno do terceiro ano da Faculdade de Direito da Universidade de Lisbôa. Fez a sua estreia literaria, ha tempos, na *Illustração Portuguesa* onde publicou *A Canção do Soldado*. Seus versos simples e bonitos, ora liricos, ora satiricos, vir-lhe hão, certamente, a grangear logar de destaque entre os novos.

Bibliografia: Diversos são os trabalhos que *Manoel de Santiago* tem promptos e pensa publicar. Entre eles, citarei: *Livro de Erós e do Coração*; *Livro de Satanaz* (satiras); *Vitlancetes*; *Livro de Cantigas* (algumas das quaes já foram publicadas no *Almanach Bertrand* de 1917) e finalmente o *Livro dos Humildes*. São do seu livro de *Cantigas* estas quadras, tambem ineditas:

Ninguem nos olhe com pena,
Ninguem nos olhe com dó.
Que de nossas duas almas
Nós fizemos uma só...

E' de tal forma tecida
A teia da minha sorte,
Que a morte contigo... é vida,
A vida sem Ti... é morte.

AMERICO CORTEZ PINTO

SONETO

Correm pagens, escudeiros
E a Côrte de El-Rei avança
Á receber nos terreiros
O rico Barão da França.

Um grande baile vai dar-se...
E as damas, em sêda e tule,
Desfilam a debruçar-se
Nos braços de Barba Azul...

A Infanta da Normandia
Bailando sonhava e ria
Fitando-o, cheia de amôr...

Nisto estremece... E ao cabo
Vê-se nos braços do Diabo
E desmaia de pavôr!

Senhora da Renuncia, Lisbôa, 1916, pag. 18.

Entre os poetas da novissima geração, AMERICO CORTEZ PINTO ocupa logar de destaque. No *Barba Azul, Poema de Feitiçarias Medievais*, mostra-nos Americo Cortez Pinto possuir estro e uma viva imaginação que o leva a lantejolar seus trabalhos literarios. A grande dificuldade que tenho tido em obter esclarecimentos que me habilitem a escrever umas ligeiras notas acerca dos poetas da ultima geração, entre os quaes citarei Pedro de Menezes, Joam Cabral do Nascimento, Americo Cortez Pinto, Americo Durão, Antonio Thomaz de Bourbon, Caetano Beirão, etc., etc., leva-me com pesar, a ser bem laconico com a novissima geração que, oxalá num futuro bem proximo, possa afirmar em trabalhos de valor, a sua firme orientação literaria e estetica.

Bibliografia: *Lagrimas e sorrisos*, 1911; *Senhora da Renuncia*, seguida do *Barba Azul*, 1918.

AMERICO DURÃO

O PENSAMENTO

Da floresta ideal do alheamento,
Surgiu o Infinito e o Inextenso.
E eterno paira, sobre nós suspenso,
O Verbo inatingivel um momento!

Eu quedo-me a sismar, e penso! e penso!
Vai tanto alem de mim o Pensamento
Que a terra é como a cella dum convento,
Em que não cabe Deus por ser imenso!!

Quem sabe lá, se, para Alem da Morte,
Esta anciedade indefinida e forte
Me rasga, duma vez, todos os veus?

Verme, para que pensas? Não medites!
Se Deus pudesse um dia ter limites
Deixava, em todo o sempre, de ser Deus!

A Novissima Geração, por Manoel de Menezes, Coimbra, 1917, pag. 16.

Americo Durão é, apesar de muito novo, dos poetas mais conhecidos e apreciados da ultima geração. Em 1914 fazia a sua estreia literaria publicando o livro *Penumbra*. Do seu trabalho *O Poema da Humildade*, diz Alfredo de Carvalho (um outro novo a quem Nobre de Mello prefaciou um volume de versos), n'*A Lucta* de 14-1-1918: «*O Poema da Humildade* é um livro sem pose, um livro sem artificio e sem pretensão, todo elle repassado duma interessante ternura religiosa. Verso humilde, simplicidade tocante. Lê-se e as suas quadras caem-nos bem dentro do coração, como alivios de alegrias apenas entrevistas longe. As suas rimas teem um sabor de trova campesina.» Confirmando o que se lê escripto por Alfredo de Carvalho, veja-se esta bella quadra:

Amèi-te só de me olhares,
O coração adivinha:
Deus fez as almas aos pares,
Fez a tua e fez a minha.

Bibliografia: *Penumbra*, 1914; *Vitral da minha dôr*, 1917; *Poema de humildade*, 1917.

JOAM CABRAL DO NASCIMENTO

NOSSA SENHORA DA MINHA DOR

Tem as mãos juntas para abençoar.
E em seu perfil de mágoa e de receio,
Um cristianissimo e piedoso olhar
Que ninguem sabe d'onde foi que veio.

Um diadema doiro brilha em meio
Da sua fronte branca de luar.
E o seu vestido roxo prende ao seio
Uma papoila rubra de sangrar.

Oh! toda cheia de perdão e de graça:
Deita a bençam nesta hora inquieta
A todos os que soffrem na desgraça.

E abençoai depois, oh Mãe diléta,
— Com vosso olhar onde o mysterio passa
A minha dôr de mystico Poeta!

Hora de Noa, Lisbôa, 1917, pag. 7.

JOAM CABRAL DO NASCIMENTO pertence tambem ao numero dos poetas da novissima geração. Sem se preocupar com o *exotismo*, seus versos lêem-se com agrado. Tem colaborado em diversas publicações.

Bibliografia: *As tres princesas mortas n'um palacio em ruinas*, poema, 1916; *Alem Mar*, poemeto epico, 1917; *Hora de Noa* (livro de trinta e tres sonetos), 1917.

INDICE

	Pag.
Prefacio	I a VI
Bio-bibliografias:	
Quinhentista	1 a 4
Seiscentista	21 a 24
Arcadica	37 a 40
Luso-Brasileira	53 a 56
Acerca de Poetas de Varias Escolas (1794 a 1895 e d'ahi á novissima geração)	71 a 82

Abilio Augusto de Guerra Junqueiro	122
Abilio de Campos Monteiro	184
Accacio Antunes	131
Accacio Sampaio Telles de Paiva	152
Adolpho Portella	160
Adriano Anthero de Sousa Pinto	118
Affonso Duarte	208
Affonso Henriques Vieira Gaio	177
Affonso Lopes Vieira	189
Alberto Allen Pereira de Sequeira Machado Bramão (D.)	155
Alberto de Sousa Coutinho Osorio de Castro (*)	219
Alberto Machado Cardoso dos Santos (*)	186
Alberto Monsaraz (Conde de Monsaraz)	214
Alberto de Oliveira	180
Alberto Osorio de Castro	167
Albino Maria Pereira Forjaz de Sampaio	206
Alexandre da Conceição	107
Alexandre de Gusmão	59
Alfredo Alves	157
Alfredo Carneiro da Cunha	148
Alfredo Guimarães (*)	201

	Pag.
Alfredo Pimenta	202
Alfredo Pinto d'Almeida Carvalhaes	123
Americo Cortez Pinto	222
Americo Durão	223
André Falcão de Rezende	12
André Rodrigues de Mattos	33
Anthero Tarquinio de Quental	106
Antonio Baptista Alves de Lemos	150
Antonio Barbosa Bacellar	29
Antonio Candido de Figueiredo	116 e 117
Antonio Candido Gonçalves Crespo	114
Antonio Corrêa d'Oliveira	191
Antonio Corsino Lopes da Silva	205
Antonio Diniz da Cruz e Silva	44
Antonio Duarte Gomes Leal	120
Antonio Feliciano de Castilho	85
Antonio Ferreira	11
Antonio Fogaça	147
Antonio da Fonseca Soares	31
Antonio Joaquim da Costa Feijó	146
Antonio Maria de Sousa Sardinha (Antonio de Monforte)	209
Antonio Nobre	165
Antonio Peregrino Maciel Monteiro	68
Antonio Pereira de Sousa Caldas	63
Antonio Ribeiro dos Santos	47
Antonio dos Santos Valente	101
Antonio Sergio da Silva e Castro	128
Antonio Sergio de Sousa	204
Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro	86
Augusto Casimiro dos Santos	213
Augusto Cesar Ferreira Gil	179
Augusto de Lacerda	154
Augusto Luso da Silva	93
Augusto de Santa Ritta	211
Balthazar Estaço	18
Belchior Manoel Curvo Semedo Torres de Sequeira	51
Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha	65
Bernardo de Passos (*)	187
Caetano da Costa Alegre	149
Camillo Castello Branco	91 e 92

Pag.

Carlos de Lemos. 163
Candido Guerreiro. 178
Christovam Aires de Magalhães Sepulveda. 129
Claudio Manoel da Costa. 60
Conde Monsaraz (Antonio de Macedo Papança). 130
Conde de Sabugosa (Antonio Maria Vasco de Mello) 132
Delfim de Brito Guimarães. 175
Diogo Bernardes. 8
Domingos Caldas Barbosa 62
Domingos Maximiano Torres 48
Domingos dos Reis Quita. 43
Eduardo Coimbra 162
Estevam Rodrigues de Castro. 15
Eugenio de Castro. 169
Faustino Xavier de Novaes. 87
Fausto Guedes Teixeira 172
Fernando Caldeira 108
Fernão Alvares do Oriente 13
Fernão Rodrigues Lobo Soropita 16
Fr. Agostinho da Cruz 14
Fr. Bernardo de Brito 17
Fr. Jeronimo Vahia. 35
Francisco Joaquim Bingre 49
Francisco Manoel de Mello 30
Francisco Manoel do Nascimento 45
Francisco Marques de Sousa Viterbo. . . . . 112 e 113
Francisco de Portugal (D.) 27
Francisco Raphael da Silveira Malhão. 83
Francisco Rodrigues Lobo 19
Francisco Rollim de Moura 26
Francisco de Sá de Miranda 5
Francisco de Sande Mayer Garção 176
Francisco dos Santos Tavares. 185
Francisco Sotero dos Reis 67
Francisco Teixeira Bastos. 135
Gabriel Pereira de Castro. 25
Gaspar de Queiroz Ribeiro 144
Gonçalo Coutinho (D.) 32
Gregorio de Mattos Guerra 57
Guilherme Avelino Chaves de Azevedo. 100

Pag.

Hamilton de Araujo 166
Hemeterio Arantes. 151
Henrique Lopes de Mendonça. 134
Henrique O'Neill. 88
Infante D. Luiz 6
Jaime de Amorim Sieuve Seguier. 145
Jaime Zuzarte Cortezão 203
Joam Cabral Nascimento. 224
João Augusto de Vasconcellos e Sá 198
João Baptista Pinto Saraiva 161
João de Barros 199
João de Castro (D.) 173
João de Deus 95
João de Deus Ramos. 190
João Francisco Xavier d'Eça Leal (*) 119
João Gonçalves Zarco da Camara (D.). 127
João Guilherme Ractliffe 70
João Loureiro da Rocha Barbosa e Vasconcellos 168
João Lucio 197
João Maria Ferreira 207
João Maria de Sant'Iago Presado 216
João Penha de Oliveira Fortuna. 98
João Xavier de Mattos. 52
Joaquim de Araujo. 141
Joaquim Baptista Alves de Lemos 153
Joaquim Costa. 188
Joaquim José Coelho de Carvalho. 126
Joaquim Ribeiro de Carvalho (*) 196
Joaquim Theophilo Braga. . . . . 109 e 110
José Agostinho 158
José de Azevedo Castello Branco 125
José Basilio da Gama 61
José Bonifacio de Andrada e Silva 64
José Coelho da Cunha.. 220
José Cruz Baptista Santos 210
José Duro. 195
José Fernandes Costa. 121
José Fernando de Sousa.. 133
José Leite de Vasconcellos . . . . . 138 e 139
José Maria do Amaral 69

	Pag.
José Ramos Coelho	97
José da Silva Mendes Leal	89
José Simões Dias	124
José de Sousa Monteiro	115
Julio Brandão	171
Julio de Castilho (Visconde de Castilho)	104
Julio Dantas	182
Julio Diniz (Joaquim Guilherme Gomes Coelho)	99
Luiz de Camões	10
Luiz Cipriano de Magalhães	142
Luiz Osorio da Cunha Pereira de Castro	140
Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França	66
Manoel Alves Figueiredo de Barros (Manoel de Santiago) (*)	221
Manoel de Arriaga	105
Manoel Augusto Cardoso Martha	200
Manoel Botelho de Oliveira	58
Manoel Duarte de Almeida	111
Manoel de Faria e Sousa	28
Manoel Larangeira	193
Manoel Lourenço Catharino (*)	90
Manoel Maria Barbosa du Bocage	50
Manoel de Moura	156
Manoel de Oliveira Passos	164
Manoel Penteado	181
Manoel de Portugal (D.)	7
Manoel da Silva Gaio	143
Manoel Vaz Passos	215
Marcellino Antonio da Silva Mesquita	136
Mariano Gracias	174
Mario Beirão	218
Mario Cesar Pacheco Simões	212
Martinho de Brederode	159
Martinho Nobre de Mello	217
Narciso de Lacerda	137
Nicolau Tolentino de Almeida	46
Nuno de Bulhão Pato (*)	170
Paulino Antonio Cabral de Vasconcellos	41
Pedro Antonio Correia Garção	42
Pero de Andrade Caminha	9
Raimundo Antonio Bulhão Pato	94

Pag.

Rodrigo Solano 194
Teixeira de Paschoaes (Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcellos) 192
Thomaz Antonio Ferreira Ribeiro 96
Thomaz d'Aquino Pereira d'Eça d'Albuquerque Leal 183
Thomaz de Noronha. (D.) 34
Vasco Mouzinho de Quevedo 20
Visconde Almeida Garrett. 84
Xavier da Cunha (*). . . . . 102 e 103

As produções poeticas a que se refere este signal (*), são ineditas.

A COMPOSIÇÃO DESTE LIVRO COMEÇOU NA QUARTA FEIRA 27 DE MARÇO DE 1918, TERMINANDO A IMPRESSÃO NA QUARTA FEIRA, 26 DE JUNHO DO MESMO ANNO.

BINDING SLIP MAR 6 1969

PQ
9161
S7C37

Cardoso, Nuno Catharino
Sonetistas portugueses

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY